Travessuras Gostosas

UMA COLETÂNEA MONSTRUOSA



ALI HAZELWOOD • J.T. GEISSINGER

CHRISTINA LAUREN • KATEE ROBERT

RUBY DIXON • KIMBERLY LEMMING



A Editora Arqueiro agradece a sua escolha.
Agora, você tem em mãos um dos nossos livros
e pode ficar por dentro dos nossos lançamentos,
ofertas e dicas de leitura.

Saiba mais.

Travessuras Gostosas



O Arqueiro

Geraldo Jordão Pereira (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

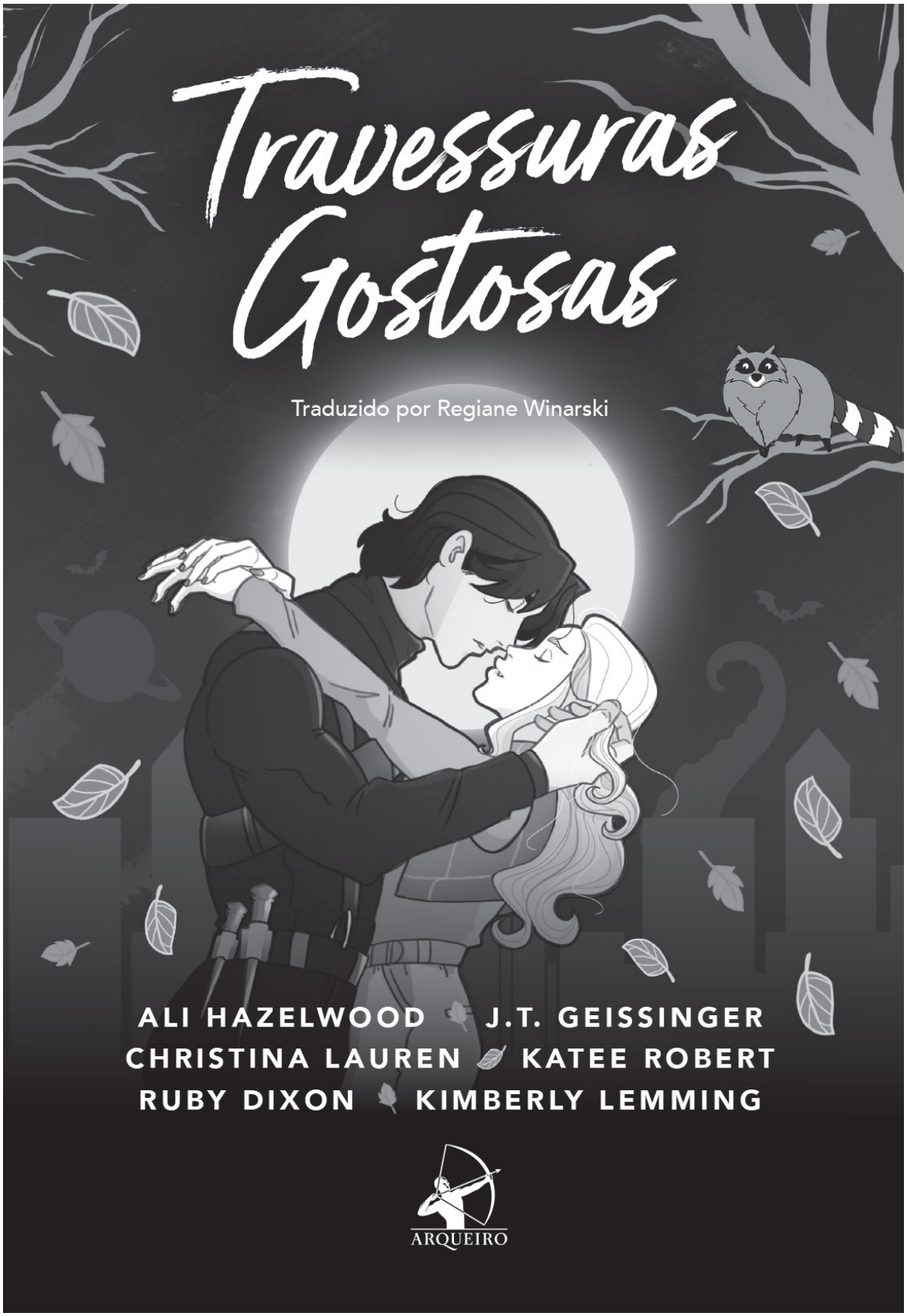
Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não

era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.


Travessuras Gostosas
Traduzido por Regiane Winarski
ALI HAZELWOOD
J.T. GEISSINGER
CHRISTINA LAUREN
KATEE ROBERT
RUBY DIXON
KIMBERLY LEMMING
ARQUEIRO

Título original: *Scared Sexy Collection*

HOT FOR SLAYER

Copyright © 2025 por Ali Hazelwood

Publicado originalmente pela Amazon Original Stories. Direitos de tradução licenciados por Sandra Dijkstra Literary Agency e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL.

SPICY LITTLE CURSES

Copyright © 2025 por J.T. Geissinger Inc.

FALLING

Copyright © 2025 por Christina Lauren

Publicado mediante acordo com a autora, A/C Baror International, Inc., Armonk, Nova York, EUA.

BEAUTIFUL NIGHTMARE

Copyright © 2025 por Katee Robert

Direitos de tradução licenciados por Taryn Fagerness Agency e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL.

SPACE VAMPIRE

Copyright © 2025 por Ruby Dixon

Publicado mediante acordo com a autora, A/C Baror International, Inc., Armonk, Nova York, EUA.

MY BOYFRIENDS ARE ALL MONSTERS

Copyright © 2025 por Kimberly Lemming

Direitos de tradução licenciados por Taryn Fagerness Agency e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL.

Copyright da tradução © 2026 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

coordenação editorial: Gabriel Machado

produção editorial: Guilherme Bernardo

preparo de originais: Cláudia Mello Belhassof

revisão: Luiza Miranda e Sheila Louzada

diagramação, imagens de miolo e adaptação de capa: Gustavo Cardozo

capa: lilithsaur

e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

T713

Travessuras gostosas [recurso eletrônico] / Ali Hazelwood ... [et al.] ; tradução Regiane Winarski. - 1. ed. - São Paulo : Arqueiro, 2026.

recurso digital

Tradução de: Scared sexy collection

Formato: ebook

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-306-0238-3 (recurso eletrônico)

1. Contos. 2. Romance. 3. Livros eletrônicos. I. Hazelwood, Ali, 1989-. II. Winarski, Regiane.

26-106042.0 CDD: 808.83

CDU: 82-34

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Todos os direitos reservados, no Brasil, por

Editora Arqueiro Ltda.

Rua Artur de Azevedo, 1.767 – Conj. 177 – Pinheiros

05404-014 – São Paulo - SP

Tel.: (11) 2894-4987

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

www.editoraarqueiro.com.br

SUMÁRIO

ATRAÍDA PELO INIMIGO
Ali Hazelwood

PEQUENAS MALDIÇÕES PICANTES
J.T. Geissinger

CAINDO DE AMOR
Christina Lauren

DOCE PESADELO
Katee Robert

AMOR E SANGUE NO ESPAÇO
Ruby Dixon

SÓ NAMORO MONSTROS
Kimberly Lemming

ALI HAZELWOOD

ATRAÍDA PELO INIMIGO



CAPÍTULO 1

Da última vez que Lazlo Enyedi e eu tivemos tanto contato físico, o Muro de Berlim estava caindo.

Literalmente.

Enquanto as pessoas quebravam animadamente os pedaços de concreto grafitado nas áreas próximas dos pontos de verificação, o corpo de Lazlo estava tão grudado no meu que o calor dele quase nos fundiu.

Isso foi mais de trinta anos atrás, claro. Mas, para alguém que está no mundo há tanto tempo, como eu, três décadas são quase o mesmo que uma estrela cadente cortando o céu noturno, e eu me lembro bem daquele momento. A história estava sendo feita. Foi um divisor de águas na revolução. Uma mudança de paradigma que levou a portentosas mudanças nas marés da civilização e atraiu pessoas de todo o mundo. Pessoas como *eu*.

Se bem que, para ser sincera, eu só fui para a Alemanha porque estava com fome.

Uma pesquisa cuidadosa indicou que um homem cruel estava vagando por Berlim, fazendo coisas muito ruins com pessoas inocentes. Como alguém precisava pará-lo e eu não me alimentava direito havia semanas, decidi lhe fazer uma visita e matar dois coelhos com uma cajadada só.

Só que não foi um *coelho* que eu matei.

Depois, lambi os beiços, ajeitei as ombreiras do blazer e fiz um passeio em meio aos bandos agitados de humanos comemorando uma noite que marcaria época.

A questão é que criaturas da minha estirpe já viram acontecer de tudo, e várias vezes. Nós entendemos que o tempo é circular. Testemunhamos civilizações ascenderem, se estabilizarem, caírem e se estabilizarem

novamente para então ascender mais uma vez. Sabemos que não devemos nos envolver demais nos assuntos dos mortais, mas tem algo de deliciosamente substancioso na energia que se espalha em uma multidão em um evento marcante. Toda aquela força transformadora e revolucionária parece uma corrente elétrica vibrando nas nossas veias e uma justaposição deliciosa à imutabilidade da nossa existência.

Tudo isso para dizer: eu estava em Berlim me divertindo… até ver Lazlo Enyedi. O caçador que eu mais detesto – e, ao mesmo tempo, meu favorito. Ou talvez o único que eu teria conseguido reconhecer em uma fila de identificação.

Minha familiaridade com Enyedi não era nada surpreendente, considerando que a Guilda Hällsing o tinha encarregado especificamente de erradicar a minha linhagem. Ainda assim, a maioria dos caçadores de vampiros surgia e desaparecia, normalmente encontrando o fim por um momento de distração ou pela própria arrogância negligente e odiosa. Mas Enyedi estava entre nós desde a Idade Média.

Talvez por ser irritantemente talentoso no trabalho dele.

Eu não me perguntei como ele soube que eu estaria em Berlim, porque não fazia sentido. Rastrear minha localização era um talento especial dele, assim como bater na cabeça e massagear a barriga ao mesmo tempo era o meu. Cada pessoa tem um dom. A diferença é que as habilidades de Enyedi eram úteis.

– Vampira – sussurrou ele assim que nossos olhares se encontraram no meio da multidão festiva.

Havia muitos milhões de decibéis e o equivalente a uma piscina olímpica entre nós, mas o ouvi com tanta clareza quanto se ele morasse dentro da

minha cabeça.

Eu o observei por uma fração de segundo. Avaliei as tatuagens coloridas subindo pelas laterais do pescoço até se cruzarem no queixo. O cabelo escuro e os olhos cor de mel. As pessoas andando em volta e se afastando instintivamente.

– Caçador. – Suspirei.

E aí, como era um hábito meu e a única opção quando se tratava de Enyedi, eu saí correndo. Fui desviando das pessoas com uma rapidez que o deixou para trás, mas não a ponto de levantar desconfiança entre os celebrantes. Passei por baixo das trincheiras, desviei dos martelos e megafones que estavam sendo agitados no ar e provavelmente teria sumido na noite… se uma criança aos prantos não tivesse se materializado na minha frente.

Parei de repente. Olhei para a bolota de bochechas vermelhas, catarro e lágrimas inconsoláveis balbuciando aos meus pés. Esperei a criancinha fazer uma pausa na choradeira para gaguejar:

– Você, hã, você está bem?

Ele… ela… *a criança* não estava bem. Estava procurando desesperada a *Mutter*, e nem um monstro arquetípico como eu poderia deixar de ajudar a pestinha.

– *Entschuldigung?* – perguntei, olhando freneticamente ao redor em busca de uma humana com aparência maternal.

Quando a *Mutter* em questão foi localizada, saí correndo de novo, mas eu tinha perdido boa parte da minha vantagem e…

Bem, foi assim que me vi tão próxima de Enyedi que senti os batimentos dele junto ao meu peito. Imprensada entre ele e a lateral de tijolos de uma

casa, para ser precisa.

Não é assim que se retribui quem faz boas ações, informei mentalmente ao universo.

O universo não respondeu, provavelmente por estar com medo demais de Lazlo Enyedi para falar mais alto do que ele quando ele disse:

– Aethelthryth. Até que enfim nos encontramos de novo.

Abri um sorriso, torcendo para irritá-lo.

– Olá, amigo.

Nós não éramos *amigos*, ao menos não segundo nenhum dos significados corretos da palavra. Porém, por mais que me doesse admitir, eu tinha uma espécie de relação parassocial com ele, apesar de termos trocado um total de duas dúzias de palavras, a maioria delas uma variação de *morre*, *monstro* e *não, morre você primeiro*. Não que eu gostasse de assédio implacável, mas o que uma garota podia fazer quando a única presença constante no último milênio de vida dela era um cara que tinha um contrato firmado para matá-la?

– Quanto tempo faz? – perguntei, piscando os olhinhos. – Pelo menos desde o começo dos anos 1980. Espero que você ainda use protetor solar, porque esses pés de galinha em volta dos seus olhos não… *Merda*. – Grunhi quando uma adaga se cravou na minha barriga e me prendeu à parede.

Não era nada de mais. O único jeito garantido de matar um vampiro era arrastá-lo esperneando e chutando até o sol, o que Lazlo sabia muito bem. Ainda assim, ser furada doía pra cacete.

– Bom t-te ver t-também – gaguejei entre uma tosse e outra, tentando manter o sorriso.

Uma mistura de catarro e sangue jorrou da minha garganta e aterrissou na camisa dele, mas não me senti nem um pouco mal por isso.

Ele e a conta da lavanderia que se fodessem.

– Olha só pra você – murmurou ele com o leve sotaque do Leste Europeu, os olhos amarelos animalescos percorrendo a minha pele. – Corada, saudável e linda. Acabou de se alimentar, né?

– Linda? Ahh, Lazlo, eu não sabia que você tinha uma quedinha por… *Filho da puta*. – Ele empurrou e puxou a lâmina na minha barriga, *ai*.

O lado positivo foi que me deu a oportunidade de dar um pulinho nos braços dele e fingir um movimento estilo convulsão, que usei para tirar a minha adaga da cintura.

Em seguida, eu a enfiei na lateral do corpo dele com prazer.

O grunhido que subiu até o peito dele foi como uma orquestra sinfônica inteirinha para os meus ouvidos.

– Agora estamos quites – sussurrei.

– Estamos? – A expressão de Lazlo não me deu a satisfação de mudar nem um milímetro. Caçadores também não eram de fazer drama por causa de uma facadinha. – E quando o sol nascer? Você está presa aqui comigo.

Fiz um ruído de deboche e ignorei o filete de sangue escorrendo do canto da minha boca.

– Vai amanhecer daqui a seis horas. Espero que você tenha umas ideias divertidas pra passar o tempo.

Os lábios dele se contraíram.

– A gente pode relembrar os velhos tempos. Felizmente, compartilhamos muitas lembranças.

– Felizmente. Como aquela vez que você tentou me matar em Constantinopla. Ou a vez que tentou me matar em Lampang. Ou a vez que tentou me matar em um pátio em Veneza. Ou a vez em Saskatoon, em que, e talvez você comece a notar um padrão, você *também* tentou…

– Shhh, Aethelthryth. – O tom dele foi ríspido, mesmo com o calor do sorrisinho.

Ele estava sangrando profusamente, e o cheiro subiu, forte, metálico, *divino*. Fiquei com a boca cheia d'água e me perguntei como podia sentir tanta fome enquanto meus órgãos internos estavam sendo transformados em carne moída.

Como é que o sangue de um caçador podia ter um cheiro tão *gostoso*?

– Você vai ter que me apagar se quiser que eu fique de boca calada até o nascer do sol.

– E me privar da sua companhia? – Ele estalou a língua. – Jamais.

– É mesmo? Bem, permita-me observar que, se as coisas forem como você quer, você vai ficar privado da minha companhia por bem mais tempo do que…

– Com licença, vocês dois.

Nós nos viramos, assustados, tanto pela voz com sotaque britânico falando conosco quanto pelo fato de que minha testa roçou nos lábios de Lazlo, um gesto parecido demais com um beijo para ficarmos à vontade.

Um arrepio desceu pela minha coluna.

– Somos da BBC e ouvimos vocês falando inglês. Seria possível entrevistá-los sobre sua perspectiva dos acontecimentos de hoje?

Lazlo e eu olhamos para os jornalistas parados na rua lateral mal

iluminada, sem palavras.

– Senhor? Senhora? Vocês falam inglês, não é?

Atrás dele, uma mulher estava com uma câmera portátil, e uma ideia surgiu na minha cabeça como uma lâmpada se acendendo.

– Falamos, claro – respondi com um sorriso deslumbrante. Soltei a mão que estava presa entre o meu tronco e o de Lazlo, limpei o sangue da boca e empurrei delicadamente o ombro dele. – *Amor*, você pode me largar um segundo? – Preparei minhas feições para fazer um biquinho, apreciando *imensamente* a mandíbula travada dele. – Eu quero falar com a BBC. Quero aparecer na televisão.

– Que ótimo, senhora. Pode ir até aquela esquina com a gente? A iluminação está bem melhor lá.

Uma coisa engraçada sobre os caçadores era que eles tinham um órgão diretivo. E corria um boato de que a Guilda Hällsing não gostava de demonstrações públicas de assassinato, muito menos na frente de câmeras. Afinal, os humanos eram almas frágeis (eu tinha lugar de fala, porque já havia sido uma) e não podiam descobrir que vampiros e caçadores andavam entre eles. A reação deles provavelmente seria correr até o mercado, comprar um monte de enlatados e papel higiênico e nunca mais sair de casa. Fariam um escândalo tão grande que afetariam o abastecimento geral.

Não, obrigada.

Então, a partir do século XX, a Guilda tinha proibido que caçadores nos matassem na frente de testemunhas. E, ao fazer isso, tinha salvado a minha vida.

– Vem, amor – falei com doçura, fitando os olhos de Lazlo, que pareciam vidro lapidado. – A gente pode se pegar depois, não?

O *claro* de Lazlo foi um rosnado deliciosamente insatisfeito. Tentei não fazer careta quando ele virou nossos corpos para esconder a adaga dele sendo tirada da minha barriga. Fiz o mesmo com a minha lâmina e olhei para baixo para ter certeza de que o sangue não estava visível no tecido escuro da minha blusa.

Enquanto isso, a câmera continuava filmando.

– Eu sei que você odeia aparecer, *chuchu*. Por que não espera aqui enquanto eu dou a entrevista?

A camisa de Lazlo era mais clara do que a minha e uma péssima escolha para uma caçada. Ele não estava em condição de ir conosco a um lugar com iluminação melhor e sabia disso.

– Até a próxima, então – disse ele, contrariado.

– Claro. Talvez demore um pouco. Desculpa!

– Contanto que você não deixe mais ninguém te pegar antes de mim, Aethelthryth.

– Ah, não se preocupe. Eu *sempre* vou me guardar pra você.

E foi assim que escapei de Lazlo Enyedi na noite de 9 de novembro de 1989. Enquanto eu andava ao lado dos jornalistas, olhei para Lazlo uma última vez para oferecer a ele meu sorriso mais arrogante e insuportável. Ele estava onde eu o tinha deixado, ainda olhando de cara feia para a adaga. Quando reparou nos meus olhos nele, ergueu a lâmina até o rosto. E, com um sorriso que não *parecia* um sorriso, começou a lamber todo o meu sangue dela.

Foi bem…

Enfim. Foi.

Foi muitas coisas, entre elas a última vez que estivemos tão próximos. Tive vislumbres de Lazlo algumas vezes: em uma comemoração do ano 2000 em Los Angeles, nos primeiros anos do século XXI no Sudeste Asiático, depois da volta do Lilith Fair em 2010… mas nunca nada tão tenso quanto em Berlim, e sempre consegui escapar antes de ele se aproximar.

Até agora.

Hoje, quase 36 anos depois daquela noite na Alemanha, os braços dele me envolvem com força, o corpo é um cobertor pesado sobre o meu e o único propósito dele parece ser me proteger do sol.

Hoje, Lazlo Enyedi salvou minha vida.

CAPÍTULO 2

Minha mãe não criou uma desistente.

Quer dizer, minha mãe *não* me criou. Ela me largou na abadia quando meu irmão veio ao mundo, depois de prometer a São Fursa que, se meu pai obtivesse o herdeiro homem que desejava de forma tão ardente, ela dedicaria a vida da filha mais velha à religiosidade e ao trabalho. Mamãe querida era muito generosa com as promessas que fazia, ainda mais quando envolvia sacrificar *outras* pessoas.

Foi uma infelicidade para mim, a filha mais velha em questão (e, sendo sincera, mais infelicidade ainda para a abadessa), que minha inclinação não fosse muito monástica. Não que eu fosse rebelde ou transgressora. Isso exigiria planejamento, esforço ou desobediência bem-organizada, e a pequena Aethelthryth era distraída demais – para isso –, uma sonhadora observadora de estrelas.

Eu vivia desejando coisas que não eram compatíveis com o meu destino. Desejava viajar. Desejava rir. Desejava baladas, danças e histórias. Desejava uma vida que não podia ter, e isso, ao que parecia, era meu maior defeito. Apesar de compelida pela Regra Beneditina a rezar oito vezes por dia, a abadessa ainda encontrava tempo para me lembrar que, se eu ficasse ansiando por um futuro que não me pertencia, acabaria na água gelada pela eternidade, e meus ossos apodreceriam dentro do meu corpo. A credibilidade dela pode ter sido levemente abalada pelo fato de que ela também acreditava em levar o gado a julgamento por se comportar mal e em arrancar todos os pelos das próprias sobrancelhas com pinça. (Lamentavelmente, não posso recomendar crescer em um convento pequeno localizado na Ânglia Oriental no século VIII.) No entanto, ela não estava enganada em relação a mim: eu quero coisas que não me pertencem *o*

tempo todo. A principal: companhia.

Minha parte favorita de estar no convento, claro, foi o senso de irmandade que ele me deu. As mulheres com quem eu vivia eram a minha gente. Minha família. Minha comunidade. Elas me ensinaram a beleza de dividir uma vida, e eu fui ingênua de supor que esse tipo de irmandade estaria sempre ao meu alcance.

Aí meu vampiro criador arrancou isso de mim, e sigo ansiando por essas coisas desde então.

O problema está na disposição do meu pessoal. Muitas lendas supõem que nós gostamos de ficar juntos. Falam em clãs e covis onde vampiros se reúnem para unir forças em preparação para seus feitos nefastos. Dão a entender que nós formamos uma sociedade estruturada, que fazemos refeições comunitárias, que namoramos, transamos e temos filhos vampirescos fofos. Mas isso não poderia estar mais distante da verdade. A maioria dos vampiros é extremamente territorial. Não suporta a proximidade de outros, é competitiva mesmo quando os recursos naturais são abundantes e têm mais chance de matar uns aos outros do que fazer um convite para jantar.

Vampiros são um saco, sugam a energia de qualquer um (sem trocadilho) e estão condenados a uma eternidade de conflito e solidão. Então, claro, a minha versão gregária e sociável quando jovem acabou sendo transformada em vampira. E, como a abadessa, o convento e os votos obrigatórios de jejum quinzenal não criaram uma desistente (nem conseguiram arrancar a teimosia de mim na base da pancada), mesmo depois de treze séculos de carreira vampiresca eu ainda não aceitei minhas novas circunstâncias.

Temo que isso será o meu fim.



Minha série mais recente de infortúnios começou alguns meses atrás, quando um novo vampiro se mudou para uma casa localizada um pouco perto demais da minha.

Inicialmente, não dei muita bola. Nova York é enorme, e claro que eu não era a única vampira morando na cidade. Mas Manhattan era meu campo de caça pessoal havia uma década mais ou menos, principalmente por causa da abundância do meu tipo preferido de refeição.

Meu lema é: se eu precisar sugar o sangue de alguém até a última gota em um intervalo de algumas semanas, por que não fazer isso com um executivo da Goldman Sachs?

Mas, de repente, eu não estava mais sozinha no meu raio de sete quarteirões. E isso só podia ser interpretado como um desafio, o que me deixava duas opções: sair do lugar que era meu lar havia dez anos ou me dedicar a botar o novo vampiro para correr do meu território.

Por teimosia, decidi envergonhar a minha espécie e não fazer nenhuma das duas coisas.

Eu gostava do meu apartamentinho apertado. Do sol de inverno que se punha cedo na cidade. De como as pessoas andavam rápido até virarem um borrão, sem perceberem a fragilidade de sua vidinha curta, dia após semana após mês. Eu gostava das quatro estações, dos museus e cinemas, do cheiro dos restaurantes em que nunca botaria o pé. Mais recentemente, alguns guaxinins pequenos pareciam ter me adotado. Eles subiam pela saída de incêndio e olhavam para a minha janela até eu lhes dar comida, sibilavam para mim enquanto consumiam os frutos do *meu* trabalho e saíam correndo

sem a menor cerimônia, muito provavelmente até a casa de outro idiota que *também* tinha comprado um frango assado só para a ocasião.

A questão é que eu estava bem. Não queria passar semanas planejando uma emboscada para um babaca que estava querendo arrumar briga, mas também não queria me mudar. Então arrumei uma terceira opção: eu ignoraria o sujeito novo e torceria para que ele fizesse o mesmo.

Naturalmente, ele não fez. Depois de alguns meses de coexistência sem incidentes que me levaram a uma falsa sensação de segurança, ele me atacou quando eu estava fazendo um passeio noturno pelo Central Park.

Nada de mais. Eu achei uma sacanagem dele não me dar nenhum aviso antes de recorrer à violência: nem uma cabeça de cavalo de cortesia na minha cama, ou um bilhete preso na minha porta com uma adaga ensanguentada. Mas ele era obviamente um vampiro bebê. Um homem de poucos séculos de vida. Lutar contra ele não exigiu muito esforço.

Eu o deixei inconsciente embaixo do Obelisco e pensei: *Que se foda. Não estou aqui pra lidar com as alterações de humor de adolescente nenhum. Vou me mudar.*

Meu primeiro erro foi não o amarrar.

O segundo foi passar em casa para buscar algumas coisas: o pente de bronze que a minha mãe me deu antes de eu entrar para o convento; o retratinho de Donna Lucia, uma humana que adivinhou que eu era uma vampira e, mesmo assim, viajou por toda a Europa comigo e foi pintada por Botticelli no século XV; a fita cassete de músicas que compus na minha época emo. Esse tipo de coisa.

O Vampiro Babaca Adolescente estava lá, me esperando, e dessa vez ele conseguiu me pegar de surpresa, me nocautear e me arrastar para um

prédio abandonado, onde me amarrou a uma cadeira presa na frente de uma janela virada para o leste. Recuperei a consciência pouco antes do amanhecer, bem a tempo de ponderar se, em meus quase 1.400 anos, eu tinha deixado uma marca permanente no mundo e se alguém repararia na minha ausência.

No mínimo, pensei, *os guaxinins vão reparar. Quando ficarem com fome.*

A luz do sol começou a passar pelo vidro e, nos meus últimos segundos, só consegui pensar em uma coisa que não passava pela minha cabeça havia uma década.

Contanto que você não deixe mais ninguém te pegar antes de mim, Aethelthryth.

Ah, sim. Lazlo Enyedi. Com sorte, ele não ficaria arrasado demais.

Se isto te consola, pensei nele com carinho, desejando que o universo transmitisse a mensagem, *eu preferiria que fosse você.*

Ao que tudo indicava, eu o preferia tanto que meu cérebro o materializou do nada. Enyedi, o pior caçador Hällsing a pôr os olhos em um vampiro, estava bem ali na minha frente. Uma última miragem antes do fim.

– Olá – falei com um sorrisinho sarcástico. – Não conseguiu aguentar outra pessoa me matando, é?

– Eu sei o que é meu – murmurou ele com o tom seco de sempre.

Ele foi desamarrar meus pulsos, e as mãos dele estavam tão quentes, fortes e absurdamente *reais* na minha pele que comecei a desconfiar de que talvez…

– Peraí. Você está *mesmo* aqui?

Na hora em que um raio de sol chegou à cadeira, ele cortou as amarras e

me empurrou sem gentileza nenhuma para longe da luz. Foi nessa hora que o Babaca Adolescente, que estava em algum lugar nas sombras esperando um show pirotécnico, decidiu que não ia deixar um caçador qualquer interferir na matança dele. Então aconteceu uma briga de três, durante a qual eu perdi a noção de quem estava fazendo o quê, depois uma sequência muito cinematográfica que terminou com Lazlo jogando o Babaca Adolescente da escada externa de incêndio. Eu queria tê-lo visto morrer queimado, mas estava ocupada resolvendo meu próprio problema; mais precisamente, o fato de que, antes de Lazlo pegá-lo, o Babaca Adolescente tinha conseguido quebrar minhas pernas, meu quadril e meu ombro direito, impossibilitando meus movimentos. As fraturas cicatrizariam logo, mas não a tempo de eu escapar dos raios de sol que se aproximavam rapidamente.

É agora, pensei. *O fim.*

Foi nessa hora que Enyedi correu para me empurrar com todo o corpo para fora da luz, bateu com a cabeça na viga do teto que estava caindo e despencou inconsciente em cima de mim.

E assim estamos agorinha mesmo.

Nitidamente, esse caçador quer mesmo que eu morra do jeito *dele*.

– Hum – digo enquanto o peso morto dele me esmaga.

Meus tendões já estão se reconectando. Sou uma vampira. Tenho superforça. Mesmo assim, rastejar pelo chão ensolarado enquanto me cubro com o corpo dele é um feito, assim como arrastar nós dois para um corredor sem janelas.

Tanto que meus neurônios devem estar exaustos demais para trabalhar.

O que estou fazendo, levando Lazlo comigo? Apoiando-o na parede? Passando a mão no cabelo escuro dele para avaliar a gravidade das feridas?

Ele é um caçador. Só me salvou para *poder me matar com as próprias mãos.* Agora, estou presa com ele em um prédio abandonado do SoHo e vou ter que passar as horas até o pôr do sol sendo *caçada* por ele.

A menos que o mate primeiro.

O pensamento me ocorre com uma pontada de culpa, que afasto com incredulidade. *Os guaxinins comeram seu córtex pré-frontal, sua idiota? Você tem que matá-lo. Imediatamente.*

Tenho mesmo. Tenho que cortar fora a cabeça dele. A única coisa da qual os caçadores não conseguem se curar. Mas o Babaca levou as minhas armas, e eu…

Lazlo ainda deve ter algo afiado em alguma parte do corpo. Eu pulo em cima dele e passo as mãos por músculos que eu acharia mais impressionantes se não estivessem dedicados exclusivamente a matar a mim e à minha linhagem. Ele ainda tem quatro – *quatro!* – lâminas no corpo, escondidas em uma variedade de lugares. Pego a mais longa na bota, levo-a ao pescoço dele…

E abaixo as mãos.

Ele acabou de salvar minha vida. E eu o conheço desde o século XII. Ainda me lembro das roupas ridículas que ele usava nas Cruzadas.

Você também se lembra de quando ele cortou seu queixo com a espada ridícula da Cruzada? Levou umas cinco semanas para crescer e voltar ao formato certo.

Correto. É por isso que eu tenho que agir. É ele ou eu, e…

– Cacete – diz uma voz confusa.

Quando vejo, Enyedi está me olhando, piscando muito e massageando a

lateral da cabeça.

Mate-o agora. Mate-o. Agora.

Mas não o mato. Porque estou ocupada demais ouvindo as três palavras que mudam a minha vida para sempre:

– Quem é você?

CAPÍTULO 3

A abadessa me contou uma vez que os verdadeiros problemas raramente são os que consomem nosso tempo com preocupação. Acho que ela falou isso porque surtei com a dor de arrancarem um dente meu… algo muito menor que, digamos, às chamas da danação eterna. Na ocasião, eu levei a mão à bochecha inchada e revirei os olhos, mas talvez tenha sido nesse dia que reavaliei meus séculos de opinião ruim em relação a ela, porque ela tinha razão, obviamente.

Lazlo não lembra quem eu sou, e estou pronta para entrar em pânico por isso. Mas isso *quase* não é um problema, principalmente quando me dou conta de uma descoberta mais urgente.

Lazlo não lembra quem *ele* é.

– Como assim você não… sabe? – pergunto.

Quando ele abriu os olhos, eu me afastei como a barata que eu claramente sou, portanto estamos encostados em paredes opostas do corredor. Escondo a adaga dele nas costas e me pergunto se… não, *quando* eu vou ter que usá-la nele.

– Parece autoexplicativo – murmura Enyedi em uma inflexão seca que aprendi a associar ao caçador. Ele se senta mais ereto com todos aqueles músculos e massageia a nuca. Quando a base da mão fica suja de sangue, ele a encara por um instante e dá de ombros. – Onde estamos?

– Hã… no SoHo, eu acho. – Mantenho os olhos grudados nele, esperando um ataque.

– E onde fica isso?

– Hum, no planeta Terra? – O olhar irritado dele me diz que eu reduzi o zoom um pouco demais. – Nos Estados Unidos. Nova York.

– Entendi. E quem somos nós?

– Você *realmente* não…

– Não – interrompe ele com um grunhido grave e irritado. – Eu realmente não sei. Eu não me lembro do meu nome, do seu, do motivo de eu estar aqui nem dos eventos que levaram a este momento. Mais ainda, eu não seria capaz de citar uma única pessoa que eu conheça. Na verdade, eu nem me lembro quando aprendi o significado das palavras que estou usando. Mas sei a definição de *amnésia*, que não é um sintoma incomum para um golpe na cabeça…

– Lazlo – digo, mais para fazê-lo calar a boca. *Babaca.* – Seu nome é Lazlo Enyedi.

Ele mexe os lábios para formar as palavras.

– Qual é a origem disso?

– Acho…

Olho para a tinta que parece cobrir todos os centímetros do corpo dele. Tatuagens são parte dos caçadores desde bem antes de virarem modinha, mas as artes de Lazlo sempre o destacaram da irmandade dele… e sempre me fascinaram. São feitas de runas antigas e angulosas que me lembram a antiga escrita turca. Desenhos distintos dos Cárpatos. Cores e desenhos que remetem ao folclore do Leste Europeu.

– Hungria, eu acho.

– Eu sou húngaro?

É? Nós nunca nos apresentamos sentados a uma mesa de café. Só sei seu nome porque ele foi transformado em caçador especificamente para eliminar a minha linhagem. Muitos séculos atrás, quando visitei Atenas e

dei de cara com outra vampira originária do mesmo clã que me fez, ela me contou algumas coisas antes de seguir seu caminho. Isso foi quando a Grécia ainda era parte do Império Otomano.

– *Eu não sei bem de onde você é. Você entende o que eu estou dizendo?* – pergunto em húngaro. Minha gramática deve estar datada, porque eu não passo um tempo significativo naquela região desde que o prognatismo era moda, mas Lazlo responde com fluência e sem sinal de sotaque. – Acho que você é húngaro – digo. – Mas acho que você mora fora há algum tempo.

– Você *acha*? – Seus olhos, quase castanhos na penumbra do corredor, se apertam. – Nós nos conhecemos?

Por que estou me sujeitando a isso? Ah, sim. Ele salvou a minha vida. Eu estou presa aqui com ele. Essas merdas.

– Somos colegas de trabalho – digo, achando graça de como soa melhor do que *inimigos mortais, mas só profissionalmente.*

– Colegas de trabalho – repete ele, cheio de dúvidas.

– É. Por causa do nosso trabalho.

Ele me olha, nada impressionado.

– E nosso trabalho é…

– Você sabe. Isso e aquilo.

Dou de ombros, torcendo para que ele suponha que somos entregadores que vão de porta em porta e deixe por isso mesmo. Mas eu devia saber que não era para esperar que um cara que está atrás de mim há milhares de anos deixasse *qualquer coisa* para lá. Ele se afasta da parede e se aproxima, chegando tão perto que seu calor chega a mim em ondas. Talvez os caçadores tenham mais poderes do que eu pensava, porque, quando o olhar

dele gruda no meu, não consigo afastar o rosto.

– Por que eu tenho a impressão de que você está mentindo pra mim?

Droga.

– Porque você bateu a cabeça e as suas impressões estão todas erradas?

– Que nada. – A voz dele está sombria. – Não é nada disso.

– Com todo o respeito, mas uma pessoa que só vai saber se passou por circuncisão se espiar dentro da cueca não pode ter instintos tão bons assim quando se trata de…

– Qual é o *seu* nome? – Ele chega ainda mais perto.

Eu poderia dizer qualquer coisa. Joana d'Arc. Dwayne "The Rock" Johnson. Fiona do *Shrek*. Infelizmente, a imortalidade deve ter me deixado meio chata, porque eu respondo:

– Meu nome é Ethel. – *Quando algum cretino não usa meu nome inteiro de antes do dilúvio.*

– Ethel. Que bonito. – O movimento de cabeça dele é de quem está satisfeito, mas o tom sugere que ele é capaz de estripar coisas bonitas. Ele chega para a frente para segurar uma mecha do meu cabelo entre a ponta dos dedos e a vira para lá e para cá. – Que cor é essa?

Eu engulo em seco.

– Hum… louro-avermelhado?

– Louro-avermelhado – repete ele, e, embora não diga *que bonito* de novo, eu quase consigo ouvir. E aí ele continua: – Ethel, desde o segundo em que recuperei a consciência, estou muito alerta aos meus arredores. Talvez alerta *demais*, se é que você me entende.

– Não sei se entendo.

– Não? Bom, eu sei quantas saídas e dutos de ventilação esse corredor tem e poderia facilmente desenhar a planta deste prédio. Estou contando os carros que passam lá fora, consigo adivinhar seu peso e sua idade até com casas decimais e consigo *sentir* que eu tenho pelo menos sete armas estrategicamente posicionadas no meu corpo, enquanto *você* está fazendo um péssimo trabalho de esconder uma única adaga nas costas. Eu também conseguiria facilmente reconstruir a série de golpes e posições relativas que levaram a este – as costas da mão roçam na minha bochecha, um toque quase inexistente que me faz recuar e estremecer ao mesmo tempo – padrão específico de hematomas na sua pele. Esse é um grau de percepção situacional que não me parece típica de alguém que trabalha, por exemplo, como assistente jurídico, então… *qual* é o nosso trabalho, *Ethel*?

Engulo em seco. Eu deveria dar um tapa para afastar a mão dele, mas estou paralisada, sem conseguir me lembrar da última vez que alguém me tocou por vontade própria *sem* tentar me machucar.

– Ethel? – insiste ele, e finalmente abaixa o braço.

Ele me encara enquanto espera uma resposta sincera.

Que eu simplesmente não posso dar.

Seu trabalho, seu único trabalho, o motivo de você ter ganhado a imortalidade, a razão pra você ter sido treinado em todas essas coisas que você acabou de mencionar, é matar criaturas como eu.

Meu trabalho é fugir de você.

Como você pode imaginar, isso nos bota em uma situação estranha, mais ainda porque você não é o tipo de cara que faz nada meia-boca. Na verdade, você quer tanto me matar que acabou de impedir outra pessoa de fazer isso pra que as honras fossem suas.

Sinceramente, eu admiro seu comprometimento.

É. Isso não vai funcionar.

– Eu sou um criminoso? – pergunta ele, parecendo intrigado com a perspectiva. – É por isso que você está escondendo informações de mim?

– O quê? Não. Não, não é um criminoso. Você é só… – Eu reviro o cérebro. – Um babaca.

Ele ri com deboche.

– Não precisa poupar os sentimentos do enfermo.

– Bom, você é um enfermo *babaca*, então…

– Eu *não* sou babaca.

– O quê? *Eu* é que sei.

– Por que eu sou um babaca? – Agora ele está fazendo uma careta.

– Por vários motivos.

– Tipo?

– Você… – *É um matador de vampiros.* – Porque sim.

– Você não listou nenhum motivo.

Eu bufo.

– Você usa óculos de sol em lugares fechados, por exemplo.

O rosto dele se transforma, envergonhado. Chefe da máfia? Sem problema. Babaca? Tem que haver limites.

– É sério?

– Não – digo, me sentindo um pouco culpada. – Eu não sei nem se você tem óculos de sol. Mas nós não nos damos muito bem.

Ele solta uma única risadinha desdenhosa.

– Ah, tá.

– Estou falando sério. Nós somos nêmesis.

– Não somos, não.

Franzo a testa.

– Por que você não acredita em mim? Nós desgostamos *profundamente* um do outro.

– Talvez *você* não goste de mim, porque *eu* claramente… – Ele para. Balança a cabeça. Então declara, como se a verdade só existisse para ser moldada pelas palavras dele: – Nós não somos nêmesis. Eu não quero brigar com você.

– Diz o exterminador – murmuro com amargura, e, quando ele arregala os olhos, eu tenho vontade de me dar um soco.

– Exterminador – repete ele, em voz baixa. Aperto mais a adaga e espero… não sei o quê. Que ele se lembre. Que ataque. Definitivamente, *não* que ele pergunte: – Você quer dizer exterminador de insetos?

Meus ombros desabam de alívio. Eu me ouço dizendo:

– É. Exatamente.

– E nós somos *nêmesis* – o tom dele é zombeteiro – por qual motivo? Você passou por um problema de percevejo na cama e eu não consegui resolver?

Eu sou *o percevejo, Lazlo.*

– É só da nossa natureza. Porque eu sou… entomologista.

– O quê?

Isso está se desenvolvendo de uma forma surpreendentemente boa.

– Você é um caç… exterminador, e eu sou o tipo de cientista que estuda insetos e seus comportamentos. Como você pode imaginar, a minha existência, a minha existência *profissional*, claro, é incompatível com a sua. Você mata insetos. Eu os mantenho vivos. – *Entomologistas odeiam mesmo o controle de pragas? Provavelmente não. Não importa.* – Conflito de interesses.

A ferida na cabeça deve estar trabalhando a meu favor, porque Lazlo pergunta:

– É por isso que estamos aqui? Pra um controle de pragas?

Eu concordo com entusiasmo.

– Você estava trabalhando. Eu tentei te impedir. Nós dois tropeçamos, e foi por isso que você caiu e eu fiquei com isto. – Eu aponto para a minha bochecha.

A hesitação no rosto dele revela: *Você sabe que isso tudo parece mentira, né?* Mas, em vez de chamar a minha atenção, Lazlo diz:

– Claro. Tudo bem. Então vamos. – Com uma agilidade invejável, ele se levanta. – Um médico vai saber como me ajudar a me lembrar das coisas. – *Que você inventou* fica implícito.

– Concordo. É bom você ir ao Mount Sinai, mas o Lenox fica…

– Você vai comigo – diz ele, de cara feia de novo. Tão feia que decido lembrar casualmente a ele que ainda estou com uma adaga a um movimento do punho.

– Infelizmente, não posso.

– Por quê?

O problema de mentir é que preciso me dedicar de corpo e alma à mentira. Então não me permito hesitar:

– Eu tenho alergia ao sol.

Uma piscada lenta.

– Você é *alérgica* ao sol.

– Sou. É um problema bem comum, até.

– O que acontece se você sair?

– Bolhas. Pus. – Morte instantânea. – Você sabe. Eu prefiro esperar que o sol se ponha. Mas, enfim, foi ótimo estar com você. Boa sorte no hospital e…

Minha voz se perde no silêncio quando Lazlo se coloca de novo em posição sentada. A ponta da bota dele encosta na lateral do meu tênis.

– O hospital fica pro outro lado – brinco sem muito ânimo.

– Eu não vou te deixar aqui sozinha. – Ele parece estar se sentindo igualmente manipulado e determinado.

Um pensamento me ocorre: *E se ele estiver fingindo? E se souber que estou presa aqui com ele? Que pode me torturar e me manter à mercê dele pelas próximas dez horas? E se ele for só um ótimo ator brincando com um ratinho mentiroso?*

Para testar essa teoria, eu digo:

– Ei?

Ele arqueia as sobrancelhas: *O que é agora?* Ele deve ter pouca fé na minha capacidade de desenvolver uma conversa interessante.

Eu limpo a garganta.

– Você já ouviu falar de vampiros?

– Claro.

Meu estômago despenca, e aperto a adaga de novo.

Até ele acrescentar, muito confiante:

– Tipo Drácula. Carmilla.

– Ah, sim. E Nosferatu. Isso aí, vampiros.

– Eu já ouvi falar.

– Legal. Eu estava pensando: você acha que eles existem?

Ele me encara. Encara. *Encara.* E, quando eu tenho certeza de que vai acabar comigo, ele diz:

– Ethel?

– O quê?

– Eu sei que bati a cabeça. Mas o que aconteceu com a *sua*?

CAPÍTULO 4

Prova número 36 de que Lazlo Enyedi não está fingindo essa história toda de amnésia: ele tira um cochilo.

No meio do dia.

A um metro de mim.

Em um segundo, estou inventando fatos loucos sobre a borboleta-cauda-de-andorinha para recuperar meu disfarce já frágil de entomologista, e, no seguinte, ele se deita para "descansar por um minuto", cobre os olhos com o braço e passa a respirar baixinho. Dormir para passar a concussão é uma coisa que humanos não devem fazer, mas isso não é problema para caçadores. O peito dele sobe e desce em um ritmo lento, e ele só pode estar de sacanagem.

Nenhum lutador bem treinado baixa a guarda de forma tão irresponsável com uma pessoa que mal conhece. Caçadores nunca ficam vulneráveis assim. Só pode ser uma armadilha.

Então eu decido matá-lo.

Posiciono horizontalmente a lâmina da adaga roubada e a abaixo até o pomo-de-Adão dele, no melhor estilo guilhotina. Sou forte o bastante para cortar os músculos, ossos e tendões e… Cadê o instinto de autopreservação dele? *Por que* ele não está me impedindo?

Volto para o meu canto escuro emburrada, convencida de que ele está dormindo de verdade. Tudo bem. Então a memória dele evaporou. Mas não deveria haver um resquício de instinto, um resíduo emocional, uma noção de que eu sou a inimiga e de que ele não deveria confiar em mim?

Lazlo começa a roncar baixinho.

Não é possível.

Eu me recosto e o observo, me perguntando como será a vida dele fora do nosso jogo de séculos de pique-esconde-esfaqueia. Ele tem família? Namorada ou namorado? É adepto do poliamor? Caçadores são imortais até serem decapitados. São incrivelmente fortes e aprimorados de todas as formas concebíveis, claro. Mas, lá no fundo, eles ainda são humanos. Desejam conexão.

Aposto que ele tem família. Deve passar o tempo com ela entre uma caçada e outra. Afinal, eu não o vejo muito. Nossos caminhos só costumam se cruzar uma vez a cada década, mais ou menos. Antes de Berlim, teve a turnê do Pink Floyd em 1980, aquele show do David Bowie nos anos 1970 e…

Agora que estou pensando, por gostar tanto de shows, talvez eu tenha facilitado muito para ele me encontrar.

Mordo o lábio e me lembro de 1964. Minha carreira de uma noite como cantora e compositora. Tirar vantagem de uma noite de microfone aberto em uma casa de show underground decadente se qualifica como "trabalhar na indústria musical"? Deveria. Eu me diverti cantando sobre a contracultura jovem. Mais ainda depois que Lazlo apareceu na plateia.

– Aethelthryth – sussurrou ele assim que o vi, os olhos amarelos brilhando mesmo no meio da fumaça de cigarro.

Eu me esforcei para lembrar quais armas tinha enfiado nas botas altas e pensei: *Ah, para, Enyedi. Chega de estragar minha diversão. A próxima música é sobre o quanto eu sou solitária e como é triste eu não ter transado em pelo menos trezentos anos.*

Mas Lazlo não pulou no palco. Também não jogou uma machadinha em

mim. Só me deixou cantar mais um pouco, com minhas rimas bobas de *beijo/desejo* e *amor/valor*. Ele ficou me encarando pacientemente com aquele olhar gelado e perturbador enquanto eu cantava algo vergonhoso dizendo que *ninguém entende a emoção, eu só queria sentir aquela mão.* Quando minha obra-prima terminou, todo mundo aplaudiu, menos ele.

Uma grosseria. Bem mais grosseria do que as tentativas habituais de assassinato. Então decidi que ele tinha que pagar por aquilo.

– Obrigada, obrigada, pessoal. A última música é muito pessoal. Eu a escrevi pro homem que amo.

A plateia gritou e assobiou. Lazlo contraiu o queixo, provavelmente repugnado com a ideia de vampiros terem sentimentos. E se beijarem. E, pior ainda, treparem.

– Eu não o vejo há… uns dez anos, eu acho? Fiquei com o coração partido quando ele me deixou, e isso me inspirou a despejar todas as minhas emoções em uma música. – Eu baixei os olhos. Fingi fungar. – Mas a boa notícia é que ele voltou pra mim.

Mais palmas esparsas e generosas.

– E ele está aqui hoje.

A plateia olhou ao redor e começou a soltar murmúrios empolgados.

– Então, por favor, me ajudem a dar as boas-vindas ao amor da minha vida.

A falação ficou mais alta.

– Lazlo, obrigada por estar aqui.

Eu sorri para ele. As pessoas seguiram a direção do meu olhar e o encararam na maior cara de pau. Vi os lábios dele se abrirem e a expressão

se transformar, o equivalente de Lazlo a ficar de queixo caído. A mão que segurava a bebida botou o copo na mesa com um baque alto.

– Oi, meu bem – ronronei.

O técnico nos fundos devia estar menos chapado do que o habitual, porque, veja bem, um holofote foi aceso e inundou a mesa de Lazlo e seus lábios apertados.

Segurei uma risada maníaca. Se o caçador me forçasse a assistir ao nascer do sol por causa disso, teria valido a pena.

– Você é o único homem pra mim, chuchu – sussurrei no microfone.

Um *Ahhh* eufórico se espalhou pelo salão. Os olhos de Lazlo estavam mais afiados do que agulhas, mas ninguém percebeu. Teriam notado, no entanto, se ele tivesse decidido enfiar duas espadas no meu peito. Ele precisou se controlar, e isso era muito divertido.

– Espero que você tenha amado a música.

Por fim, ele sorriu. Eu poderia jurar que vi uma covinha de alegria surgindo na bochecha, mas ele falou algumas palavras para mim com movimentos labiais.

Eu vou te matar.

Fiz um ruído de surpresa.

– O que foi que você disse? Lazlo, você acabou de dizer que nós vamos nos *casar*?

Ele só assentiu porque umas sessenta pessoas estavam olhando para ele. O mesmo motivo para eu ter soltado meu suspiro mais apaixonado. Quando os olhos dele me encararam com ardor, eu permiti.

– Sim, Lazlo. Sim. Mil vezes *sim*!

Os gritos foram tão altos que ninguém ouviu os barulhos dos meus saltos quando corri para os bastidores. E, como eu saí pela janela do banheiro e desapareci na viela pouco iluminada, ele não conseguiu me alcançar para me matar, como tinha prometido. Mas agora, olhando para Lazlo dormindo como um bebê, não consigo deixar de me questionar por que eu não pensei naquela noite nem uma única vez nos últimos sessenta anos.

E, estranhamente, não consigo deixar de imaginar se ele pensou.

CAPÍTULO 5

– Eu queria que você me acompanhasse até o hospital – diz Lazlo ao escurecer, quando saímos para o ar frio de outubro em Manhattan. Ele olha ao redor com uma expressão bem convincente de *Eu sou só um turista, novo neste planeta*, o rosto erguido, maravilhado com os arranha-céus. Prova número 237 de amnésia autêntica.

Meu primeiro instinto é concordar. *Avidamente*. Eu me permito contemplar a euforia de deixá-lo na emergência, onde ele vai se tornar o problema de outra pessoa. Mas, considerando a biologia não tão humana de Lazlo, ser examinado por um médico pode virar um problema sério para ele. Eu quero me livrar dele e estou pronta para assassiná-lo em uma situação em que seja ele ou eu, mas eu não ia querer nem que o meu pior inimigo ficasse preso em um laboratório subterrâneo passando por experimentos.

Coincidentemente, Lazlo é essa pessoa.

– Tem certeza de que quer ir? – pergunto. – Você pode não ter plano de saúde, e os hospitais são muito caros. Sua memória deve voltar sozinha. Mas eu vou continuar te ajudando. Posso te levar pra casa e…

– Onde eu moro?

Merda.

– Isso eu não sei.

Ele para na mesma hora, no meio de uma calçada movimentada, forçando as pessoas atrás de nós a desviarem. Se fosse outra pessoa, os nova-iorquinos o estariam empurrando para o trânsito. Mas Lazlo é alto, coberto de tatuagens impressionantes e únicas e parece um pequeno armário. Ele não exala gentileza. O máximo que fazem é olhar torto.

Enquanto isso, ele está *me* encarando como se eu devesse sentir culpa por não saber onde fica a casa dele.

– Sinceramente, eu nem sei se você tem casa na cidade – digo em tom desafiador. – Já te falei. Nêmesis.

– Claro. E o meu trabalho?

– A Guilda?

– É esse o nome da empresa dedetizadora?

– É. O slogan é *O bicho não pega na Guilda*. – Faço que sim com a cabeça. Claro que esse gesto vai tornar *bem* mais convincente a estranheza que acabei de falar. – Até onde eu sei, não tem QG presencial. – E isso é verdade.

Ele ergue a sobrancelha.

– Vamos ligar pra eles, então.

– Eu não tenho o número.

– A gente encontra on-line.

Meu ruído de deboche é artisticamente desdenhoso.

– É uma empresa dedetizadora de *elite*, Lazlo. Não está na *internet*.

Ele cruza os braços no peito, pronto para me jogar no trânsito… de alguma forma, seria preferível ao sorriso maroto que ele abre um instante depois.

– Tudo bem então. Como você não pode me levar pra casa nem pro meu trabalho…

– Um hotel é a única…

– Eu aceito sua proposta.

Eu levo um susto.

– Que proposta?

– De me ajudar. – Os olhos dele cintilam. – Vai na frente, Ethel. Vou com você até a sua casa.



"O que é esse glúten que tiraram de tudo?", "Essa é a quarta loja que alega vender os melhores bagels de Nova York" e "As duas coisas podem não ter relação, mas reparei que tem menos ratos em lugares com mais carrocinhas de cachorro-quente" são só alguns dos comentários que Lazlo faz a caminho da minha casa. Sou obrigada a ensinar o equivalente a um marciano perdido na Terra sobre o horror da aglutinação de proteínas, mas não me importo, porque é melhor do que ficar pensando na insanidade dos meus próprios atos.

Eu estou levando…

… um caçador de vampiros…

… para a minha casa.

Não: eu estou levando o caçador de vampiros mais antigo e mais temido que existe para a minha casa. Sendo eu uma vampira.

Que época para ser uma morta-viva.

Pelo menos você ainda tem casa, digo para mim mesma, tentando ver as coisas de um ângulo positivo. O Babaca Adolescente pegou fogo quando Lazlo o empurrou para o sol, logo não vou precisar sair do meu amado apartamento.

A questão da imortalidade é que é quase impossível não reunir uma quantidade enorme de riqueza geracional. Dinheiro não é problema para

mim desde que o papa Leão III coroou Carlos Magno como imperador romano, e passei por várias acomodações e moradias ao longo dos anos, inclusive mansões, castelos na Transilvânia, coberturas, casas paroquiais, fazendas, templos, chalés na floresta onde os mosquitos tentaram beber o *meu* sangue, hotéis com cassino, faróis, bunkers nucleares e mansões de subúrbio com mais chaminés do que banheiros. O que eu aprendi é que menos é mais.

Não é verdade. Menos é menos. Mas tudo bem, porque menos é uma coisa boa. Ter uma sala de fliperama não aumenta muito a minha alegria de viver, então, nas últimas décadas, passei a dar preferência a apartamentos menores e aconchegantes.

Ainda menor e mais aconchegante agora que Lazlo está nele.

– Eu moro sozinha – digo.

Ele assente distraidamente e se inclina para dar uma olhada melhor na samambaia que ando levando de residência em residência nos últimos noventa anos.

– Eu sei.

– Sabe? Como?

– Humm? – Ele olha para a minha pilha de revistas amassadas de sudoku e se vira para mim.

– Como você sabe que eu não tenho dois maridos e cinco trigêmeos?

– Eu só sei, Ethel. Assim como eu sei – a boca dele treme – outras coisas.

O sorriso some quando ele vê o próprio rosto em um espelho. Ele encara a imagem, talvez chocado com a própria boa aparência… porque, infelizmente, *é* boa. E ele *é* bonito. De um jeito repulsivo, apesar das linhas

quebradas do nariz, das cicatrizes na pele e do rosto que não é totalmente simétrico, como se ele tivesse sido pintado por um artista tão seguro a ponto de desafiar as regras básicas da anatomia.

– Você não lembrava? – pergunto. – Da sua aparência. Você parece perturbado.

Ele se vira para mim, confuso.

– Não pelo meu rosto. Só pelos meus olhos.

– Ah. Bom, essa expressão aí, a cara feia? É de longe a sua favorita. Sua *única*, alguns diriam. – Ele então faz uma bem feia, e eu não consigo conter uma risada.

– Eu estava falando da cor. Achei que seriam… sei lá.

Ele parece mais hesitante do que eu já o ouvi *em qualquer época*, e fico tentada a dizer que eu sei por quê: *todos* os caçadores têm olhos amarelos. É resultado do que eles passam para se tornar o que são, e eu ouvi falar que o processo inclui anos de treinamento com professores que não são muito carinhosos e um rito final que muitas vezes termina em massacre. Âmbar é a marca de um caçador imortal formado, cuja missão eterna é destruir linhagens de vampiros. Outra coisa que eu soube: a Guilda Hällsing tem tido dificuldade para recrutar novos membros, porque se tornar imortal não parece mais um privilégio, ainda mais em troca de passar várias vidas atrás de criaturas que provavelmente vão enfiar seu pé esquerdo no seu rabo antes de arrancar sua cabeça.

Tento não pensar demais; não pensar que os caçadores, assim como os vampiros, já foram humanos. Nós dois tivemos que nos ajustar a nos tornarmos algo novo, à ideia da infinitude, e isso não é fácil. Talvez a autoimagem de Lazlo esteja conectada a sua aparência de uma época

anterior e o cerebrozinho dele ainda esteja processando essa questão. Mas a ficha vai cair a qualquer segundo, e, quando isso acontecer, ele precisa estar *longe*. Ele pode passar a noite, claro, mas amanhã vou expulsá-lo e…

– Ethel? – pergunta ele como se tivesse dito meu nome algumas vezes.

– Desculpa, o que você disse?

– Posso tomar um banho?

Será que pode? Quem sabe que tipos de tatuagens ele vai encontrar embaixo da camisa e da calça jeans? Talvez a parte interna da coxa seja onde ele anote a quantidade de vampiros que matou. No peito, pode ter uma imagem realista dele jogando alguém bizarramente parecido comigo no sol.

Acho que vou ter que correr esse risco.

– Claro. As toalhas estão no banheiro. – Ele vai na direção que estou apontando, e a largura dos ombros dele me faz pensar em uma coisa. – Você está com fome?

Ele para. Assente.

Merda.

– Que ótimo. Que ótimo mesmo.

– É ótimo eu estar com fome?

– Só no sentido de que eu também estou com fome. Com *muita* fome. Vou no mercado comprar alguma coisa.

Saio às pressas como se o apartamento estivesse sendo bombardeado e vou à loja de conveniência que tem na rua.

É claro que eu *não* estou com fome. Porque vampiros não comem. Nosso corpo rejeita comida de um jeito espetacularmente cinematográfico que ficaria perfeito num filme de terror. Isso é verdade em relação a qualquer

item sólido ou líquido que não seja sangue humano, por mais parecido que seja. Uma vez, tomei um gole de sangue de chimpanzé e vomitei intermitentemente pelos seis meses seguintes. Nossa espécie sofre de problemas de estômago, e fico grata ao século XXI por finalmente nos dar um diagnóstico.

Mas, no convento, eu cozinhava. E bem, de acordo com a irmã Wihtburh, apesar de a abadessa sempre arrumar motivo para reclamar publicamente das minhas comidas. *Salgar demais não vai te levar para mais perto da divindade, irmã Aethelthryth. Se está tentando esconder seus pecados por trás de uma cortina de alecrim, você quase conseguiu.* Infelizmente, meus últimos trabalhos na copa e na cozinha foram tantos séculos atrás que eu nem sei se lembro como ferver água.

Isso é um problema, porque só consigo pensar em comprar várias caixas de macarrão instantâneo. Incluo uma camiseta limpa e uma calça de moletom à cesta, do maior tamanho que encontro, e mesmo assim com grande risco de não caber em Lazlo. Volto correndo para casa e entro na hora em que ele sai do banheiro.

Pelado.

CAPÍTULO 6

Lazlo *está* usando uma toalha na cintura.

Mas espiritualmente, culturalmente, metafisicamente, ele parece *pelado*. E, sim, ele tem rabiscos no corpo inteiro, mas parecem ser menos focados em narrar as desventuras de Vlad, o Empalador, e mais em comemorar… a infância dele, talvez? A família? Na maior parte, é na mesma escrita húngara do pescoço e dos braços, mas também vejo flores que só vi no Leste Europeu, um castelo, um brasão. No peito, acima do coração, tem uma máscara decorada de Veneza que é estranhamente familiar, mas não consigo identificar.

– Por que você prendeu a respiração? – pergunta ele depois de ser olhado por muito tempo, porque eu fiquei um pouco imóvel demais.

Vampiros precisam de ar, mas, considerando a lentidão do nosso metabolismo, não tanto quanto humanos. Eu poderia inspirar em um dia, expirar no seguinte e ainda estar em ótima forma.

Mas, de repente, estou sem fôlego.

– Desculpa, eu estava só… admirando.

Ele ergue as sobrancelhas.

– A *arte* – acrescento rapidamente.

– Claro. Entendi. Porque é a primeira vez que você vê.

– É, claro que é. – Por que ele está sorrindo como se tivesse feito referência a uma piada interna? – Quando é que eu teria visto?

Ele me encara como se quisesse me desafiar e cruza os braços em uma ondulação linda de músculos e tinta colorida.

– Este lugar me parece familiar. Mas sei que você vai me dizer que eu

nunca estive no seu apartamento.

Se tivesse estado, eu estaria morta.

– Será que você fez dedetização pro morador anterior?

– Eu devo ter feito um péssimo trabalho, considerando…

– Considerando o quê?

Ele aponta para cima da minha cabeça. Quando me viro, tem uma gigantesca…

– *Aranha!* – grito e corro para me esconder atrás de Lazlo. Ela é grande, com listras amarelas e nojenta. Deus, eu sempre odiei artrópodes.

– Interessante – reflete Lazlo.

Solto um gemido.

– O quê?

– Uma entomologista com medo de aranha. – Ele se vira para me olhar. – Que atípico.

Merda. *Merda.* Eu me empertigo e me controlo.

– É uma suposição muito grosseira – digo com arrogância – que, só por eu estudar insetos, tenho que gostar de todos os tipos de…

– Eu tenho muitas cicatrizes – interrompe ele em tom de conversa. – Por todo o corpo.

– Certo.

– Algumas são grandes. – Ele aponta para uma linha grossa e nodosa que corta o abdômen. – Eu me pergunto como consegui essa. Deve ter sido um corte fundo.

A menos que eu esteja enganada, eu que fiz nele, em Bath, no século

XIX. Eu estava me divertindo muito escolhendo fitas para o meu chapéu quando ele entrou galopando na cidade e me obrigou a me mudar para a França, onde Napoleão ainda estava atrás de seus sonhos militares.

Eu limpo a garganta.

– Dedetização é uma profissão perigosa.

– Deve ser – diz ele, querendo dizer: *Não é, não.*

– Dói?

– Não. Mas, já que você perguntou, tem uma coisa incomodando na minha costela esquerda. Você pode olhar?

De jeito nenhum, planejo dizer. Mas, assim como todos os outros nãos que eu deveria ter dito hoje, esse também fica entalado na garganta, e eu acabo passando os dedos na lateral do corpo dele.

Por uma fração de segundo, nós dois ficamos paralisados, e eu não sou a única a não respirar. A sala mergulha em um silêncio sobrenatural. Lazlo me olha com aquela expressão inquisitiva e meio acusatória que parece roer meu estômago por dentro, e eu tento retribuir o olhar sem arregalar demais os olhos e parecer culpada, mas tem alguma coisa ali. Uma coisa que pula de mim para ele, que flui dele para mim. Uma corrente elétrica, um calor, um momento de confusão e enxurrada que entope meus sentidos e…

Você só não está acostumada com toques, digo para mim mesma.

Sim. É isso. Devem ter se passado mais de dois anos desde a última vez. Eu gosto de escolher pessoas bem ruins como refeição para limitar meu contato físico com elas, enquanto Lazlo… Ele não é um *alimento*. É uma pessoa, um imortal como eu, surpreendentemente sólido em um mundo em que todo o resto parece flutuar e desaparecer em um instante.

A situação me deixa desorientada, só isso.

– Por que as suas mãos estão tão frias? – pergunta ele, com a voz seca e séria.

– Circulação ruim – murmuro, e me apresso em curvar o pescoço e procurar a ferida que ele mencionou. – Deficiência de vitaminas. Faz frio lá fora à noite.

– Você acabou de me dar três desculpas diferentes.

– Eu dei três *motivos*, todos válidos, então larga do meu… Merda. Tem um caco de vidro enfiado entre suas duas costelas inferiores. Acho que pode ter cicatrizado em volta.

– Dá pra tirar?

– Eu teria que cortar um pouco. Você sangraria de novo.

– Tudo bem.

Não está tudo bem. Mas, depois de pegar uma das trinta facas retráteis escondidas na minha casa, faço um corte pequeno por cima do que já cicatrizou.

Eu não sou uma jovem inexperiente. Minha sede de sangue já foi saciada, e eu consigo controlar meus impulsos mesmo quando estou ferida, machucada ou perto de passar fome. O aroma de Lazlo *não* me faz perder a cabeça, porque eu sou melhor do que isso.

Mas, Deus do céu, como é *doce*.

Sempre foi. Em todas as vezes que lutamos, todas as lâminas que enfiei na carne dele, todas as perseguições, a atração do sangue dele estava lá, me chamando. Eu feri e matei muitos caçadores antes dele, e todos me repugnaram, mas Lazlo… Eu não tenho ideia do motivo para o sangue dele

parecer tão *delicioso*, mas, agora que o caco de vidro saiu, eu deveria dar um passo para trás.

É.

Vou fazer isso.

A qualquer momento.

– Tudo novinho em folha – digo, sem o encarar. Minha voz sai tremida.

A ferida já está fechando, e eu estou correndo até a pia para lavar o sangue das minhas mãos, mas, quando a torneira é ligada, não consigo deixar de olhar para a água corrente como se fosse minha inimiga, porque seria um desperdício abrir mão desse precioso…

É uma ideia péssima, mas meu polegar e meu indicador já estão dentro da minha boca, lambidos até não restar nada, antes mesmo que eu perceba. O gosto do sangue, mesmo de poucas gotas, desperta meu corpo lerdo e adormecido de um jeito que galões de plasma jamais conseguiriam. Um calor explode e corre pelas minhas terminações nervosas. Sinto o formigamento revelador das minhas presas empurrando o céu da boca, se alongando, e preciso me segurar na borda da pia com tanta força que devo tê-la afundado.

Lazlo aparece ao meu lado.

– Já está melhor – diz ele. – Obrigado.

Antes de me virar, suplico para minhas presas encolherem. Prometo muitos pescoços firmes para morder, muito em breve, se elas se comportarem.

– De nada. – Respiro fundo para me fortalecer e olho para ele. – Eu vou fazer a comida agora. Espero que macarrão com queijo esteja bom pra você.

Eu também trouxe uma roupa, está ali na sacola de papel.

– Você está ficando mais quente – murmura ele. Não de forma sugestiva. É uma observação, seguida pelas costas da mão dele na minha bochecha. Como se quisesse explorar um rubor portentoso com as dobras dos dedos.

Engulo em seco.

– É.

– Que bom. – A mão dele fica no mesmo lugar. Quando ele finalmente a afasta, a boca se curva para baixo, como se ele estivesse chateado de não estar mais me tocando. – Seu corpo encontrou um pouco de B12.

– Acho que sim.

Tento dar meu sorriso mais triunfante e começo a trabalhar na cozinha. Solto o ar com alívio quando ele sai para se vestir. O apartamento veio mobiliado, e esse é o único motivo para eu ter utensílios de cozinha. Infelizmente, quando Lazlo volta usando a roupa nova e irritantemente lisonjeira, o fogão parece ter acabado de ser palco de uma rave.

– Você deve ser boa em outras coisas, Ethel – diz ele com um toque de calor.

Ele controla a panela sem o menor esforço e, dez minutos depois, eu continuo me perguntando o que aconteceu, quando nos sentamos à mesa com pratos soltando fumaça na nossa frente.

Não tem como a minha espécie e a dele já terem feito isso. Compartilhar uma refeição, quero dizer. Conversar com educação. Mesmo *não* matar um ao outro. Eu queria ter um grupo de aplicativo de mensagens para poder contar essa ocorrência fantástica. Uma amiga já servia. Talvez eu devesse gritar pela janela e torcer para os guaxinins ouvirem.

– Então – pergunta ele, devorando a comida –, onde foi mesmo que nos conhecemos?

– Você e eu?

Ele assente.

Eu brinco com alguns macarrões de conchinha presos uns nos outros.

– Bom, eu… sou um pouco mais velha que você.

– Quanto tempo?

– Não sei direito.

Lazlo apareceu durante meu terceiro século e foi relativamente fácil de vencer nos nossos primeiros encontros, talvez porque ainda não desenvolvera completamente a força de um caçador.

Que falta eu sinto daqueles dias.

– Você só estava fazendo o seu trabalho – acrescento.

– Aqui em Nova York?

Não, porque na época eu não sabia da existência deste continente não é a melhor resposta. Eu morava em Córdoba naquela época, porque era uma das maiores cidades do mundo e eu tentava desesperadamente passar despercebida. Na época, eu era uma vampira adolescente, ainda em processo de me entender. Eu mantinha uma apreciação pela vida humana, estava a anos de desconstruir as noções cristãs de bem e mal que a abadessa tinha enfiado na minha cabeça e, depois de cada refeição que bebia, eu passava várias semanas arrependida, fazendo orações febris para pedir perdão. Eu odiava tanto matar pessoas que passei a rondar por lugares onde humanos saudáveis podiam cair quase mortos a qualquer momento, na esperança de encontrar uma refeição sem culpa. Na maior parte das vezes, eram torneios

de justas.

Patético, eu sei.

– No subúrbio – minto. – Você estava com o seu… chefe. – Ou mentor. *Sei lá*. Eu nunca soube o nome do caçador mais velho. – Ele parou de trabalhar pouco depois. – Eu o matei. Mas ele mereceu *demais*.

– Nós éramos *nêmesis* desde o começo? – Está óbvio que a pergunta tem a intenção de debochar de mim e está óbvio que ele quer que eu perceba. E eu finjo não perceber.

– Basicamente.

Na verdade, lembro dos olhos dele em mim do outro lado da praça, constantes, sem nunca se afastar. Eu pensei (de forma estúpida, enganosa, decepcionante) que talvez aquele jovem bonito estivesse atraído por mim. Em menos de dois minutos, não só eu tinha criado um passado para nós (ele tinha me visto na feira e se apaixonado apesar das minhas riquezas e beleza intimidantes), mas também um futuro (eu iria lhe garantir que a falta de riqueza dele não importava para mim; conversaríamos por horas e nos apaixonaríamos profundamente um pelo outro; eu confessaria minha natureza vampiresca e, depois de um breve período de pavor, ele perceberia que nem minha personalidade monstruosa poderia atrapalhar o nosso amor; e aí a eternidade começaria). Como falei, eu era bem adolescente. Ainda assim, era um sonho atipicamente impossível, até para mim.

Mas, quando Lazlo foi atrás de mim brandindo uma das armas favoritas dele, duas foices amarradas uma na outra com uma corrente de metal, eu acordei rapidinho.

– Foi unilateral – diz ele depois que acabou de mastigar. – Da sua parte.

– O quê?

– A antipatia.

– Eu garanto que *não* foi.

– E eu garanto pra *você* que, quando eu te olho, não sinto nada *disso*. – Uma pausa. – Por que você não está comendo?

– Ah. Hã, eu estava com tanta fome que comi uma barra de chocolate na hora de pagar as compras – digo.

Foi a única desculpa em que consegui pensar, e ele não acredita, mas aceita meu prato quando eu o empurro na direção dele.

O calor doce do sangue dele ainda fervilha no meu corpo.

– Por que você se tornou entomologista?

Meu Deus. Eu não consigo me lembrar da última vez que me fizeram tantas perguntas.

– Não foi planejado.

– Como alguém se torna uma coisa sem planejar?

Bom, Lazlo, às vezes uma gangue de bandidos decide roubar seu convento. Afinal, por que não? Lá, você vê o que está acontecendo com as suas irmãs e decide que prefere se jogar da janela a permitir que os invasores cheguem perto de você… Afinal, por que não? E aí um vampiro que está passando te vê nos seus últimos momentos e decide sugar todo o seu sangue. Afinal, por que não? E aí você acorda no meio da noite e, por algum motivo, também virou um maldito vampiro.

– Não foi decisão minha – digo.

Também não foi decisão do meu criador. Nem os vampiros sabem por que algumas pessoas viram e outras não. Há condições necessárias: a pessoa precisa estar à beira da morte, mas forte o suficiente para aguentar a

transformação, e um pouco do sangue do vampiro precisa ser ingerido por ela, mas não é tão simples assim. Muitos tentaram e falharam. Muitos não pretendiam dar as boas-vindas a novas almas na noite, mas… aqui estou eu.

– Mas você gosta.

Não deveria. Ao menos, o estereótipo é esse, né? Os imortais devem ser sorumbáticos e cheios de arrependimentos, podendo a qualquer momento andar no sol e acabar com tudo. Mas *mal de vivre*, falta de sentido, dor e sofrimento… Nada disso é minha praia. Eu me considero com sorte, porque não tenho tendência ao tédio. Pode parecer bobagem, mas eu nunca me canso de ver as árvores mudarem, de ver as garotas andando por aí de mãos dadas dando risadinhas por causa de uma mensagem de um crush, de encontrar um bom poema.

A imortalidade *pode* significar pensamentos profundos e ponderações filosóficas e a busca incessante de conhecimento, claro, mas, para mim, sempre foi o contrário. Foi fácil eu cair na rotina. Na monotonia. Olhar pela janela com a cabeça vazia. Palavras cruzadas, uma caminhada na chuva, um livro bem-escrito. Flores se abrindo.

Talvez a abadessa estivesse certa e eu romantizasse demais as coisas insignificantes… Se bem que, se me lembro direito, o jeito como ela falou estava mais para *A vida não é um romance de cavalaria, irmã Aethelthryth. Pare de perder tempo com fantasias e tolices e vá esfregar a latrina, criança*. Ainda assim, eu aprendi a viver o momento e ser feliz, mesmo sozinha. Aprendi a valorizar as pequenas alegrias, a deixar a vida das outras pessoas melhor dando uma ajuda ou um sorriso, conversando trivialidades, rindo de piadas ruins.

Às vezes eu me sinto solitária. Às vezes quero mais, seja lá o que isso

significique. Nem tudo é ideal. Mas sou capaz de encontrar meus significados.

– Sim – respondi com firmeza. – Eu não escolhi, mas gosto.

– Eu sinto o mesmo – diz Lazlo depois de um momento pensativo.

Sinto um frio na espinha.

– Você se lembrou de alguma coisa?

– Não. Mas o que você falou sobre se tornar algo sem querer e mesmo assim tentar fazer o melhor disso… faz sentido. Num nível visceral.

– Ah.

Nós terminamos de comer em silêncio… E, quando digo *nós*, quero dizer que *ele* enfia comida com eficiência na boca e eu brinco com as bordas gastas do jogo americano que encontrei em uma das gavetas. Depois, ele se levanta e vai para a pia lavar a louça como se fosse um reflexo, uma simples cortesia depois de uma refeição. Não consigo deixar de me perguntar quem ensinou isso a ele.

Talvez ele *seja* casado. Talvez, durante o Reino do Terror, quando eu estava andando entre as guilhotinas para tomar um bom gole de pessoas que teriam morrido de qualquer maneira (odeio desperdiçar comida), Lazlo estivesse se casando na praia com alguém do trabalho. Talvez o parceiro ou parceira dele esteja, no momento, morrendo de preocupação, rolando na cama que eles dividem, porque ele não voltou para casa e…

Meu fluxo de pensamentos para e minha cabeça explode de pânico.

– Você está bem? – pergunta ele, ainda secando os pratos que usamos como se tivesse ouvido a detonação do meu cérebro.

– Estou – respondo.

Mas não, eu não estou bem. Porque acabei de me lembrar de uma coisa

muito importante.

Não tem nenhuma cama no apartamento.

CAPÍTULO 7

Vampiros não dormem.

É parte da maldição: não temos descanso, não temos tranquilidade, não temos folga dos nossos feitos malignos. Estamos condenados a passar a eternidade olhando para as paredes vazias e refletindo sobre o que fizemos, tudo na esperança de expiar a nossa existência. As possibilidades de autoflagelação são infinitas.

Mas minha opinião pessoal é que eu não fiz nada de errado, ao menos desde que comecei a seguir uma rigorosa dieta babacariana. Por isso, eu me afastei educadamente da festa da autopiedade e dediquei esse tempo a jogar sudoku.

Embora meu apartamento tenha quarto, basicamente lotado de roupas, livros e os materiais que eu acumulei ao longo de anos começando e abandonando vários tipos de artesanatos, não tem uma *cama*.

E agora eu me dou conta de que isso é só *um pouco* menos suspeito do que botar um caixão na minha moradia.

– Você é um cavalo – diz Lazlo.

Ele observa o quarto, parado atrás de mim, de braços cruzados.

– Como você pode lembrar que cavalos dormem em pé, mas não lembra o que é glúten?

– Talvez glúten seja outro dos meus *nêmesis*. – Ele dá uma olhada cética na minha pilha de pulseiras da amizade e volta para a sala. – Não acredito que você dorme no sofá – diz ele com o tom pragmático e objetivo de sempre.

Não perguntando, mas informando.

Decido me aproveitar disso.

– Claro. Mas tudo bem, pode ficar com ele. Acho que eu tenho um colchão inflável – só que eu *sei* que não tenho –, então eu posso…

– Não.

Eu paro, sem palavras por um instante.

– Não?

– Nós dois vamos dormir no sofá – declara ele. – Juntos.

– A gente não pode dormir junto.

– Tem alguma lei contra isso?

– Não.

– Então a gente vai dormir junto.

Mas que desgraça de homem.

– Não vai, não. E se você tiver família? Como sua cara-metade se sentiria em relação a isso? Como seus filhos reagiriam ao papai dividindo um sofazinho com…

– Eu não sou casado. – O tom dele é definitivo. – E não tenho filhos. Tem coisas que um homem simplesmente sabe sobre si mesmo.

Levanto as sobrancelhas.

– Sério?

– Sério.

Ele se vira e começa a tirar as almofadas do sofá para abrir espaço.

– Só por curiosidade – pergunto, irritada –, o que mais "um homem simplesmente sabe sobre si mesmo" apesar de um caso horrível de amnésia súbita? A data da última colonoscopia? A melhor marca de quebra-cabeça?

Como construir um rádio amador… *O que você* está…

Ele está claramente segurando meu punho e me puxando para o sofá. Isso *deveria* deflagrar meu reflexo de luta e me fazer dar uma cabeçada no nariz dele, mas, por algum motivo, não é isso que acontece. Um instante depois, estou na horizontal com Lazlo, espremida entre o corpo dele e o encosto do sofá.

– Ah – eu me escuto dizer.

Só isso: *Ah.*

A resposta de Lazlo é um grunhido vago, seguido de um aperto. Sinto cada músculo encostado em mim, e deveria ser uma experiência nova e desestabilizadora, mas é perturbadoramente familiar.

Afinal, nós já estivemos próximos assim.

Nas inúmeras ocasiões em que ele tentou me matar.

– Eu não acho que isso seja…

– Shhh – faz ele com delicadeza.

Ele é tão quente quanto o núcleo do sol. Eu devo ser o contrário, porque ele murmura algo sobre meus membros gelados e que meu pobre corpo deve ter perdido todas as vitaminas, e o que podemos fazer para encontrá-las de novo.

Se você soubesse, penso em tom sombrio, tentando me libertar sem muita convicção. A verdade é que é muito agradável. Estar cercada. Espremida. Apertada. É evolução: minha espécie foi programada para apreciar espaços pequenos e sufocantes aonde o sol não chega. E, nossa, esse caçador específico oferece exatamente isso.

É aconchegante. E aconchegante é agradável. E agradável, essas coisinhas

que dão alegria, é algo que se aprende a valorizar quando se está chegando perto de 1,4 milênio viva.

Ainda assim…

– Ao fazer isso, você vai acabar destruindo seu casamento de décadas – resmungo no travesseiro firme do bíceps dele. – Eu só espero que você tenha pés bonitos.

– Por quê?

– Você vai ter que vender muitas fotos deles pra poder pagar um advogado de divórcio. – Ele resmunga, paciente, confiando no estado dos dedos dos pés. – Sério, Lazlo, isso é uma péssima ideia.

– Para de se mexer, eu estou pegando no sono.

– Você não dormiu o dia todo? – resmungo, talvez com mais rispidez do que ele merece, considerando o estado recente de concussão. Talvez tarde demais, me ocorre que eu deveria fingir estar respirando. – Escuta, como nenhum de nós sabe se você tem um relacionamento, eu acho que…

Um suspiro impaciente me interrompe, e ele me espreme ainda mais nas almofadas, ficando tão perto de mim que… Ah, meu Deus. Tem uma estaca no bolso dele ou ele só está feliz de me ver?

– Ethel, para.

– Parar o quê? Eu só…

– Os insetos, o emprego, essa coisa de nêmesis. Você não precisa me falar a verdade, mas pode parar de fingir.

– Fingir o quê?

O peito dele sobe e desce.

– Eu posso não me lembrar do meu nome nem de nada sobre quem eu

sou. Mas eu nunca conseguiria ficar perto de você sem saber exatamente o que você é pra mim.

Um segundo depois, ele adormece e me deixa encarando a estampa do sofá durante oito horas seguidas ao mesmo tempo que tento não apreciar o calor do corpo dele no meu, desesperada para decifrar exatamente o que as últimas palavras dele significaram.

CAPÍTULO 8

Na manhã seguinte, eu percebo, para meu completo choque, que Lazlo vai precisar comer de novo. E dali a cinco horas, talvez menos, considerando o tamanho dele, vamos fazer isso de novo. Porque a espécie dele precisa de alimento várias vezes por dia.

Uma loucura.

Meia hora antes do nascer do sol, eu me solto dele e saio escondida até a vendinha da esquina. Compro ovos, bacon, legumes, macarrão, frutas e uma coisa chamada Pop-Tart, que deve ter sido inventada quando eu estava piscando. Volto para casa perplexa porque a sociedade humana conseguiu evoluir para além do estágio da caça e coleta, considerando o tempo absurdo que eles dedicam a comer.

Enquanto isso, eu penso, com um tapinha de autossatisfação nas minhas próprias costas, que bebi pela última vez duas semanas atrás (um cara que trabalhava quebrando galhos para o comitê executivo da Nestlé) e, excluindo circunstâncias imprevistas, só vou precisar beber de novo daqui a três ou quatro semanas.

Se bem que, algo dentro de mim pergunta, *um golinho de Lazlo não seria bom? Deleitável. Denso, intenso e diferente de tudo que você já provou. Pesaria na barriga, daria energia às terminações nervosas, e você finalmente ficaria tão quente que…*

Dou um tapa mental na voz idiota na minha cabeça, grata pela distração quando alguém pergunta:

– Gostosuras ou travessuras?

Olho para baixo e mais para baixo e vejo uma garotinha adorável me olhando. Ela está usando uma capa preta e presas de plástico, brancas e

peroladas na pele escura. Alguém desenhou um filete de sangue brilhante e incrivelmente realista no canto da boca da menina. Ao lado dela, um garoto louro segura uma coisa que parece muito uma estaca de madeira.

– Eu sinto *muito* – diz uma das mulheres adultas atrás deles. – Ei, vocês dois. Nós estamos indo para a escola. E não se deve pedir doces no meio de uma rua movimentada…

– Não me incomoda – comento com um sorriso, e me agacho para ficar da altura das crianças. – Gostei das fantasias.

– Obrigada – fala a garota com seriedade. – Eu vou ser vampira quando crescer.

– E eu vou ser caçador de vampiros – diz o garoto. – E nós vamos nos casar.

Tento não me engasgar com a minha língua.

– Boa sorte – murmuro, porque eles vão precisar.

Pego a caixa de Pop-Tarts sabor s'mores glaceados na sacola reutilizável com o slogan "Salvem as abelhas" e divido o conteúdo igualmente entre as bolsinhas deles. A julgar pelo abraço que eles dão um no outro, o doce deve ser um sucesso.

Desculpa, Lazlo. Mas eles nunca juraram me perseguir e erradicar meu povo, então eles mereceram os doces mais do que você.

Lá em cima, eu o encontro acordado, de pé na cozinha.

– Você saiu cedo – diz ele, como se fosse totalmente normal ele me esperar sem camisa depois de um banho. – Você é uma pessoa matinal.

Rá.

– Ah. Claro.

– Você conseguiu descansar.

– Consegui.

Estou começando a achar mais divertido do que irritante o jeito como ele *declara* as coisas sobre mim em vez de fazer perguntas, e isso me preocupa um pouco. Só um pouco menos do que o fato de que ele já puxou e prendeu as cortinas blecaute, apesar de faltarem cinco minutos para o sol nascer.

– Como você sabia…

– Você tem alergia ao sol – diz ele simplesmente, como se fosse uma explicação, depois pega a sacola da minha mão e começa a guardar as compras.

Ele está aqui há doze horas e, não sei como, já temos uma rotina.

Eu preciso tirá-lo daqui para ontem.

– Está com fome? – pergunto enquanto ele enfileira as caixas de macarrão no armário vazio.

– Muita.

– Vou preparar uns ovos, então. Talvez demore um pouco. Quer isso até ficar pronto?

Jogo uma maçã na direção dele… o que acaba sendo um erro, porque, num piscar de olhos, Lazlo pega uma faca no cepo de madeira e a usa para cortar a fruta em quatro pedaços.

Com ela ainda *no ar.*

Os pedaços da maçã caem no chão, e nós ficamos olhando por um silêncio prolongado.

Eu pigarreio.

– Eu não sabia que uma maçã tinha assassinado a sua família.

– Eu… não pretendia fazer isso. – Ele coça a nuca.

– Claro. Não, eu sei. Você cortou a maçã em quatro pedaços idênticos por acidente.

– Foi um reflexo. – Ele gira a faca nos dedos com uma destreza que me deixaria perturbada se eu não soubesse que ele a desenvolveu para *me* matar especificamente. – Mas…

– Mas?

Ele devolve a faca ao bloco de madeira.

– Se eu perguntasse por que sou bom com uma faca, você responderia que é por causa da minha experiência com extermínio de pragas?

Eu me obrigo a engolir em seco. Tem algo de dolorosamente pesado em mentir para alguém que sabe que não está ouvindo a verdade, mas… que alternativa eu tenho?

– Não consigo imaginar outro motivo.

Desta vez, o suspiro dele é quase imperceptível, mas os lábios estão apertados.

– Então eu não vou perguntar, Ethel.

Ele se abaixa para pegar a maçã, e eu começo a fazer os ovos, me perguntando quando fiquei tão ruim em enganar pessoas.

– Eu não sabia que esses ovos tinham matado a *sua* família – diz ele depois que quebro a terceira casca na borda de uma tigela. Na última vez que fiz um omelete, eu não tinha força vampiresca, e me ajustar está levando um tempo, mas…

– Agora eu peguei o jeito, já peguei o jeito – protesto, mas, antes que eu

consiga recuperar minha habilidade na cozinha, Lazlo está de pé atrás de mim tirando delicadamente os ovos dos meus dedos para assumir a tarefa.

Os braços dele me cercam, um de cada lado, e o queixo roça na minha cabeça enquanto ele trabalha com uma graça rápida e especializada que acho tão agradável quanto irritante.

Eu deveria enrijecer e o empurrar para longe, mas meu corpo já se acostumou a estar cercado pelo dele. Pela força. Pelo calor. Pela sensação de ser parte de algo. Finjo não reparar que os lábios dele encostam na minha cabeça antes de ele ir para o fogão para preparar tantos ovos mexidos que daria para alimentar uma família de cinco pessoas por duas semanas.

– Eu tive um sonho – diz ele quando estamos sentados à mesa.

Para essa refeição, minha desculpa é: *Eu não sou de café da manhã*. Lazlo nem se deu ao trabalho de reagir, como se soubesse que cada coisa que sai da minha boca provavelmente é mentira.

– Que tipo de sonho?

– Sei lá. Pode ter sido uma lembrança. Mas você estava lá.

Meu estômago despenca.

– Você estava me cortando em quatro pedaços com uma faca de cozinha?

– Nós estávamos dançando.

Eu relaxo, aliviada.

– Dançando… em uma boate?

Ele me olha de cara feia, como se soubesse o que é uma boate e fosse um lugar onde ele não entraria nem morto.

– Mais formal do que isso. – Ele mastiga um pouco mais. – Eu gostei do

seu vestido. – Um sorriso se abre. Vira uma coisa particular, entre Lazlo e os próprios pensamentos. – Gostei muito.

– Nós nunca dançamos juntos, então acho que não foi uma lembrança – digo, sem saber se devo ficar constrangida, aliviada ou lisonjeada. – Mas imagino que você esteja ansioso pra voltar pra casa, então…

– Não – diz ele, taxativo, feliz. À vontade.

Não faça cerimônia, Lazlo, pode abusar da hospedagem, penso. Mas não há irritação de verdade – o que é uma idiotice. Quanto mais ele ficar, mais vai me conhecer e mais fácil vai ser me encontrar quando ele recuperar a memória.

Trinco os dentes, me sento no sofá e pego a primeira revistinha de sudoku que encontro. Isso não é *inofensivo*. Quando ele se lembrar quem é, eu vou ter que me mudar e…

A almofada afunda quando Lazlo se senta ao meu lado, ainda seminu. A tatuagem de máscara embaixo do coração se move a cada pequeno movimento, me desafiando a lembrar onde já a vi. Ele pega uma das minhas revistinhas e um lápis e começa a preencher um quadrinho de sudoku com uma velocidade impressionante.

Eu pergunto, com uma empolgação patética:

– Você gosta de sudoku?

– O quê?

– Essa coisa de quadradinhos que você está fazendo. – Eu me inclino para mais perto. – Eu não achava que você… – Fecho a boca. Abro de novo. – Você só escreveu números aleatórios?

– E não entendo por que você gosta disso.

– Como assim?

– Escrever fileiras de números. É um entretenimento chato.

– Não. Não, tem uma… *Não.*

Passo duas horas ensinando *um caçador de vampiros que foi criado para exterminar a minha linhagem* a preencher corretamente um quadro de sudoku. Ele não é tão ruim no jogo, e eu detesto admitir.

– Então é *isso* que a gente faz durante o dia – diz ele depois de um tempo.

– *A gente? A gente* não costuma passar o dia juntos.

Ele sorri como se eu nem tivesse falado.

– Estou falando sério. Nós raramente…

Eu paro de falar, porque ele pegou uma mecha do meu cabelo com os dedos e está esfregando com delicadeza, observando o fluxo laranja-claro na própria pele pálida. A boca murmura algumas palavras em outro idioma, um idioma que eu falo, mas finjo não falar, porque não é…

Não deveria…

O que está…

É casual o jeito como ele prende a mecha de cabelo atrás da minha orelha. O toque dele é ao mesmo tempo novo e familiar, ardente e delicado.

– Louro-avermelhado – diz ele baixinho. E me pergunta: – Nós raramente o quê?

Vampiros não ficam vermelhos. Nós não temos sangue suficiente para isso. Agradeço a quem nos amaldiçoou por essa pequena graça, afasto o olhar e murmuro:

– Nada.



O resto do dia é…

Eu queria poder dizer que é horrível. Que eu chego a pensar em sair no sol só para fugir da presença sufocante de Lazlo. Mas não é assim.

É surpreendentemente relaxante tê-lo por perto, mesmo quando ele me provoca por segurar uma colher como se fosse um objeto de proveniência alienígena, mesmo quando eu volto de um jeito discreto da lavanderia com a roupa limpa e ele me vê dobrar minha lingerie com um sorriso que diz: *Eu sei pra quem você usa isso*.

De tarde, ele junta todas as armas e começa a limpá-las.

– Você…

– Não, eu não me lembrei – diz ele. – Mas deu vontade.

– Vontade – repito.

Fico vendo-o polir e lubrificar, tentando não dar um pulo a cada ruído de metal retinindo. Meu entendimento é que a Guilda Hällsing não microgerencia seus caçadores e que cada um pode ter sua arma de preferência. Ou cinco. Considerando que prata, estacas de madeira no coração e pratos muito cheios de alho do Olive Garden não têm efeito sobre nós e que só o sol pode nos matar de verdade, os caçadores inteligentes (para meu constante desespero, Lazlo é um deles) costumam priorizar ferramentas que nos incapacitem. Bolas de aço nos fazem cair e podem nos amarrar, enquanto lâminas podem cortar membros e dificultar a fuga. Como Lazlo já fez as duas coisas comigo *múltiplas vezes*, não consigo não me assustar quando ele pergunta, enquanto afia uma arma:

– O que eu faço, Ethel?

Eu me obrigo a me acalmar.

– Já falei, você…

– Ethel. – Ele sustenta o meu olhar, ainda afiando a adaga com movimentos precisos. – O que eu faço *de verdade*?

Mordo o lábio. Vou ter que mentir para ele de novo. Quando exatamente isso começou a parecer tão abominável?

– Você tem razão. Eu não falei a verdade. O motivo de nós nos conhecermos é que…

Ele me encara com paciência.

– Você é contador, Lazlo. Você faz o meu imposto de renda.

Ele suspira. Balança a cabeça, mas a boca treme.

– Agora eu me lembro por que nós estávamos naquele prédio.

– Lembra?

– Aham. Pra avaliar as suas deduções.

– Exatamente.

Ele me olha achando graça. Olho para ele do mesmo jeito. E, quando não suporto mais a tensão, pergunto:

– Quer jogar baralho?

Ele guarda a faca na hora, como se fazer uma atividade comigo fosse a única coisa que ele já quis, e é… Legal, de certa forma. Agradável. Não o que eu costumo fazer durante o dia, que é… talvez não solitário, mas definitivamente um tempo só meu.

Isso é diferente. Jogar baralho com Lazlo. Vê-lo perceber que:

– Está nítido que nós dois somos pessoas *muito* competitivas.

Rindo.

Posso encontrar o meu sentido para a vida. Posso encontrar a minha alegria. Mas há uma felicidade diferente nesse companheirismo. É como a brisa aumentando antes de uma tempestade.

É possível que eu seja, como a abadessa disse, apenas uma garota fantasiosa e fácil de distrair. Mas, pela primeira vez em quase um milênio e meio, eu me esqueço de prestar atenção na passagem do tempo e não sinto necessidade de sair de casa às pressas no exato momento em que o sol se põe.

CAPÍTULO 9

A reação de Lazlo às crianças usando fantasias, aos adultos dando doces e às lanternas de abóbora emanando uma luz dourada calorosa pelo bairro é um meneio de cabeça. Não sei se ele se lembra o que é o Halloween ou se acha que isso é o que acontece toda noite no West Village, mas ele gosta, e não consigo deixar de rir.

– Que dentes afiados vocês têm – diz ele para um grupo de pequenos vampiros que estendem as cestas para ele.

Ele distribui um pouco do dinheiro que eu encontrei no bolso de trás da calça jeans dele antes de lavá-las: todas notas de cem dólares.

Peço desculpa discretamente para as mães perplexas das crianças e puxo Lazlo dali às pressas.

Meu povo está muito representado na escolha de fantasias deste ano, o que não é nada surpreendente. Olho para Lazlo e me pergunto se aquilo desperta alguma lembrança, mas ele só diz:

– Estou com fome.

Ele come um cachorro-quente. E maçã do amor. Em momento algum ele pergunta se estou com fome ou se quero um pedaço.

Acho que ele não quer mais ouvir minhas mentiras. E acho que prefere que eu fique calada em vez de mentir. Então, faço isso. Quando um grupo sexy de Geleias dos Caça-Fantasmas tenta passar entre nós, ele segura a minha mão para me puxar para mais perto e não solta nem mesmo quando uma cartomante tenta nos vender uma leitura de casal.

– Não somos um casal – explico, na mesma hora em que ele proclama altivamente:

– Eu sou homem e faço a minha sorte.

Os olhos da cartomante pousam diretamente nos dedos dele fechados nos meus.

– Não importa – diz ela. – O destino de vocês já está entrelaçado.

Eu amarro a cara e deixo Lazlo me levar para a noite enquanto vemos as pessoas mudarem de crianças adoráveis para adultos com fantasias minúsculas bebendo misturas alcoólicas questionáveis.

– Gostei – diz ele quando entramos em uma viela estreita e quase vazia para fugir do fluxo de pessoas. – Vamos fazer isso mais vezes.

– O Halloween é só uma vez por ano – digo, me encostando na parede. – No ano que vem, você vai ter lembrado o suficiente de quem você é pra passar com… com a pessoa que você costuma passar.

Ele me olha achando graça de forma paciente, com os braços cruzados. Chega mais perto.

– Conta logo, Ethel.

– Contar…?

– O que nós somos.

Eu me empertigo um pouco.

– Nós somos *pessoas*. Achei que você soubesse disso.

– O que nós somos um pro outro – esclarece ele, com um tom de *Pare com isso, Ethel, não seja estúpida* que deveria me ofender mais.

Mas eu *estou* sendo estúpida. E ele está sendo incrivelmente tolerante.

– Devo redefinir *nêmesis de trabalho* pra você? – pergunto com malícia.

O sorriso dele só se alarga.

– Eu acho que você também está cansada.

– De quê?

– Das mentiras.

Olho para os meus sapatos. Olho para a frente.

– Como você tem tanta certeza de que…

– Já falei, Ethel. Eu sei o que sinto por você. E sei como você se sente também.

– E o que seria…

Ele se inclina na minha direção tão lentamente que eu até poderia fazê-lo parar, mas não consigo nem conceber fazer isso… nem antes de os lábios dele tocarem nos meus nem depois.

Eu já beijei e fui beijada por muita gente. Mas nenhuma que era fundamentalmente, num nível atômico, como eu. Nenhuma cujo toque, cheiro e corpo eu tivesse conhecido ao longo dos séculos, por meio de infinitas batalhas e quase fins. Nenhuma que fosse sequer *parecida* com Lazlo.

Esse é o problema, eu acho. Depois de um tempo neste planeta, é raro vivenciar sensações novas. Mas nada nunca foi tão bom quanto a perna de Lazlo entrando no meio das minhas e me prendendo na parede. Quanto o calor das mãos dele se apoiando na minha cintura e na minha nuca para me puxar para si. Quanto a língua deslizando na minha sem hesitar.

Eu não *consigo* fazer a gente parar. Na verdade, eu levanto a mão, agarro a camisa dele e aprofundo o beijo. Eu me encosto no corpo dele e escuto o gemido leve e satisfeito que ele solta. Esfrego o ponto central das minhas sensações na coxa dele enquanto ouço sua respiração hesitar no meu ouvido,

e ele diz:

– Ethel.

Esse não é meu nome real. Não o que o Lazlo real, o Lazlo que lembra, gosta de usar. E isso, enfim, é o balde de gelo de que eu preciso.

Eu o empurro para longe com as duas mãos no peito dele. Ele cambaleia para trás, ofegante, com uma expressão meio de prazer, meio de revolta.

Merda.

– Não, eu… Não. – Eu balanço a cabeça. – Isso é errado. Eu não posso fazer isso com você.

Ele franze a testa.

– Você não precisa fazer nada. *Eu* faço as coisas. Com *você*.

– Você… – Quero esconder o rosto nas mãos. – Você nem sabe quem *eu* sou. Não se lembra de quem *você* é. Isso é… Eu estou basicamente te enganando e…

– Eu sei disso. Você é estranha. E mente muito mal e não é boa em guardar segredos. Mas eu não me importo.

– Pois *deveria*. Você não pode consentir em estar com uma pessoa que não foi sincera sobre a própria identidade e…

– Não tem nada que eu possa descobrir sobre você ou sobre mim que pudesse me tirar mesmo que um pouquinho da vontade de fazer isso. – O tom dele é arrogante e seguro e não aceita discussão.

Eu odeio.

Infelizmente, consigo me ver amando.

Ele chega perto de novo.

– Eu sei que já fizemos isso, Ethel.

– Não. Não fizemos. Como você…?

– Eu conheço o seu cheiro. Conheço a sua pele. Seu cabelo. Tudo é familiar. Eu sei de cor. E eu sonho com você… com isso. Tantos sonhos, todos tão diferentes que devemos ter feito isso um milhão de vezes, de um milhão de formas diferentes. Me conta o que você está escondendo de mim, vamos acabar logo com isso, depois vamos fazer isso mais um milhão de vezes. – Ele para quando um homem mascarado e embriagado tropeça na nossa viela. – Agora não – ordena ele ao intruso antes de se virar de volta para mim.

– Na verdade, senhor – digo, num tom estridente, em pânico, querendo encerrar a conversa –, este lugar é todo seu. Meu amigo e eu estávamos nos preparando para ir cada um para o seu lado.

Lazlo revira os olhos, mas o homem de máscara de Edward Cullen agradece e se aproxima.

É nessa hora que uma coisa começa a me incomodar. Tem uma familiaridade estranha no gingado dele. Na graça dos movimentos. Na velocidade do…

– É você – sussurro.

Mal tempo tenho de empurrar Lazlo para longe quando o vampiro que tentou me matar duas noites atrás me ataca de novo.

CAPÍTULO 10

Eu talvez tenha sido otimista demais em relação à morte do Vampiro Babaca Adolescente. Nesse sentido, a multidão de Halloween é, ao mesmo tempo, uma bênção e uma maldição.

Por um lado, a música alta e a atmosfera festiva são barulhentas a ponto de encobrir os sons da nossa luta, o que garante que as pessoas não vão interferir e virar picadinho por acidente. Por outro, significa que estou por minha conta. O que é um problema, considerando que, apesar da minha primeira impressão dele, o vampiro que está tentando me matar é muito, *muito* forte.

Quando nos encontramos antes, no Central Park, ele devia estar ferido. Ou faminto. Agora está recuperado, e o ataque dele está ficando cada vez mais difícil de rebater. Ele me ataca em silêncio, com precisão, sem o descuido de duas noites atrás. Ele não é da minha linhagem, mas, com um poder desses, preciso apagar minha avaliação do Babaca Adolescente e admitir que ele deve ter pelo menos a mesma idade que eu.

Somos páreo um para o outro *nesse nível*.

Enfio minha adaga nele e tento superá-lo de uma vez por todas, soltando um grunhido frustrado quando ele me desarma. Um grupo de adolescentes passa pela entrada da viela, olha para o contorno dos corpos em luta e solta ruídos lascivos e sugestivos.

– Vão pro motel, otários!

Pode parecer que estamos nos pegando, mas eu só quero tirar o vampiro de cima de mim e dar uma olhada em Lazlo, que não se levantou desde que eu o empurrei na parede.

Boto toda a minha força em um empurrão poderoso e consigo jogar o

Babaca Adulto dentro de uma caçamba de lixo. Como ele não sai imediatamente, aproveito um segundo para correr até Lazlo e me ajoelhar ao seu lado enquanto tiro o cabelo da testa dele.

Ele está inconsciente, e meu estômago despenca. Eu sei que ele não pode morrer, não disso. Mas ele pode esquecer ainda mais. O cérebro dele está claramente suscetível a… qualquer coisa, na verdade, e um aperto atravessa meu peito, uma mistura de preocupação e arrependimento e algo que se parece muito com desespero.

– Você está bem? – Eu o sacudo, mas nada acontece. – Lazlo? Eu…

Sinto uma mão com garras segurar as costas do meu suéter e me puxar. O mundo vira de cabeça para baixo e, um instante depois, o vampiro está em cima de mim.

– Você está no meu território – rosna ele, com os lábios e a língua cortados pelos próprios dentes.

Seus olhos estão completamente leitosos, com exceção das pupilas.

Eu estava enganada. Ele não é adolescente e não tem a minha idade. Esse vampiro tem pelo menos um milênio a mais do que eu. O poder dele é instável e impossível de prever. Essa percepção me atinge quando ele rasga minha jugular com um golpe rápido das presas, fazendo meu sangue jorrar.

A dor me eviscera, e eu grito. Meu pescoço lateja como se estivesse pegando fogo.

Ele é *ancião*. É por isso que consegue me enfrentar com tanta facilidade. Tento chutá-lo para longe, mas ele me prendeu com o corpo por cima do meu.

– Qual é o seu problema? – sibilo para ele.

– Você devia ter ido embora quando teve chance.

– Vai se foder. Eu cheguei aqui primeiro.

O sorriso dele parece de um tubarão, como se todos os dentes fossem caninos.

– Vai sair primeiro também.

Ele abre a bocarra, a saliva e o sangue misturados quando ele curva a cabeça para atacar minha veia de novo e…

Sai rolando.

A cabeça dele.

Balança no pescoço do vampiro, pende para a frente e *sai rolando*.

Ele desaba em cima de mim em uma poça de fluidos viscosos. Empurro o corpo para longe, sentindo o cheiro metálico de sangue se misturando com a doçura podre do lixo atrás de nós, e me levanto antes que fique encharcada com os fluidos dele.

– Mas o que…

É nessa hora que eu reparo que Lazlo recuperou a consciência. Ele está atrás dos restos do Babaca Ancião com uma adaga na mão. Mas não está olhando para o resultado do que fez.

Não. Está olhando para *mim*.

Obrigada, quero dizer. E: *Você está bem?* E: *Ele ainda não morreu. Nós temos que expor todas as partes dele ao sol.*

Mas tem uma luz nos olhos dele, nova e antiga ao mesmo tempo, que me diz que não há necessidade de explicar nada. Ele já sabe tudo isso. Matar vampiros é a segunda natureza dele. Talvez a primeira.

Abro a boca. Mas, sem saber o que dizer, eu a fecho. De repente, sinto

vontade de chorar, mas não sei bem por quê.

Até que Lazlo diz:

– Aethelthryth.

Meu nome. O que a minha mãe me deu. Provavelmente porque era modinha na época, mais de mil anos atrás.

Só pode significar uma coisa.

É por isso que, sem dar aviso nenhum, eu parto para cima de Lazlo Enyedi e começo a atacá-lo.

CAPÍTULO 11

Ao longo dos séculos, eu lutei contra Lazlo mais vezes do que consigo contar. Se tem uma coisa da qual tenho certeza é que, quando se trata de força física e habilidades de luta, eu e ele somos similares.

É por isso que não faz sentido que só alguns segundos tenham se passado entre o momento que começo a correr na direção dele e o que a lâmina da minha adaga toca na tatuagem do pescoço dele.

Claro, ele está meio abalado. Mas eu ainda estou sangrando profusamente no local onde o vampiro me mordeu, o que significa que *nós dois* estamos em mau estado.

Mas aqui estou eu. Olhando para ele com a faca no pescoço dele, prendendo o corpo maior na parede sem dificuldade. Eu finalmente tenho a oportunidade de arrancá-lo da minha vida de uma vez por todas.

Seria tão, *tão* libertador. Poderia levar cinquenta, até cem anos para que a Guilda encontrasse outra pessoa para caçar a minha linhagem. Eu ganharia décadas sem precisar ficar alerta. Sem precisar me mudar para um novo continente porque meu esconderijo foi descoberto. Em *paz*.

Mas eu hesito.

Mate-o. Agora. Ele não é a pessoa que roncou no seu ouvido às duas da madrugada. Que fingiu não entender as regras de buraco quando você começou a ganhar dele. Ele não é o homem que te beijou. Ele não teria feito nada daquilo se lembrasse o que você é. Ele te acha repugnante. Ele te odeia. O propósito de vida dele é te eliminar, o que…

Não explica por que os olhos dele, de repente, parecem tão suaves. Nem o fato de que, em vez de me empurrar para longe, em vez de reagir com as próprias armas e a própria força, ele me toca com carinho. Sua mão aninha

meu rosto, e ele passa o polegar levemente na minha bochecha.

– O que você está…? – Minha voz treme. Não consigo terminar a pergunta.

– Aethelthryth – diz ele com calma. A voz está como antes do ataque, mas completamente diferente. Ele *é* o homem que salvou a minha vida dois dias atrás, o homem que me beijou, o homem que arrumou a bagunça que eu fiz na cozinha, mas também é algo mais. – Se você quiser me matar, eu não vou te impedir. Mas, primeiro, preciso que você me conte uma coisa.

Eu me sinto desorientada. Como se alguém estivesse me girando vendada para debochar de como eu tropeço e caio de joelhos. Devo estar deixando passar alguma coisa. Não sei por que o deixo chegar ainda mais perto de mim, os movimentos fazendo a minha faca apertar a garganta dele e romper a pele. O cheiro do sangue me preenche, provocantemente doce. Seus lábios encontram meu ouvido, e ele pergunta:

– Pra onde você acha que eu vou quando morrer?

E é a minha vez de lembrar.

CAPÍTULO 12

Sua Excelência, Duque Aurelio Corsino, foi, para fazer jus ao título, um homem excelente.

Excêntrico também. Eu o conhecia havia cerca de cinquenta anos e não fiquei nada surpresa quando, três meses após sua morte, suas filhas decidiram dar um baile de máscaras em homenagem a ele.

Era, sem a menor sombra de dúvida, o que ele ia querer.

O duque e eu nos conhecemos quando ele era criança. Ele estava viajando pelo campo florentino, a caminho de uma excursão pelos Apeninos, quando ele e seus acompanhantes foram atacados por um grupo de bandidos. Normalmente, eu não teria interferido em questões da aristocracia humana. Mas estava escurecendo, e eu estava com fome. O duque podia não ser meu amigo, mas eu não aprovava aquela gangue. Torturar cerca de vinte pessoas com prazer quase orgástico era, no mínimo, de muito mau gosto.

Então eu matei uns cinco ou seis foras da lei, bebi deles até bem depois do momento da saciedade e, quando o último corpo esvaziado caiu no chão, reparei que nem todo mundo do grupo ducal estava morto como eu tinha pensado.

– Obrigado – me disse um garoto novo, com a voz surpreendentemente firme. Ele não podia ter mais do que 7 ou 8 anos. Ele deveria estar gritando pelas colinas da Toscana. Mas ele segurava a mão de um cadáver feminino que esfriava rapidamente. – Eles foram muito maus com a minha babá. Fico feliz que você tenha sido má com eles.

O argumento fez sentido para mim, e eu estava cheia demais de sangue, de uma forma tão agradável, para sentir pânico de ser descoberta. Na noite

enluarada, vi um brilho de lágrimas desafiadoras nos olhos do garoto e passei a gostar dele.

Então perguntei:

– Quer que eu te leve até sua casa?

– Por favor, minha senhora.

E foi isso. Quando o deixei em frente aos portões do *palazzo*, ele perguntou se eu ia voltar.

– Por favor – acrescentou ele, e só por causa disso eu prometi que sim.

Quando ele fez 15 anos, eu o visitei, convencida de que ele teria me esquecido. Mas ele se lembrou e me recebeu na corte. Ele nunca me pediu explicação dos meus atos e da minha natureza. Nunca mencionou o que tinha visto, nem minha juventude extraordinária e infindável.

Mas ele sabia que eu não era como ele. Ele me fazia perguntas sobre história e o sentido da vida. Buscava a minha companhia e a minha conversa. Ele me ofereceu amizade e proteção sem exigir nada em troca.

Foi revigorante. Ao longo dos séculos, houve uns poucos humanos a quem mostrei minha verdadeira natureza. Infelizmente, ao ficarem de cara com a realidade da imortalidade, as pessoas a consideravam um símbolo do mal ou exigiam o mesmo para si. Não o duque, que sabia quem eu era e não ofereceu nada além de aceitação, o que me fez sentir como se eu fosse mais do que uma assombração.

Eu o amava muito e sabia que sentiria falta dele. Portanto, o mínimo que eu podia fazer era botar uma máscara tradicional de colombina nos olhos, aparecer para o baile que as filhas estavam dando em homenagem a ele e ver os convidados se embebedarem enquanto contava histórias impróprias sobre a vida dele.

– Você era amiga pessoal do duque? – perguntou uma voz grave, em italiano, mas com sotaque. Alguém que tinha vindo de longe para prestar suas homenagens.

Eu estava encostada na parede de pedra do grande salão. Quando me virei, vi um homem alto de costas largas que eu não tinha notado antes. Ele estava usando uma capa cinza-chumbo, um tricorne combinando e uma máscara veneziana que cobria o rosto todo.

Meu primeiro instinto foi inexplicável, mas muito claro: pedir licença e me afastar. Voltar para a hospedaria onde eu já tinha decidido que passaria o dia. Mas foi só isso: instinto. Durou uma fração de segundo, mas logo foi descartado.

– Sim. E você?

Ele assentiu, mas disse:

– "Amigo de um amigo" talvez seja uma definição mais adequada. Você devia conhecê-lo melhor do que eu.

Sorri ao mesmo tempo que uma pontada de tristeza se espalhava pelo meu peito.

– Ele era um homem muito gentil. Coisa rara.

– Homens gentis?

– Gentileza em geral.

A banda, que incluía um alaúde, um cravo e uma viola, começou a tocar uma linda canção lenta, com a intenção clara de que os convidados dançassem uma sarabanda. Quando o homem me ofereceu a mão, hesitei por um instante, surpresa. Os passos que eu tinha aprendido já deviam estar uma ou duas décadas atrasados, e era improvável que eu conseguisse

acompanhar o resto dos dançarinos.

Por outro lado, o duque acharia uma graça danada na confusão que eu causaria.

– Será um prazer – falei, sorrindo.

Ficou óbvio desde o começo que eu deveria ter recusado. Mas metade dos presentes tinha bebido demais, e o homem me guiou pelos passos até eu ser um desastre não tão grande, as mãos seguras me mostrando a direção certa. Uma vez eu até o senti segurar minha cintura para me impedir de esbarrar com uma jovem vestida de arlequina. Talvez eu devesse ter me surpreendido com a ousadia, mas não passou pela minha cabeça. Quando foi a vez do casal ao nosso lado de se apresentar, ele perguntou baixinho:

– O duque era seu amante?

Havia certa impropriedade na pergunta, mas supus que o homem estivesse embriagado ou apenas honrando o costume italiano de ser intrometido. Fosse o que fosse, não me ofendi. Gostei do tom rouco da voz, da linha dos ombros, das perguntas baixas. Tanto que me vi pensando: Quando foi a última vez que eu tive um amante? *Anos* antes. *Décadas*. E a última vez que eu tinha considerado ter um amante?

– Não. Não era esse tipo de relação. Ele era mais especial do que isso pra mim.

– Um amigo não pode ser mais especial do que um amante.

Eu me virei para olhar para o homem – inútil, considerando que eu não conseguia vislumbrar um único centímetro de pele, o que tornava impossível avaliar sua intenção. Além disso, eu não podia contar por que o duque era uma presença tão única na minha vida. Ainda assim, tentei explicar.

– Algumas vidas são invisíveis. Não detectadas pela maioria. E, quando aparece uma pessoa que vê essas vidas pelo que são, que aceita a realidade delas, que lembra às pessoas que há valor em jeitos diferentes de existir… Um minuto disso vale mais do que mil noites com um amante. Você não concorda?

Era nossa vez de dançar de novo, mas, quando dei um passo à frente, o homem ficou parado no lugar. Mesmo quando eu me virei e estendi a mão para lembrá-lo da nossa vez, ele permaneceu imóvel. Na sombra da máscara, os olhos estavam escuros e inescrutáveis.

– Está tudo bem? – perguntei.

Mas ele não respondeu. Nem se mexeu. Apenas falou:

– Para onde você acha que ele foi?

– Quem?

– O duque. Onde você acha que ele está, agora que morreu?

– Ah.

Ponderei por um instante. A verdade era que eu não tinha ideia. Alguns podem supor que a imortalidade ofereceria um insight da vida após a morte, mas esse não era meu caso. Eu não tinha ideia se algo existia além do plano atual. Se existisse, eu duvidava que fosse receber gente como eu. Os *amaldiçoados*.

– Não sei. Mas não creio que isso importe.

– Não?

Balancei a cabeça.

– O duque era um homem gentil que conquistou o amor e a gratidão de muitos. Ele vai viver pra sempre nas lembranças dos que ficaram. Eu vou me

lembrar dele enquanto estiver viva, e, enquanto eu carregá-lo no coração, ele vai estar aqui. Conosco.

Sorri para o homem, mas ele não sorriu para mim. E, quando me virei de costas, ele desapareceu na noite.

CAPÍTULO 13

Não fico surpresa em ter demorado tanto tempo para fazer a conexão entre aquele homem no baile e Lazlo.

Sim, a máscara tatuada no coração dele é uma cópia exata da que ele usava. Mas eu vivi incontáveis vidas, e objetos tendem a sumir da minha mente com mais rapidez do que pessoas e experiências. Na verdade, eu pensei muito pouco sobre nossa conversa nos jardins do prazer nos últimos séculos, e nunca além da fagulha ocasional deixada por uma conexão dispersa. Uma impressão de arrependimento. A sensação de oportunidades perdidas.

Nada de muita importância.

Meu braço cai para o lado do corpo, dou um passo para trás e quase tropeço no corpo já em regeneração do vampiro. Lazlo só me olha e limpa o sangue que escorre do corte superficial no pescoço. A postura dele é despreocupada, quase relaxada.

Passo a mão na minha ferida e sinto a pele cicatrizando rapidamente.

– O que você estava fazendo lá? – pergunto, ainda tonta. O desfile está a toda, com o som dos metais e os gritos, interrompidos pela gravação ocasional de melodias sinistras de órgão. – Duas noites atrás, quando você me salvou. Como soube que eu estava em perigo?

Ele me olha em silêncio, de um jeito que exige saber: *Se você não é burra, por que está agindo assim?* Ele se ajoelha para cuidar do corpo do vampiro, baixando a cabeça como um soldado que está sendo nomeado cavaleiro.

Mais uma vez, ele está se colocando à minha mercê. Ele agora lembra quem eu sou, quem *ele* é, mas não faz nada para se proteger de mim.

– Eu acho que você sabe – diz ele. – E, se não sabe… sei que pode

descobrir.

Eu engulo em seco.

– Há quanto tempo você…?

– Um tempinho.

Balanço a cabeça, incrédula.

– Você… você vai ter que ser mais específico.

Eu o vejo cortar o vampiro em pedaços menores com facilidade, tão pequenos que ele não vai conseguir se regenerar antes do amanhecer.

– Sobre o quê?

Com um ar de desgosto e um movimento pragmático de ombros, ele chuta os pedaços para o local que o sol vai atingir assim que nascer.

– Eu… Sobre tudo.

Ele dá um suspiro profundo, como se a minha incapacidade de ler a mente dele fosse uma inconveniência, mas com a qual ele vai tentar lidar por causa da gentileza do próprio coração. Ele olha para o trecho do festejo que dá para ver da viela e depois volta a olhar para mim.

– Acho que aqui não é o melhor local pra fazer isso.

– Onde, então?

– Eu tenho um lugar.

– Aqui? Em Nova York?

Ele assente.

– Onde?

O sorriso dele é sutil e melancólico.

– Pertinho do seu, na verdade.



Pertinho acaba sendo eufemismo. Ele mora quase em frente ao meu prédio, só há uma rua estreita entre nós.

Paro na porta, um pouco atordoada, e não o sigo para dentro, mesmo quando ele me olha com aquela expressão meio reprovadora e meio impaciente da qual estou passando a gostar demais.

– Se eu te quisesse morta, você estaria morta.

– É muita presunção sua. Você poderia tentar, mas eu…

– Aethelthryth – diz ele, taxativo. Cansado também.

Eu pigarreio.

– Não posso.

Ele franze a testa.

– Eu não posso entrar – explico. – A menos que faça um convite formal. *Verbalmente*.

Ele arregala os olhos, como se Lazlo Enyedi, caçador extraordinário da Guilda, tivesse se esquecido de uma das nossas limitações mais perigosas.

– Verdade. Foi mal. – Ele faz uma pausa. – Aethelthryth, nada me faria mais feliz do que ter você aqui comigo ou em qualquer outro lugar que eu chame de casa enquanto eu viver. Por favor, entre.

Tento não fazer um ruído de surpresa, mas é aquele tipo de convite incrivelmente difícil de recusar e, por isso mesmo, estúpido de se fazer. Ele deve saber disso.

De repente, entrar parece perigoso por uma nova série de motivos.

Eu entro mesmo assim.



Lazlo não conseguia ver meu apartamento da casa dele, e duvido que ele passasse os dias observando cada movimento meu. Mas ele tinha vista da minha escada de incêndio, e não consigo deixar de repassar mentalmente todas as noites que passei sentada lá, olhando para o céu e para a cidade abaixo.

– Quanto tempo?

– Hummm?

Na cozinha, ele tira o suéter e vai lavar o excesso de sangue.

– Há quanto tempo você mora aqui?

– Para com isso. Você sabe.

Claro.

– Por quê?

– Por que não? – Ele dá de ombros. – Eu tenho muito tempo livre. Bem poucos interesses. Só um, na verdade. – Ele olha para mim.

Ele está falando de você, grita uma voz redundante e irritante na minha cabeça. Tenho vontade de dar um soco nela.

– E… matar vampiros? Você não devia… Eu sou a última da minha linhagem?

– Não. Tem mais duas. Mas elas são como você.

– Como eu?

– Selecionam o alimento com cuidado. Não matam mais inocentes.

Ainda não faz sentido.

– Desde quando a Guilda Hällsing passa pano pra vampiros éticos?

– Desde nunca, acredito. Mas eu não teria como saber. Parei de trabalhar

com eles já faz um tempo.

– Ah. – Inclino a cabeça. – Eu achava que caçadores não podiam fazer isso. Se aposentar.

Ele fecha a torneira e se vira para mim, encostado na bancada, me dando uma visão ampla da máscara de colombina no peito nu.

– Não podem. Caçadores ficam sendo redesignados pra novas linhagens até morrerem. Alguns tentaram sair, mas a coisa costuma ficar feia. A Guilda não é um ex-empregador muito benevolente.

– Então por que deixaram *você* sair?

– Não deixaram. Quando eu saí, eles mandaram gente atrás de mim.

– E?

– E eu mandei todo mundo de volta.

– Com uma recusa educadamente redigida ao pedido de retorno?

– Cortando a cabeça deles. – Outro dar de ombros. – Eu não *escolhi* me tornar caçador. Eu era o filho mais novo de pais pobres, e eles me venderam pra Guilda pra alimentar meus irmãos mais velhos. Nada foi explicado pra mim. Eu fui moldado, treinado e instruído a matar o que descreveram como uma horda de monstros feitos à imagem do diabo e que ameaçava a existência da humanidade. Mas, quatro séculos atrás… as coisas mudaram, e eu não quis mais ser parte disso. Eu saí. A Guilda tentou me punir, mas, depois de um tempo, eles perceberam que nenhum caçador era poderoso o bastante pra me enfrentar e desistiram. Não restaram muitos vampiros, e eu só quero cuidar da minha vida. Posso ser uma ponta solta pra eles, mas sou uma ponta solta inofensiva.

Quatro séculos atrás. No século XVII.

Quando aconteceu o baile de máscaras.

Não consigo enfiar isso na cabeça.

– Então nós conversamos sobre o sentido da vida ou alguma outra merda dessas em um baile, e você se divertiu e mudou de ideia sobre matar vampiros porque… – Eu engulo em seco. – Porque de repente você me achou uma gracinha, sei lá?

– Eu não te achei *nada* de repente. Eu sempre soube que você era… uma gracinha. – Os lábios dele se repuxam, como se fosse a primeira vez que ele usasse a palavra em todo o tempo de vida e o gosto fosse meloso demais na boca. – Você nunca foi… isso pra mim. E, não, esse não é o motivo.

– Então qual…

– Eu passei anos matando a sua espécie. Aí, no baile, eu troquei algumas palavras com você. E, pela primeira vez desde que virei caçador, eu percebi que você não era tão desalmada quanto tinham me ensinado. Você era racional. Tinha sentimentos. Você pensava em mais do que apenas os seus desejos. – Ele cruza os braços, sem remorso. – Aí eu decidi fazer a minha pesquisa.

– Que seria…?

– Você pareceu sábia. E interessante. Mas, no começo, eu não pretendia te poupar. Só queria te observar. E aprender mais.

– E?

– Eu observei. Sempre de longe. E havia muito a estudar. Eu descobri que você não matava indiscriminadamente. Que ajudava pessoas fracas a carregarem sacolas pesadas. Que compartilhava seu dinheiro e defendia inocentes e se ofereceu pra passear com o cachorro da vizinha quando ela quebrou o quadril.

Meu Deus. Ele está falando da Sra. Cole e de Pumpkin, nos anos 1930.

– Era um cachorro muito fofinho – digo, atordoada.

Lazlo é tão indecifrável que não sei dizer se ele tem a mesma opinião que eu sobre os lulus-da-pomerânia.

– Eu observei você e seus atos simples de gentileza. Eram pequenos, mas faziam toda diferença pra quem os recebia. – Ele faz uma pausa por um instante, como se me esperasse protestar, revirar os olhos, gritar com ele por me espionar durante séculos. Mas eu não tenho motivo pra fazer nada disso, portanto ele continua: – Eu tinha sido criado pra… Tinham dito pra mim que os vampiros eram prejudiciais a este mundo. Mas ficou óbvio que você tornava a vida dos outros mais fácil. E, olhando pra você, eu não podia deixar de pensar que o mundo estava melhor. Porque *você* estava nele.

– Mas você ainda tentou… – *Me matar*, eu quero dizer. Porque ele tentou. Durante séculos. Várias vezes.

– Depois que formei a minha opinião sobre você, eu me concentrei no resto da sua linhagem. Duas outras mulheres que, como falei, não fazem mal a inocentes. Eu decidi poupar as duas também. Mas, depois disso… – Pela primeira vez, sinto alguma hesitação. Como se ele não estivesse muito à vontade com o que vem agora. Algo mais difícil de admitir. – Eu senti saudade de você. De te observar. De ficar de olho em você. Eu simplesmente… gostava de você. Era um sentimento novo pra mim, o de querer conhecer alguém. O de querer ser conhecido por quem eu sou de verdade por essa pessoa. Então eu tentei fazer isso.

– Você tentou… o quê?

– Falar com você. Explicar que eu não queria mais te matar.

– Quando?

– Na Itália. Depois, em Derbyshire, no século XIX. Na Turquia, alguns anos depois. Na Tailândia e na Indonésia. Algumas outras vezes também.

Eu me lembro. Ou, mais precisamente: eu me lembro dele indo atrás de mim em todos esses lugares. Mas, claro, eu achei que fosse parte do trabalho de um caçador. Não que ele estivesse tentando… o quê? Tentando me conhecer melhor?

– Você me esfaqueou. Tem pouco tempo, em Berlim.

Ele ergue as sobrancelhas.

– E você me empalou na Colômbia. Aethelthryth, pra pessoas como nós, isso é o equivalente a um beliscão. E, depois de um tempo, te caçar virou o único jeito de ficar perto de você. Eu queria estar com você, mas só podia fazer isso como o caçador encarregado de pôr um fim à sua linhagem. – Ele olha pela janela. – Eu me dei permissão pra me mostrar pra você uma vez por década. E, no tempo restante, eu só fiquei por perto. Cuidei pra que você ficasse bem. Não que você já não tenha provado um monte de vezes que sabe se cuidar, mas…

Ele dá de ombros de novo, e, pela primeira vez desde que me tornei vampira, eu entendo uma coisa muito importante.

Posso não *precisar* respirar, mas ainda preciso *conseguir* respirar. E, neste momento, não consigo.

– Basicamente, você tinha um crush em mim – eu resumo com a voz rouca.

Depois de vários instantes, ele assente.

– Acho que sim. Não era… sexual. Não no começo. Mas aí… – Ele parece envergonhado. – Eu gostei muito de você. Como pessoa. Como mulher. Você é linda. E, sempre que estávamos perto um do outro, apesar de

haver violência envolvida, sentir você era… bom. – Eu me pergunto se estou imaginando o leve rubor nas bochechas dele. – Eu não te conheço bem, Aethelthryth, mas te conheço melhor do que você me conhece. E ontem de manhã, mesmo depois que acordei e não consegui me lembrar de nada, tudo que eu sentia por você estava… presente. E ainda está.

Ainda está.

Ele não pode ter dito… Não.

Porque:

– Você é um caçador de vampiros.

– Aposentado.

– Então o que… o que você quer fazer? Agora que… O que você…?

Ele pigarreia.

– A decisão é sua, Aethelthryth.

Ah, meu Deus. É.

É *mesmo*.

E, de alguma forma, apesar de isso tudo ser bem estranho, é a decisão mais fácil que já precisei tomar.

– Eu… eu acho que você tem uma vantagem. E você sabe coisas sobre mim. Que eu… não sei. Sobre você, entende? E é justo que… – Fecho as mãos nas laterais do corpo, meio tonta. Lentamente, com segurança, uma ideia se forma na minha cabeça. – É justo que eu passe tempo com você. E que fiquemos quites.

Ele fica paralisado, como se o que eu acabei de falar tivesse detonado um milhão de bombas no cérebro dele. Mas assente com cuidado, como se não quisesse me assustar.

– Será que a gente pode…? Amanhã à noite, por exemplo? Se encontrar? E conversar? Mas vou precisar ir embora agora. Eu sangrei muito, o que significa que vou ter que me alimentar logo, então vou ter que encontrar alguém que…

– Eu ajudo – diz ele de repente.

Dou uma risadinha.

– Você tem dica de alguém bem lixo?

– Não – responde ele. Mas se vira, abre uma gaveta e pega uma faca afiada e brilhante. Antes que eu entenda o que ele vai fazer, ele fecha a mão na faca e permite que a lâmina faça um corte fundo. – Mas fico feliz em te dar o que você precisa.

Minha coluna e o resto das minhas terminações nervosas se liquefazem.

Sinto meu corpo todo tremer.

Tento me fazer considerar a *impossibilidade* disso: um caçador. Oferecendo *me* alimentar. Uma vampira.

Mas o cheiro do sangue chega às minhas narinas, e eu só consigo correr até ele.

CAPÍTULO 14

Nós esbarramos em várias quinas antes de encontrarmos uma superfície plana, que por acaso é o piso ladrilhado da cozinha dele. Levo a palma da mão de Lazlo à boca, grudo os lábios na ferida que ele criou para mim, *só para mim*, e tomo goles grandes enquanto subo nele e fico montada no seu colo.

É como se ele fosse a minha presa, uma presa que cacei, dominei e capturei. Que decidi guardar para mim.

Pelo jeito como o âmbar das íris desaparece nas pupilas pretas, ele parece não ter objeção nenhuma a isso, mas, para ter certeza de que estamos na mesma página, eu rebolo em cima dele e o vejo se arquear e grunhir como se estivesse com dor.

É. Na mesmíssima.

Sexo e sangue sempre estiveram em dois baldes separados para mim. Prazer e nutrientes. Luxo e necessidade. Diferentes, isolados, coisas que nunca se encontravam. Mas isso… é bom. O gosto do sangue de Lazlo enchendo a minha boca é delicioso, uma nutrição vital, uma droga alucinante na qual já estou viciada. Nunca foi assim para mim, e o motivo fica claro quando tomo outro gole desavergonhado: é a primeira vez que bebo sangue que me dão livremente.

É tão excitante que solto um gemido na mão de Lazlo e o escuto fazer o mesmo. Meu corpo todo vibra de prazer só de pensar… que esse homem quer que eu esteja viva, que eu esteja saudável, quer me oferecer uma coisa pelo simples motivo de se preocupar com o meu bem-estar.

Ele não se importa de eu estar *tomando*. Na verdade, está dizendo coisas em húngaro que basicamente se resumem a *sim*, *sim* e *por favor. Mais.*

Mas ele também ficou ferido, e eu estou bebendo muito. Eu me obrigo a parar, a me afastar da carne dele, e digo:

– Eu não quero tomar demais…

Ele flexiona o abdômen, se senta embaixo de mim e encosta a mão na minha boca, um silencioso *para com essa besteira e toma o quanto quiser.* Eu tomo. Até meus olhos embriagados de sangue e vidrados pousarem nos lábios dele e eu perceber que tem uma coisa pela qual anseio mais do que o sangue dele.

Eu me afasto. Ele me vê lamber os lábios, e o gemido dele é pura agonia.

– Delícia – murmura ele, com a voz rouca e arrebatada.

– Eu… Você… Posso te beijar? Eu talvez esteja com gosto de sangue, então, se você não quiser…

Ele encosta a boca na minha de forma lenta, sensual e profunda. Sinto o gemido de prazer. O corte na palma da mão dele já se fechou, e ele passa a mão na minha bunda, nos meus seios, na minha cintura, enquanto a outra aperta a minha nuca. Nós dois ofegamos, os corpos unidos na maior proximidade possível.

É tudo confuso, descoordenado e diferente de todo o resto. A sensação de tocar e ser tocada por alguém que me conhece e que eu conheço. Alguém que gosta de mim e de quem eu gosto. Alguém por quem eu poderia me apaixonar e que se apaixonaria por mim.

A doçura de tudo isso ruge dentro de mim, e eu a saboreio.

– Você está tão linda – diz ele, o corpo grande roçando no meu, e sinto um formigamento na espinha, o desejo de mais, de sentir sua pele esfregando na minha.

É nessa hora que me ocorre que nós não discutimos nada disso. Eu só… pulei nele. Eu literalmente o prendi no chão e…

Droga.

– Nós não… – começo a dizer. E: – Desculpa. Você só me ofereceu seu sangue, e eu posso ter me aproveitado, e nós não temos que fazer nada. Eu posso parar se você…

Ele se vira até eu estar embaixo dele, e é o *não, porra* mais alto e mais silencioso que eu já ouvi. O chão deveria estar duro e incômodo, mas eu estou líquida embaixo de Lazlo, flexível e maleável, e, se a sensação de me prender o faz perder um pouco a cabeça, o efeito em mim é igual. Um nó de calor e fricção cresce dentro de mim, ultrapassa os pensamentos racionais, e começamos a tirar a roupa um do outro, e ele está me tocando em toda parte, ao mesmo tempo violento e reverente, frenético e respeitador.

– Por favor – suplico. – Por favor, *por favor…*

Ele se roça em mim. A cabeça do pau dele está babando. Ela encosta no meu clitóris e abre um caminho que já está molhado.

– Posso? – pergunta ele.

Eu faço que sim com a cabeça, e ele entra em mim, grande, um pouco rápido demais, incompreensível. Na mesma hora, tudo some. O mundo fica lento. Eu só sinto as batidas do coração dele contra o meu. Os dedos dele tremem no meu cabelo, e as minhas coxas tremem em volta do quadril dele.

Na minha idade atual, eu achava que meu corpo não me surpreenderia mais. Que não me daria novas sensações.

Eu estava enganada.

– Puta merda – sussurra ele, mais para si mesmo.

Ele começa a se mexer, os movimentos ardendo e zumbindo dentro de mim, minha barriga ainda cheia do melhor sangue que eu já tomei, a boca dele na minha dizendo como eu sou perfeita, há quanto tempo ele queria isso, que ele já sabe que vai precisar disso para sempre. O comprimento grosso me preenche, me leva para cada vez mais perto do clímax, até que eu solto um gemido e o aperto em contrações longas e intensas.

Ele goza logo em seguida, com um grunhido grave abafado no meu pescoço.

Eu o aperto enquanto ele recupera o fôlego, e sinto os beijos que ele dá na minha clavícula, nos meus seios, na pele macia embaixo do meu queixo e…

Eu começo a rir. E rir.

E rir.

Lazlo levanta a cabeça para me olhar.

– Fico feliz em ver que você acha hilário o momento mais significativo da minha vida.

– Não, não, eu… Não é… – Tento parar de rir, em vão. – Eu só estava pensando que a gente precisa encomendar uma plaquinha comemorativa. Pra botar aqui, naquela parede.

– Por quê?

– Porque… um caçador e uma vampira. Fazendo isso. Deve ser a primeira vez na história, né?

Ele se curva para me beijar, mas antes eu vejo o sorrisinho em seu rosto.

EPÍLOGO

Ainda estamos construindo uma rotina, Lazlo e eu, mas tudo bem. Estamos no começo, e agora é hora de descobrir do que gostamos… e fazer isso um monte de vezes seguidas.

Juntos.

Nós conversamos. Nos beijamos. Nos tocamos. Viajamos e ficamos em casa. Dançamos. Brigamos. Cozinhamos. Escolhemos livros, filmes e bons poemas. Vemos plantas crescerem e flores se abrirem. Visitamos a natureza, cidades grandes e fazendas rurais, compartilhamos palavras cruzadas, cafés e museus.

Evitamos outros imortais, tanto vampiros quanto caçadores, mas descobrimos que não é muito difícil fazer amizade com vizinhos humanos e gatos de rua. No inverno, nós vamos para o norte, onde quase não tem sol. No verão, vamos para o sul. Chile e Argentina. Mas, no Halloween…

No Halloween, nós voltamos para casa.

Ficamos sentados na entrada. Recebemos crianças pedindo doces. Vemos as festividades. No começo da noite, Lazlo come uma maçã do amor; depois, eu tomo um gole do sangue dele, e o gosto é mais doce do que no resto do ano.

– Você é um vampiro? – pergunto a um garoto com uma capa de veludo linda, e dou uma barra de chocolate grande para ele.

Ele faz que sim com a cabeça, feliz.

– E eu sou caçadora de vampiros – diz a amiga dele.

– Estranho, né? – sussurra Lazlo no meu ouvido, e me puxa para perto do calor sólido do corpo dele.

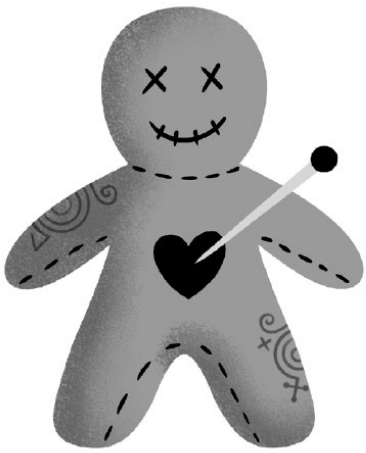
Seus braços longos se fecham em volta do meu tronco, e eu sorrio e penso: *Estranho. Mas coisas mais estranhas acontecem*.

AGRADECIMENTOS

Eu gostaria de agradecer à minha agente, Thao Le, e também às minhas fantásticas editoras, Maria Gomez e Lindsey Faber, e a todas as outras pessoas que me ajudaram a escrever este conto, entre elas a gerente de produção (Jen Bentham), a designer de capa (Elizabeth Turner Stokes), a preparadora (Michelle Hope) e a revisora (Nicole Thomas). Muitos agradecimentos também a todas as outras autoras incluídas na antologia. Acima de tudo, obrigada a Jen pela frase da estaca: você é um gênio, e eu não mereço você.

J.T. GEISSINGER

PEQUENAS MALDIÇÕES PICANTES



Para Jay, meu humano favorito

CAPÍTULO 1

A CASA DE TINTA E SANGUE

Petra

Como todo bom jornalista sabe, o que define o sucesso na profissão não é a credencial de imprensa nem o caderno cheio de rabiscos ilegíveis. O que realmente faz diferença é uma dupla de traços de personalidade indispensáveis: ceticismo e sarcasmo. Eu tinha ambos para dar e vender.

Eram bem úteis quando eu lidava com histórias como a que estava investigando no momento pelas ruas úmidas e sinistras de Nova Orleans.

Meu editor, Shane, queria uma matéria sobre as lendas urbanas mais famosas da cidade para a nossa edição de Halloween. Fantasmas, rainhas do vodu, mansões mal-assombradas… a baboseira de sempre. Shane era obcecado por tudo que fosse sobrenatural e não perdia a chance de me mandar atrás de provas disso.

Sendo uma cética inveterada e orgulhosa, eu estava ansiosa para escrever sobre o *verdadeiro* horror de tudo aquilo: coquetéis caros demais e turistas que achavam aceitável usar colares de miçangas de Mardi Gras em outubro.

O que eu não esperava era *ele*.

Dax Rousseau.

Ele era alto, com um corpo de quem lutava contra demônios por esporte, e tinha cabelo preto como piche combinando com os olhos e a aura geral. Os braços musculosos exibiam desenhos complicados que incluíam símbolos e selos misteriosos que pareciam de outro mundo aos meus olhos leigos.

O jeito como cintilavam na pele dele era distintamente sinistro.

Infelizmente, eu tenho uma queda por tipos altos, de pele escura e com estilo demoníaco. Quanto mais sinais de alerta eles tiverem, melhor. E foi por isso que, desde o instante em que nossos olhos se encontraram, na hora em que cruzei a porta da loja dele, eu soube que estava ferrada.

A Casa de Tinta e Sangue era um nome adequado, no mínimo porque tinha cheiro das duas coisas. Era escura, sombria e quase parecia uma caverna, faltando apenas as estalactites. As paredes eram cobertas de desenhos sinistros. Animais que deslizavam, criaturas com pernas demais, símbolos que pareciam pertencer a um grimório antigo.

Deitado no balcão da frente, um gato preto com olhos dourados me encarou com desprezo, como se soubesse todos os meus segredos.

Dax ergueu os olhos do caderno de capa de couro em que estava desenhando, sentado atrás de uma escrivaninha de carvalho toda marcada. Na fração de segundo em que nossos olhares se cruzaram pela primeira vez, senti uma pontada de reconhecimento, como um déjà-vu.

Algo que eu não deveria sentir por um desconhecido.

Ele me olhou de cima a baixo com os olhos semicerrados, fazendo um inventário cuidadoso da minha aparência. Pareceu claramente hostil, o que era estranho. Em geral, as pessoas só se irritavam comigo quando me conheciam melhor.

– Está perdida?

A voz era grave e rouca, como se ele não a usasse com frequência. Ou só usasse para rosnar para as pessoas.

Claramente, ele percebeu que eu não estava lá para fazer uma tatuagem.

– Depende. – Dei um passo à frente e tirei o capuz molhado da capa de chuva. – Você é o dono?

Os olhos escuros se estreitaram ainda mais, mas ele assentiu.

Peguei a credencial de imprensa e a mostrei como se ela tivesse alguma importância antes de enfiá-la de volta no bolso.

– Estou escrevendo uma matéria sobre as lendas urbanas de Nova Orleans. Seu nome aparece o tempo todo.

Ele se recostou na cadeira e cruzou os braços no peito largo, fazendo as costuras da camiseta branca se esticarem até o limite.

– Ah, é? – falou com a voz arrastada. – Não imagino o motivo.

Mentiroso.

Pelo jeito como ele falou, pelo jeito como me olhou, ficou claro que sabia perfeitamente.

Larguei a mochila no chão, apoiei o caderno no balcão e o abri em uma página de anotações não de todo legíveis, ciente o tempo todo do olhar penetrante que acompanhava meus movimentos.

– Eu tenho relatos de um tatuador que desenha símbolos que afastam espíritos malignos. De um cara que já tatuou um feitiço de proteção tão forte que salvou uma pessoa de algo que ela não sabia nem o que era.

Olhei para o bíceps enorme dele e acrescentei:

– Um artista cuja própria pele está coberta de tatuagens que não são feitas de tinta… porque ele nasceu com elas.

Inclinei a cabeça e esperei uma reação.

Por um instante, não houve nenhuma. Só a escuridão firme e ilegível do olhar dele.

De repente, um brilho caloroso iluminou seus olhos de obsidiana. Ardeu forte e quente antes de ele o controlar e o apagar, como se nunca tivesse

existido.

– Parece uma história interessante – disse ele com frieza.

– Parece papo furado – respondi.

– É mesmo. E a loja está fechada.

Para me dispensar, ele indicou a porta com o queixo e voltou a se concentrar nos desenhos.

Se tem uma coisa que eu detesto com todas as forças é quando alguém subestima a minha inteligência. Ainda mais quando esse alguém é homem e inconvenientemente gostoso.

– Ah, é? – falei com sarcasmo. – Então talvez você queira desligar aquele letreiro grande de néon escrito "Aberto" na vitrine. As pessoas podem entender errado.

Ele se levantou de repente, contornou a escrivaninha, foi até o balcão e apoiou as mãos nele. Parou à minha frente, mais alto do que eu, tão perto que vi as linhas finas de tinta nos nós dos seus dedos. Tão perto que senti o cheiro dele: fumaça, bourbon e outra coisa que não consegui identificar. Algo selvagem.

– Eu falei que a loja está *fechada*, moça do caderninho – rosnou ele. – Hora de você ir embora.

Uma porta rangeu e se abriu nos fundos da loja, permitindo que um sopro de vento percorresse o ambiente. Estava acompanhado de um sentimento ameaçador de medo, e minha intuição para o perigo me disse, em termos nada incertos, que algo estava errado.

Eu deveria ter ido embora nesse momento. Deveria ter dado de ombros e pulado fora, ido atrás de uma das outras possíveis histórias que tinha

pesquisado antes de sair de Chicago.

Mas não fiz isso.

Porque, quando olhei de novo para Dax, as tatuagens nos braços dele se mexeram.

Como se, por baixo da pele, estivessem vivas.

CAPÍTULO 2

DESTINO TRAÇADO A TINTA

Dax

– Ah, não – disse a moreninha tagarela, encarando os meus braços com olhos verdes grandes que talvez fossem bonitos se não estivessem tão desconfiados. – Acho que vou ficar até a chuva diminuir, se você não se importar. Qual é o nome do gato?

– Luce.

– Lucy?

– Não, apelido de Lúcifer. Não faz carinho nela, porque ela é alérgica a pessoas. E eu me importo, sim. Como falei, Petra, a loja está fechada.

O olhar desconfiado dela subiu dos meus braços para o meu rosto. O tom continha um desafio:

– Como você sabe o meu nome?

Do mesmo jeito que eu conhecia o rosto dela. O cheiro. O som rouco e doce de sua voz, apesar de nunca termos nos visto antes daquele momento.

Eu a via nos meus sonhos havia meses.

Não que eu fosse dizer isso a ela.

– A credencial de imprensa – falei com rispidez. – Tchau, moça do caderninho.

Sai daqui, vai embora, volta pro lugar de onde você veio!

Eu soube, desde o segundo em que o sino da porta da loja tilintou, que as coisas estavam estranhas. E, quando ela entrou, minhas tatuagens se moveram, uma sensação sinistra na pele que acontecia às vezes, quando eu trabalhava em uma arte ligada a algo sombrio, um selo conectado demais ao

destino de um cliente. Agora, com ela na minha frente, me olhando como se não tivesse medo do que poderia ver, minhas tatuagens *ardiam*.

Dei as costas para ela e alonguei os ombros para aliviar a tensão enquanto minhas tatuagens coçavam, formigavam, sussurravam o nome dela nos meus ouvidos. O peso de algo antigo e errado me sufocou, mergulhando fundo nos meus ossos.

Aquilo era ruim. Era *muito* ruim.

E cada célula do meu corpo sabia.

– Ei, Miss Simpatia – disse uma voz cheia de humor atrás de mim. – Tem um banheiro que eu possa usar? Minha bexiga está explodindo e vai afogar nós dois em Red Bull e vodca.

Forcei um sorriso e me virei para ela de novo. Eu só tinha duas alternativas: manter a calma e fazê-la ir embora antes que algo terrível acontecesse ou contar a verdade e deixar as fichas caírem onde tivessem que cair.

Como não sou do tipo que aposta *nem* sou fã de compartilhar os segredos sombrios da minha família, preferi a primeira opção.

– O banheiro está quebrado, mas tem um posto de gasolina aqui no mesmo quarteirão. Tenha uma ótima noite. Em outro lugar. Bem longe. De preferência, em outro planeta.

Ela não foi embora. Claro que não.

– Estou curiosa – falou, inclinando a cabeça de novo daquele jeito que os cachorrinhos confusos fazem. Mas ela não parecia nem inocente nem inofensiva como um. – Já que essas histórias são todas papo furado, por que te incomodam tanto?

Meus músculos travaram. Percebi nos olhos dela que ela não era só uma jornalista atrás de um artigo para publicar no Halloween. Era alguém disposta a sujar as mãos para cavar a verdade.

O que significava que era perigosa.

– Você está procurando fantasmas e monstros, moça do caderninho – falei, mantendo a voz baixa e controlada. – Aqui, só vai encontrar um cara que quer ficar na dele.

– Bela tentativa de fugir do assunto.

– Não estava tentando fugir de nada.

– Dá pra perceber que você está sendo evasivo de propósito.

– E você está sendo um pé no saco de propósito – rosnei. Apontei para a saída, não mais me esforçando para disfarçar a tensão que enrijecia meu corpo. – A porta da rua é ali. E é serventia da casa.

Em vez de obedecer à minha ordem, ela deu mais um passo à frente, ficando à distância de um toque.

Meu corpo todo reagiu à proximidade dela.

O ar estalou e ficou carregado. Outro sopro de vento sacudiu as vidraças. A loja ficou sinistramente silenciosa, como se as paredes estivessem nos olhando com expectativa. O local todo parecia estar prendendo o ar.

Só Luce permaneceu calma, a cauda preta brilhosa se enrolando e desenrolando preguiçosamente, o olhar dourado sagaz fixado em Petra sem nenhum sinal de surpresa, como se tivesse previsto a chegada dela e só estivesse se perguntando por que tinha demorado tanto.

Nesse momento, Petra fez uma coisa inesperada que fez meu estômago se revirar: tocou em mim. As pontas dos dedos roçaram no meu antebraço,

onde a tatuagem preta se enrolou em um padrão de serpentina antes de desaparecer sob o meu cotovelo.

Assim que ela tocou minha pele, tudo parou.

O tempo. A força da gravidade. O assobio do vento lá fora. O zumbido da cidade sumiu até não restar nada além do som do meu coração trovejante.

Uma pontada de algo intenso e maligno surgiu em mim, como um raio bem na minha espinha. Minhas tatuagens se remexeram, a tinta enrolando como se tentasse alcançá-la. Os sussurros começaram, mil vozes urgentes que pareciam vir de um poço sem fundo.

Dei um pulo para trás e respirei com dificuldade.

Minha pele estava em chamas. Meu coração batia com força. Isso nunca, *nunca* tinha acontecido.

Quem era aquela mulher?

Ela puxou a mão de volta e flexionou os dedos como se também tivesse sentido alguma coisa.

– O que foi isso?

– Eletricidade estática – respondi rispidamente, olhando horrorizado para a minha pele, para algo que não deveria estar ali.

Uma linha nova de tinta, grossa, fresca, ardendo quente e branca como uma marca, tinha aparecido na parte interna do meu punho.

Era o nome dela.

E eu soube, sem a menor sombra de dúvida, que aquela mulher que tinha saído dos meus sonhos e entrado na minha loja em uma noite chuvosa de outubro sempre estivera predestinada a aparecer.

Porque, de alguma forma, ela também era parte da maldição.

CAPÍTULO 3

MARCADA ATÉ A MEIA-NOITE

Petra

Saí do estúdio de tatuagem correndo, mas simplesmente não tive escolha. O Miss Simpatia me pegou pelo braço subitamente e me arrastou para fora. Bateu a porta depois que eu saí e puxou a persiana da vitrine. Dois segundos depois, o letreiro amarelo que dizia ABERTO se apagou.

É uma verdade testada pelo tempo que os homens mais bonitos sempre são os piores.

A chuva fria encharcava minha calça jeans enquanto eu me apressava pela calçada irregular de pedras na direção do meu hotel. Meus sapatos afundavam em poças rasas, e isso deixou minhas meias ensopadas, mas não me importei. Meu cérebro estava ocupado demais repassando os eventos caóticos que tinham acabado de acontecer.

Os desenhos estranhos presos nas paredes. O vento frio e a sensação de medo. A descarga de eletricidade quando toquei nele.

Aquela *gata* bizarra. Quem bota no animal de estimação o nome do Príncipe das Trevas? Até que combina, mas mesmo assim. Esquisito.

O mais esquisito de tudo foi que a tatuagem de Dax tinha se movido.

Não acredito em coisas sinistras que acontecem à noite, mas eu vi com os meus próprios olhos. Eu *vi*. Ela se remexeu e serpenteou como uma criatura viva sob a pele dele.

Aquilo não era normal. Não era nem *para*normal.

Era *apavorante*.

E eu não sou do tipo que se assusta com facilidade. Uma vez, eu persegui

um cara por três quarteirões no centro de Chicago porque ele roubou minha bolsa. Já passei a noite em um sanatório abandonado em ruínas por causa de uma matéria, ouvindo coisas andando atrás das paredes. Ora, eu tinha andado de metrô sozinha às três da madrugada em Nova York.

A questão é: eu não me assusto fácil.

Mas, nesse momento, estou sentindo não só medo, mas também impotência, como se o universo já tivesse decidido algo por mim e eu só estivesse brincando de cumprir o que ele quer.

Tirei o telefone do bolso e liguei para Shane.

– Me diz que você tem alguma coisa boa – disse ele ao atender em vez de dizer alô. – Porque eu acabei de passar meia hora discutindo com o estagiário novo pra explicar por que não podemos botar um ranking de fantasmas estilo Buzzfeed na primeira página. "Os dez espíritos mais assustadores do Sul" não é jornalismo, Petra.

Ainda abalada, inspirei fundo.

– Talvez eu tenha encontrado a melhor história que já apareceu.

Shane fez uma pausa.

– Você parece nervosa.

Hesitei e olhei na direção da Casa de Tinta e Sangue através da névoa. Eu esperava que fosse só a minha imaginação que fazia parecer que a construção estava sorrindo para mim com deboche.

Nervosa era eufemismo.

– Lembra o boato que você me contou sobre o tatuador com tatuagens sobrenaturais?

– O que fez você rir de mim e dizer que parecia uma linha de enredo

rejeitada de um episódio de *Stranger Things*? Lembro, sim. Por quê?

– Eu acho… – Eu não conseguia acreditar que ia dizer aquilo. – Eu acho que talvez seja verdade.

Shane ficou quieto por um instante, depois disse:

– Estou ouvindo.



Não consegui dormir naquela noite.

Minha insônia foi em parte porque meu quarto no Lafayette Hotel era bem sinistro. Na fronteira do French Quarter, o local era grandioso mas negligenciado, com lustres empoeirados e arandelas piscando, o papel de parede roxo desbotado descascando perto do teto e expondo a madeira escura embaixo. Acima da lareira apagada do meu quarto, o retrato de uma mulher vitoriana em trajes pretos de luto me observava com olhos que pareciam ter vida, de uma forma bem sinistra, e era como se seguissem meus movimentos. Se eu olhasse por tempo demais para o espelho antigo manchado ao lado do guarda-roupa, a imagem no vidro ficava meio atrasada, como se estivesse pensando em imitar meus movimentos em vez de simplesmente refleti-los.

Mais sinistros do que o quarto foram os meus sonhos.

Todas as vezes que fechava os olhos, eu via tinta.

Ela deslizava pela minha pele como fios-fantasmas, se enrolando nos meus punhos, envolvendo de forma possessiva as minhas costelas e apertando com força. Eu ficava acordando de sobressalto, passando as unhas nos braços para ter certeza de que não havia nada lá.

Quando finalmente saí da cama, eu estava exausta. Mas, mais do que isso, estava determinada a obter respostas de Dax Rousseau, quer ele

gostasse ou não.

Ele sabia o meu nome.

E não tinha sido por causa da credencial. A loja dele estava tomada de sombras, e eu tinha mostrado a credencial só por um segundo e guardado de novo.

Ninguém tinha olhos tão bons assim.

Além disso, Shane tinha ameaçado me pendurar pelos tornozelos no teto da sala de imprensa e deixar os estagiários baterem em mim como uma piñata se eu não descobrisse mais sobre Dax, então eu estava duplamente motivada. Eu sabia que ele cumpriria a palavra, considerando que no mês anterior ele tinha me trancado na sala de arquivo por uma noite por ter perdido um prazo.

Durante o dia, a Casa de Tinta e Sangue parecia um estúdio de tatuagem qualquer. A persiana ainda estava abaixada, e eu tentei abrir a porta, que estava trancada.

Era o esperado. Dax só devia sair da cripta depois do pôr do sol.

Eu me senti meio ridícula parada ali na calçada, batendo na porta com o punho como uma escoteira determinada tentando vender biscoitos para um vampiro. Estava quase desistindo quando a porta se abriu e Dax me pegou pelo punho e me puxou para dentro.

– Ei! – protestei.

Ele bateu a porta, me soltou, se virou e me olhou de cara feia, como se eu fosse uma ex que tivesse passado uma IST para ele.

– O que está fazendo aqui de novo? Eu mandei você sumir!

Normalmente, eu teria uma resposta ferina. Mas fiquei atordoada e sem

palavras por um instante, porque ele estava sem camisa.

Ele tinha o peito poderoso e esculpido, cada músculo definido com perfeita simetria. O tronco era todo tatuado com desenhos elaborados que iam da clavícula até a cintura. Mais tatuagens envolviam os ombros largos e os bíceps volumosos. As linhas escuras sinuosas cintilavam sutilmente na luz como se estivessem vivas, não inseridas na carne, mas tão naturais quanto veias sob a pele. Runas indecifráveis e marcas sobrenaturais que pareciam amarrar o corpo dele como correntes.

Levei um segundo para lembrar como respirar.

– Nossa, esse seu charme pode mesmo levar uma garota à loucura – comentei, esfregando o punho que ele tinha apertado. Não estava doendo, mas tinha deixado uma sensação estranha de formigamento, como se eu tivesse levado um choque. – Você sabe exatamente o que eu estou fazendo aqui, Miss Simpatia. Procurando respostas.

Dax contraiu a mandíbula. Os olhos escuros grudaram nos meus com o tipo de intensidade que faria uma mulher mais insegura fugir. Mas eu era jornalista, e meu trabalho era correr atrás da verdade, mesmo que a verdade estivesse envolta em músculos, mistério e uma cara feia perigosamente atraente.

Talvez até por isso.

– Olha – falei, cruzando os braços. – Eu entendo que você não está com humor pra perguntas e respostas, mas pelo menos me conta o que foi aquilo tudo ontem.

– Aquilo tudo o quê?

– Ah, você teve uma amnésia repentina, é? Tudo bem, vou te lembrar. Sopros sinistros de vento. Eletricidade estática estranha. *Tatuagem que se*

mexe.

Olhei para o antebraço dele, onde eu tinha tocado. Agora, a tatuagem lá estava parcialmente escondida por uma atadura enrolada no punho.

Ele expirou lentamente, os dedos flexionados daquele jeito que indicava que estava doido para me jogar lá fora de novo.

Dessa vez, eu não aceitaria ser intimidada.

Por um longo instante, nenhum de nós dois falou. Pelo canto do olho, vi a gata preta nos olhando do balcão. Logo atrás dela, havia uma sombra que não estava lá antes. Quando pisquei e olhei melhor, ela desapareceu.

Por fim, Dax disse com a voz tensa:

– Você não vai querer se meter nisso, garota do caderninho. Nem tudo pode ser explicado com suas matérias de jornal e seu vocabulário pomposo.

– Eu prometo ser menos pomposa. – Abri um sorriso doce para ele e encarei seu olhar assassino sem piscar. – Experimenta.

A boca dele tremeu com algo que podia ser ele achando graça, como se tivesse senso de humor. Mas ele expirou e balançou a cabeça.

– Você não devia estar fazendo essas perguntas. Algumas coisas precisam ser deixadas pra lá.

– *Que tipo* de coisas? – insisti.

Com a voz repleta de fumaça e madrugada, ele respondeu:

– Coisas ruins.

A vontade de revirar os olhos para ele foi forte, mas eu resisti.

– Você pode fazer melhor do que isso.

Como ele não respondeu, só ficou me olhando com uma intensidade

sorumbática e uma energia de *fica longe de mim*, decidi arriscar:

– Sua loja é assombrada?

– Não.

– Você é alienígena?

– Não.

– Você tem uma doença genética que te deixa ranzinza e intratável em níveis sobrenaturais?

Como recompensa pelo meu sarcasmo, recebi outro tremor de lábios.

– Eu prefiro ter isso do que sua doença irritante e falastrona, moça do caderninho. Uma hora sozinho com você e até o homem mais são sairia procurando um penhasco pra se jogar.

Mesmo quando estava me insultando, ele era atraente. Maldito.

– Pra minha sorte, você não é tão são assim. Mas você *é*… – olhei-o de cima a baixo – descendente do Pé Grande?

Eu estava com esperança de conseguir um sorriso, se é que ele era capaz de uma coisa dessas, mas o que ele me deu foi um olhar de desespero tão sombrio que eu fiquei surpresa.

– Você quer saber o que eu sou, moça do caderninho? Tudo bem. Eu vou te contar: a mesma coisa que toda a linhagem Rousseau é.

Ele se inclinou, a voz descendo para um tom grave de advertência:

– *Amaldiçoado.*

Fiz um ruído de deboche, porque, embora eu sentisse que estava chegando perto da verdade, meu principal traço de personalidade era o ceticismo.

– Ah, não, uma maldição familiar misteriosa! Que original. Você se transforma em lobisomem na lua cheia? Ou seu tataravô fez um pacto com uma bruxa do pântano?

– Você tem uma imaginação bem fértil pra quem alega querer apenas os fatos – retorquiu ele.

– Só estou seguindo o fluxo, homem-lobo.

Ele trincou os molares e me olhou de cara feia.

– Eu não sou lobo porra nenhuma. E *não quero* mais saber dessa conversa. Tchau, Petra. Tenha uma boa vida.

Ele foi abrir a porta, mas eu o impedi encostando o dedo no centro do seu peito exposto. Assim que o toquei, ele parou e olhou para a minha mão, horrorizado.

Aproveitei a oportunidade para usar a minha vantagem.

– Eu não vou a lugar nenhum enquanto você não explicar o que eu vi ont…

Minha língua parou de funcionar. Meus pulmões também. Porque, em volta do ponto onde meu dedo encostou na pele de Dax, as tatuagens tinham começado a se contorcer.

Ele chegou para trás, como se o meu toque o queimasse. Ficou me olhando com uma expressão enlouquecida por um instante, respirando pesadamente, abriu a porta e me jogou na calçada.

De novo.

Ele bateu a porta na minha cara e me deixou sozinha na névoa com o coração disparado e meu mundo todo virado de cabeça para baixo.

A névoa envolveu meus tornozelos quando cambaleei para trás, olhando

para a porta sem acreditar, meio que torcendo para que se abrisse e provasse que eu tinha imaginado a tatuagem dele respondendo ao meu toque.

Mas a Casa de Tinta e Sangue permaneceu em silêncio. A porta permaneceu fechada. E, pela primeira vez na vida, eu não sabia se ainda queria a verdade.

Tinha a sensação horrível de que, depois que descobrisse, eu ia desejar não ter descoberto.

CAPÍTULO 4

SELADO COM UM BEIJO

Petra

Eu devia ter ido embora de Nova Orleans. Devia ter feito a escolha inteligente e escrito uma matéria divertida sobre assombrações falsas e ido para casa, para o meu estúdio caro demais. Mas não. Eu tinha que me meter com uma coisa bem pior do que uma história de fantasmas.

Mais especificamente, *sentimentos*.

Por que Dax Rousseau não podia ser um velhote corcunda de mais de 90 anos com bexiga frouxa e halitose mortal? Por que meu primeiro contato com o sobrenatural tinha que ser tão bonito? Tão musculoso?

Tão enlouquecedoramente *gostoso*?

Por sorte, a personalidade dele era repugnante. Pelo menos isso me impediria de ir fundo demais.

Passei os dois dias seguintes em um modo de pesquisa febril, aprendendo tudo que podia sobre a história da família Rousseau. Procurei historiadores da região, consultei livros empoeirados de biblioteca, conversei com moradores antigos que estavam na região a vida toda, até visitei uma famosa cartomante que insistiu grosseiramente que a minha aura era "forte demais". Quanto mais eu descobria, mais ficava claro que Dax não estava exagerando sobre a maldição.

As pessoas falavam em tom cochichado sobre o passado da família. Havia histórias de fantasmas de mulheres vagando pelo jardim da propriedade abandonada dos Rousseaus, com véus de renda preta comprida cobrindo o rosto, histórias de rituais vodu proibidos que geravam poderes sombrios mas acabavam em loucura, lendas de laços de ancestrais mortos

com o oculto.

Todas as pistas que eu seguia levavam a uma coisa.

Magia de sangue.

O único problema era que ninguém sabia exatamente o que a maldição envolvia. Esse conhecimento estava perdido nas névoas do passado.

Ah, exceto pelo fato curioso de que qualquer mulher que se apaixonasse por um Rousseau estava condenada a sofrer uma morte trágica.

Isso era perfeito. Nada tem tanta cara de "boa ideia" do que se apaixonar por um homem que pode ser meu ceifador pessoal.

Não que eu estivesse me apaixonando por ele, veja bem. Eu mal conhecia o sujeito. Eu só estava… meio obcecada por entendê-lo. Curiosidade jornalística. Uma necessidade profissional de descobrir a verdade. *Nada* a ver com o fato de que a voz dele gerava arrepios involuntários de prazer pela minha espinha. Nem com o fato de eu me pegar imaginando como era a risada dele.

Isso se ele tivesse risada, o que era discutível.

Então eu com certeza não ia me apaixonar por um desconhecido, mas ia conseguir as respostas de que precisava.

E foi assim que me vi na frente da Casa de Tinta e Sangue depois da meia-noite, parada na sombra úmida com o coração batendo rápido demais.

A porta da loja de Dax estava trancada, claro. Mas eu não estava planejando bater, dessa vez.

Levei algumas ferramentas para arrombar e me agachei perto da maçaneta. Não era a primeira vez que eu ia arrombar uma fechadura (risco ocupacional de ir atrás de histórias onde eu nem sempre era bem-vinda),

então meus dedos estavam firmes, apesar do coração disparado.

Isso era burrice. Eu *sabia* que era burrice, mas a minha curiosidade superava o bom senso.

A fechadura estalou. A porta se abriu dois centímetros. Enfiei as ferramentas no bolso, empurrei mais a porta e entrei sem fazer nenhum ruído.

Exceto pelo brilho suave de uma lâmpada nos fundos, o interior da loja estava escuro, imóvel e silencioso. A gata diabólica maligna não estava por ali, mas os desenhos sinistros nas paredes ficavam ainda mais estranhos na pouca luz, parecendo pulsar como se estivessem vivos e quisessem pular do papel.

Algo se mexeu no canto, e eu me virei, com o coração na garganta.

E ali estava ele.

Dax estava sem camisa perto do balcão, a tatuagem no peito e nos braços cintilando, as sombras rodeando os pés descalços. Faiscantes e furiosos, os olhos dele grudaram nos meus.

Abri a boca para falar, mas ele foi mais rápido. Em um movimento tão rápido que pareceu borrado, ele foi até mim e fechou a mão no meu punho, o toque me queimando como o fogo.

– Eu te avisei pra ficar longe – disse ele com o tipo de voz que fazia as pessoas saírem correndo.

Mas eu não ia sair correndo. Porque, apesar da ameaça no tom e da fúria nos olhos, havia outra coisa no olhar dele. Algo perigoso.

Desejo.

Uma respiração suave e trêmula escapou dos meus lábios. O aperto dele

no meu punho não estava machucando, mas era implacável, como se ele não tivesse intenção de soltar. Os dedos queimavam a minha pele.

Tive o pensamento intrusivo de que a cabeça dele funcionava à base de algo mais forte do que sangue.

– Você não me assusta – sussurrei, encarando os olhos dele com desafio.

– Deveria.

– Por quê? Vai me machucar?

Um músculo na mandíbula dele se contraiu. Ele olhou para a minha boca. Os lábios se apertaram. Percebi que ele queria me empurrar. O fato de ele não ter feito isso provocou uma euforia profunda.

– Mulheres que se aproximam demais de mim acabam se machucando, quer eu queira ou não.

– É, eu fiquei sabendo. As pessoas têm muito a dizer sobre essa questão.

Ele enrijeceu e me puxou para mais perto.

– Você anda perguntando sobre mim pela cidade?

Tentei não inspirar e encher os pulmões com aquele aroma quente e delicioso, mas ele não estava facilitando as coisas para mim. Meu nariz estava a centímetros do pescoço dele.

– Eu sou jornalista. Fazer perguntas é o meu trabalho. Mas talvez essas suas donzelas em perigo não tenham nada a ver com maldição nenhuma. Talvez você só seja um brutamontes.

Um som grave e perigoso de desgosto soou no peito dele. Como o ronronar de um leão, se o leão estivesse prestes a pular no meu pescoço.

Eu o ignorei e continuei. Eu não ia deixá-lo me intimidar, por mais que ele rosnasse.

– E, se você falasse comigo, eu não *precisaria* sair por aí perguntando para os outros, não é?

Aquele músculo na mandíbula dele tremeu de novo. Nas sombras, seus olhos faiscaram de raiva.

– Você está precisando é de umas palmadas, respondona.

Senti uma onda de desejo percorrer meu corpo. De olhos arregalados e sem fôlego, com o coração disparado, eu o encarei.

Palmadas? Isso me parecia uma ideia *excelente*.

Mas reuni os farrapos da minha dignidade, ergui o queixo e lancei para ele meu olhar mais fulminante de *Vai ficar querendo*.

– Não, obrigada. Mas aceito uma dose de uísque, se você tiver.

Ele fez a única coisa que eu não esperava. Riu.

Foi um som seco e amargo, mas com certeza era uma risada.

– Você é uma coisinha imprudente mesmo, né?

Eu funguei com desdém.

– Você não vai me ver desdenhar de nada.

Foi a vez dele de desdenhar. Fiz uma anotação mental de me lembrar como isso era irritante e de nunca mais fazer isso.

– Você não passa de uma nanica de boca grande e atitude ruim, tipo um chihuahua.

– Isso seria um insulto melhor se chihuahua não fosse a minha raça de cachorro favorita.

– Claro que é.

– Vindo de um cara que tem a incorporação peluda de Satanás como

bicho de estimação, não é xingamento nenhum. Você vai me soltar agora ou eu preciso apresentar meu joelho aos seus testículos?

Ele apertou os olhos até só haver fendas. E chegou o rosto tão perto do meu que nossos narizes quase se tocaram.

– Eu poderia te mandar pra prisão por invasão.

– Mas não vai.

– Me dá um bom motivo pra eu não fazer isso.

Acho que ele tinha razão sobre eu ser imprudente, porque eu nem parei para pensar. Fiquei na ponta dos pés e colei a boca na dele.

CAPÍTULO 5

ENFEITIÇADO

Dax

Ela tinha gosto de sonhos doces e decisões ruins. E eu já estava mergulhado demais.

Eu sabia que não deveria. Sabia exatamente o risco que estava correndo. A tatuagem na minha pele queimou, um lembrete pulsante do que eu era, do que cada homem Rousseau carregava no sangue.

Mas, quando ela me beijou, eu esqueci.

Os lábios dela eram macios, mas o beijo não foi. Foi selvagem, urgente, o tipo de beijo que provava que ela não tinha medo de maldições nem de consequências. Em vez de me afastar, como eu deveria ter feito, eu a puxei para mais perto por instinto, afundando os dedos na curva da cintura dela. Enfiei a mão no cabelo dela e fechei a mão para segurá-la enquanto sorvia e aceitava o que ela estava oferecendo.

Eu me senti um homem faminto. Como se não tivesse escolha.

E talvez não tivesse mesmo. Porque, assim que a minha boca tocou na dela, pareceu inevitável, como se tivesse sido escrito nas estrelas bem antes de nos conhecermos.

Pareceu destino… e, porra, como era *bom*.

As mãos dela passaram sobre os meus ombros e desceram, os dedos acompanhando a tinta que se mexia e se enrolava na minha pele. As tatuagens reagiram ao toque dela como nunca tinham reagido com ninguém. Eu sabia que o beijo era mais do que perigoso, que podia ser mortal, mas não parei.

Eu não queria que acabasse.

Aprofundei o beijo e senti o calor doce daquela boca, adorando as curvas suaves do corpo dela encostado no meu. Meu controle estava se desfazendo a cada segundo. Ela me levou mais longe e gemeu na minha boca, como se quisesse se afogar naquilo.

Porra, eu também queria.

Por um segundo, pensei em ceder totalmente. Em tomá-la ali, encostada na parede. Encostada em *qualquer coisa*. Em me permitir ser egoísta só uma vez.

Mas a tatuagem ardeu.

Não só de leve. Não só um aviso.

Uma onda ardente de calor percorreu meu corpo, e de repente eu vi imagens de todas as mulheres que amaram um homem Rousseau e pagaram o preço.

Sangue em renda branca. Olhos sem vida encarando o nada. Um corpo caído no pé de uma escadaria. Mãos sendo estendidas antes de serem engolidas pela escuridão.

Os gritos.

Mais cedo ou mais tarde, a maldição levava todas elas. *De maneira dolorosa.*

Eu me soltei de Petra, respirando com dificuldade, a pele pegando fogo.

Ela me olhou com uma expressão atordoada. Ficamos assim por um instante, enquanto eu resistia à necessidade que ainda rugia no meu corpo. Quando ela lambeu os lábios, eu quase surtei e fui para cima dela de novo.

Mas me obriguei a fazer a coisa certa.

– Esse não foi um motivo bom o suficiente – falei com a voz rouca.

O rosto dela demonstrou confusão.

– O quê?

Deixei a voz fria como gelo e olhei com firmeza nos olhos dela.

– Você me ouviu. Esse beijo foi uma bosta. Agora vai embora, antes que eu chame a polícia.

Ela me encarou como se eu tivesse perdido a cabeça, depois riu na minha cara, a diabinha.

– Você é bonito, Miss Simpatia, mas mente muito mal. – Ela balançou a cabeça, ainda rindo.

Eu deveria saber que não ia funcionar. Aquela mulher não facilitava nada para mim.

Passei a mão no cabelo e me afastei dela, como se a distância pudesse resolver isso. Como se pudesse *me* resolver, o que não passava de um mero desejo.

– Olha, você precisa ir embora da cidade. Imediatamente. *Hoje à noite*.

Se um suspiro podia ser sarcástico, o dela foi.

– Nós estamos andando em círculos. Você me manda ir embora, eu digo que não vou, a gente começa tudo de novo. Vamos direto ao ponto e poupar o trabalho um do outro, porque eu não vou a lugar nenhum.

Quando me virei para lhe lançar um olhar de reprovação, ela deu um sorrisinho debochado.

– Você não me conhece, mas eu sou teimosa como uma cabra bêbada em uma ponte estreita.

Fiz uma careta para ela.

– Essa foi a metáfora mais ridícula que eu já ouvi.

Ela repuxou os lábios e refletiu.

– Que tal assim: eu sou tão teimosa que sou como se uma cabra bêbada e um muro de tijolos tivessem tido um filho.

– Qual é a das cabras bêbadas? Você passa muito tempo perto de animais de fazenda embriagados?

Ela riu de novo.

– Se conhecesse meu chefe, você entenderia.

Olhei com irritação para ela, furioso porque a gargalhada dela era adorável e porque o gosto doce dos lábios dela ainda estava nos meus.

A psicopatinha era mesmo encantadora.

Irritada de repente, ela levantou as mãos.

– Quebra um galho pra mim! Essa é a coisa mais estranha que já me aconteceu. E isso não é pouca coisa, considerando que eu já entrei sem querer numa seita porque os tacos de lá eram muito gostosos.

Fiquei olhando para ela por um instante, sem saber se tinha ouvido direito.

– *O quê?*

Ela balançou a mão no ar em um gesto de desdém.

– Eu sou obcecada por tacos. Minha terapeuta diz que não é por causa dos tacos de verdade, é um trauma de infância não resolvido e os tacos são só um substituto, sei lá, uma representação das minhas verdadeiras questões emocionais, o que eu acho que é bobagem, porque qualquer um que já comeu uma *carnita* boa pode dizer que isso é o *contrário* de traumático, que é o paraíso em um prato, mas ela que tirou um monte de diplomas caros.

Enfim, a questão é que…

– Eu entendi – falei, interrompendo-a, consternado de ver meus lábios se abrindo num sorriso.

Ela estava me fazendo *sorrir*? Isso era um desastre total. Eu tinha que me livrar dela. *Naquele momento*.

– Então você vai me contar da maldição? – perguntou ela com avidez, chegando mais perto. – E quando tudo começou? E como te afeta? E por que você está com essa atadura suspeita no punho?

Além das perguntas irritantes, o cheiro dela estava me deixando tonto. A mulher tinha um cheiro tão gostoso que eu estava com vontade de dar uma mordida nela.

Balancei a cabeça para ter um pouco de lucidez e rosnei:

– Não, não e *não*. – Como ela continuou ali parada, me olhando em silêncio, como se achasse que eu podia mudar de ideia a qualquer segundo, eu gritei: – Não!

Ela piscou.

– Eu estou a sessenta centímetros de você, Miss Simpatia. Não precisa berrar.

– Eu acho que preciso, moça do caderninho, porque você não está me ouvindo!

– Eu *estou* ouvindo. Só não estou dando atenção. Ah, ei, ali está a gata diabólica esquisita! Oi, Satanás!

– É Lúcifer – falei por entre dentes, vendo Luce andar em volta dos tornozelos de Petra, ronronando como louca.

Quando ela ficou de pé nas patas traseiras e se esticou até as coxas de

Petra, miando para ganhar atenção, fiquei olhando em estado de choque.

Petra pegou Luce no colo e a aninhou como um bebê enquanto coçava o queixo dela.

– Eu achei que você tivesse dito que essa gata era alérgica a gente.

– Ela é – respondi, totalmente confuso. – Ela odeia todo mundo.

Petra abriu outro sorrisinho para mim.

– Tipo o pai dela. Sabe o que eu acho que isso significa?

Fuzilando-a com o olhar, murmurei:

– Mal posso esperar pra saber.

– Eu acho que significa que isso era coisa do destino.

– Isso?

– Você. Eu. A demônia peluda nos meus braços. É o destino, Miss Simpatia. Então você *tem* que me contar sobre a maldição, porque o destino sempre vence, quer você goste ou não.

Sob a atadura no meu punho, a tatuagem com o nome dela começou a arder.

A única coisa pior do que uma mulher espertinha era uma mulher espertinha que estava certa.

Eu estava prestes a negar de qualquer modo, mas a expressão no rosto de Petra me fez parar.

Ela estava olhando por cima do meu ombro para as sombras da loja, com uma expressão que só podia ser descrita como de puro pavor.

CAPÍTULO 6

O HOMEM VAZIO

Petra

O ar na loja tinha ficado gelado e denso, me pressionando com um peso de quinhentos quilos. Além disso, um fedor enchia minhas narinas. Era quase indescritivelmente nojento, como se carne podre e mofo preto tivessem cruzado e tido filhos.

Havia um homem escondido nas sombras, nos fundos da loja. A escuridão se agarrava a ele como uma segunda pele. Alto e imóvel de uma forma sobrenatural, ele usava cartola e um terno antiquado de gola alta e com botões prateados que captavam a luz fraca, mas não foi isso que provocou um espasmo no meu coração.

Ele… aquela coisa… não tinha um rosto.

Nem olhos, nem nariz, nem boca. Só uma pele cinzenta em decomposição esticada no lugar de feições.

Ou eu precisava verificar minha visão ou Dax sabia que eu tinha voltado e queria me matar de medo com um bicho-papão de mentira, para que eu o deixasse em paz de vez.

Se fosse a segunda opção, eu tinha que dar crédito a ele pelo esforço. Aquela coisa nojenta sem rosto era o combustível perfeito de pesadelos.

Eu não sabia se deveria sair correndo ou dar os parabéns a Dax pela criatividade, mas não fazia diferença, porque eu não conseguia me mexer. Meus músculos estavam travados e meu olhar estava grudado no espaço vazio onde os olhos dele deveriam estar. Sem olhos, aquela coisa não podia me ver, mas meu estômago ficou embrulhado com a sensação incômoda de que, o que quer que aquilo fosse, ele estava olhando direto para a minha

alma.

De forma lenta e deliberada, a coisa ergueu a mão e apontou um dedo ossudo para mim.

Que ótimo. O cadáver sem rosto está apontando para mim como se eu tivesse ganhado um prêmio. Espero que não seja uma possessão demoníaca.

– O que foi? – perguntou Dax. – O que você está olhando?

Mantive a voz baixa ao responder:

– Tem um homem ali. Atrás do balcão.

– Um homem?

Dax ficou tenso e se virou para a escuridão.

– É. Sem rosto.

Dax enrijeceu, me pegou pelo braço e me puxou na direção da porta.

– Vem.

Fui atrás dele aos tropeços, quase caindo.

– Dax…

– Agora não. – A voz dele soou baixa e urgente. Sem sarcasmo, sem provocação. Só medo frio e brutal.

Ao que tudo indicava, a coisa sem rosto não era obra de Dax. O medo óbvio dele deixou claro que não era um adereço que ele tinha montado para me espantar dali.

Isso não me fez sentir *nem um pouco* melhor.

Saímos para a rua e começamos a correr, a névoa densa abafando o som dos nossos passos na calçada. Só paramos vários quarteirões depois, quando tínhamos deixado a Casa de Tinta e Sangue para trás.

Dax finalmente soltou meu braço quando dobramos a esquina de uma rua movimentada cheia de pedestres. Ele apoiou os braços na parede mais próxima como se precisasse disso para não cair e expirou fundo.

– Você viu aquela coisa? – perguntei, ofegante e trêmula.

Ele estava respirando pesadamente, olhando para o chão como se tentasse recuperar a calma. Acabou me encarando com olhos que não estavam só cautelosos, mas também confusos.

– Não. E você também não deveria ver.

– Como assim eu não deveria ver?

Ele se ergueu, passou a mão no rosto e expirou.

– Aquela coisa na loja. Só aparece para mulheres que…

Ele parou de falar e contraiu a mandíbula.

– Que *o quê*, Dax? – insisti, o coração disparado.

Ele engoliu em seco.

– Que se apaixonam por um Rousseau.

As palavras soaram como um trovão. Por um instante eu o encarei, os pensamentos em espiral. Em seguida, balancei a cabeça.

– Isso é ridículo.

Dax soltou uma risada curta e amarga.

– Diz isso pro Homem Vazio.

Senti um arrepio.

– Ele tem *nome*?

Ele assentiu uma vez, de um jeito seco, e voltou os olhos sombrios para mim.

– É o executor da maldição dos Rousseaus. Ele vem atrás das mulheres que nos amam.

Apesar da situação, não consegui me segurar: gargalhei. Alto.

– *Amar* você? Escuta só, Miss Simpatia, eu admito que você é uma tentação, mas você está delirando se acha que eu… Peraí. – Olhei para ele com mais atenção, e meu coração começou a bater forte de novo. – O que você quer dizer com *vem atrás das mulheres*?

Ele hesitou por um segundo a mais, e eu soube.

– Puta merda. Você está me dizendo que *aquela coisa mata pessoas*?

Ele apertou os lábios.

– Pessoas não. Mulheres. Especificamente, qualquer mulher que se apaixone por um Rousseau.

Ignorando o fato de que ele parecia não achar que mulheres eram pessoas de verdade, eu gaguejei:

– Mas… mas… eu *não* me apaixonei por você! Eu nem *gosto* muito de você, quanto mais amar! Eu não teria o menor problema em te empurrar na frente de um trem em disparada se achasse que isso daria uma boa matéria!

O olhar dele azedou.

– Nossa, que fofo. Estou emocionado. – Ele olhou para a atadura no punho e murmurou: – Não faz sentido. Nada disso. Isso nunca aconteceu, não tão rápido. Parece que a maldição se antecipou a nós. Como se soubesse de algo que não sabemos.

Eu me perguntei o que havia embaixo da atadura, mas me concentrei na questão mais importante.

– Calma aí, caubói. Esquece seu executor sobrenatural sinistro por um

segundo. Se você está insinuando que eu *vou* me apaixonar por você, isso é uma impossibilidade.

Ele me encarou e arqueou as sobrancelhas como se não acreditasse em mim. Como se fosse tão irresistível que era certo que eu me apaixonaria loucamente a qualquer momento. Então, claro, eu tive que explicar:

– Assim como não acredito no monstro do lago Ness, eu não acredito no amor. Entendeu? É um conto de fadas. O que as pessoas chamam de amor romântico são só hormônios. Não existe.

– Claro – disse ele, seco. – Da mesma forma que maldições não existem? Da mesma forma que a coisa que você viu na loja não existe? – Ele chegou mais perto, os olhos pegando fogo. Com a voz mais baixa, disse: – Da mesma forma que o que nós dois sentimos quando nos beijamos… Aquilo também foi imaginação?

– Desculpa, mas esse é o mesmo homem que disse que aquele beijo foi uma bosta? Porque eu me lembro claramente que *aquele* cara não ficou impressionado.

Ele perdeu a paciência e começou a gritar:

– Você vai mesmo ficar aqui discutindo comigo sobre um beijo depois de ter sido marcada pra morrer?

Um casal jovem que estava passando de mãos dadas se entreolhou com preocupação e andou mais rápido.

– Segura a onda. Respira fundo antes que alguém chame a polícia – murmurei. Quando vi um grupo de garotas do outro lado da rua olhando para ele, acrescentei com amargura: – E veste uma camisa. Você está se exibindo pra todo mundo, fortão.

Ele me fulminou com o olhar, a fúria ardendo nos olhos escuros, e

balançou a cabeça, incrédulo.

– Em que hotel você está?

– No Lafayette. Por quê?

Em vez de responder, ele saiu andando em direção ao hotel, sem se dar ao trabalho de olhar para trás para ver se eu estava indo.

Ali não havia nem cheirinho do mito do cavalheiro sulista, pelo visto.

Corri para alcançá-lo e comecei a bombardeá-lo com perguntas:

– *O que* exatamente é o Homem Vazio? Como ele mata? Ele pode ser impedido? E quem inventou essa maldição idiota?

– Ele é um ser que existe fora do tempo e da realidade. Um coletor de maldições. Ele não pode ser detido, ao menos até onde eu sei. Ninguém nunca conseguiu escapar dele. Quanto a quem fez a maldição, bem… – A risada dele foi curta e fria. – Não começou como uma maldição. Nunca é assim.

– Então, como começou?

– Com a raiz de *todo* mal: a ganância.

Só voltamos a falar quando chegamos ao hotel. A fachada grandiosa lançava sombras sob o brilho dos postes de luz da rua. Dax abriu a porta pesada de vidro sem hesitar e entrou no saguão silencioso. Estava vazio, exceto pelo homem na recepção, com o nariz enfiado num livro. Ele nem olhou quando passamos.

Evitamos o elevador antigo e lento e subimos a escada dois degraus de cada vez, sem nenhum de nós abrir a boca. Minha cabeça estava cheia demais de perguntas para eu me concentrar em conversa. Assim que entramos no meu quarto, tranquei a porta e me encostei nela enquanto

observava o local desconfiada, pensando em todos os jeitos possíveis de nos isolar… ou de manter *aquilo* lá fora.

– Não dá pra se esconder do Homem Vazio – disse Dax com a voz tensa, andando pelo espaço como um animal enjaulado. – E você também não tem como fugir. Além do mais, ele não persegue. Ele simplesmente espera, sabendo que é inevitável.

A minha morte, era o que ele queria dizer.

Eu estava mesmo começando a me arrepender de ter ficado em Nova Orleans.

– Se não dá pra fugir e não dá pra se esconder, por que você me arrastou pra fora da loja?

Ele me lançou um olhar sombrio, como se já estivesse desejando não ter feito isso.

– Só senta por um segundo, tá? Eu não consigo pensar com você andando de um lado para o outro assim. – Balancei a mão na direção dele, o peito exposto e os músculos grandes e o machismo evidente me deixando confusa.

Ele parou para me fulminar com o olhar sob as sobrancelhas baixas e se sentou com relutância em uma poltrona de chita perto da janela. Olhei para seus pés descalços, lembrando que eu tinha acordado o coitado quando invadi a loja dele.

Se ele estava com privação de sono, não demonstrou. Estava tão tenso que parecia pronto para pular da cadeira ao menor ruído e começar a matar coisas com as próprias mãos.

Ele me olhou sem piscar quando comecei a andar de um lado para o outro na frente dele.

– Vamos lá. Me conta sobre as origens da maldição da sua família.

– Meu ancestral Matthias Rousseau era um mestre tatuador no século XIX. Ele também era ladrão de almas.

Ladrão de almas? Lancei um olhar incrédulo para Dax, o que ele ignorou.

– Ele fez um pacto com uma caplata poderosa, uma sacerdotisa vodu sombria, para aprender magia proibida. Usando essas habilidades, ele criou selos que roubavam a força e o talento de outras pessoas ao tatuar a alma deles na própria pele. Mas ele ficou ganancioso e traiu a caplata ao roubar a alma *dela* e prendê-la em uma tatuagem. No suspiro final, a caplata amaldiçoou a linhagem de Matthias, para que carregasse o peso dos pecados dele.

Parei de andar e olhei para Dax. Ele acabou piscando, inspirando e afastando o olhar. Quando falou de novo, a voz saiu baixa.

– Dali em diante, todos os descendentes de Matthias do sexo masculino nascem com tatuagens, as mesmas que ele fez na própria pele, como marca da maldição. E todas as mulheres que amaram um homem da nossa linhagem foram levadas como pagamento.

Horrorizada, olhei para as marcas pretas que cobriam quase todo o espaço nos ombros, braços, peito e tronco de Dax.

Tatuagens que não tinham apenas tinta… mas *almas*.

Fiz a única coisa sensata que podia fazer naquele momento. Fui direto para o frigobar no aparador antiquado, tirei todas as garrafinhas de vodca de dentro, encontrei um copo e comecei a abrir as tampinhas.

– É assim que você reage a más notícias? – perguntou Dax de um jeito seco enquanto me via servir a bebida.

– Não, é nessas horas que os tacos entram em ação, mas estou improvisando. Quer vodca?

– Não. Mas aceito uísque, se você tiver.

Se eu tivesse. Eu quase ri. A primeira coisa que eu fazia antes de reservar qualquer quarto de hotel era perguntar sobre o conteúdo do frigobar.

Eu tinha muitos outros defeitos; não podia considerar aquilo um deles.

Servi o uísque de Dax, entreguei a ele e fiquei olhando até ele perguntar:

– O que foi?

– Ah, nada. Eu só estava pensando que você me arrastou fisicamente para longe do perigo, apesar de alegar que ninguém pode escapar daquele seu coletor de maldições sem rosto. Foi quase como… se você estivesse preocupado comigo.

A frieza do olhar dele se equiparava à das calotas polares.

– Foi instintivo.

– Hum. Então a aversão é mútua?

– *Muito*. E não faz essa cara, eu estou falando a verdade.

Nós bebemos e nos olhamos com agressividade.

Por fim, ele rosnou:

– Cala a boca.

Olhei para ele com inocência.

– Eu não falei nada!

– Sua expressão está falando por você.

– Então para de olhar – retruquei, e tomei outro gole de vodca.

Ele murmurou alguma coisa baixinho e passou a mão no rosto. Parecia

que ele seria capaz de jogar o copo do outro lado do quarto. Mas ele só virou o uísque em um gole demorado e colocou o copo vazio na mesa ao lado da cadeira.

– Bom – falei, me sentando na beirada da cama e botando meu copo de lado. – Você disse que o Homem Vazio não pode ser detido, mas, se essa coisa toda começou com uma maldição, a lógica sugeriria…

– Lógica? – Ele riu com deboche. – Você viu um pesadelo sem rosto apontar pra você como se você fosse a próxima na fila de um balcão de açougueiro. Mas, claro, vamos falar de lógica.

Eu o ignorei. Os homens ficam muito emocionados quando não podem controlar tudo.

– A lógica sugeriria que, se uma maldição foi feita, ela pode ser *desfeita*.

– E como você sugere que a gente faça isso? Que procure uma caplata que morreu dois séculos atrás e peça reembolso?

Eu me levantei e voltei a andar de um lado para o outro.

– Não, mas deve haver alguém que saiba como maldições assim funcionam. Deve haver alguma brecha. Uma reversão. Talvez até outra caplata disposta a desfazê-la.

O rosto de Dax se fechou.

– Não se brinca com vodu, Petra. A menos que se esteja disposto a pagar um preço alto.

Eu me virei e olhei para ele com as sobrancelhas arqueadas.

– Eu estava tendo uma alucinação quando você me disse que eu estou marcada pra morrer? Eu não tenho muito a perder, tenho?

O olhar dele estava sombrio. Insondável. Ele me encarou, pensativo, por

um instante e desviou o olhar para espiar a noite pela janela. O quarto ficou carregado com o silêncio, e o único som era o zumbido baixo do sistema de aquecimento antigo do hotel.

– Tem alguém que talvez saiba mais.

– Quem?

Ele apertou os lábios naquela linha fina que estava se tornando cada vez mais familiar. Depois de uma pausa, ele disse:

– Celeste Leclair.

– Tá. E onde a gente encontra essa Madame Éclair?

– *Le*clair. E encontrá-la é o problema. Ela não tem endereço fixo.

Franzi a testa.

– O que isso quer dizer?

– Ela fica fora do radar. – Ele hesitou, mas depois acrescentou, contrariado: – E me odeia.

– Ela parece uma pessoa muito inteligente.

O sorriso doce que abri fez parecer que a cabeça dele ia explodir.

Ele se levantou e foi na direção do frigobar, me forçando para o lado para passar.

– É que a Celeste é médium. E não do tipo que lê seu futuro numa bola de cristal no Quarter por vinte pratas. Ela é pra valer. Dizem que ela tem um pé neste mundo e um no outro.

– Perfeito! É desse tipo de pessoa que a gente precisa!

Ele abriu a tampa de outra minigarrafa de Jack Daniel's e bebeu todo o conteúdo.

– É. Só que ela provavelmente vai me matar quando me vir.

– Por que ela faria isso?

Depois de uma pausa longa muito suspeita, ele admitiu:

– A filha dela se apaixonou por mim.

Levei um segundo para entender. Quando entendi, fiquei olhando para ele com a boca aberta.

– Não.

Pálido e com os lábios apertados, ele assentiu.

– Ah, Dax… que horror! Ela *morreu*?

Ele expirou lentamente e assentiu de novo.

– Eu sinto muito. Meu Deus, que trágico.

Nós estávamos ferrados, mas não falei essa parte em voz alta. Só entrei no modo de quem quer consertar a situação.

– Tudo bem, então a gente só precisa convencer uma mulher que te odeia a nos ajudar a quebrar uma maldição secular que matou a filha dela.

– Ela não culpa a maldição. Ela *me* culpa. E está certa de fazer isso, porque eu poderia ter salvado Emmie se ficasse longe dela. Se eu não fosse egoísta e ficasse longe.

Eu estava começando a entender por que a personalidade dele era tão ruim. Ele queria garantir que mais ninguém fosse vítima da maldição, se ele pudesse evitar.

Isso era quase heroico.

Mas, a julgar pelo jeito como aquelas garotas na rua olharam para ele, eu desconfiava que ele não precisava fazer muito para deflagrar a maldição. Só

uma piscadela maliciosa e as três teriam ficado caidinhas.

– Olha, a gente tem que tentar. Não só por você e por mim, mas por todas as outras pessoas que podem ser afetadas por essa maldição no futuro.

Ele me encarou por um longo instante.

– Não vai ter mais ninguém afetado.

Franzi a testa.

– Por que você diz isso?

– Porque eu sou o último dos Rousseaus. O último descendente de Matthias. A maldição morre comigo.

Ah.

Ah, *cacete*.

Eu devia ter sido mais legal com ele. *Bem* mais legal. Porque, se eu realmente estava marcada para a morte por causa da maldição idiota da família dele, ele não tinha o menor motivo para me ajudar a lutar contra ela. Ele podia só me deixar ser ceifada ou levada, ou como quer que se chame ser assassinada por uma entidade sobrenatural que coleta maldições, e continuar do jeito ranzinza dele, evitando envolvimentos românticos até morrer.

– Eu sei o que você está pensando – disse ele em tom azedo, observando meu rosto. – Mas eu não sou tão desalmado assim. – Ele fez uma pausa, e um vislumbre de sorriso ergueu os cantos de sua boca. – Na verdade, sou, mas também sou curioso demais pra não querer saber por que a maldição mudou de repente pra ir atrás de uma mulher que não está apaixonada.

– Se esse é seu jeito de tentar dizer que eu *estou* apaixonada por você mas ainda não sei, você tem dentes quebrados no seu futuro próximo.

Ele apertou os lábios de novo, mas desta vez não foi de desgosto. Estava tentando não sorrir.

Eu contive um bocejo e peguei o copo de vodca de novo. Ele o tirou da minha mão e o colocou na mesa de cabeceira.

– Está tarde. Você precisa descansar.

– Não, eu preciso encontrar Madame Éclair!

– *Le*clair. E nós *vamos* encontrá-la. Amanhã cedo vamos começar a procurar. Mas agora você precisa dormir. – Ele apontou para a cama. – Você fica na cama. Eu fico no chão.

– Uau. E eu achando que você não era cavalheiro.

Ele me lançou um olhar sombrio.

– Não vai se acostumando.

Ele pegou um travesseiro e um cobertor no armário e se posicionou como um cão de guarda no chão na frente da porta, cruzou os braços atrás da cabeça e olhou com irritação para o teto.

Entrei embaixo da coberta e olhei para ele por um instante antes de apagar a luz. Deitada ali no escuro, pensei em como devia ter sido a vida dele.

Tantos anos sozinho, sabendo que não podia correr o risco da proximidade com ninguém, sabendo o que aconteceria se ele se permitisse se apaixonar…

E isso *aconteceu*.

A voz grave interrompeu minha reflexão:

– Dorme um pouco, moça do caderninho. O problema vai continuar existindo de manhã. Pode se preocupar com o seu destino amanhã.

Mas não dormi. E não era com o meu destino que eu estava preocupada.

Embora a marcada para a morte fosse eu, por algum motivo estranho, eu estava mais preocupada com *ele*.

CAPÍTULO 7

BAILE DE MÁSCARAS DOS CONDENADOS

Petra

Dessa vez, os sonhos não foram só com uma tinta devoradora. Eles surgiram em flashes distorcidos, como filmes velhos passando na minha cabeça. Uma tumba em ruínas no meio de um cemitério. Uma mulher de branco com olhos como os meus, desenhando símbolos no ar, os lábios se mexendo em silêncio. Um espelho, rachado no meio, refletindo o passado e o futuro em lados opostos.

Um sussurro fantasmagórico no meu ouvido: *Um precisa estar perdido para o outro estar livre.*

E Dax. Muitas visões de Dax.

Na maioria delas, ele estava nu, metendo entre as minhas pernas abertas.

Acordei com um sobressalto, as pernas enroladas no lençol e o coração disparado.

Dax já estava acordado. Sentado na poltrona perto da janela, ele me observava com atenção.

– Você estava falando dormindo. Algo sobre estar perdida.

Lembrei-me do estranho sussurro do sonho, engoli em seco e desviei o olhar.

– Sério?

Eu o senti me observando com olhos apertados, então forcei um sorriso, afastei as cobertas e joguei as pernas para fora da cama.

– Vamos procurar uma roupa pra você. Depois, vamos procurar Celeste Leclair.

Ele sustentou meu olhar por um instante, parecendo que ia dizer alguma coisa, e assentiu.

– Tem uma loja de roupas lá embaixo. Pede comida que eu vou ver se tem alguma coisa que cabe em mim.



No fim das contas, a loja tinha o tamanho de Dax. Ou isso ou ele tinha assaltado um gigante no saguão e roubado sapatos, camisa e jaqueta. De qualquer modo, ele reapareceu totalmente vestido, e nós tomamos um café da manhã rápido.

E passamos o dia procurando Celeste Leclair.

Dax me levou pelas ruas sinuosas menores do Quarter e foi batendo em portas, falando com gente que mal as abria, botando dinheiro na palma das mãos para ter conversas discretas. Ficou claro que Celeste não era só elusiva. Era praticamente um fantasma.

– Ela se muda muito – explicou Dax quando abandonamos outra pista sem resultado.

Ainda perturbada pelos meus sonhos, murmurei:

– Que ótimo. Então estamos procurando uma mulher impossível de encontrar pra nos dizer como fugir de uma maldição impossível de deter. Que legal pra nós.

Mas o destino sorriu para nós na parada seguinte. Era uma loja de vodu enfiada entre prédios em uma área tranquila do Quarter. Sem letreiros de néon, sem nada chamativo para atrair turistas, só uma porta de madeira gasta com um único saquinho gris-gris pregado no alto, cheio de penas, ervas e pregos de ferro que saíam pelas laterais.

O homem idoso que nos recebeu no interior mal iluminado tinha a pele marcada por anos de segredos e olhos escuros argutos capazes de identificar uma mentira antes mesmo que fosse pronunciada. Ele me deu uma olhada e parou. Arregalou os olhos como se soubesse algo sobre mim.

Algo ruim.

Aquela cidade estava começando a me dar nos nervos.

Sem dizer nada, Dax entregou ao homem uma trouxinha enrolada em pano vermelho. Ele pegou a trouxinha, assentiu, se inclinou para perto de Dax e murmurou palavras que só ele ouviu.

Dez segundos depois, estávamos de volta à calçada, com a porta da loja se fechando.

– O que foi aquilo? – perguntei, olhando de lado para Dax.

– Não é possível simplesmente exigir informações de um homem como o Doutor John. Os hungãs exigem respeito.

Concluí que *hungã* era o título formal de líder espiritual na tradição dele.

– Então você o subornou?

– Eu fiz uma oferenda – corrigiu Dax, balançando a cabeça e achando graça da minha ignorância.

– E o que foi que ele te disse?

– Ele me falou onde podemos encontrar Celeste Leclair. – Dax me olhou de lado de um jeito estranho. – E disse também que um leão adormecido ainda é um leão e que eu devia tomar cuidado pra não pisar na cauda dele e não correr o risco de acordá-lo.

Pensei nesse enigma por um instante.

– Então Celeste pode ser perigosa.

– Ele não estava falando dela – respondeu Dax, baixinho. – Estava falando de você.

Lembrei de como o hungã me olhou e senti um arrepio na espinha. Mas não era medo. Era mais expectativa.

Como se meu corpo reconhecesse algo que meu cérebro ainda viria a entender.



O baile de máscaras onde diziam que Celeste Leclair estaria naquela noite aconteceu em uma mansão linda e antiga no coração do Garden District.

Uma luz quente emanava das janelas altas e iluminava o portão de ferro forjado e o terreno luxuoso. Figuras com máscaras elaboradas e trajes elegantes subiam a escadaria grandiosa. A melodia de uma banda de jazz escapava pelas portas abertas.

Passei as mãos no vestido que tinha comprado na butique do hotel, um vestidinho reto vermelho-escuro de seda grudado no corpo e deixava pouco para a imaginação. Mas eu não tive escolha, considerando que tinha feito a mala para trabalhar, não para me divertir.

Shane teria um aneurisma quando eu fizesse o pedido de reembolso. Mas, como ele mesmo gostava de dizer, cada um com seus problemas.

Uma máscara preta cobria a parte de cima do meu rosto, o desenho delicado de renda parecido com videiras. Meu cabelo caía solto nos ombros. Eu não tinha o sutiã certo para o vestido, então fui sem. Por sorte, o tempo estava ameno naquela noite.

Ao meu lado, Dax estava ridiculamente bonito com o terno preto sob medida. A máscara dele era mais simples e só cobria os olhos, mas as tatuagens que apareciam na clavícula exposta faziam com que ele se

destacasse.

Ele reparou que eu estava olhando e arqueou uma sobrancelha.

– O que foi?

– Tem uma coisa no seu queixo – menti, para disfarçar o tanto que eu tinha olhado.

Ele passou a mão no queixo, e eu afastei o olhar, ciente da proximidade dele. Do cheiro. Daquela mandíbula forte que eu *não estava* admirando nem um pouco.

Nós entramos.

O ar estava carregado de cheiros de perfume, vinho temperado e cera de vela derretida. As paredes tremeluziam com a luz dourada dos lustres de cristal. Espelhos com bordas douradas refletiam casais mascarados rodopiando no amplo piso de mármore, e a risada deles era uma melodia assombrosa sob os acordes da música.

A cena era opulenta e hipnótica, tão inebriante em sua beleza que fiquei atordoada por um momento, antes de me recompor para me concentrar no motivo de estarmos ali.

– Como ela é? – perguntei, vasculhando a multidão.

– Linda – foi a resposta murmurada de Dax.

Quando olhei, ele estava me encarando de um jeito intenso. Os olhos brilhavam quentes atrás da máscara preta; mas ele desviou o olhar e pigarreou.

– Você vai saber na hora em que bater os olhos nela.

Nervosa por causa do olhar ardente dele, balancei a cabeça.

– Eu nunca a vi. Como vou reconhecê-la?

– Acredite em mim. Você vai saber.

Ele se afastou e me deixou andando sozinha no meio das pessoas. A rigidez dos ombros dele indicava emoções fortes que ele estava lutando para conter, mas eu sabia que não deveria perguntar nada. Ele só me olharia de cara feia e não responderia.

Passei pelo agito quente de seda e veludo e percorri o salão procurando um sinal. Eu não sabia que tipo, mas, quando virei e entrei em um corredor à luz de velas, meus pelos da nuca se arrepiaram, e eu soube instintivamente que tinha encontrado o que estava procurando.

Ou melhor, ela tinha me encontrado.

Eu parei e esperei, o coração disparado e os nervos abalados com um frio súbito. O ar no ambiente mudou, como se as paredes tivessem desaparecido, e de repente uma figura surgiu das sombras sob um amontoado de lindas palmeiras em vasos.

Ela veio lentamente na minha direção, sem emitir nenhum som, carregando consigo uma energia eletrizante, uma força selvagem que insinuava perigo, como a fricção elétrica palpável no ar pouco antes de um raio cair.

Atrás da máscara de filigrana dourada, os olhos eram cinza-claros, quase sem cor. O vestido antiquado era azul-marinho. O cabelo preto comprido tinha fios brancos. Os lábios eram um risco vívido vermelho-sangue na pele pálida, o que lhe dava um ar de criatura morta-viva que tinha acabado de jantar carne viva.

Por ser do tipo que nunca perde a oportunidade de um cumprimento constrangedor, estendi a mão e abri um sorriso.

– Oi, meu nome é Petra. Você deve ser a Sra. Leclair. Você é bem mais

assustadora do que imaginei.

Em vez de apertar a minha mão, ela a segurou com dedos que pareciam garras, com um aperto gelado e surpreendentemente forte.

Dei uma risada nervosa.

– Uau, que mão gelada. Você deixa as mãos numa cripta por proteção?

Ela me ignorou e respondeu:

– Você carrega seu destino como um manto que nunca lhe serviu direito, criança. Ele se agarra em algumas partes suas e escorrega em outras. Seu futuro ainda não está decidido.

A voz dela era como vento passando por uma fechadura, fina e débil, mas com uma qualidade sutilmente sobreposta, como se mais de uma pessoa estivesse falando ao mesmo tempo.

– Hum… obrigada?

– Você ainda não sabe o que é, mas *eu* te reconheço. A maldição também. Você precisa tomar cuidado, criança. O inimigo se aproxima.

Ela se inclinou para mais perto, a voz baixando para um sussurro:

– *Mate o diabo tatuado antes que ele te mate!*

Que ótimo. Ela queria que eu acabasse com a vida de Dax. Eu admitiria que o pensamento tinha passado pela minha cabeça mais de uma vez, mas essa não era a questão.

– Olha, eu sei que você ficou muito chateada com o que aconteceu com a sua filha. É totalmente compreensível. Eu também ficaria. Mas eu não sou do tipo que mata. A menos que você esteja falando da quantidade imoral de pratos de *carnitas* que assassinei ao longo da vida, porque, se formos contar isso, sou uma assassina em série.

Celeste Leclair não achou graça da minha brincadeira. Os olhos pálidos penetraram nos meus, frios e afiados.

– Peço desculpas. Isso foi insensível. Eu só estou tentando descobrir como romper a maldição, só isso.

– A maldição foi selada com magia de sangue. E só uma magia de sangue pode destrancá-la.

Ela falou como se eu devesse saber o que aquilo significava. Como se eu tivesse me formado com honras em Hogwarts. Esperei uma explicação melhor, mas, como não houve, insisti:

– Mas o que *exatamente* isso quer dizer? "Destrancar" faz parecer que existe algum tipo de chave.

A risada dela foi baixa e perturbadora.

– Existe. E você a carrega dentro de si.

Ela passou o dedo ossudo pela veia azul que seguia pela parte interna do meu antebraço e bateu no punho, onde a pulsação latejava.

– Tá, mas, com todo o respeito? Você está sendo enigmática demais. Explica como se eu tivesse 5 anos. *Como* a gente rompe a maldição? Especificamente. Tem uma frase? Abracadabra, algo assim? Tem um ritual? Um feitiço? Um tabelião sinistro que carimba remoções de maldições?

– Lembre-se apenas, criança, que um precisa estar perdido para que o outro esteja livre. A escolha é sua.

Saco. Aquelas frases sinistras estavam começando a me irritar.

Eu não sou nenhum gênio, mas sabia que estapear uma médium famosa e poderosa era má ideia, então insisti com educação:

– Perdido *como*? Perdido tipo "perdido na floresta"? "Perdido no

tempo”? Ou perdido “como um cordeiro no sacrifício”? Porque, pra ser sincera, eu não estou adorando nenhuma dessas alternativas até agora.

– No coração da cidade, onde os mortos ainda fazem acordos, você vai encontrar o que procura.

Eu a encarei.

– É sério isso?

Com outra risada ameaçadora, ela se afastou e murmurou por cima do ombro:

– Siga os vaga-lumes.

E sumiu, engolida pela multidão mascarada.

Então aquela era a famosa médium Celeste Leclair.

Eu ficaria feliz de ter passado a vida sem aquele encontro bizarro.

– Aí está você.

Quando Dax apareceu ao meu lado, dei um pulo.

– Não aparece de repente assim!

– O que houve?

Dei uma risada nervosa.

– Ah, nada. Só fiz amizade com o que pode ter sido uma bruxa, um fantasma ou um zumbi.

Ele apertou os olhos.

– Celeste?

– É. Ela se apresentou. E não poderia ter sido mais sinistra nem se tentasse. Ela sugeriu que eu te matasse.

A expressão dele se fechou, e ele apertou os lábios.

– E o que mais?

– Eu falei que ia pensar. Estou pendendo para o sim.

Compartilhamos um sorriso irônico. Mas então o dele sumiu quando eu acrescentei:

– Ela também disse que a maldição só pode ser destrancada com magia de sangue. E, ao que tudo indica, eu tenho a chave.

Ele inspirou fundo e enrijeceu a postura, como se estivesse se preparando para uma batalha.

– *O quê?*

Eu assenti e olhei para o meu braço, para onde ela tinha tocado. Omiti que ela repetira o que eu tinha ouvido em um sonho na noite anterior, sobre um precisar estar perdido para que o outro pudesse estar livre, porque eu ainda estava remoendo mentalmente essa charada.

– O que você acha que quer dizer?

Uma tensão irradiou do corpo dele. Pensamentos sombrios rodopiaram atrás dos olhos. Mas ele permaneceu teimosamente calado.

Um baita choque.

– Agora não é hora de morder a língua, Miss Simpatia. Seja lá o que você estiver pensando, bota pra fora.

– Eu estou pensando que você está bem mais envolvida nisso do que nós dois tínhamos percebido – disse ele em tom sombrio.

Algo no tom dele me abalou.

– Para de ser misterioso, tá? Você parece aquela médium maluca. Se sabe de alguma coisa, fala logo.

Com a mandíbula travada, ele resmungou:

– Eu só estou tentando te proteger.

– Eu não pedi a sua proteção, pedi a verdade.

– Não é tão simples.

Irritada, olhei para ele de cara feia.

– Nada com você é. Por que não pode confiar em mim?

Os olhos dele faiscaram.

– Do jeito que você confia em mim?

– Não sou eu que guardo segredos.

Ele balançou a cabeça, como se estivesse tentando negar que estava guardando todos os segredos que obviamente estava.

– Não é uma questão de confiança. É uma questão de te manter viva.

Minha frustração extrapolou. Explodi:

– Eu não sou criança nem sou uma donzela indefesa. E não vim aqui hoje pra discutir com você. Eu vim pra descobrir como quebrar a maldição!

Ele segurou meu braço e me puxou para perto, tão perto que o calor dele me queimou mesmo através do vestido.

– E se quebrar a maldição acabar te matando? E aí? Eu tenho que ficar só olhando e deixar acontecer? – rosnou ele.

– Considerando que você me disse que eu *já* estou marcada pra morrer por causa dessa sua maravilhosa maldição familiar, não importa o que você vai fazer, né? De uma forma ou de outra, eu estou frita!

Esperei uma resposta, mas ele não disse nada.

Então era o meu fim.

Dei meia-volta e saí andando por um corredor lateral, murmurando

xingamentos por entre os dentes. Eu precisava de ar, de espaço, de qualquer coisa que não fosse a presença insuportável dele. Eu nunca tinha conhecido um homem capaz de dizer tão pouco e me irritar tanto.

Abri uma porta qualquer e entrei, e me vi num escritório escuro cheio de livros velhos e cortinas pesadas de veludo. O fogo ardia baixo na lareira, lançando sombras compridas nas paredes.

Antes que eu pudesse recuperar o fôlego, a porta bateu atrás de mim.

E ali estava Dax. O lindo, deslumbrante e irritante Dax.

Eu deveria ter dado um empurrão nele. Deveria ter discutido. Mas, quando ele estendeu os braços para mim, não resisti.

Ele encostou a boca na minha.

CAPÍTULO 8

MARCA DOS MORTOS

Dax

Eu não pretendia ir atrás dela.

Não pretendia bater a porta, encostá-la na mesa, devorá-la como um homem possuído.

Mas Petra conseguia me levar ao limite, me provocar com o fogo dela, me tentar como nenhuma mulher tinha feito. E, quando ela me olhou como se não conseguisse decidir se me beijava ou fechava as mãos no meu pescoço para sufocar toda a vida que havia em mim, todas as gotas de controle a que eu me agarrava tanto evaporaram.

O que posso dizer? Tenho um fraco por mulheres ardentes.

Ela ofegou junto aos meus lábios quando a coloquei em cima da escrivaninha grande de carvalho e joguei os livros e papéis no chão com um movimento do braço. Ela me puxou e abriu as coxas. Quando passou as pernas na minha cintura, eu soube que não daria mais para parar. Não naquela noite.

– Anda logo – sussurrou ela, e enfiou as unhas nos meus ombros.

Ela não precisou dizer duas vezes.

Puxei a calcinha dela pelas pernas, abri meu zíper e soltei meu pau duro. Todo vestido exceto pelas partes que importavam, eu me enfiei nela.

Ela gemeu e arqueou as costas. Os olhos se fecharam atrás da máscara. Rígidos sob o corpete do vestido, os mamilos dela eram impossíveis de resistir. Suguei um bico com força, por cima da seda mesmo.

Nós nos beijamos apaixonadamente, nossos corpos encontrando um

ritmo mais antigo do que qualquer maldição, mais poderoso do que qualquer aviso que Celeste Leclair pudesse proferir.

– Você tem sorte de eu não ser uma mulher de flores e preliminares – sussurrou Petra.

– E você tem sorte de eu ser um homem que não liga pra insolência – resmunguei.

– Ligar? Você está de brincadeira? Você *ama*, Miss Simpatia. Agora cala essa boca bonita e me faz esquecer que eu não gosto de você.

Sorri para ela e obedeci.

Eu mergulhei no calor úmido dela várias vezes, amando seus gemidos roucos de prazer, perdendo mais do que a cabeça a cada segundo que passava. Eu me sentia preso a ela de um jeito que não entendia.

Fisicamente, fazia sentido. Mas o que eu sentia dentro do peito, aquela sensação dolorosa, maleável, derretida, não fazia o menor sentido.

Outra coisa que não fazia sentido era que as minhas tatuagens ficaram estranhamente silenciosas. Todas as outras vezes que ela tinha tocado em mim, elas tinham se remexido e ardido. Naquele momento, estavam quietas e imóveis, como se olhando e esperando. Aguardando o momento certo.

O corpo de Petra convulsionou. Ela soltou um grito, um som primitivo. Partido. E começou a convulsionar, com contrações intensas e rítmicas tão poderosas e prazerosas que eu perdi o fôlego.

E aí eu *me* perdi. Jorrei dentro dela, meu corpo estremecendo, com grunhidos profundos de prazer subindo pela garganta.

Quando ela gemeu meu nome, um tremor surgiu nas minhas terminações nervosas, uma espécie de percepção animal trêmula de que ela

não era mais só uma jornalista atrevida que tinha entrado na minha loja em uma noite de chuva. Ela não era mais uma desconhecida. Nem uma adversária. Nem mesmo a chave para destrancar uma maldição.

Ela era minha.

E ela sempre esteve predestinada a ser minha, por mais impossível que isso parecesse para nós dois.

Segurei o rosto dela e a encarei no fundo dos olhos, reivindicando seu corpo enquanto a deixava ver a verdade no meu olhar: que aquilo não era o fim do anseio que nós dois sentíamos desde o instante em que nos conhecemos… era só o começo.

Dali em diante, nada poderia me separar dela.



Ficamos deitados, atordoados e em silêncio, no sofá de couro sob a luz fraca da biblioteca, as máscaras descartadas no chão, o odor almiscarado de sexo e livros velhos nos envolvendo como um feitiço. O peso do que tinha acontecido apertava meu peito.

Não havia mais volta.

Eu mataria para protegê-la.

– O que você acha que Celeste quis dizer sobre magia de sangue? Sobre mim? – murmurou ela.

Expirei lentamente e passei a mão no braço dela.

– Parece que ela acha que seu sangue é a chave para destrancar a maldição.

– Meu sangue *literalmente*?

– É. Como se você tivesse algum parentesco com a caplata que nos

amaldiçoou. Eu sei que parece loucura.

Ela se apoiou em um cotovelo e me encarou com uma expressão estranha.

– Talvez não.

– Por que você diz isso?

– Porque eu não sei nada sobre a minha família biológica. Fui adotada com poucas semanas de vida.

Eu a encarei. Minha mente começou a girar com possibilidades.

– Isso significa… significa que você *poderia* ser…

Petra enrijeceu e travou a respiração. Inspirou fundo e apertou o punho.

– O que foi?

– Dax – disse ela, com a voz tensa de dor. – Olha!

Eu me sentei rapidamente e a puxei para a luz do fogo. Segurei o punho dela nas mãos e a encarei, incrédulo.

Na pele lisa de alguns momentos antes, um selo leve agora brilhava em vermelho, gravado na pele como uma marca.

Sob a atadura no meu punho, a tatuagem que formava o nome dela começou a arder.

Um medo gelado se instalou nas minhas entranhas. Olhei para o selo na pele dela, sentindo o meu coração bater com força nas costelas. Eu conhecia aquela marca. Já a tinha visto.

Apareceu no punho da minha mãe menos de uma hora antes de ela morrer. No de Emmie também.

O que significava apenas uma coisa.

O tempo estava acabando.

CAPÍTULO 9

DESCENDENTE DAS CINZAS

Petra

A expressão de Dax era de angústia. O jeito como ele olhava para a marca no meu punho esquerdo não deixou espaço para dúvida sobre o que significava: meu destino iminente.

Parecia que eu teria que cancelar a manicure.

– O que mais Celeste disse? – perguntou ele com urgência.

Distraída e com dor, falei:

– O quê?

– *Pensa*, Petra! É importante. Ela disse mais alguma coisa que possa nos ajudar?

Tentei me lembrar de todas as palavras que a médium tinha sussurrado com as vozes sinistras sobrepostas. Meu punho ardia muito, como se o selo estivesse marcado até os meus ossos.

– Ela disse algo do tipo… "No coração da cidade, onde os mortos ainda fazem acordos, você vai encontrar o que procura."

Ele assentiu, com a mandíbula contraída.

– Ela está falando do St. Louis Cemetery Nº 1.

– O cemitério?

– Não é um cemitério qualquer. É lá que as pessoas vão pra pedir favores e fazer acordos com os mortos. Principalmente na tumba de Marie Laveau, a famosa rainha vodu do século XIX. As pessoas empilham oferendas lá. Velas, moedas, cruzes… – Ele baixou a voz e completou: – Às vezes, sangue.

Sangue de novo. Eu estava com uma sensação muito ruim em relação a isso.

O ar ao nosso redor ficou mais frio. As sombras nas paredes ficaram mais longas e subiram na direção do teto como cobras. Quando o fogo na lareira crepitou, o odor de carne podre se espalhou pelo ar.

Eu me levantei e olhei ao redor, mas, assim que dei um passo, o chão se inclinou. Uma queimadura intensa surgiu no meu punho. Eu inspirei e apertei o braço junto ao peito. Dax ficou de pé e disse meu nome com urgência.

– A gente tem que sair daqui – falei.

Mas as velas das estantes e o fogo atrás da grade se apagaram de uma vez, mergulhando a sala na escuridão. Nas sombras do espelho com moldura dourada acima da lareira, algo se moveu.

O Homem Vazio.

Ele saiu do reflexo, uma silhueta de vazio infinito, a barra esfarrapada do casaco comprido arrastando no chão. O rosto sem feições estava tomado por trevas, mas senti seu olhar sem olhos em mim. O ar ficou absurdamente imóvel, o peso do esquecimento esmagando meus pulmões.

Ele deu um passo lento para a frente, e os livros na estante começaram a tremer. O lustre no teto estalou, como se balançasse em uma brisa-fantasma.

O fedor pútrido de morte era sufocante.

Com uma voz como dedos esqueléticos arranhando a tampa de um caixão, o Homem Vazio falou:

– A cova está aberta. A lápide já foi entalhada. Só resta uma coisa, Descendente das Cinzas: *sacrifício*.

Fiquei paralisada por um instante, o choque e o medo transformando meus músculos em pedra. Felizmente, meu temperamento entrou em ação e me salvou de ser totalmente covarde.

– Sabe de uma coisa? – gritei, apontando o dedo na direção sinistra dele. – Eu não aceito ser intimidada por um esquisitão morto-vivo sem cara! Você e seu fedor de cemitério podem ir se catar!

– Petra, o que está acontecendo? É ele?

A voz tensa de Dax interrompeu minha raiva. Eu tinha esquecido que ele não via o que eu via.

Antes que eu pudesse responder, as sombras da sala desmoronaram para dentro e puxaram o Homem Vazio de volta para o espelho. Ele desapareceu como tinta descendo pelo ralo.

Um instante depois, as velas das estantes e o fogo da lareira voltaram à vida.

Mas o frio permaneceu. A presença sufocante também.

O Homem Vazio ainda estava por perto.

– Petra! Fala comigo!

Eu me virei para Dax com a pulsação disparada nos ouvidos.

– Nós temos que ir. Agora.

Ele não discutiu. Pegou a minha mão e me puxou na direção da porta dupla da biblioteca. Quando chegamos lá, uma batida profunda e ressoante ecoou pela sala.

Nós dois ficamos paralisados.

Uma segunda batida foi seguida por uma terceira. Eram lentas, calculadas e pareceram bem sinistras. Como se alguém (ou alguma *criatura*)

estivesse esperando um convite para entrar.

Nós nos entreolhamos.

– Acho que temos que encontrar outra saída – disse Dax.

– Brilhante ideia. Como?

Ele olhou para as janelas.

– Você tem medo de altura?

– Nós estamos no primeiro andar.

– Esqueceu a escada que a gente subiu pra entrar aqui?

– Tudo bem, estamos no *segundo* andar. Será que dá pra gente *ir*?

Nós nos viramos e corremos até as janelas. Dax as abriu e olhou para baixo.

– Demos sorte. Tem uma treliça. Me dá sua mão.

Ele me ajudou a passar pelo parapeito e ficou olhando a minha descida enquanto eu xingava baixinho sempre que as minhas mãos eram cortadas por espinhos. Quando cheguei embaixo e pulei no chão, Dax foi atrás.

Quando saímos no gramado, o baile estava a toda. As risadas, as luzes e os acordes de um quarteto pareciam errados depois do que eu tinha visto e sentido. O cheiro também, aquele fedor sufocante de decomposição.

Dax vasculhou a rua com o olhar.

– Precisamos de um carro.

Pela expressão criminosa no rosto dele, eu soube o que ele estava planejando.

– Ah, fantástico. Vamos acrescentar um roubo de automóvel à nossa lista de problemas.

Ele me ignorou, pegou a minha mão e me conduziu pela multidão de convidados fantasiados andando pelo gramado, até passarmos pelo arco de pedra do portão e entrarmos nas sombras que se avultaram além dos postes de luz, na direção do Camaro preto vintage estacionado junto ao meio-fio.

– Claro que você escolheu o carro mais barulhento da cidade – murmurei. – Todos os fantasmas num raio de quilômetros vão nos ouvir chegando.

– Precisamos de velocidade – argumentou ele, agachado ao lado da porta do motorista.

Ele apertou os olhos, espiou pela janela, em seguida andou para a escuridão. Segundos depois, voltou segurando um tijolo.

– O que você está planejando fazer com isso?

Ele me lançou um olhar divertido e quebrou a janela do Camaro.

O alarme do carro disparou. Os faróis na frente e atrás piscaram. Dax enfiou a mão pela janela, abriu a porta, entrou e se curvou sobre o volante para arrancar o painel.

Do outro lado da rua, um homem de máscara de carneiro chifrudo gritou:

– Ei! Esse carro é meu!

Quando as pessoas começaram a vir na nossa direção, sentei no banco do passageiro e me encolhi.

– O dono está chegando.

– Quase lá – rosnou Dax, mexendo nos fios.

Vi o homem de máscara de carneiro começar a correr.

– Você precisa chegar *lá* mais rápido, Miss Simpatia.

Com algumas fagulhas e um pico de energia, o motor ganhou vida.

Nos afastamos do baile com os pneus cantando. A mansão encolheu no retrovisor, as janelas iluminadas parecendo os buracos dos olhos de uma caveira.

Expirei de alívio e fechei os olhos.

– Você está bem? – perguntou Dax.

Minha risada foi baixa e seca.

– Fora o punho marcado, as mãos cortadas e aquela coisa sem cara me perseguindo? Sim. Estou *ótima*. Qual é o plano?

– Nós vamos pro cemitério. Vamos descobrir o que a tumba de Marie Laveau está escondendo. E depois vamos descobrir como acabar com isso de uma vez por todas.

– Tá, mas *como* a gente descobre isso?

– A gente simplesmente descobre.

Eu o encarei.

– Deve ser um alívio tão grande não carregar o peso da lógica.

– Essa é a coisa mais passivo-agressiva que eu já ouvi.

Dei uma risada debochada.

– Aguenta firme, Miss Simpatia. Eu só estou começando.

Toquei o punho dolorido. A ardência tinha diminuído, mas o peso das palavras do Homem Vazio ainda estava presente.

"*A cova está aberta. A lápide já foi entalhada. Só resta uma coisa, Descendente das Cinzas: sacrifício.*"

Como se lesse minha mente, Dax perguntou:

– O que ele te disse?

– Ele tagarelou sobre covas, lápides e sacrifícios. Nada fez sentido. Ele é tão confuso quanto Celeste Leclair. – Franzi a testa e aninhei o punho machucado. – Mas me chamou de "Descendente das Cinzas", e isso me pareceu importante. Alguma ideia do que pode significar?

Dax uniu as sobrancelhas, a confiança habitual abalada pelo que pareceu um caso sério de medo.

– Pode significar muitas coisas, mas a primeira coisa que me vem à mente são bruxas.

Esperei que a descrença chegasse, meu ceticismo arraigado preparando a cabeça para debochar, mas acho que eu já tinha sido atormentada o suficiente pelo sobrenatural, porque acabei aceitando.

– Que bruxas?

– As que foram queimadas nas famigeradas caçadas e perseguições na Europa e nas Américas do século XV até o XVIII.

Pensei por um instante e balancei a cabeça.

– Isso parece exagero.

– Não se você incluir o fato de que foi adotada e não conhece seus pais biológicos. Acrescente isso ao que Celeste Leclair disse: que maldição só pode ser destrancada por magia de sangue e você tem a chave…

Ele estava segurando o volante com tanta força que parecia capaz de esmagá-lo.

– Talvez a caplata original que lançou a maldição fosse sua ancestral. E *ela* era ancestral daquelas que foram mortas gerações antes.

Como eu fiquei calada, pensativa, Dax continuou:

– Pensa bem. Se o Homem Vazio conhece sua linhagem, ele está te dizendo onde você se encaixa na maldição. Está te dando uma pista.

– Eu achei que ele fosse tentar me matar. Agora, de repente, está me deixando um rastro de migalhas sobrenaturais?

– O fato de ele estar se comunicando é novidade – murmurou Dax. – Até onde eu sei, ele nunca falou com nenhuma das vítimas.

– Eu só queria que ele tivesse escolhido outra pessoa pra bater papo.

Trocamos um olhar sombrio enquanto atravessávamos a noite em alta velocidade em direção ao cemitério. E, embora tivéssemos deixado o Homem Vazio para trás, eu sabia que não estávamos escapando.

Estávamos dirigindo direto para as mãos dele.

CAPÍTULO 10

CIDADE DOS OSSOS

Dax

Eu sabia que estava no caminho certo com a teoria das bruxas, não só porque as minhas tatuagens estavam se remexendo e aqueles sussurros esquisitos que pareciam vir de uma caverna profunda e cheia de almas presas tinham começado de novo, mas também porque a tatuagem com o nome de Petra no meu punho tinha começado a sangrar.

Eu desconfiava que, se removesse a atadura e olhasse, não seria um sangue normal, mas preto.

Os faróis do Camaro cortaram a névoa densa que pairava sobre o asfalto rachado quando paramos na frente do portão de aço fundido do St. Louis Cemetery Nº 1. Desliguei o motor e apertei o volante enquanto um calor sobrenatural se espalhava por baixo da atadura.

Aquilo não era um bom sinal.

O silêncio de Petra também não era. Ela estava sentada com o corpo rígido, os lábios apertados, olhando pela janela do carro para o portão do cemitério.

Abri a porta e saí. Petra foi atrás. Depois de um instante tenso, ela disse:

– Tudo bem, vamos violar um túmulo.

– Não vamos violar nada. Nós só vamos procurar uma pista que possa ter sido deixada para trás e que talvez nos ajude.

– Um pouco de água benta seria útil – murmurou ela, olhando para a entrada em arco, onde as palavras *Requiescat in Pace* estavam gravadas em pedra.

Descanse em paz.

Algo me dizia que ninguém ali estava descansando.

O cemitério era uma cidade de mortos. Caminhos estreitos passavam entre tumbas que se estendiam para o alto como mausoléus em miniatura. O luar lançava sombras compridas, nos permitindo enxergar, mas também facilitando que qualquer criatura se esgueirasse até nós apenas um pouco além do nosso campo de visão.

Petra não protestou quando segurei a mão dela e a puxei para o cemitério. Ela só aninhou o punho marcado junto ao peito, e a tensão no corpo dela era palpável. As vielas do cemitério eram claustrofóbicas, tão estreitas e lotadas de criptas que era quase sufocante.

Por fim, encontramos a tumba de Marie Laveau.

Coberta de marcas e vários *X*s triplos rabiscados, que eram desencorajados pela arquidiocese mas que os visitantes acreditavam trazer sorte, a cripta branca estreita brilhava ao luar. A base da tumba estava cheia de oferendas de moedas e garrafinhas de rum, colares de contas e badulaques, além de velas acesas cujas chamas oscilavam de forma sinistra no ar denso e parado.

Havia alguns lenços ensanguentados no meio.

– É aqui – murmurei, mantendo a voz baixa por respeito.

Eu não quis falar, mas dava para sentir a presença de espíritos nos observando.

Petra expirou e olhou em volta.

– E agora?

Olhei para ela com atenção e me perguntei se ela sentia o mesmo que eu.

Se sentia, não deu nenhuma indicação.

– Você me diz.

Ela olhou para a lua encoberta por uma névoa e suspirou. Fechou os olhos por um instante e murmurou:

– Seja o que Deus quiser. – Ela estendeu as mãos na frente do corpo e se dirigiu à tumba. – Abre-te, sésamo!

– Petra – falei com rispidez, perplexo com a indiferença dela. – Isso não é piada!

– É a minha vida que está em jogo, Miss Simpatia.

– E daí!

– É a *minha* vida… Ah, deixa pra lá.

Ela murmurou algo desagradável sobre o meu senso de humor, deu um passo à frente, encostou as mãos nas laterais da tumba, apoiou os braços e baixou a cabeça, derrotada.

A mudança foi imediata.

Um ribombar profundo vibrou no chão. A pedra sob os nossos pés estremeceu. A temperatura despencou pelo menos dez graus. A tumba grunhiu, como se algo ali dentro tivesse despertado, e uma fresta na porta pesada de pedra se abriu com um rangido.

Petra pulou para trás com um gritinho de surpresa. Olhou para as próprias mãos, para as marcas ensanguentadas que tinha deixado nas laterais da tumba, e disse:

– Que *porra* é essa?

Então era verdade o que Celeste Leclair tinha dito. Nas veias de Petra corria magia de sangue.

Bem que eu achava que ia me apaixonar por uma bruxa. Meu gosto por mulheres sempre pendia para as mais selvagens.

Olhei para a escuridão além da porta da tumba e falei:

– Estou prestes a descobrir.

Dei um passo à frente e empurrei a porta, que resistiu por um instante, mas então cedeu. Precisei empurrar com força para abrir uma passagem larga o suficiente para entrarmos.

Lá dentro, a escuridão era total. Até engolia o luar. O cheiro de incenso chegou ao meu nariz, e algo indefinível veio junto, algo amargo e potente, um cheiro terroso, quase animalesco, que indicava poderes malignos.

Magia antiga.

– Puta merda – sussurrou Petra.

Quando ela deu um passo à frente e tentou passar por mim para entrar na tumba, eu a detive com o braço esticado na frente do corpo dela e um olhar de advertência.

– Ah, não – disse Petra. – Não é hora de você se lembrar dos bons modos.

– Você não vai descer aí. Pode ser perigoso.

Ela abriu um sorriso doce para mim.

– Claro, porque ficar aqui em cima sozinha no meio de um cemitério à meia-noite com um coletor de maldições atrás de mim é bem seguro.

Ela passou por baixo do meu braço e entrou na cripta. Desapareceu na escuridão na mesma hora.

CAPÍTULO 11

O SACRIFÍCIO

Petra

Assim que eu entrei, tochas ganharam vida nas paredes da passagem, acesas por uma força invisível. Os degraus de pedra eram gastos e estreitos, serpenteando para baixo a perder de vista.

Estava frio, mas o calor do corpo de Dax me esquentava por trás. Mesmo sem me virar para olhar, eu sabia que ele estava ali.

Furioso, superprotetor e querendo desesperadamente me pegar no colo e me carregar no ombro para fora daquela tumba, para um lugar seguro, mas ali.

Uma pontada de carinho por ele deixou meus olhos momentaneamente marejados. O grandão estava começando a ficar impregnado em mim.

Como um fungo, só que mais irritante.

Assim que dei o primeiro passo, ele sussurrou:

– *Cuidado!*

– Tá bom, mãe.

O rosnado baixo e irritado dele ecoou nas paredes de pedra.

Pisquei para enxergar melhor e segui em frente, estranhamente calma. Eu não era de acreditar em destino, mas aquele momento me pareceu predestinado, como se eu estivesse entrando em uma lembrança ou um sonho antigo.

Era a mesma sensação de reconhecimento que senti na primeira vez que bati os olhos em Dax.

Eu tinha estado ali numa vida passada? Tinha descido aquela escada,

tocado naquelas paredes, sentido aquele estranho cheiro sobrenatural de incenso?

Eu já tinha… *amado aquele homem*?

Ou talvez tivesse tido indigestão, o que faria muito mais sentido.

– Cuidado! – sibilou ele de novo. – Vai devagar! E fica perto de mim!

Definitivamente, indigestão.

Nós descemos mais, seguindo os degraus, minha respiração se condensando em uma névoa branca na frente do meu rosto por causa do frio. Quanto mais descíamos, mais forte o cheiro de incenso ficava, assim como o fedor de decomposição. A escada acabou abruptamente e deu em uma passagem aberta na própria pedra.

Depois da passagem havia outro cemitério.

Amplo e escuro, o cemitério era bem mais velho do que o de cima. Havia lápides de todas as formas e tamanhos à nossa frente, muitas tortas e escurecidas pelo tempo, os nomes nas superfícies gastos a ponto de não dar para ler nada.

– As catacumbas – murmurou Dax com reverência, chegando mais perto, a mão na minha cintura. – Eu ouvi todas as histórias, mas nunca pensei que existissem de verdade.

Ficamos em silêncio por um instante, com a respiração sincronizada, até Dax dizer:

– Foi aqui. Foi aqui que começou.

A maldição. O pacto original que tinha dado errado. Aquele que tinha prejudicado gerações e causado tanto sofrimento e nos levado até ali.

Não perguntei como ele sabia. Eu também sentia nas profundezas dos

meus ossos. O poder contido de magia das trevas estava ao nosso redor.

Quando vi o amontoado de vaga-lumes, meu coração pulou para a garganta.

Eles dançavam na névoa, cintilando no escuro como brasas douradas. As luzes piscantes me chamavam, mas, quando dei um passo na direção delas, eles saíram voando.

Dax disse meu nome em tom de advertência.

– Celeste me mandou seguir os vaga-lumes – murmurei, me sentindo presa em um sonho, no espaço infinito entre a vida e a morte, onde os espíritos vagavam e o tempo estava suspenso.

Meus pés me levaram adiante.

Pelo cemitério em ruínas, passando pelas lápides silenciosas, mais fundo nas sombras da catacumba enevoada, eu caminhei. Dax se manteve logo atrás de mim, e a presença dele me firmava enquanto tudo ao meu redor ia ficando mais e mais onírico e a magia das catacumbas tecia um feitiço sombrio, até que eu vi e fiquei paralisada.

Era uma cova recém-cavada, a terra ainda úmida e mexida empilhada de um lado e a lápide novinha. Mesmo na luz fraca, as letras entalhadas eram inconfundíveis.

DAXON ROUSSEAU

Minha respiração ficou presa, e eu levei a mão à boca em pânico.

Tenso e com a testa franzida, Dax parou ao meu lado.

– O que foi?

Engoli em seco e balancei a cabeça.

– Você não está vendo?

Ele chegou mais perto e passou os olhos pela pedra, depois olhou para mim.

– Vendo o quê?

As letras estavam lá, escuras e condenatórias, mas ele não via nada.

Dentro da minha cabeça surgiu um sussurro fantasmagórico, a lembrança da profecia de Celeste. *"Um precisa estar perdido para o outro estar livre."*

As palavras que o Homem Vazio falou na biblioteca vieram em seguida. *"A cova está aberta. A lápide já foi entalhada. Só resta uma coisa, Descendente das Cinzas: sacrifício."*

Uma onda quente de pânico me atravessou. Meu estômago embrulhou, e eu achei que fosse vomitar.

Naquele momento, eu soube o que as palavras significavam. Com aquela cova e aquela lápide, uma escolha estava sendo oferecida a mim.

A maldição poderia *me* matar… ou *eu* poderia matar Dax.

– Não. – Balancei a cabeça de forma violenta e cambaleei para trás. – Eu não vou fazer isso!

Dax segurou meu braço, mas eu estava distraída demais para ouvir o que ele dizia. Um sussurro de movimento tinha agitado o ar. Quando olhei ao redor, um calafrio de medo desceu pela minha espinha.

O fedor de morte e decomposição tinha ficado sufocante. O que só significava uma coisa.

A figura dele oscilava na fronteira da névoa. Sem se aproximar, sem perseguir, só olhando com aquele rosto sem feições, vazio, que de alguma forma expressava que ele sabia, assim como eu, que o destino exigia um

preço.

E ele estava lá para coletar o pagamento.

Quando ele ergueu o braço e apontou para a cova, a manga puída do casaco deslizou, revelando o punho e o antebraço… e as tatuagens.

Traços pretos intrincados de tinta envolviam o punho e subiam pelo braço até desaparecerem sob a manga. Eram marcas sobrenaturais estilizadas e símbolos antigos.

E eram muito familiares.

Dax tinha as mesmas marcas na pele.

A compreensão me atingiu com a força de uma marreta.

– Matthias – sussurrei, chocada.

Porque o Homem Vazio era ele. O ancestral ganancioso de Dax, amaldiçoado não só para que seus descendentes carregassem as marcas dos pecados dele e perdessem as mulheres que amavam de formas trágicas, *mas para ser aquele que ia coletar pessoalmente a alma delas.*

Ele caminhava pela terra desde o dia em que morrera, um espectro aprisionado fora do tempo, punido e imperdoável, sentenciado a executar o trabalho sujo da maldição com as próprias mãos.

Isso, sim, era colher o que plantava. A caplata que tinha pensado naquela punição não estava de brincadeira.

Claro, ele *roubou* a alma dela. A mulher tinha bons motivos para ficar irritada. Vingativa. Furiosa.

Ancestral ou não, eu precisava admitir que estava impressionada com aquele nível de vingança.

– O que foi? O que está acontecendo? – perguntou Dax em tom ríspido,

tenso.

O som da voz dele me arrancou do meu devaneio. Nos meus ouvidos soou outra coisa que Celeste tinha me dito. Algo que eu tinha interpretado errado.

"Mate o diabo tatuado antes que ele te mate!"

Ela não estava falando de Dax quando disse isso. Estava falando de Matthias.

E o "sacrifício" que precisava ser feito para acabar com a maldição, o sacrifício do qual o próprio Homem Vazio falava, não era de Dax. Nem de mim.

Era *dele*.

Quando olhei para o túmulo, o nome de Dax tinha sido substituído pelo de Matthias.

Com clareza absoluta, de repente eu soube o que precisava fazer.

Andei até a cova, botei as duas mãos em cima da lápide lisa e fria, segurei com força, olhei para o Homem Vazio e falei com a minha melhor voz de atriz de drama shakespeariano:

– Matthias Rousseau, pelo poder do meu sangue, eu te liberto. Sua dívida está paga. Que as almas roubadas sejam libertadas. *Que a maldição seja desfeita!*

Silêncio.

Os vaga-lumes dançaram de forma incerta. O Homem Vazio nem se moveu.

Depois de um longo instante, Dax perguntou:

– Hã… o que está acontecendo agora?

Por cima do ombro, eu gritei:

– Eu estou tentando desfazer a maldição! Obviamente! Um pouco de apoio seria bem-vindo, Miss Simpatia!

– Olha só… Eu não quero parecer negativo nem nada, mas acho que não funcionou…

Ele parou de falar com um grito agudo e caiu, levando as mãos à barriga.

E foi bem nessa hora que o chão embaixo dos meus pés grunhiu, como uma besta antiga despertando, e começou a tremer.

CAPÍTULO 12

PEQUENAS MALDIÇÕES PICANTES

Dax

Meu corpo estava pegando fogo.

Cada centímetro da minha pele ardia, queimava e soltava fumaça. As tatuagens com as quais eu tinha nascido não estavam só se contorcendo dessa vez, mas se rebelando, se soltando do meu corpo e deslizando pelo ar como sombras vivas. Elas se soltaram com uma agonia tão intensa que eu não consegui nem gritar. Só conseguia ofegar quando cada selo se soltava, deixando minha pele em carne viva, sangrando.

Petra gritou alguma coisa. A voz dela soou distante em meio ao ribombar ensurdecedor das catacumbas. As pedras racharam. A poeira tornou o ar sufocante. Os vaga-lumes, com seu brilho sinistro piscando loucamente, voavam em espirais frenéticas.

E, pela primeira vez, eu o vi.

O Homem Vazio estava imóvel na fronteira da névoa. O rosto sem feições não demonstrava nada, mas senti uma mudança no ar. Uma prisão antiga se quebrando. Um pacto maligno antigo se desfazendo.

Ele levantou o braço. Não para chamar nem para apontar para mim ou para Petra, mas para lavar a mão ao próprio pescoço.

A maldição estava passando por *ele* naquele momento.

Filetes escuros de tinta explodiram de forma espectral e se projetaram, giraram e se dissolveram até sumirem depois de se soltarem da pele dele. Os símbolos que tinham restringido a existência dele e o prendido àquele dever terrível durante séculos estavam desaparecendo um a um.

Ele cambaleou. Um grito horrível e sobrenatural de dor tomou o ar.

Percebi um movimento pelo canto do olho. De primeira, pensei que fosse só poeira e sombras em movimento pregando peças em mim, mas aí eu vi com clareza: dezenas de formas subindo dos túmulos em ruínas ao nosso redor.

Mulheres.

Pálidas e espectrais, emitindo uma luminosidade de outro mundo, elas vagaram para cima e subiram em silêncio. Os rostos estavam borrados, mas eu sabia quem eram. Eu *sentia* quem eram.

As almas perdidas. As que tinham amado Rousseaus, mas acabaram sendo levadas pela maldição.

E eu soube que, no cemitério onde a minha mãe e Emmie estavam enterradas, elas também estavam se erguendo.

Uma a uma, as mulheres viraram luz, desfeitas no ar sombrio como sussurros ao vento. A dor e o sofrimento delas finalmente libertados.

Petra segurou meu braço e me puxou para a passagem.

– Dax, nós temos que ir!

Eu nem a ouvi direito por causa da dor que pulsava pelo meu corpo, mas minhas pernas obedeceram.

A pedra estalou sobre a nossa cabeça. Uma lápide se partiu ao meio quando a terra sob ela cedeu. A catacumba toda estava ruindo e desabando sobre nós.

Petra me puxou para a frente com uma força surpreendente, a determinação dela sendo uma âncora no caos. Minha visão ficou borrada quando a dor me atravessou, mas fiquei segurando a mão dela como se fosse

a única coisa que me prendia à realidade.

Atrás de nós, o Homem Vazio, Matthias, caiu de joelhos.

O corpo e o espírito dele estavam se dissolvendo, a magia que o tinha prendido se dissipando em fitas brilhantes de luz. Ele virou a cabeça sem rosto para mim, e, embora eu não visse expressão nenhuma, senti o alívio e a aceitação dele.

E depois ele sumiu.

A maldição, o peso da minha linhagem, que eu carregava desde o nascimento, sumiu com ele.

O chão balançou de forma violenta e nos desequilibrou. Segurei Petra e a protegi quando o teto do túnel rachou e caiu.

Eu trinquei os dentes, ignorei a dor e a puxei.

– Vamos!

Juntos, nós corremos.

A passagem estava desmoronando rapidamente ao nosso redor, pedra e terra caindo com um rugido ensurdecedor. Petra foi mais rápida e me puxou pelos degraus de pedra na hora em que a entrada da catacumba apareceu, uma fresta de luar acolhedor no fim do caos e da escuridão sufocantes.

Uma pedra caiu atrás de nós e passou a um fio de cabelo do meu calcanhar. Com um pulo final e desesperado, nós nos jogamos pela saída estreita.

Assim que nossos corpos chegaram a local aberto, o túnel cedeu completamente e desmoronou com um estrondo trovejante.

Os escombros voaram e deixaram para trás uma nuvem alta de pó.

Atordoado, rolei de costas e olhei para o céu noturno, pontilhado de

estrelas. Ao meu lado, Petra grunhiu e se sentou enquanto tossia. Quando ela se virou para mim, seus olhos estavam arregalados.

– Você está vivo?

Eu expirei ao mesmo tempo que ria e sentia a dor percorrer o meu corpo.

– Acho que estou.

Ela se deitou de novo no chão, com os braços e as pernas abertos. Suspirou de alívio e riu.

– Que bom. Porque, se você tivesse morrido depois de tudo isso, eu teria arrumado um jeito de te trazer de volta só pra poder te matar.

Virei a cabeça para olhar para ela. Os vaga-lumes tinham nos seguido para fora e voavam preguiçosamente no céu acima da tumba. Mas nem a luz etérea deles nem as estrelas piscando no céu podiam competir com a beleza dela.

Aquela beleza afrontosa, respondona, exasperante mas ao mesmo tempo cativante que eu esperava, com fervor, poder admirar pelo resto da vida.

Estendi o braço, encontrei a mão dela e a apertei.

– Tá, tá – disse ela de um jeito seco. – Não vai ficar sentimental pra cima de mim agora, Miss Simpatia. Eu posso começar a pensar que você gosta de mim.

– Eu não gosto nem um pouco de você – menti, sorrindo. – Nem um pouquinho. Você é horrível. E eu não sei se já te disseram, mas você parece um sapo.

Ela sorriu.

– Agora sim.

Nessa hora, ela olhou para o meu braço. O sorriso dela sumiu e os olhos se arregalaram.

A atadura que eu tinha enrolado no punho tinha sido arrancada no caos, e a tatuagem que tinha ficado na minha pele estava exposta.

O nome dela ainda estava tatuado lá, intenso, preto, indelével como uma promessa.

Por um instante, nenhum dos dois disse nada. Depois, ela falou, com a voz falhando:

– Ah, merda. Talvez eu precise repensar a minha atitude ríspida e grosseira e começar a ser mais legal com você.

Eu rolei de lado, segurei o rosto dela e sorri, olhando nos olhos dela.

– Porra nenhuma.

Quando eu a beijei, ela estava rindo.

EPÍLOGO

Petra

Um mês depois

Com o perdão do trocadilho, Nova Orleans tinha um jeito de grudar na pele da gente.

Talvez fosse o ar doce, carregado do aroma de magnólia e jasmim. Talvez fossem as sacadas românticas de ferro forjado envoltas em samambaias pendentes, as lâmpadas a gás que tremeluziam e lançavam sombras diáfanas ou o jazz que nunca parava, escapando por janelas e portas abertas de restaurantes e bares.

Fosse qual fosse o motivo, contra toda a lógica, eu tinha ficado.

Eu me encostei na amurada da sacada e olhei para o Quarter, com uma caneca de café de chicória esquentando as mãos. A rua abaixo estava viva com o caos de sempre, mesmo àquela hora. Turistas com seus daiquiris, artistas de rua fazendo música e mágica, o som distante de um saxofone se espalhando com a brisa.

Atrás de mim, o apartamento estava quente e cheio de vida, um contraste enorme com os quartos de hotel impessoais e estúdios pouco mobiliados que tinham definido minha vida por tanto tempo. Luce, a gata mais inteligente e arrogante do mundo, estava sentada no parapeito, seus olhos dourados astutos acompanhando com interesse predatório um pombo que passava.

Lá dentro, Dax estava preparando o café da manhã.

Eu o ouvi murmurando xingamentos, brigando com a torradeira de novo. A maioria dos eletrodomésticos parecia empenhada em desafiar os desejos dele, o que ele achava irritante e eu achava hilariante.

Um mês antes, eu não teria acreditado que aquilo era possível. *Não conseguiria* acreditar que eu estaria ali, na mesma cidade, com o mesmo homem, acordando todas as manhãs envolta no tipo de calor que eu sempre tinha sido teimosa demais para admitir que queria.

Por outro lado, um mês antes, eu também não conseguiria imaginar quebrar uma maldição de séculos.

Nem ter magia correndo nas veias.

Eu tinha abordado o assunto dos meus pais biológicos com cautela com a minha mãe na mesma ligação em que tinha informado a ela que ficaria em Nova Orleans por um tempo. A coisa não transcorreu muito bem. Embora meus pais sempre tivessem sido sinceros em relação ao fato de eu ter sido adotada, eu nunca tinha xeretado a fundo, por acreditar firmemente que ser adotada era uma dádiva e que a privacidade dos meus pais biológicos deveria ser respeitada. Nunca achei que estivesse perdendo nada.

Mas naquele momento, depois de tudo, era compreensível eu estar mais curiosa.

Bem mais curiosa.

Mas minha mãe não tinha o mesmo entusiasmo pelo assunto. Ela encerrou a ligação o mais rápido possível.

Conhecendo-a como eu a conhecia, aquela atitude significava que ela estava escondendo alguma coisa.

Aquela era uma conversa à qual nós voltaríamos, mas, nessa altura, eu estava satisfeita em deixar para lá.

Tomei um gole lento de café e vi o céu mudar de lavanda para dourado. Os vaga-lumes eram menos frequentes do que na noite na catacumba, mas

de vez em quando eu ainda via o brilho fantasmagórico deles no ar.

E Dax estava livre.

O peso da maldição da família tinha sido retirado. Ele não acordava mais suando frio, tremendo, como se esperando a sensação fria de tinta se movendo na pele. Os lugares de onde as tatuagens tinham sumido estavam cicatrizados, sem marcas. A maldição não existia mais.

Mas, no canto mais sombrio da minha alma, algo continuava presente.

Não a maldição em si. Ela estava enterrada nos escombros da catacumba. Mas havia uma presença da qual eu estava sempre ciente, uma sensação vaga de perigo da qual eu não conseguia me livrar. Era como um sussurro no limite da minha audição ou um peso que nunca era completamente retirado.

E havia Shane.

Ele vinha ligando em intervalos de poucos dias, perguntando quando eu planejava voltar para Chicago. Ele mantinha a conversa leve, mas eu reparava no tom de tensão por baixo.

Ele estava preocupado comigo não por eu ter um namorado firme – uma ocorrência inédita. Shane não se abalava com facilidade, mas estava abalado agora, e isso me incomodava. Ele me queria fora de Nova Orleans, isso estava claro, e eu não achava que era por causa dos prazos que ele reclamava que eu não estava cumprindo.

Mais um mistério para a pilha que só aumentava.

Coloquei a caneca de lado e me virei na hora em que Dax saiu da cozinha, com a camiseta branca amassada e o cabelo despenteado, e Luce pulou do parapeito da janela para se enroscar nas pernas dele.

– A torrada queimou – anunciou ele com alegria.

– Só queimou, não foi engolida por chamas? Chocante.

Ele roubou da amurada minha caneca, ainda pela metade, e tomou um gole.

– Mas o café está bom. E eu só disparei o alarme de incêndio uma vez. Quer dizer que estou bem melhor hoje.

– Qualquer dia desses, quando eu quiser conhecer os bombeiros daqui, eu vou pedir pra você fazer um omelete pra mim.

Ele sorriu, colocou a caneca de lado e chegou mais perto. Na luz dourada da manhã, ele ficava deslumbrante. Não que eu fosse dizer isso.

Dax passou os braços fortes na minha cintura e me envolveu no cheiro e no calor dele, na força firme e na presença lúcida. Deu um beijo leve na minha têmpora e murmurou em tom amoroso no meu ouvido:

– *Meu Deus*, você está fedendo. O que está usando como xampu? Areia da gata?

Eu sorri e encostei a bochecha no seu peito largo, me esforçando para não suspirar alto demais com minha felicidade idiota e sufocante. Por um instante, o mundo parou. Éramos só nós, a manhã e a gata diabólica miando pedindo o café da manhã.

Até uma sombra chamar minha atenção na rua abaixo.

Ela seguia contra o fluxo de pedestres, um ponto escuro que não deveria estar ali na luz forte da manhã, indo de árvore em árvore e se movendo furtivamente na calçada.

Aquela sensação sinistra de saber que algo não estava certo voltou e me deixou gelada.

Dax também sentiu. Eu soube pelo jeito como ele me apertou, como seu coração bateu mais rápido sob a minha bochecha.

Sim, a maldição tinha passado, mas outra coisa tinha despertado naquela noite na catacumba. Eu tinha a sensação perturbadora de que estava só esperando a hora.

Dax me puxou para mais perto. No meu punho, a cicatriz esbranquiçada, que era a única coisa que tinha restado da marca do Homem Vazio, formigou. Mas, o que quer que fosse, o que quer que esperasse nas sombras…

Dax e eu enfrentaríamos juntos.

CHRISTINA LAUREN

CAINDO DE AMOR



CAPÍTULO 1

Havia uma infinidade de coisas que Cat preferiria estar fazendo naquela noite, e as opções lhe passaram pela cabeça enquanto ela seguia atrás de Jake pela Lexington Avenue: ficar no sofá do apartamento com uma taça de vinho e um filme. Um jantar com a melhor amiga na sua cidade natal, Denver. Um banho quente, uma cerveja gelada. Uma massagem, um concerto, um balé.

Ela até aceitaria algo desagradável, como algumas horas na cadeira do dentista. Fora uma doença ou um ferimento grave, Cat não conseguia pensar em nada muito pior do que ir a uma festa de Halloween oferecida pelo melhor amigo de um cara com quem ela pretendia terminar depois.

Cat e Jake estavam juntos fazia apenas três meses, então não havia nenhum baque intenso envolvido, só exasperação. Ele era gatinho, divertido e sempre ficava satisfeito em estar com ela, mas era indiferente da mesma forma que muitos homens: estava disposto a fazer um esforço, mas só se ela dissesse exatamente o que esse esforço envolvia. Uma noite tranquila no apartamento de Jake costumava significar Cat espremida entre um monte de caras num sofá velho enquanto eles gritavam por causa do jogo de basquete que passava na televisão. Se ela sugerisse que eles fizessem algum programa a dois, ele a levava para algum bar barulhento que tivesse quiz sobre futebol ou para comer alguma coisa antes de voltar para a casa dele e transar.

Basquete, noites de quiz, bares e sexo estavam bons por ora, mas Cat tinha percebido logo no início (quando Jake apareceu na porta da casa dela *sem* a túnica de pastor que eles tinham combinado para fazer par com a fantasia ridícula de ovelha dela, e sim vestido como o jogador favorito dele do Knicks) que ele se esquecia da existência dela assim que Cat saía da sala. O fato de eles ainda serem relativamente desconhecidos um para o outro

não era uma grande surpresa, mas, considerando que Jake ou era impossível de ser conhecido ou não era muito profundo, os dois continuariam como desconhecidos mesmo se ficassem juntos por mais cinquenta anos.

Então, não, ela não estava chateada por terminar. A tristeza vinha quando pensava que Jake, mesmo quase um desconhecido, ainda era seu amigo mais próximo em Nova York. Era difícil fazer amizades quando você passava a maior parte do tempo estudando ou em aula, ainda mais quando o único tempo que *sobrava* era monopolizado por um cara como Jake, que só pensava em cerveja e esportes e que *até dava para o gasto*. Ela só queria que essa percepção tivesse lhe ocorrido três meses antes.

Já meio empolgado por causa de um pré-jogo com os amigos, Jake abriu a porta da casa de Harry e entrou. Jogou o casaco deles dois no sofá, deu tapinhas nas costas dos amigos e cumprimentou umas seis pessoas antes de lembrar que Cat não conhecia ninguém lá além de Harry, o bagunceiro e barulhento Harry, sempre com um fio nojento de baba conectando o lábio superior e o inferior, e se virou para pegar a mão dela e arrastá-la pela sala.

– Ellie… Nova… Ashley! Que fantasia maneira, menina!

Ele só jogou os nomes sem dizer o dela. Todos sorriram, simpáticos, e Cat fez o possível para conectar rostos a nomes, para abrir seu sorriso largo e brilhante, mas eles estavam se movendo pela sala lotada rápido demais para permitir que alguma coisa fosse fixada na memória.

– Aquele cara ali é o outro Jake, a gente chama ele de Ohio Jake… – Ainda andando, ainda um borrão. – Ting, Ava… aquela ali é Asher… Sophie! Porra, quanto tempo!

Na cozinha, ele puxou a mão de Cat de novo e a levou até um barril de chope, de onde serviu a bebida em um copo vermelho de plástico. A espuma

subiu e transbordou quando ele o entregou a ela de um jeito distraído. Jake deu um beijo forte na bochecha dela.

– Tudo certo? – perguntou ele.

Ela franziu a testa para ele e entendeu na mesma hora. Ele ia deixá-la a cargo de outra pessoa.

– Tudo, mas onde você…

Jake olhou ao redor rapidamente e pousou o olhar em uma mulher vestida de bruxa, curvada pegando uma lata de vinho na geladeira.

– Regina – disse ele, aliviado e radiante. A mulher se ergueu, sorriu surpresa e abraçou Jake. – Regina, essa é a minha namorada, Cat.

Regina abriu a lata de vinho, voltou os olhos calorosos e escuros para Cat e sorriu de novo.

– Você pode cuidar dela por um segundo? – pediu Jake. – Preciso achar os caras.

Antes que Regina pudesse responder, ele saiu correndo da cozinha.

Nem um pouco surpresa, Cat o viu se afastar e voltou o sorriso irônico para Regina.

– Não precisa ficar de babá. Eu juro que estou bem.

Regina riu e inclinou a cabeça, indicando que Cat a seguisse.

– Jake não tem jeito. Vem. Tem um grupo lá perto do sofá.



Da lateral da sala, ele observou a ovelhinha. Não tinha conseguido tirar os olhos dela, na verdade, e a acompanhou desde o momento em que ela apareceu puxada pelo jogador de basquete (uma fantasia bastante ambiciosa, considerando que o sujeito não tinha mais do que 1,70 metro de

altura), que a largou sem a menor cerimônia na cozinha com uma mulher que ela claramente não conhecia. Ele olhou para o rosto da ovelhinha, com olhos castanhos enormes, maçãs do rosto proeminentes, a boca parecendo um coração macio e comestível, e observou as outras características. Cachos castanhos caíam abaixo dos ombros; ela era miudinha, mas sua postura transmitia uma teimosia e uma paixão que deixaram a pele dele vibrando. Era muito mais divertido se alimentar quando elas tinham um pouco de fogo.

Ele viu a bruxa levar a ovelha para um sofá onde havia vários humanos sentados conversando. A ovelha se virou de costas para ele, e ele observou a curva firme da bunda dela na legging branca. Uma série de imagens pervertidas percorreu sua mente antes de ele afastar o olhar.

Sufocou um bocejo e observou a festa ao redor. Mesma merda de sempre, só mudava o lugar. Com seus eternos 25 anos, ele se misturava com facilidade às pessoas ali, mas, mesmo que não fosse o caso, não importava. Às vezes ele se perguntava se as pessoas chegavam a ver seu rosto ou só reagiam à atração do poder dele. Afinal, estava lá havia apenas dez minutos, mas várias mulheres já o tinham abordado com os olhos vidrados daquele jeito familiar e propostas simples e diretas. Ele tinha recusado educadamente e as incitado a voltarem para os amigos, embora não soubesse bem por quê.

Precisava se alimentar.

Era o único motivo para ter saído de sua cobertura, vagado pela cidade e seguido o grupo de humanos comuns pela calçada, subido os degraus da portaria e entrado naquela festa chata. Precisava obter o que tinha ido buscar e pronto.

Mas uma inquietação familiar o consumia; fazia uma sensação tensa e agitada surgir na barriga e se espalhar pelos membros. Ele estava impaciente demais para passar horas sugando energia lentamente da sala, mas também não queria levar uma daquelas mulheres atordoadas para um quarto escuro para ter prazer e se alimentar. Ele queria a mesma coisa que queria havia séculos: não ter mais que viver daquele jeito.

Sabia que, quando se sentia dessa forma, o melhor a fazer era correr, nadar ou voar, porém, naquela noite, mais do que o alívio da tensão do tédio eterno ou do que a vontade de beber de humanos, desejava outra coisa: não se sentir sozinho por um tempo.

Ele não mentia para si mesmo; claro que era solitário. Dessa forma, achava que o sexo servia a dois propósitos – companhia e sustento –, embora, claro, *companhia* para ele fosse um termo genérico. Séculos antes, quando fora amaldiçoado e transformado, ele aprendera rapidamente que bastava um instante de contato visual. De certa forma, os humanos ficavam embriagados, não de pó de fada, feromônios ou álcool, mas da essência *dele*, o que transformava a atração ou o fascínio das pessoas em uma fome crua e carnal. A partir daí, bastava encontrar um lugar privativo, como um apartamento, um corredor escuro ou um beco, onde ele pudesse satisfazê-las pelo tempo que desejasse e inspirar sua vitalidade até estar saciado e elas, sonolentas o bastante para ele poder sumir sem ser notado.

O infeliz paradoxo, claro, era que nenhum humano nesse estado era boa companhia. Enfeitiçados como ficavam, eram reduzidos a um ser indigente vazio e hipersexual. As interações o alimentavam e o sexo era agradável, mas isso só fazia a solidão se expandir dentro dele e se transformar em um abismo escuro e escancarado.

Olhou de novo para a ovelhinha, que se remexia ansiosamente ali com o

grupo de desconhecidos que conversavam à sua volta. Ela ergueu o olhar e vasculhou a sala, passando direto por ele sem vê-lo; a calça preta sob medida mas básica e o suéter, além dos séculos de experiência, permitiam que ele se misturasse às sombras, apesar do seu tamanho.

E aí a atenção dela voltou pelo mesmo caminho, e, apesar da máscara de Halloween absurda que cobria metade do rosto dele, ela o *viu*, o olhar se chocando com o dele por um único e excruciante instante, tempo suficiente para a maioria dos humanos perder qualquer fio de pensamento que lhes ocupasse a mente e seguir na direção dele. Mas, estranhamente, a pulsação da ovelhinha não aumentou, os lábios não se abriram para ofegar, os olhos não se acenderam nem ficaram vidrados. Ela só piscou e continuou olhando em volta, desinteressada.

Ele foi tomado de choque e, na mesma hora, ficou desesperadamente *curioso*.

Em um mundo em que cada segundo era previsível, a sensação de surpresa foi alegremente estranha para ele. *Vire-se*, murmurou para ela, usando a voz baixa e vibrante que parecia descer pela espinha de um humano e compeli-lo a fazer o que ele queria sem questionar. Pela maior parte da existência, tinha usado esse poder com ganância para acumular propriedades e riquezas, para coagir silenciosamente humanos a dançarem, cantarem e fazerem papel de bobos, para a grande diversão dele. Mas, nas décadas recentes, a tinha usado basicamente para afastá-los.

A ovelha franziu a testa, virou a cabeça para o lado como se tivesse sentido algo atrás de si, alguém falando em seu ouvido. Mas então ela se virou para a frente de novo, e ele não acreditou no que estava acontecendo.

Você não consegue me ouvir?, disse ele para ela. Se um coração ainda

batesse no peito dele, estaria disparado de expectativa. *Eu falei pra você se virar, ovelhinha. Olha pra mim.*

Dessa vez ela se virou, confusa, e olhou por cima do ombro até onde ele estava, na parede atrás dela.

Seus olhos se encontraram de novo, e ela franziu a testa, confusa. Sua expressão transmitia dúvida – talvez ela estivesse pensando que não havia como ter ouvido um homem sussurrando do outro lado da sala. Quando afastou o olhar e voltou a atenção novamente para o grupo de humanos à sua frente, ele se afastou da parede, o corpo todo vibrando de emoção.

Ela tinha ouvido a ordem dele, mas não fora afetada por ela.

Como?

Precisava ficar sozinho com ela.

Observou os outros humanos reunidos na sala. O homem com quem ela tinha chegado ainda não havia voltado. Que tipo de palhaço levava a garota mais bonita do mundo para uma festa desagradável e caótica como aquela e a abandonava? Mal sabia o cara que havia monstros por aí só esperando que ele desse as costas.

CAPÍTULO 2

A casa pertencia ao pai de Harry – um homem com o nome pateta de Royal –, e Cat se lembrava vagamente de Jake dizer que ele era babaca, mas tinha muito dinheiro. O que faltava em amor parental, Harry tinha de sobra em conforto naquela casa. Cat tinha se mudado para a cidade para fazer uma pós-graduação, poucos meses antes, mas sabia que, mesmo que passasse uma década ali, provavelmente não encontraria outra pessoa de 20 e poucos anos morando sozinha em uma casa daquelas. A festa foi no térreo, restrita às áreas comuns, mas havia três andares, e Cat ficou tentada a fugir para explorar todos.

Mas, primeiro, ela precisava ir ao banheiro.

O do primeiro andar estava ocupado, então ela espiou os quartos vazios e depois passou pela porta de uma suíte. Com um suspiro de alívio, atravessou o quarto, entrou no banheiro e se trancou lá dentro.

No espelho, Cat observou seu reflexo e soltou um suspiro lento e irritado. Quando Jake sugeriu as fantasias combinando, a ideia dele de ela ser a ovelha e ele o pastor pareceu meio condescendente e abertamente patriarcal, sem mencionar a expectativa tácita de que ela conseguiria ser uma ovelha sexy. Mas Cat concordara porque, francamente, tinha preguiça do Halloween e ficou feliz de pela primeira vez não pedirem para ela ser uma gata sexy. O fato de Jake nem ter se lembrado do plano deu a sensação de sal esfregado em um corte. Ela botou uma roupa toda branca: legging, tênis e um suéter curto. O gorro de lã tinha orelhas macias de ovelha, e ela tinha desenhado um círculo preto na ponta do nariz.

– Você está parecendo uma criancinha com essa roupa – disse ela para o próprio reflexo, tirando o gorro.

Então abriu a torneira, lavou a cerveja seca e grudenta das costas da mão e limpou a maquiagem preta do nariz.

Depois de secar as mãos e se encostar na bancada, Cat pensou como e em que momento terminaria tudo naquela noite. Já tinha dado e levado um pé na bunda vezes suficientes para saber que esse término provavelmente não seria surpresa para Jake, mas ainda estava temendo o momento, ainda mais porque não haveria brunch com as amigas no dia seguinte para conversar sobre tudo. Todo mundo que ela conhecia e amava estava a centenas de quilômetros.

Eu não posso só mandar uma mensagem?, resmungou a mente dela antes de decidir: *Sim.* Uma mensagem era exatamente o tipo de envolvimento que aquele erro de três meses merecia. Ela pegou o celular e digitou o término simples:

> Acho que não estamos dando certo. A gente se diverte juntos, mas acho que é melhor sermos só amigos.

Ela esperou e ficou olhando para o celular. Em poucos segundos, a mensagem recebeu a reação mais sem graça do mundo: um joinha.

Pensando bem, é a reação correta para uma mensagem de término de namoro, pensou.

Com uma risada-grunhido, ela se afastou da bancada e foi até a porta com a intenção de ser uma ovelha crescidinha e voltar para a festa, sem deixar Jake ser seu único elo com as outras pessoas. Mas a porta que dava para o corredor não estava mais aberta. E, quando seus olhos se ajustaram à escuridão, ela viu que o quarto também não estava mais vazio. Um homem, *aquele* homem, alto e largo como uma árvore, estava encostado na parede

perto da porta fechada, olhando casualmente o celular.

Ele ergueu o olhar quando ela saiu e, por trás da máscara decorada com penas, seus olhos se arregalaram do jeito que ela sabia que os dela também tinham se arregalado, como se ambos tivessem sido pegos fazendo algo que não deveriam.

– Ah. – Ela apontou com o polegar para trás e disse: – O banheiro do corredor estava ocupado.

– Eu precisava de um pouco de silêncio – disse ele exatamente ao mesmo tempo.

A voz era grave e intensa, uma mistura deliciosa, as palavras carregadas de um sotaque britânico. A roupa era toda preta, e algo nele a *atraía*, apesar de, no escuro, ela não conseguir identificar as feições dele por trás da máscara.

– Ah, que bom – disse ela, soltando o ar. – Então eu não fui pega xeretando seu quarto.

Ele desviou o olhar para a enorme faixa azul e laranja do Knicks acima da cama e soltou um sarcástico "Não".

Cat ficou atordoada e sem palavras quando ele deu um passo à frente para a nesga de luz que entrava pela janela e levantou a máscara. Ela reavaliou a impressão de que ele devia ser atraente; na verdade, nunca tinha visto ninguém mais bonito. As feições eram fortes e aristocráticas: sobrancelhas escuras e grossas, olhos castanhos intensos, maçãs do rosto e mandíbula fortes e uma boca que ela tinha certeza de que beijava e debochava igualmente bem. E aí ele sorriu e se tornou arrasadoramente mais bonito. Linhas fundas surgiram nas bochechas e seus olhos se acenderam de malícia, com ruguinhas nos cantos. Cat sentiu a caixa torácica

soltar a respiração trêmula e inspirar outra, faminta.

Ela não conseguia afastar os olhos. O tempo se estendeu, e as paredes do quarto pareceram encolher até que mal houvesse espaço para respirar. Surgiu um peso no peito dela, uma vontade de ir na direção dele, mas Cat resistiu, franzindo a testa de concentração enquanto se segurava no parapeito atrás de si.

Ele também estava de testa franzida, confuso. O silêncio vibrou entre eles, uma força que a compelia a ir para a frente crescendo pesada no ar, e aí ela ouviu um *Isso, querida, fica aí* baixinho com aquela voz grave e sexy que ela ouvira na sala, como se a voz de um homem invisível tivesse sussurrado bem no ouvido dela. A tensão estalou e a liberou para piscar, respirar, recuar um passo e sentir a madeira do parapeito da janela atrás das suas coxas.

Ela balançou a cabeça.

– O que você disse?

Ele franziu a testa.

– Como assim? – A pergunta saiu lenta demais, como uma mentira desajeitada.

A percepção começou na base da coluna de Cat. Ela não sabia como tinha tanta certeza, mas tinha; fora fisgada por ele de alguma forma, como um peixe atraído e preso na ponta da linha antes de ser libertado. A pergunta surreal surgiu na garganta dela e ficou presa lá: *Você fez isso comigo?*

Ela estava sendo ridícula. Era melhor voltar para a festa.

– Nada. Acho que me confundi.

Ele abriu outro sorriso caloroso, e a expressão acendeu uma pequena

chama dentro dela.

– Bom Halloween – acrescentou ela.

Ele riu com um som tão profundo e inebriante que ela o sentiu se espalhando como fumaça pelo fluxo sanguíneo.

– É? – perguntou ele, o sorriso ficando irônico.

Cat sentiu a risada sair de dentro dela.

– Tem razão… não é.



Ele enfiou a mão no bolso da calça e inspirou fundo de um jeito que só pareceu aumentar sua fome por aquela humana estranha. Ele tinha descoberto que ela ouvia a voz, mas não era controlada por ela; ela sentira a atração dele, ficara tentada por ela, mas a voz não a deixara fora de si. Ele sentia o gosto dela no ar, o desejo dela como lambidas douradas de chamas ao redor… mas ela não tinha perdido a cabeça.

Nunca tinha acontecido, nem uma única vez, em toda a existência imortal dele.

– Estou vendo que você caprichou na fantasia – brincou ela, e, com a surpresa dele, seu coração morto ganhou vida por uma fração de segundo até ele perceber o que ela queria dizer. Ele olhou para a máscara que estava na mão.

– Ah, sim, foi uma decisão de última hora vir aqui.

– Você é amigo do Harry?

– Ele é o anfitrião? – perguntou ele, olhando para ela. – O sujeitinho lamentável fantasiado de queijo?

Ela riu, e o som gerou vibrações pela espinha dele.

– Isso, o Harry. Mas acho que a fantasia é de caixa de cereal.

– E eu devo levar isso mais a sério?

A risada dela saiu redonda e brincalhona, e o som foi extremamente prazeroso para ele. Era repleto de uma alegria viva e dourada, um deleite crescendo dentro dela. Uma série de imagens surgiu na mente dele: sua boca na barriga dela, mordiscando, fazendo cócegas, lambendo aquela luz da pele dela. Ele inspirou fundo, momentaneamente desorientado.

– Com quem você veio? – perguntou ela.

– Sozinho.

Ela franziu a testa, a boca em formato de coração formando um beicinho que ele quis devorar.

– Então, quem você conhece aqui? – insistiu ela.

– Eu não conheço ninguém – admitiu ele, sabendo como devia parecer rígido e constrangido, de tão desacostumado que estava com conversas. – Quem te acompanhou?

– Acompanhou? – Ela riu de novo. – Meu novo *ex*-namorado.

– Novo? Parabéns. Fico feliz em saber.

– Fica? Por quê?

Ele percebeu que ela o achava estranho e revirou os pensamentos em busca de palavras. Já era a conversa mais longa que ele tivera com um humano em décadas, e a habilidade parecia enferrujada e lenta na mente dele.

– Porque ele parecia um idiota te arrastando por uma festa e te abandonando logo em seguida.

Os olhos dela se estreitaram.

– *Ele* parecia um idiota?

– Você acha adequado um homem tratar uma mulher daquele jeito?

– Não, mas se alguém pareceu idiota lá, fui eu.

– Por estar com ele?

Ele se inclinou para a frente, querendo entender. Por muito tempo, ele não tinha se dado ao trabalho de se preocupar com sentimentos e motivações humanas além do que precisava deles. Ele se sentiu, na mesma hora, como se estivesse aprendendo uma língua nova.

Ela repetiu as palavras dele:

– Por deixar ele me arrastar por uma festa e me abandonar logo em seguida?

– Você deixou mesmo? Você parecia meio surpresa.

– E você parece ter prestado muita atenção. – A voz dela estava com um leve tom de inquietação.

– Você é linda, ovelhinha. Todo mundo naquela sala reparou em você. – Ele sorriu. – Eu apostaria que qualquer pessoa em qualquer ambiente repara em você.

Ela afastou o olhar para a porta atrás dele, e ele precisou segurar o instinto de ordenar que voltasse, desconfiando que não funcionaria. Os olhos cor de mel dela brilhavam como âmbar; o foco dela o deixava faminto. Ele a queria com uma intensidade tão grande que o coração estava muito acelerado. Mas a novidade de conversar com ela era difícil demais para ele desistir.

– Por que você ficou? – perguntou ele. – Por que não foi embora?

– Sei lá – admitiu ela. – Parece meio grosseria.

– Mais grosseria do que entrar no quarto do pobre Harry sem permissão? – provocou ele.

– Mais grosseria do que ser penetra na festa de uma pessoa que você nem conhece? – retorquiu ela.

Ele riu.

– *Touché.*

Ela o observou com a cabeça inclinada.

– Essa festa não parece combinar com… – Ela fez um gesto com a mão para indicar o corpo dele. – Toda a sua vibe.

Ele franziu a testa e perguntou:

– Minha "vibe"?

A ovelha levantou as mãos com elegância, imitando uma xícara e um pires, e fingiu tomar um gole de chá.

– Você está me acusando de ser chique? – perguntou ele, sorrindo.

O sotaque britânico dela era ao mesmo tempo terrível e encantador.

– Isso mesmo. Deseja dar uma volta pelo quarto?

Ele olhou com cautela ao redor.

– Eu teria medo do que o cara do cereal tem escondido atrás da cômoda.

– Faz sentido. – O sorriso dela sumiu, e ele procurou nos pensamentos algo que a fizesse continuar falando. Mas ela foi mais rápida: – Quem é você?

– Meu nome é Brigan.

Ele ficou imóvel depois de falar, e seu sorriso evaporou. *Por que* tinha dito aquilo? Brigan não contava seu nome verdadeiro para um humano

havia… séculos. O mais perto que tinha chegado de *dizê-lo* foi com palavras tipo *briga* ou *liga*, que sempre pareceram um eco familiar na língua dele.

Tinha sido Michael, Edgar, George, Louis… Ele variava entre alguns nomes havia décadas. A habilitação antiga na carteira dizia Samuel James Miller, uma identidade que ele logo teria que abandonar, porque a data de nascimento era de 1943, e, pelo menos até a maldição ser quebrada, Brigan pareceria ter 25 anos para sempre, não 81. Mas, naquele momento ali com ela, não tinha nem passado pela cabeça dele mentir.

Mas ela, claro, não percebeu o choque dele.

– Por que você veio aqui? – perguntou ela.

A sinceridade saiu de maneira espontânea:

– Eu te segui.

Ao ouvir isso, ela ficou tensa e se encostou na janela, e ele balançou a cabeça.

– Eu te assustei. Desculpa. – Ele chegou para o lado para abrir caminho para ela ir até a porta e estendeu a mão para abri-la. – Eu não estou te prendendo aqui.

Eu não estou aqui pra te machucar.

Ela franziu a testa.

– O que você falou?

– Eu falei que não estou te prendendo aqui.

– Não, depois disso.

Ele balançou a cabeça, chocado de novo por ela conseguir ouvir a voz e de não atingir aquela parte instintiva e obediente dela.

– Eu não…

– Então eu estou imaginando? – perguntou ela, frustrada. – Por que você me seguiu aqui pra dentro?

Brigan observou a expressão defensiva, a postura tensa. Mas também a franqueza ardente nos olhos, o ângulo firme da mandíbula.

– O quanto você quer que eu seja sincero? – perguntou ele.

– Completamente.

– Eu te segui até aqui porque você parecia solitária. Porque você é linda, e eu gosto de coisas lindas. – Uma pausa, e o resto escapou dele: – E porque eu também estou solitário.

Ela desviou o olhar de novo para espiar a porta que ele tinha deixado entreaberta. Ela estava pensando em sair. E *deveria* sair, e ele permitiria, claro. Naturalmente, com a atração amaldiçoada que fazia humanos se jogarem nele (a mulher sem nome que tinha entrado em transe e atravessado uma sala para se oferecer para ele, o homem que tinha parado ao lado dele no metrô, a mulher que tinha se virado depois de um único olhar para segui-lo pela rua), consentimento era, na melhor das hipóteses, uma coisa meio indefinida.

Mas, com cada célula amaldiçoada do corpo, Brigan queria que a ovelhinha ficasse por vontade própria.

Ele registrou que a queria de um jeito que nunca tinha desejado ninguém desde *antes*, quando seu corpo humano ansiava por conexão, toque e alívio, não só nutrição. O sexo tinha perdido o significado e se tornado sinônimo de alimentação, mas agora a palavra sussurrava através dele, sibilante e sedutora, deixando seus músculos rígidos.

Tudo naquela humana, a inclinação inquisitiva da cabeça, o ângulo do sorriso cauteloso, a clareza nos olhos, sugeria que o sexo com ela podia ser

diferente. Que não seria só prazer emanando dela em ondas para que ele consumisse, mas também prazer para ele.

– Qual é o seu nome, ovelhinha?

Ela mordeu o lábio e respondeu:

– Catalina.



A parte racional da mente de Cat questionava o que ela estava fazendo, por que não tinha saído correndo assim que ele admitiu que a tinha seguido até ali, no segundo em que ele abriu a porta e chegou para o lado. Tudo aquilo era algo saído de um podcast, de uma notícia de jornal, uma história em que todo mundo já sabe cujo fim, que faz a plateia gritar para que ela vá embora *imediatamente*.

Mas, embora Brigan fosse claramente *diferente* e ela ainda não soubesse exatamente o que aquilo queria dizer, sua pulsação não estava disparada de pânico. Ela sentia curiosidade, não medo.

Ele era alto… enorme, na verdade. Ela achava que ele tinha bem mais do que 1,80 metro, muito maior do que ela – mesmo de onde estava, do outro lado da cama. Ela queria tê-lo visto entrar no quarto para saber se ele tinha inclinado o corpo para passar sem que as asas impressionantes da fantasia batessem na moldura da porta. Ela tivera um vislumbre das mãos dele antes de ele enfiá-las nos bolsos da calça cara, e eram enormes. Por qualquer lógica mensurável, Cat deveria ter sentido medo dele.

Mas não estava sentindo. Nem mesmo quando saiu do estado hipnotizado que sentiu quando viu o rosto dele, nem quando ele falou com aquela voz grave e fascinante.

Eram os olhos dele, talvez, como eles faiscavam com luz mesmo nas

sombras, ou o sorriso malicioso que permanecia lá mesmo quando ele endireitava a boca. Talvez fosse a mistura de inocência e sabedoria no rosto dele, a fome e a tristeza, o olhar ao mesmo tempo jovem e velho, embora ele não pudesse ser muito mais velho do que ela. Ou talvez fosse o jeito infantil como o cabelo escuro e denso caía na testa e como naquele momento ele parecia estar olhando com doçura para ela, mesmo de cima.

Estranhamente, Cat sentiu como se o conhecesse. Havia algo tão *familiar* em Brigan que, quando ele falou o nome, ela quase respondeu "Ah, é, esqueci".

Talvez ela o conhecesse. Em uma vida passada, em sonhos ou em outra coisa que parecia impossível mas verdadeira ao mesmo tempo. Cat sempre fora fascinada pelo paranormal. Nunca teve medo do escuro, nunca se preocupou com monstros embaixo da cama. Ela aceitou um desafio de passar a noite em uma casa mal-assombrada no ensino médio e sabia que a coisa mais perigosa eram outros seres humanos. E, apesar de o pensamento ecoar na cabeça dela como um sino (*Brigan é diferente, Cat, presta atenção*), ela nunca tinha sentido uma mistura tão confusa de desejo, curiosidade, atração e autoproteção.

Seus instintos se solidificaram como uma moldura de aço e ela se manteve firme, com as costas para a janela, e disse baixinho:

– Fecha a porta de novo. – Por um instante, ele pareceu surpreso, e ela esclareceu: – Eu não estou a fim de falar com nenhum deles se Jake ou Harry passarem ali fora agora.

Com um sorrisinho, Brigan se virou para fechar devagar a porta do quarto, deixando os dois lá dentro sozinhos.

As palavras surgiram e saíram dela:

– Vem cá.

Ele se afastou da parede, andou lentamente até ela e parou a uns trinta centímetros. Cat não sabia como era possível ele ter cheiro de ar fresco numa floresta, mas teve que resistir para não se inclinar para a frente e inspirar fundo com avidez. Ele a fitava com gentileza, os olhos brilhantes mesmo nas sombras. Ele realmente a deixava pequena; o olhar dela batia na altura do peito largo dele.

– E agora? – perguntou ele.

Ela sentiu como se um laço silencioso e sedutor a puxasse o tempo todo, enfeitiçando-a, e sua consciência disso pairasse à margem, como se só observasse. Cat tocou na barriga dele. Ele estremeceu sob o toque, a respiração inspirada de súbito, e, quando ela olhou para o rosto dele, uma expressão de espanto desorientado arregalou os olhos dele. As pontas dos dedos dela sentiram as linhas sólidas do corpo dele, subindo pelo peitoral, pelo esterno, e ela passou um único dedo pelo pescoço, pelo queixo, e desenhou o formato da boca dele, que se curvou em um sorriso.

– Você está *me* seduzindo, ovelhinha?

– Shh – sussurrou ela, sorrindo, encantada de novo, mas desta vez não tentou afastar o laço.

Ela sabia aonde aquilo ia dar: ela o queria, e ele queria que ela o quisesse, e não importava onde terminava o desejo dela e a persuasão invisível dele começava. Desejá-lo não a assustava, não parecia impulsivo, vergonhoso nem perigoso. Só inevitável.

CAPÍTULO 3

Brigan não sabia o quanto daquilo era a atração poderosa dele e o quanto era o desejo real de Catalina, e não conseguia desacelerar a mente para avaliar. Não importava. Uma emoção envolvia a pele dela, um brilho dourado de mel que parecia euforia e tinha gosto e cheiro de algodão doce na língua dele, nas narinas. As mãos dela estavam quentes e ousadas, os dedos traçando as feições dele, passando pelo cabelo, deslizando pelo pescoço e pela clavícula, até medir o comprimento dos braços e levantar a mão para examiná-la com as pontas dos dedos.

Quando fora a última vez que ele tinha sido tocado assim? Com um mapeamento paciente e carícias fascinadas? Sua pele parecia apertada demais; seu corpo estava faminto por ela, mas ele ainda nem a tinha beijado e não apressaria as coisas por nada no mundo. O toque dela, a intenção, a fascinação paciente, o jeito como ela brilhava com mais intensidade para ele quanto mais suas mãos passeavam, era um bálsamo para a ruína que era o coração dele. Brigan não se lembrava de um amante que não tivesse devorado sem pensar qualquer coisa que ele oferecesse e exigido mais com avidez.

Ele ficou tonto quando entendeu, pois não acontecia havia muito tempo: assim era o desejo real.

A mão dela subiu até a nuca dele nessa hora para puxá-lo, e ele finalmente ergueu os braços, passou-os pelas costas dela e a puxou para si. Catalina derreteu junto a ele e soltou um ruído docemente petulante de fome quando ele segurou o beijo, a boca a um centímetro.

– Talvez a gente não tenha tempo de fazer tudo que eu queria fazer com você – disse ele.

– Então faz só as coisas mais importantes – provocou ela, e, quando falou, seus dentes roçaram nos lábios dele.

Brigan sentiu a tontura do desejo invadir seus membros.

– Tem certeza de que você quer?

– Tenho.

Ele se curvou, expirou no pescoço dela e fez tudo que pôde para reduzir a atração, desesperado pela primeira vez para saber a verdade.

– Responde com sinceridade, Catalina. Você quer?

Ela se afastou para encará-lo e franziu a testa, sem entender.

– Eu estava sendo sincera.

Ele sentiu uma onda de alívio e desejo e encaixou a boca na dela.

Os lábios dela reagiram na mesma hora: suaves, quentes e docemente úmidos. Um beijo, um simples beijo, diferente de tudo que ele já tinha experimentado: o movimento das bocas juntas, as brincadeiras com lábios e dentes. Brigan grunhiu, incapaz de resistir a aprofundar o contato, sentindo o movimento pequeno e provocante da língua dela na dele, a mão fechada no cabelo dele e a outra entre os corpos, percorrendo o comprimento duro dele. Ela ofegou, inspirou com a boca na dele e, ao ver o desejo dourado emanando em ondas da pele dela, o instinto tomou conta.

Tira o sapato, ordenou ele em silêncio, e, surpreendentemente obediente, ela tirou os sapatos e os chutou para o lado. Ele ficou se questionando se o afrouxamento da mente dela pelo desejo permitira que ele a afetasse, se a tornara maleável às ordens murmuradas. Brigan enfiou as mãos embaixo do suéter dela e encontrou uma pele aveludada, curvas pequenas e os bicos muito sensíveis dos seios, que ele acariciou, beliscou e provocou até ela o

beijar com uma determinação e uma fome que o deixaram selvagem.

Ele tirou o suéter dela e o largou aos pés dela, abriu o sutiã e se curvou para sugar os seios enquanto enfiava as mãos na calça e na calcinha, para despi-la. Brigan quase sentiu culpa por se alimentar, por sugar a radiância de mel da pele dela, como se aquela noite não fosse para isso. Mas como ele podia resistir? Estava acostumado a ver o desejo como um brilho fraco, um creme tremeluzente, um amarelo-claro ocasional, mas o prazer de Catalina era diferente de tudo que ele já tinha visto e emanava dela em ondas douradas pulsantes.

Por muito tempo, parecia uma piada cruel ele ser amaldiçoado a se alimentar da alegria e do prazer de humanos sem conseguir encontrar alegria e prazer para si, mas aquilo… aquilo era um deleite. E Brigan não precisava ter medo de drená-la, de deixá-la fraca ou inconsciente. A vitalidade dela era mais do que ele poderia consumir, e, mesmo depois de saciar a fome, ele estava longe de ficar satisfeito. Foi descendo pelo corpo dela dando beijos. Ajoelhou-se na frente dela e encostou a boca na barriga dele, a pele macia como uma pétala.

Molhada, ordenou ele de forma inaudível, como sempre fazia com amantes, mas acrescentou *encharcada*, sem conseguir resistir a sentir mais de tudo com Catalina. Ela arqueou as costas, e um gemido baixo escapou quando o corpo obedeceu. Ele sentia uma vontade que parecia um martelo marretando embaixo da pele e por todo o membro, mas se permitiu a indulgência de uma prova, persuadindo-a a colocar uma perna por cima do ombro dele, se curvando para um beijo, uma lambida e, cedendo de vez, outra e outra, até estar fazendo dela um banquete de verdade, perdido na sensação dela em sua língua, na sensação de mergulhar na paixão.

Catalina se movimentou junto, as duas mãos no cabelo dele, a cabeça

jogada para trás, o pescoço exposto. Ao olhar por todo o corpo nu, ele se imaginou um tipo diferente de monstro, um que pudesse enfiar os dentes naquele pescoço, na coxa ou, melhor ainda, na pele delicada e febril embaixo dos seus lábios. Ele a sentia pulsar na língua, sentia o desejo dela crescendo, uma luz dourada emanando dela e, pela primeira vez em sua existência, entendeu o instinto de tirar sangue, de bebê-lo. Brigan mal se sentia no controle. Conforme os sons dela iam ficando tensos e frenéticos, ele se levantou e, com um desespero raro, abriu o cinto às pressas, o botão, o zíper, e se libertou.

Ele a levantou, chegou para a frente e, com uma estocada, estava dentro, a sensação dela atordoando seus sentidos de tal forma que por um instante ele só conseguiu se curvar sobre ela, prendendo-a à parede. Sem apoio, ela se contorceu nele, suplicando com o corpo e com os sons e, finalmente, com a voz, tão perto.

– Brigan, por favor.

O som do seu nome, sussurrado no ouvido estando dentro dela e o cheiro e o gosto dela ainda presente em seus sentidos, o fez arremeter por instinto, e ele entrou mais fundo ainda antes de chegar para trás, o que a fez emitir um grito agudo e eufórico. Repetidamente, ele se moveu, com força, com rapidez, como se caçasse a própria sanidade, pensando que o alívio daquele desespero novo e apavorante devia estar logo à frente, precisando do clímax para voltar para si mesmo, para sua sanidade, pois ele ficou convencido momentaneamente de que, mesmo quando chegasse ao ápice inevitável, não ficaria saciado.

A respiração de Catalina ficou curta e rápida. Ela suplicou por mais e, quando ele deu, ela gozou, depois de novo e de novo. Ele sabia a cada segundo que passava que o risco de alguém encontrá-los aumentava, virava

quase certeza, mas Brigan não conseguia se permitir chegar ao próprio clímax porque aquilo já estava perfeito demais, inacreditável demais, e, quando terminasse, o que seria dele? Como encontraria satisfação com qualquer outra coisa que fosse menos do que aquilo?

Loucura, pensou ele. *A loucura é assim, querer existir em um momento que não é realidade.* E que alívio era saber que não podia se apaixonar por ela, que era incapaz disso, porque, se aquilo fosse uma fração de amor, ele jamais a perderia de vista novamente.

Ela aninhou o rosto dele, levou a boca à dele e o beijou de um jeito profundo e indefeso, sussurrando:

– Eu não vou mais conseguir ser de outra pessoa.

Ele fechou os olhos, o coração silencioso ecoando o mesmo medo.

E aí, ela encostou os lábios na orelha dele e sussurrou:

– Goza pra mim, Brigan.

Ele gozou.



Brigan botou Cat no chão sobre pernas bambas e fracas. O prazer ainda reverberava pelo corpo dela; o gemido alto que ele tinha soltado ao gozar ainda ecoava na mente dela. Com as mãos na cintura dela, ele esperou até ela estar firme para chegar para trás. Ela sentiu o jeito como ele a observava fixamente, com os olhos escuros cautelosos.

– Você está bem? – perguntou ele baixinho. – Não está cansada?

Cat assentiu e balançou a cabeça, sem conseguir encontrar palavras, mas sem saber a qual pergunta responder. Estava eufórica, atordoada e se sentindo idolatrada.

– Pode se deitar na cama se precisar descansar – disse ele, a voz carregando um toque de confissão.

Ela balançou a cabeça de novo.

– Eu não estou cansada.

Na verdade, ela não conseguia imaginar dormir naquele momento. O que tinha sentido… ela não sabia se tinha palavras para descrever. Nunca tinha estado com um homem forte como aquele, nunca tinha estado com um amante tão sintonizado no prazer dela. Tinha sido intenso, louco e frenético.

Mas também tinha sido alegre e íntimo, como abrir a porta de um mundo secreto.

Do mundo secreto *dele*.

Encantada, Cat olhou para o rosto dele, mas ele evitou olhar para ela enquanto fechava o zíper da calça. Ela sentiu a intensidade da própria nudez, mas não se deu ao trabalho de se esconder.

– *Você* está bem? – perguntou ela, e ele assentiu, mas ela teve a sensação de que ele estava mentindo. – Brigan, olha pra mim.

Ele acabou erguendo o olhar, mas lentamente, passando o foco dos quadris para a barriga, os seios, o pescoço, a boca.

– Eu não vou te ver de novo, né? – perguntou ela, o estômago despencando com a ideia.

Hesitante, ele balançou a cabeça.

– Por quê?

Ele fechou os olhos e a luz brincalhona se apagou.

– Porque não funciona assim, ovelhinha.

Brigan se curvou, pegou as peças de roupa dela e, sem falar nada, a ajudou a se vestir. A calcinha e o sutiã, que ele fechou para ela. Ele segurou a calça enquanto ela enfiava as pernas uma de cada vez e a puxou pelas pernas e pela cintura. Enfiou o suéter pela cabeça dela e guiou cada braço para dentro antes de puxá-lo sobre o corpo, parecendo tão infeliz quanto ela se sentia. Finalmente, ele colocou o gorro na cabeça dela e ajeitou o cabelo sobre os ombros.

– Estou apresentável? – perguntou ela, forçando uma leveza na voz e sorrindo para ele. A ideia de não o ver de novo a deixou insuportavelmente triste.

– Ninguém olharia pra você e imaginaria o que nós fizemos.

– Não sei se é verdade – disse ela. – O quarto está cheirando a sexo.

Ele inspirou fundo, lentamente.

– Está mesmo, minha querida.

Brigan se curvou e encostou os lábios nos dela por um momento longo e delicado, mas, quando ela abriu os olhos, ele tinha sumido.

CAPÍTULO 4

Subitamente sozinha na semiescuridão do quarto, Cat levou um susto, virou a cabeça para um lado e para o outro.

O que acabou de acontecer?

Pra onde ele foi?

Ela se afastou da parede, deu meia-volta e tentou não entrar em pânico, porque, com a partida de Brigan, o quarto tinha ficado frio e vazio; todos os sinais do cheiro dele e o peso do sexo no ar tinham sumido. A pele dela estava fria, a pulsação não mais uma presença trovejante no fundo da barriga, entre as pernas. Era como se ele nunca tivesse estado ali.

Ela tinha tido uma alucinação?

Alguém tinha realmente estado ali com ela?

Morrendo de medo de ter perdido a cabeça ou de ter transado com uma porra de fantasma, Cat saiu correndo do quarto, ignorando o pedido de desculpas embriagado de Harry quando eles esbarraram os ombros no corredor, ignorando a voz de Jake a chamando do outro lado da sala. Pegou o casaco na pilha no sofá perto da porta e o vestiu, saiu correndo e parou de repente quando a porta bateu atrás dela.

Ela olhou para a calçada onde Brigan estava, em toda a glória impossível, vestindo com cuidado um sobretudo escuro. Inspirou fundo de alívio. Ele não era um fantasma.

Mas, ao olhar para ele na rua, ela confirmou com facilidade que ele também não era apenas um homem.



– Como você fez aquilo?

Sobressaltado, Brigan se virou ao ouvir a voz dela. Os humanos nunca se aproximavam se esgueirando, algo mais impensável ainda depois do sexo, e principalmente não humanos que batiam portas e pés e tinham cheiro de açúcar e desejo e dele. Mas a mente dele estava um caos absoluto, então ali estava ela: Catalina, no degrau de entrada, enrolada no casaco e com o gorro de ovelha, as bochechas ainda coradas, os lábios inchados. Ela era tão linda que doía.

– Aquilo o quê? – perguntou ele, com a voz mais firme que conseguiu.

– Lá dentro. O que você fez comigo?

Brigan se obrigou a parecer inabalado e sorriu de forma sedutora para ela.

– Tudo que você pediu e um pouco mais.

Catalina amarrou a cara.

– Você sabe o que eu quero dizer.

Ele sabia. Sabia porque sentia a mesma desorientação que ela; nunca tinha feito sexo assim com uma humana e nunca tinha deixado uma humana em um estado que não fosse dormindo em paz, temporariamente sem energia. Não só ela estava acordada e alerta, mas também tinha sido docemente devorada e saciada, estava com o cheiro dele e quente com um desejo contínuo. Deixar Catalina naquele quarto tinha sido quase impossível.

– Acredito que eu tenha pedido seu consentimento – disse ele – e que você tenha concordado.

– Eu não estou dizendo… – Ela parou de falar de repente, expirando uma nuvem de ar que logo ficou opaca no ar frio. – Sim, eu fiz porque quis, mas…

– Mas?

– Mas eu nunca transei com um desconhecido, e, com você, foi mais do que isso. Você não *parecia* um desconhecido, e eu só… eu só… – Ela estava agitada, e ele teve que lutar contra a vontade de subir a escada até ela. – Eu só quero entender.

Brigan permitiu que seu olhar a percorresse na luz da varanda: os cachos brilhantes e escuros saindo do gorro, os olhos castanhos enormes e a boca carnuda em formato de coração, a mandíbula e as maçãs fortes, a linha graciosa do pescoço, os seios perfeitos em que ele tinha colocado as mãos e a boca menos de dez minutos antes.

Ele sentiu uma vergonha súbita e desorientadora da experiência deles no quarto dentro daquela casa enorme. O sexo fora transcendental, mas ainda fora apenas uma trepada na parede como dois animais. Ele gostaria de ter tirado a roupa dela uma peça de cada vez e a deitado nua, bebericando preguiçosamente seu brilho âmbar enquanto dava prazer a ela por horas e horas. Por um instante, Brigan se imaginou tomando-a na cama de forma lenta, paciente e provocante. Ele se imaginou vendo-a dormir, sentindo-a acordar em seus braços.

Ele inspirou fundo e se afastou da fantasia.

– Entender o quê, Catalina?

Se quisesse ser sincero consigo mesmo, ele também queria entender. Queria saber por que estava profundamente atraído por aquela humana se não era ela a que quebraria a maldição. E como poderia ser, se ela não via o que ele precisava que ela visse? Afinal, Brigan sabia que Catalina teria dito alguma coisa se o tivesse visto inteiramente. Ela não teria conseguido resistir a fazer um comentário.

Então, o que era aquilo? Só mais uma das vezes em que a feiticeira torcia a faca e o fazia querer conexão com alguém que não podia quebrar a maldição, que continuaria a envelhecer e que morreria num piscar de olhos dele?

– Tem… tem algo diferente em você – disse ela.

Ele teve que conter um sorriso, apesar de tudo.

– Eu espero que sim.

Ela observou os olhos dele.

– O que você é?

Brigan ficou paralisado. Não *quem*, mas *o quê*.

Ele se balançou nos calcanhares, engoliu o choque e ergueu uma sobrancelha.

– Que pergunta estranha, Catalina.

– Mas é a pergunta certa – disse ela com firmeza.

Ele sentiu as narinas dilatarem, mas escondeu qualquer outra reação àquilo.

– Nós mal nos conhecemos – continuou ela. – Mas você teve a sensação de que transou com uma desconhecida?

Brigan engoliu em seco e odiou que a verdade escapasse com tanta facilidade dele:

– Não, não pareceu.

– Como é que você sabia como me fazer…?

– Ter um orgasmo? – perguntou ele em voz baixa.

Ela ficou com as bochechas coradas.

– É. Tão rápido. Tantas vezes.

– Você foi deliciosamente clara na comunicação das suas necessidades.

– É diferente – disse ela. – *Você* é diferente. Nenhum homem prestou atenção no que eu quero como você.

– Que pena, Catalina.

– É, mas é mais do que isso. Você prestou atenção, mas foi quase como se você… – Ela expirou, confusa. – Você entrou na minha cabeça.

Ele tentou rir e descartar a ideia.

– Está sugerindo que eu leio mentes?

– Não finja que não sabe o que eu quero dizer.

Brigan inspirou fundo, mas foi um erro. Ele sentiu o cheiro de sexo nela, além do perfume doce e suave, e seu sangue esquentou de novo. Fingindo tédio, ele murmurou:

– Essa conversa está meio sem sentido, não está?

Só que não estava. Nem um pouco.

Ela ergueu o queixo.

– Só vou embora quando você me disser o que você é.

CAPÍTULO 5

Cat estremeceu no degrau da entrada da casa. Atrás dela, a festa estava tão barulhenta que dava para ouvir pela porta grossa de carvalho as risadas e a música, em um contraste estranho com a intensidade do contato visual com Brigan.

– Você está com frio – observou ele, em voz baixa.

Ela nem reparou direito.

– Está tudo bem.

Os olhos escuros dele perderam o brilho e as palavras assumiram um rosnado protetor quando ele murmurou:

– *Não* está tudo bem.

– Então me diz o que você é, e eu volto lá pra dentro.

– Lá pra dentro, pra aquele seu ex-namorado pateta?

Uma emoçãozinha surgiu nela pela manifestação de ciúmes dele.

– Eu acabei de ter orgasmos múltiplos com você – disse ela, balançando a cabeça com irritação. – Eu não vou voltar pra lá, pra pior trepada da minha vida.

Brigan segurou uma risada, mas seus olhos ficaram iluminados, enrugados nos cantos, e algo ficou mais leve no peito dela.

Ele soprou o ar.

– Catalina, você vai me esquecer.

– Uau, *obrigada*. – Ela deu uma risada sarcástica.

– É melhor assim.

– Pra quem?

– Pra você, claro. Eu não sou o que você quer ou precisa, pode acreditar.

– O que eu quero ou preciso sou *eu* que decido, não você.

– Você é teimosa, ovelhinha.

– Pode ser, mas foi você que criticou Jake por me largar assim que a gente chegou à festa, e agora que me comeu, você vai me deixar sozinha na porta dessa casa?

Brigan ficou em silêncio ao ouvir isso, a expressão vazia. Ele olhou para o lado, o perfil definido e perfeito na luz da rua, a mandíbula contraída. Foram vários longos segundos até ele inspirar e soprar o ar, como se estivesse finalmente exausto e cedendo a alguma coisa. Ele se virou para ela.

– Tudo bem. Quer uma bebida?

A confusão substituiu a cara amarrada.

– O quê?

– Você está com frio, e eu prefiro não ficar aqui na rua. Vamos até o bar da esquina. Eu te pago uma bebida. E prometo responder cinco perguntas se você prometer me deixar em paz depois.

– Se eu prometer te deixar em paz, eu posso perguntar qualquer coisa e você vai responder?

Ele assentiu lentamente.

– Só se o mesmo valer pra mim.

– Você também vai me fazer cinco perguntas?

Ele assentiu de novo.

– Você tem que responder com sinceridade. E aí eu também vou te deixar em paz.

– A questão é – disse ela baixinho – que eu acho que você pode me *obrigar* a responder com sinceridade.

Depois de um momento de surpresa, Brigan riu, o som parecendo uma onda de alegria vinda do fundo da barriga dele.

– Eu não vou te compelir – disse ele. – Até porque não funciona com você.

Cat ficou imóvel.

– É assim que você chama? Compelir?

– Essa é uma das suas cinco perguntas?

Ela lançou a ele um olhar calculista.

– Acho que não. Ainda não.

– Então estamos de acordo? Uma bebida, cinco perguntas pra cada, sinceridade total, e depois você finge que a gente nunca se viu?

A tensão para entendê-lo parecia uma haste física dentro do tronco dela, algo rígido e pulsante. Ela não sabia se cinco perguntas aliviariam isso e odiava a ideia de nunca mais o ver, mas era isso ou nada, dava para ver nos olhos dele. Ele queria que ela dissesse sim, mas, se ela dissesse não, ele sumiria de novo no mesmo instante, e agora seria de vez.

– Tudo bem – disse ela.

Os olhos escuros cintilaram, e ele abriu um sorriso lindo com covinhas.

– É? Tudo bem? Viva. – Ele estendeu o braço para ela. – Vamos?

CAPÍTULO 6

Se sexo com uma criatura mágica em uma festa lotada não era surreal o bastante, sentar diante dele na King's Ale House, tomando uma bebida, era. Cat mal conseguia piscar enquanto o observava levantar o copo de uísque e levar o líquido âmbar até os lábios. Ele bebeu, soltando um *Ahhh* feliz ao terminar.

– Eu começo ou você prefere começar? – perguntou ele, passando o polegar pela boca. Ele afastou a mão, revelou aquele sorriso incrível e riu do silêncio atordoado dela. – É tão difícil assim me olhar?

Era, sim. Ela o tinha visto no quarto escuro, tinha visto nas sombras da luz da entrada da casa. Mas não o tinha visto debaixo da luz quente de um bar e nem se sentiu constrangida pelo tempo que estava levando para se acostumar a estar perto assim de alguém tão expansivo, tão grande, tão lindo. A pele dele era lisa, sem marcas, com todas as feições em dimensão e proporção perfeitas. Aqueles olhos pretos carregavam uma constelação de graça, provocação e carinho. A boca, aquela boca pecaminosa, era carnuda e sorridente, os dentes retos, brancos e perfeitos.

Mas havia outra coisa nos olhos dele. Solidão, angústia, uma tensão assombrada que ela não conseguia identificar.

Cat mordeu a pelinha do dedo, se perguntando por onde começar, e um tremor a percorreu. Ela levou um susto e percebeu que ele tinha dito algo naquela voz baixa e vibrante.

– O quê? – perguntou ela, encarando-o.

– Eu falei pra você parar de morder o dedo.

Ela soltou uma risada e botou a mão no colo, embaixo da mesa.

– Como você consegue ignorar? – perguntou ele diretamente, e, embora

para qualquer outra pessoa a pergunta pudesse parecer vaga e sem sentido, Cat se sentiu vingada de ele finalmente estar admitindo a voz que usava. – Eu nunca conheci alguém que conseguisse.

– Eu escuto – disse ela, pensando de novo no zumbido baixo da voz de Brigan na sala de Harry e no quarto, as duas vezes parecendo estar vindo de todas as direções ao mesmo tempo. – Mas é quase como uma voz vinda de outro aposento, de todos os lados de onde eu estou. É baixa, grave, vibrante.

– O que você sente quando eu falo com essa voz?

– A mesma coisa que eu sinto quando olho pra você.

– Que é…?

Cat pensou mais um pouco, sentindo como era quase irresistível o desejo de ir para o outro lado da mesa, de se sentar ao lado dele. Mas também que era mais curiosidade do que medo, só um desejo de ele chegar mais perto.

– Quente e relaxada.

– Então não te assusta?

Ela balançou a cabeça.

– Quando a gente estava… – Ela parou de falar e corou.

– Se curtindo? – disse ele com um sorriso.

– Isso… durante… *isso aí*… eu deixei você entrar, e isso tornou tudo…

– Melhor?

Ela assentiu e soltou o ar.

– É. Muito melhor.

Brigan se encostou e sorriu.

– Fascinante.

Cat respirou fundo, se inclinou para a frente e firmou os cotovelos na mesa.

– Ah – provocou ele, com os olhos brilhando. – Ela está se preparando. – Ele imitou a postura dela e apoiou os antebraços na mesa. – Vamos começar?

– Começar? – perguntou ela, rindo. – Você já me fez quatro perguntas.

Ele sorriu e balançou a cabeça.

– A gente ainda não tinha começado oficialmente. Elas não contam.

Com um ruído baixo, ela cedeu.

– Está bem. *Primeira pergunta* – disse ela diretamente. – Quantos anos você tem?

Ele pareceu surpreso; obviamente, não era aí que ele esperava que ela começasse.

– Vinte e cinco.

E *ela* esperava que ele fosse sincero.

– É, mas há quanto tempo você tem 25 anos?

Brigan sorriu e disse com a maior cara de pau:

– Um tempinho.

Uma risada escapou de Cat.

– É esse seu jeito de admitir pra mim que você leu *Crepúsculo*?

– Como eu poderia resistir? Vampiros e lobisomens? Eu tinha que saber se meus amigos foram retratados com fidelidade.

Cat apertou os olhos.

– Para com isso.

Ele balançou a mão com casualidade.

– A verdade é que está cheio de erros. Nenhum vampiro é tão bonito assim. Eles são horrendos.

– Foi *esse* o erro? – comentou ela, rindo. – Não o brilho nem os superpoderes?

– Por que os superpoderes seriam surpresa? – perguntou ele com astúcia.

– Certo, boa questão. – Cat levantou dois dedos. – Segunda pergunta: quais são os *seus* poderes?

Brigan ergueu o copo e tomou um gole. Ela o viu deixar a bebida na língua por um momento antes de engolir e o pescoço dele se mexeu de forma sedutora.

– Eu tenho alguns – disse ele, atraindo a atenção dela de volta para o rosto dele. – Nada como ler mentes ou ter premonições. Mas a voz, como você notou. Além disso, força, velocidade, furtividade. Eu tenho isso. – A testa dele se franziu um pouco. – Por exemplo, eu sumi do quarto, como você percebeu, mas foi pela porta, de uma forma bem comum. Eu só sou rápido e silencioso, e a maioria das mulheres está exausta e meio atordoada depois do sexo e só fica com a sensação de estar perfeitamente saciada. Nunca aconteceu de uma delas me perseguir até a rua. – Ele riu e balançou a bebida, o cubo de gelo tilintando no copo pesado.

– A atração também é um poder – disse ela, não como uma pergunta, e Brigan fez uma careta, como se, para ele, esse dom fosse tedioso.

– Os humanos se sentem atraídos por mim – disse ele simplesmente. – É bem embaraçoso dizer isso em voz alta, mas a minha mera existência é uma

sedução. É o que eu chamo de fascínio.

– Você usa a voz com humanos o tempo todo? – Ela riu da sobrancelha arqueada. – Ah, para com isso. Você teve quatro perguntas de graça quando nos sentamos aqui.

Brigan olhou de cara feia de brincadeira para ela, mas não discutiu. Tomou outro gole de bebida, franziu a testa ao engolir, e ela teve a sensação de que ele raramente falava sobre aquilo, se é que falava.

– Bom, sim. Posso usar a voz pra fazer os humanos agirem como eu quiser. – Ele se inclinou para a frente de novo e girou lentamente o copo no porta-copos. – Menos com você. Eu consegui te compelir depois que você me deixou entrar, mas não completamente.

Ela o encarou, desejando em silêncio que ele desenvolvesse o assunto sem fazê-la queimar uma pergunta. A curiosidade era uma chama ardente no peito dela. Mas, dessa vez, ela cedeu antes dele.

– Tudo bem, pergunta três: o que você tentou me compelir a fazer?

– Eu tentei te fazer relaxar no quarto lá dentro, e você relaxou, mas não completamente. Quando ficou claro que teríamos um momento íntimo, eu mandei você tirar os sapatos. – Ela sorriu ao ouvir isso, e ele acrescentou: – E instruí seu corpo a ficar molhado pra mim, pra eu poder te possuir com facilidade.

Cat se sentiu ficar imóvel enquanto o calor consumia sua pele.

– Ah – murmurou ele, o olhar quente percorrendo o rosto dela, e um zumbido surgiu na cabeça dela, deixando o corpo quente e líquido. – Essa é a minha doce ovelhinha.

Brigan inspirou fundo e afastou o olhar como se fosse um esforço.

Cat o encarou, fascinada.

– Tenta de novo agora.

Brigan voltou a olhar para ela.

– O quê? Tentar te compelir?

Ela assentiu e viu os lábios dele se mexerem, ouviu um ruído que foi mais vibração do que som e sentiu um formigamento na palma da mão, no indicador, no braço, mas resistiu ao impulso, que acabou passando.

Ela franziu a testa para ele.

– O que você me mandou fazer?

– Tirar meleca.

Cat soltou uma risada horrorizada.

– Cala a boca.

– Tudo bem. – Ele gesticulou como se estivesse fechando um zíper na boca.

– Não, não, não cala a boca. É só… Ah, meu Deus. Se isso tivesse funcionado, eu teria derramado essa bebida na sua cabeça. – Brigan riu quando ela pegou a cerveja e sorriu para ele. Ela queria pedir para aquela noite durar para sempre. – Tudo bem. Sua vez de me perguntar agora. Vou guardar as duas últimas.



A única pergunta que Brigan precisava fazer a Catalina estava dominando seus pensamentos, mas ele já sabia que as palavras não se formariam na língua; nenhum som sairia.

Ele tinha tentado fazê-la antes, claro que tinha. Ao longo de quase nove séculos. *Você repara algo de diferente em mim? Vê alguma coisa?*

Mas ele tinha aprendido, muito tempo antes, que a capacidade de perguntar se um humano via o que ele queria desesperadamente que eles vissem era impossível. Havia um motivo para aquilo ser uma maldição.

Então ele fez a outra pergunta importante.

– Você é bonita e engraçada e gentil. Por que está solitária?

Catalina arregalou os olhos, surpresa, mas logo disfarçou.

– Eu me mudei pra cá há poucos meses pra fazer pós-graduação. É uma cidade incrível – disse ela –, e eu amo meu curso. Estou estudando ética ambiental. Mas é difícil conhecer gente. Jake está no mesmo curso, e acontece que ele é o cara mais desatento e sem noção que eu já namorei, mas é a única pessoa que eu conheci até agora. Eu sou próxima dos meus pais e do meu irmão. Tenho bons amigos em Denver. – Ela deu de ombros. – Se estou solitária, é porque sinto muita saudade de casa.

Ele a observou levantar a cerveja e tomar um gole. Por um instante, ela olhou para dentro do copo, e, quando encarou-o de novo, estava com o ar cauteloso de repente, como se algo tivesse acabado de ocorrer a ela.

– Você não costuma falar de si pras pessoas, né?

Ele balançou a cabeça.

– Nunca na minha existência.

Ela engoliu em seco e sustentou o olhar dele.

– Você não vai me matar, vai?

Brigan teve vontade de rir, de descartar como algo absurdo, mas havia um pontinho crescente de percepção no fundo da mente dele que o incitava a fazer exatamente isso. Ele já tinha contado coisa demais para Catalina e, mesmo balançado como estava por aquela ovelhinha delicada, de bochechas

rosadas e olhos brilhantes, ele provavelmente deveria matá-la mesmo assim.

– Ainda não decidi – disse ele, tentando brincar, mas sentindo que as palavras queimavam o fundo da garganta.

Ela abriu um sorriso trêmulo, engoliu em seco de novo e fechou as mãos no copo.

– Eu soube na mesma hora que você não era como os outros homens. Acho que essa resposta não me surpreende.

– Você não vai argumentar em defesa da sua vida? – perguntou ele, sorrindo.

Ela sorriu também.

– Isso é uma pergunta oficial?

– É. É a minha segunda. Se você achasse mesmo que esse era o meu plano, não tentaria me convencer a te deixar viver?

Catalina inclinou a cabeça.

– Não. Porque eu não acredito que você me mataria.

– Por quê?

– Eu só não acredito. – Ela deu de ombros. – Minha vez. – Brigan assentiu e percebeu que o coração dela bateu pesado, com ansiedade, antes de ela falar. – Você já sabe qual é a minha quarta pergunta.

– Sei – disse ele. – Mas quero ouvir você falar mesmo assim.

Ela repuxou os lábios entre os dentes e inspirou fundo.

– O que exatamente você é? Como você chama sua espécie? – Brigan riu. – Eu não acredito que estou dizendo isso em voz alta. – Catalina levantou as mãos e as passou no rosto.

O que eu sou?

Ele nunca tinha recebido um nome, embora alguns aspectos da forma dele fossem óbvios, ao menos para ele. Naturalmente, ao longo de sua existência sem fim, ele tinha encontrado outros. Poucos. Ele não sabia de onde o termo tinha vindo, se outro da espécie dele tinha inventado ou se tinha sido proclamado por um ser celestial que ele esperava conhecer um dia.

– Eu sou um Caído – respondeu ele, e levou o uísque aos lábios, deixando o calor do líquido cobri-los. – Sou um de poucos.

– Caído tipo um anjo? – perguntou ela muito, muito baixo.

– Acho que sim. – Brigan assentiu lentamente, com cuidado, esperando que a maldição apertasse suas cordas vocais, que o impedisse de chegar perto demais de se descrever, de perguntar o que ela via para fazê-la adivinhar aquela palavra de forma tão específica. – Eu fui muito perverso uma vez, muito tempo atrás, e uma moça muito malvada lançou uma maldição em mim.

Catalina soltou o ar em choque.

– Maldição? – Ele assentiu, e ela disse: – Me conta sobre a maldição.

– Eu estou condenado a andar pela Terra, sozinho e imortal, até a minha amada me encontrar e me salvar.

Ele falou de forma muito dramática, porque era mesmo muito dramático. Mas a história toda só o deixava mais cansado. Ele não tinha mais muita esperança de haver um fim à vista para ele, uma volta à capacidade de amar, respirar, dormir e existir dentro daquele corpo que não parecia ser dele havia tanto tempo.

A voz dela soou baixa, provocadora, mas não debochada:

– E como é que a sua amada vai te salvar?

– Ao que parece, ela vai simplesmente me *ver* – respondeu ele, olhando para o copo.

– *Eu* te vejo.

Ele deu uma risada triste ao ouvir isso, sem conseguir corrigi-la e explicar que significava algo muito específico.

– O que você fez pra ela te amaldiçoar?

– Matei a família de um rei corrupto. – Tinha muito tempo que ele não dizia isso em voz alta; as palavras saíram rígidas e afiadas e cortaram sua língua quando ele falou.

Ela arregalou os olhos escuros.

– Ah. Que… que profundo.

– Ah, querida, isso é só a ponta do iceberg.

Como ela não tinha perguntado e como ele sabia que não conseguiria dizer as palavras mesmo que quisesse, ele deixou de fora os detalhes mais importantes.

Detalhes do tipo que ele pagara por esses crimes primeiro tendo que ver o assassinato da esposa, que era sua alma, sua amada. Que ele tinha visto Annora ser amarrada em uma estaca e queimada. E depois, ele também tinha sido morto… pelo menos, de certa forma. Uma espada tinha sido enfiada no seu coração, seu sangue tinha caído em poças grandes e manchado o pátio do palácio. Seu coração tinha parado de bater.

Mas, enquanto sentia a vida se esvair de seu corpo, a feiticeira do rei tinha ficado por perto, os dedos longos e tortos com unhas pretas retorcidas apontando para o cadáver que sangrava enquanto falava a maldição que o

mantinha vivo e sozinho até então.

Nas sombras envolta, em penas seduz

Uma alma caída à espera da luz.

Crepúsculo eterno, refrão do seu coração,

Acabar com a dor, remover a maldição.

Correntes imortais, sua presa amarrada,

A liberdade vem quando ela for encontrada.

Brigan tinha passado as semanas seguintes perdido, o corpo desconhecido dolorido e desajeitado, a desolação e a culpa pela perda da esposa tão intensas e expostas quanto o buraco infeccionado que ele jurava que tinha sido feito em seu tronco, mas que tinha se fechado imediatamente e deixado só um peito perfeito, sem marcas.

Ele tinha se jogado do alto de um penhasco; tinha se lançado na frente de uma debandada de animais. Tinha pagado a um homem para disparar uma flecha em seu coração, engolido um frasco de veneno. E nada tinha acabado com sua infelicidade.

Você a verá de novo, uma vidente tinha garantido depois que ele colocou cinco moedas roubadas na mão dela, meses depois do assassinato de Annora e do subsequente purgatório de Brigan, quando ele rastejava, desorientado e confuso, se sentindo capaz de perder a cabeça para interpretar o enigma da feiticeira. *Mas muitas vidas se passarão até que ela te encontre*.

Então ele tinha esperado essas muitas vidas. Primeiro duas, depois três e, depois de cinco séculos intermináveis, finalmente tinha desistido. O tempo passou, um tempo que podia ser medido em gerações, em que ele tinha

vagado pelo mundo cada vez mais entediado e impaciente, acumulando riquezas, levando mulheres para a cama sem sentir nada além do prazer físico, enchendo o corpo de todas as drogas e misturas feitas para levá-lo a esquecer, embora nenhuma tivesse funcionado, até a última vez que ele tinha tentado ser encontrado, poucas décadas antes. O cinema tinha sido inventado e um pontinho de esperança tinha borbulhado dentro dele.

Brigan havia entrado nos estúdios da MGM e compelido o segurança a levá-lo até a sala dos executivos. Tinha compelido a secretária do presidente a deixar que ele entrasse para ver o presidente. Tinha compelido o presidente da MGM a colocá-lo em seu maior projeto até aquele momento.

E ele assim fez.

Brigan atuou lindamente, ele achava… e Hollywood aparentemente concordava: ele ganhou um Oscar. Um prêmio póstumo, claro, já que, três meses depois que o filme saiu e se tornou um sucesso comercial estrondoso, Michael Minnow morrera. Isso significava que Brigan tinha fingido a própria morte e sumido na obscuridade, esperando, na certeza de que uma pessoa surgiria, a pessoa que veria o filme e o veria. Durante décadas, ele tinha recebido olhares de transeuntes que o paravam na rua e diziam: "Alguém já te disse que você é igualzinho àquele ator antigo, Michael Minnow?"

Mas, mesmo com os milhões de humanos que tinham visto o filme, ninguém, nem uma alma em setenta anos, tinha declarado publicamente: *Isso aí não é um homem mortal! Mais ninguém vê o que eu vejo?*

E ele só precisava que uma alma questionasse em voz alta, que uma alma o *visse*, e a maldição seria quebrada: seu coração expeliria o inverno eterno e começaria a bater, seu sangue correria quente nas veias. O relógio da vida

começaria a contagem regressiva misericordiosa, do jeito que sempre deveria ter sido. Ele não viveria mais para sempre e nunca mais ficaria sozinho.

– Bom, essa é uma história de Halloween perfeita – disse Cat, trazendo-o de volta ao presente.

– É mesmo. – Brigan terminou a bebida e pousou o copo na mesa. Ele a encarou. Aquela tinha sido, sem a menor sombra de dúvida, a melhor noite da existência dele. Ele não ouvia a própria gargalhada havia séculos. Mas tinha que deixar tudo para trás. – Minha querida, é agora que eu te deixo.

Ela balançou a cabeça rapidamente.

– Mas eu ainda tenho uma pergunta.

Brigan levantou cinco dedos e marcou cada uma.

– Quantos anos eu tenho, que poderes eu tenho, o que eu tentei te compelir a fazer, se eu vou te matar, que tipo de monstro eu sou. – Ele se lembrou de mais três e levantou o polegar, o indicador e o dedo do meio. – O que é essa maldição irritante, como meu verdadeiro amor vai me salvar, o que eu fiz de tão horrível que uma feiticeira me condenou à imortalidade solitária. São *oito* perguntas, meu amor.

Os olhos castanhos de Catalina arderam de frustração.

– Algumas foram continuações, só conversa ou só, tipo, *preocupação com a minha vida*.

– Não foram perguntas mesmo assim, minha doce ovelhinha?

– *Você* ainda tem três – insistiu ela.

Brigan se levantou e botou uma cédula na mesa.

– Ah, mas você tinha razão: eu fiz quatro perguntas quando nós

chegamos, então vou ser justo. Venha. Vamos pra casa.

CAPÍTULO 7

Ela queria protestar, argumentar, mas ele se ofereceu para acompanhá-la até seu apartamento, e ela aceitou na hora. Porque, em circunstâncias normais, a caminhada até a ponta distante de Manhattan levaria quase duas horas, mas Cat planejava fazer durar bem mais.

Ela o levou pelas ruas da cidade, percorrendo quarteirões e bairros, e desconfiava que ele sabia o que ela estava fazendo, mas ele não protestou.

Eles andaram lado a lado pela noite, ela começou a tremer, ele ofereceu o braço e depois o casaco, e ela passou duas horas perfeitas enrolada naquele cheiro mágico amadeirado dele, afastando a certeza de que ficaria arrasada quando ele inevitavelmente a deixasse na porta de casa.

Eles conversaram sobre tudo no caminho. A infância dela, os estudos, o acidente de carro que ela sofrera dois anos antes. As comidas, os filmes e os livros favoritos dela. A vida dele, que tinha se prolongado por séculos; a realidade diária era difícil de imaginar, a imensidão do que ele tinha visto, do que tinha testemunhado. As circunstâncias atuais dele pareciam ao mesmo tempo maravilhosas e tristes; ele tinha dinheiro para qualquer luxo, mas não ligava para nada daquilo por não poder dividir com ninguém.

Mas, quanto mais perto eles chegavam do prédio dela e quanto mais ela descobria sobre aquela criatura por quem desconfiava já estar profundamente apaixonada, mais ela se perguntava se tinha se enganado sobre ele, se, quando ele a deixasse na porta, ele poderia fechar delicadamente as mãos no pescoço dela e apagar tudo de forma rápida e misericordiosa. E, de alguma forma, Cat não conseguia ter forças para se afastar, para tentar fugir. Algo enraizado dentro dela dizia que ele não a mataria.

Que ele não conseguiria.



Brigan continuava quebrando as próprias regras, mas nada daquilo parecia importar.

Não era possível ele se apaixonar, ele sabia disso, mas, ao voltar no tempo, ele se lembrava que talvez fosse mais ou menos daquele jeito. A vontade de andar sem destino pela noite até a luz do nascer do sol surgir na beira do East River. O progresso hesitante no contato: do casaco dele nos ombros dela à mão dele se fechando na dela, depois o braço puxando o corpo dela para perto até estar todo encostado no dele.

E, quando eles finalmente chegaram à casa dela, um prédio comum do East Village pelo qual eles já tinham passado pelo menos cinco vezes, ela reduziu a velocidade e se virou para ele.

– Acho que não posso adiar mais – disse ela.

Ele sorriu.

– Como quiser.

Catalina virou o rosto para ele e expôs o pescoço longo e pálido.

– Faça o que planeja fazer. Só saiba que essa foi a noite mais maravilhosa da minha vida.

Ele se imaginou levantando as mãos, fechando-as na coluna fina e vulnerável do pescoço dela, e percebeu que não conseguiria, nem em um milhão de anos.

Brigan se curvou, apoiou os lábios na pulsação dela e sentiu a vida vibrando lá, desejando-a tanto que uma dor fantasma atravessou seu tronco.

Catalina baixou o queixo e capturou sua boca em um beijo oportunista.

Ele não conseguiu se segurar e grunhiu, se derreteu no beijo, calculando se o prazer de uma noite, uma semana, uma vida com ela valia a dor da perda inevitável. Mas ele sabia que não suportaria.

Ela botou as mãos nas costas dele, e ele se curvou para senti-la, aqueles lábios, aquela língua suave e provocante, para sugar e lamber e se entregar àquele gosto final, mas, quando eles se moveram juntos, o contato crescendo e se transformando em algo luxuriante e promissor, Brigan percebeu o rastro do toque dela, diferente da maioria.

Mãos de amantes tinham sempre passado com avidez das costas dele para os ombros ou seguindo o mesmo caminho ao contrário, tateando, possessivas e merecedoras, mas invariavelmente os dedos delas passavam sem provocar nenhuma sensação no local da projeção, no obstáculo de músculos, ossos e penas poderosos que se estendiam a partir das costas dele.

Brigan ficou imóvel quando as carícias hesitantes de Catalina circularam a base larga da asa esquerda, onde se juntava aos músculos rígidos das costas, e subiram pelo arco amplo dela, de forma gentil, sedutora, explorando a curva enorme e maltratada pelo vento até a ponta erótica e sensível de penas macias.

Ele ofegou, eletrificado, o corpo todo rígido.

Ela chegou para trás para observar a expressão dele, o assombro na mesma hora se transformando em remorso.

– Desculpa! Eu devia ter perguntado. Eu não sabia se eram reais.

Abalado e mudo, ele a encarou e só assentiu, pois ao redor dele o mundo começou a derreter em cores, vibrações e sons; o rosto dela, que era lindo para ele desde o instante em que a vira, tinha virado outra coisa, ainda bonito, mas irresistível; especial para ele de um jeito que a colocava no

centro de cada célula do corpo dele. Sua vida, seu amor, sua alma estavam bem à frente dele.

Logo embaixo do esterno, o coração de Brigan deu um salto enorme, agitado.

O calor desceu pelo tronco, se prolongou para cada membro, pulsou quente em cada dedo. Ele inspirou fundo o ar gelado e encheu os pulmões, apreciando o contraste do calor dentro e do frio do lado de fora.

– Se eu tivesse te dado mais uma, qual seria sua pergunta final? – perguntou ele, a voz rouca de emoção.

Catalina olhou para ele com olhos adoradores e preocupados.

– Eu ia perguntar se você voa.

Sim. Ele podia voar, planar e mergulhar, mas, naquele momento, com a alma e o coração devolvidos, com Catalina à frente dele e o futuro dos dois se abrindo como uma tapeçaria vibrante e luxuosa, Brigan só conseguiu cair de joelhos.

KATEE ROBERT

DOCE PESADELO



Para todos os meus entusiastas de monstros por aí

CAPÍTULO 1

– Você consegue, Gemma. É igual ao treinamento.

Eu remexo os cascos no chão, um suor de nervosismo brotando em lugares que só são apavorantes para *mim*, não para o humano adormecido cuja noite estou prestes a arruinar.

– Igual ao treinamento – repito. – Molezinha.

Ralph, o demônio que passei meses acompanhando, coloca a mão grande no meu ombro. A maioria de nós, demônios, é metamorfa por natureza: moldamos o nosso corpo de acordo com a nossa vontade ou por conta de uma demanda específica. Nosso trabalho, em particular, exige certo… estilo.

Ralph incorpora isso sem esforço. Ele tem uns três metros de altura, o corpo um pouco magro demais para sustentar a estrutura óssea alongada. É bípede e tem uma forma vagamente humana, mas leva o trabalho a sério, e cada membro tem articulações demais. Os dedos têm duas a mais. O crânio parece o de um cavalo, careca e branco com um nariz longo, e as poças profundas de escuridão onde ficam os olhos irradiam gentileza.

– Respira, Gemma.

O aperto no meu peito revela que eu não estava respirando. Tecnicamente, demônios não *precisam* respirar… eu acho. Mas eu respiro, e parece algo importante, e ninguém nunca me disse que eu não deveria fazer isso, então *não* respirar me enche de pânico. Inspiro fundo e engasgo com o ar que corre para os meus pulmões comprimidos.

– Desculpa. Eu consigo. Eu sei que consigo.

Mesmo que todas as evidências indiquem o contrário.

Demônios *normais* só precisam de um mês de treinamento para poderem atuar sozinhos e assombrar seus alvos com tranquilidade. Demônios *normais* não passam por três treinadores até caírem com um que fica com pena e basicamente segura a mão deles durante algo que deveria ser tão natural quanto respirar.

Só que, como pode ser visto pelo meu esquecimento constante, eu também não sou tão boa em respirar.

– Gemma.

Ralph segura meu outro ombro e me obriga a olhar para ele e só para ele. Eu sei que ele é apavorante (já vi humanos literalmente fazerem xixi na calça quando Ralph se revelou para eles), porém o que eu mais quero é me agarrar a ele e implorar por um pouco mais de tempo. Se eu tivesse mais tempo, certamente descobriria onde meu poço natural de confiança está escondido. Sem dúvida…

Solto um soluço que é perturbadoramente parecido com um choro.

– Não consigo.

– Gemma. – Ralph aperta meus ombros. Não tem carne nas mãos dele, então os dedos me incomodam, mas é reconfortante mesmo assim. – Você está pronta. Só precisa acreditar. Eles são *humanos*. Que se sobressaltam por causa de sombras, e está na época de medo deles. Eles estão no ponto certo pra serem aterrorizados. Até procuram sustos neste mês. Além do mais, você passou muito tempo aperfeiçoando a sua… forma.

Uma leve hesitação. Preciso cerrar bem a mandíbula para conter o choro. Até Ralph duvida de mim. Como poderia não duvidar? Todas as vezes que tentei fazer isso, mesmo com a orientação dele, eu fiz besteira. Sou uma demônia terrível, e uma demônia de paralisia do sono pior ainda. Às

vezes não consigo nem paralisar os meus humanos.

Mas tenho orgulho da minha forma, mesmo que seja muito diferente da de Ralph. Ele me encorajou a dar meu próprio toque, e foi o que fiz. Eu *gosto* da minha pele rosa-chiclete, dos meus lindos chifres curvos cinza-claros e das garras prateadas brilhantes na ponta dos dedos. Deixei meus olhos incomodamente grandes e escuros como os de Ralph.

Respiro fundo uma vez, duas. Ele se esforçou tanto para me deixar o mais pronta possível… Não posso decepcioná-lo.

– Eu consigo?

Ralph parece não registrar que eu basicamente perguntei em vez de informar. Ele expira de alívio.

– Consegue, sim. – Ele me vira na direção do portal que vai me levar até o meu humano. Minha vítima. – Mas sua noite está acabando. Vai.

Ele me empurra sem a menor cerimônia.

Meu estômago despenca e minha cabeça gira, literalmente. Volto a existir em um quarto escuro iluminado só pela luz do poste aceso ao longe. Meu alvo deixou a janela aberta, e um vento fraco e frio balança a cortina, deixando o quarto ora um pouco mais iluminado, ora um pouco mais escuro, dependendo desse movimento. A variação é boa; eu consigo trabalhar com essa variação.

Eu respiro fundo e me curvo um pouco, permitindo que as sombras me ocultem. Meu humano… Sendo que ele não é meu; um demônio nunca deve ser possessivo com um humano, porque todos pertencem aos deuses, não a nós. Os únicos seres que podem ser possessivos são os anjos da guarda, e nenhum demônio leva *esses aí* a sério. Claro, eles são bonitos, com asas e aquela luz sagrada e tudo mais, mas não podem interferir em muita

coisa. Eles só *consolam*.

Isso parece bem mais fácil do que eu estou prestes a fazer, e Ralph está contando comigo.

Deslizo sem som nenhum pelo tapete, paro ao lado da cama e olho para o humano adormecido, deitado de costas. Todos os humanos são bonitos de um jeito próprio, iluminados por dentro por aquela fagulha que arde com intensidade, mas este é especialmente adorável, com a pele sardenta e a cabeleira ruiva que consigo ver mesmo com tão pouca luz. Eu me pego imaginando qual é a cor dos olhos dele e me obrigo a me concentrar.

Primeiro, paralisia. Não posso me esquecer dessa parte.

Conjuro a minha magia e visualizo uma rede que vai impedir o humano de se mexer, mas não de respirar. O objetivo é dar *medo*, não fazer mal a ele. Acho que eu não aguentaria fazer mal a um deles.

Quando tenho certeza de que essa parte está feita, vou para onde o humano não poderá me ver sem virar a cabeça – o que ele não vai conseguir fazer – e bato intencionalmente meu casco no chão, alto o bastante para dar um susto nele e acordá-lo.

Eu sei que funciona, porque ele inspira fundo e faz um ruído baixo e apavorado, animalesco, ao perceber que não consegue se mexer. É esse o objetivo, o mínimo do mínimo do meu trabalho, e preciso apertar bem as mãos para não as estender para ele, contrair a mandíbula para não dizer que ele não tem nada a temer. O medo é o objetivo, caramba. Claro que ele precisa ter medo de mim.

Cada músculo do corpo dele parece entalhado em pedra enquanto ele luta contra a minha magia. Passo a língua nos lábios. Calma, não. Não é para isso que estou aqui. Deuses, a minha cabeça está totalmente virada.

Ralph. Lembre-se do Ralph.

Coloco a mão na cama e me curvo, tomando cuidado de ficar fora do campo de visão dele. Não é esforço nenhum respirar pesadamente ao lado do ouvido dele – não consegui controlar o pânico horrível que cresceu. Não houve *tempo*.

O homem na cama, meu alvo, minha tarefa, solta outro gemido baixo e estremece mais. Mordo o lábio. Já vi todos os tipos de reação quando acompanhava Ralph e, embora essa não seja fora da norma, não consigo evitar certa preocupação. Será que eu deveria virá-lo de lado?

Não, não, a rede funciona melhor com ele de costas. Há um motivo para as regras. Não preciso me lembrar do motivo para me lembrar das regras.

Não há nada de surpreendente aqui. Paralisar. Aumentar a tensão. E pressioná-lo com força na cama, sorvendo o medo como se fosse um excelente vinho. Sabia que sempre achei medo um pouco amargo? Bom, posso até ser um verdadeiro desastre, mas não sou burra de contar isso a alguém.

Sinto o cheiro agora, um aroma leve de puro terror. Isso deveria me deixar feliz. Foi para isso que vim aqui. Mas a culpa dói em meu peito. Ele estava dormindo tão profundamente, e eu estraguei tudo. Mesmo que ele pegue no sono de novo quando eu for embora, a noite vai ficar manchada pela minha presença.

Para, Gemma. Para de pensar em coisas que não importam.

Frustrada por não conseguir desligar o cérebro de forma tão eficiente quanto consigo desligar as funções motoras do meu humano, xingo mentalmente e subo na cama. O colchão cede com meu peso e balança o corpo dele, mas estou em movimento e já fui longe demais para ter medo de

estragar essa parte também.

E, por mais que eu odeie isso, estou *faminta*. Estou existindo à base dos excedentes de Ralph há meses e não preencho mais os requisitos para tirar da contribuição comunitária. Estou velha demais, e não há nenhum bom motivo para eu não conseguir me alimentar no trabalho que foi designado a mim. Milhares e milhares de outros demônios conseguem perfeitamente.

Eu deslizo por cima do peito dele para enfim me revelar e permitir que meu peso o pressione mais forte na cama. Ele vai sentir que está sufocando, mas eu tomo cuidado. Ele vai ficar bem.

É agora que vai ofegar e o medo vai fluir, doce, enjoativo e intenso o bastante para me saciar. Com Ralph, basta olhar para ele e os alvos quase desmaiam de pavor. Ele sempre fica empanzinado, e aí sobra muito para quem estiver sendo mentorado por ele.

Só que o ofegar desse humano é meio estranho. *Atípico*.

Olho para ele e faço uma pausa para garantir que estou no modo assustador em vez de parecer totalmente apavorada, esperando ver olhos arregalados se revirando nas órbitas. Mas ele está me encarando e… Que expressão é essa na cara dele?

Tem alguma coisa ali, uma emoção que não consigo identificar, é fraca e insuficiente para eu examinar. Pior, a explosão de pavor que deveria acabar com minha fome não surge.

Xingando mentalmente, eu me inclino para a frente e peso um pouco mais em cima dele. Por mais que ele esteja me olhando de um jeito estranho, a preocupação de não conseguir respirar vai levar ao surto de medo…

Uma agitação às minhas costas me faz olhar para trás. *Meus* olhos se arregalam quando vejo o cobertor subir abaixo da cintura dele em uma

linha longa e…

– Que *porra* é essa?

Eu sei o que é uma ereção. Claro que sei. Demônios jovens são educados sobre todas as formas de ação quando chegamos à maioridade, e se alimentar de luxúria é tão comum quanto se alimentar de raiva, medo ou ganância. Eu só não tinha inclinação para isso, para nada disso. Sou desajeitada demais para seduzir até o humano mais disposto. Sou terrível em negociação, e é inevitável que tirem vantagem de mim. Todos os outros departamentos me rejeitaram, e foi assim que acabei sendo treinada como demônio de paralisia do sono. É o trabalho mais fácil. Qualquer um consegue fazer.

Qualquer um menos *eu*, ao que tudo indica. Porque não havia em nenhum lugar do manual do demônio da paralisia do sono uma seção explicando "O que fazer se um humano ficar de pau duro".

Ele emite um som que quase parece uma palavra, mas, paralisado pela minha magia, não consegue falar. É bom que não consiga. Não preciso de um *humano* me dizendo que estou fazendo um péssimo trabalho.

O desespero aumenta, a onda é tão intensa que lágrimas fazem meus olhos arderem. Estou morrendo de fome. Ralph está me desmamando dos restos dele em uma tentativa de me forçar a fazer isso sozinha, e, se eu não me alimentar hoje à noite, não sei o que vou fazer.

Eu me viro de volta e me aproximo do rosto do humano. Ele tem os olhos verdes mais bonitos do mundo, que estão vidrados em uma estranha combinação de desejo, medo e pura confusão, a última emoção engolindo as outras duas. Não posso me alimentar de *confusão*.

– Eu vou te *matar* – rosno.

Fecho as garras no pescoço dele por garantia. Claro que isso vai funcionar, e eu o empurro até a beira da cama e…

Ele solta um grunhido, e uma onda de pura emoção surge tão rapidamente nele que tenho que engolir tudo correndo. Já estou prestes a fazer uma careta, esperando medo, mas é… picante? E meio doce?

Ah, não. Não, não, não, não.

Saio de cima do peito dele o mais rápido possível. Ainda consigo ver que a barraca que ele tinha armado desapareceu… e que tem uma coisa molhada no lugar. Ele acabou de gozar. Quando deveria estar com medo. Porque eu sou péssima de verdade no meu trabalho.

– Espera.

Fico paralisada. Em meio ao pânico, a magia escapou do meu controle e eu nem percebi. Ele está livre, se sentando, um rubor colorindo as bochechas pálidas, deixando-as quase da mesma cor das sardas. Ele estende a mão.

– Espera aí. Desculpa. Eu…

Ele pediu desculpas.

Não é possível morrer de vergonha. Eu sei, porque eu teria morrido na mesma hora. Mas fico parada enquanto esse humano pede desculpas por ter gozado, como se isso não fosse uma demonstração perfeita de como sou inadequada. Dou um passo para trás, depois outro. Minha garganta está tão apertada que eu sei que não estou respirando, mas não consigo me livrar da sensação pesada ali.

– Não vai embora. Eu…

É tarde demais. O portal se abre atrás de mim, acionado pela minha

proximidade, e cambaleio do quarto dele de volta para o reino dos demônios. Caio de costas e inspiro um pouco de oxigênio muito necessário. Não me lembro de ter fechado os olhos, mas, quando os abro, é a cara de crânio do Ralph que vejo na minha frente.

Ele está sempre sorrindo de orelha a orelha, e agora a voz dele tem um tom de quem está achando graça.

– Viu? Eu te falei que você ia conseguir.

Ele não sabe. Não me acompanhou nessa ida. Foi a minha primeira vez sozinha, e ele só consegue ver que estou bem alimentada. Abro a boca para confessar justamente que deu tudo errado, mas as palavras morrem perante a aprovação dele. Quando foi a última vez que eu deixei alguém orgulhoso?

Forço um sorriso fraco.

– É. Você me falou que eu ia conseguir.

Vou me sair melhor na próxima. Preciso. Não quero decepcionar Ralph. Mais do que isso, eu não sei o que acontece com demônios que não fazem seu trabalho direito…

Só que eles desaparecem e nunca mais são vistos.

CAPÍTULO 2

Em apenas dois dias a fome recomeça. Os humanos são designados com base em uma série de regras burocráticas (demônios adoram uma burocracia), e o resumo disso é que senioridade é tudo, e eu não tenho nenhuma. Então só ganho um humano, só um. Inicialmente, saber disso me reconfortou; eu não teria que entrar em um monte de casas e descobrir o que exatamente assusta vários humanos diferentes.

Isso foi antes *dele*.

Fico remexendo os cascos com agitação na frente do portal. Ralph tem as fomes dele para resolver, mas disse que estaria aqui quando eu voltasse. Isso foi outra coisa que pareceu ótima quando ouvi pela primeira vez, mas acabei percebendo que o tiro saiu pela culatra. Não tenho ninguém para me empurrar pelo portal e não consigo me obrigar a dar o primeiro passo.

Portais são conjurados para seus respectivos demônios em pequenas alcovas por questão de privacidade. Pelo menos eu acho que é por isso. É algo que me deixou grata várias vezes, porque nunca é um processo tranquilo me convencer a dar o primeiro passo, mesmo com Ralph lá para tomar a iniciativa.

Meu estômago ronca, e o som traz uma lembrança do meu humano e da sua… luxúria. Quero sentir o gosto daquilo de novo. Quero devorá-la em goles grandes e ávidos. O problema é que minha tarefa é dar um susto nele e, mesmo que eu quisesse deixá-lo excitado, não sei como consegui na primeira vez. Não vou conseguir recriar a experiência, tenho certeza. Eu nem deveria *querer* recriar a experiência.

– Vamos lá, Gemma – murmuro para mim mesma, e me jogo para a frente antes que possa pensar demais.

O portal me gira e me despedaça, depois me reúne de novo sem a menor cerimônia, só para me largar em um quarto escuro agora familiar.

A janela está fechada hoje, o ar parado. Como da outra vez, o humano está deitado de costas, os braços esticados em um sinal claro de segurança. Aquela culpa horrível me incomoda de novo, mas eu me obrigo a seguir em frente para vê-lo mais de perto. O cobertor está abaixado até a cintura e enrolado nas pernas compridas. Tem um pé exposto, e olho para os dedos por um longo instante. Tentei formar os meus algumas vezes no passado, mas dedos do pé são *muito* estranhos, e sempre acabam dando errado e dificultando a caminhada. Mas os dele são bonitos, quadrados, formando quase uma escadinha do maior para o menor.

Ele se mexe dormindo, e eu paro. Não estou pronta. Não tenho um plano decente, apesar de ter passado as últimas 48 horas pensando nisso sem parar, estimulando a lembrança e me perguntando onde foi que eu errei tanto.

– A rede, Gemma. – Minha intenção não era falar em voz alta, e o som suave da minha voz o acorda. Ele começa a se sentar, mas sou mais rápida e lanço minha magia nele e o paraliso… a meio caminho de se sentar. – Merda.

Abaixo a cabeça e falo outro palavrão, sem nem me dar ao trabalho de manter só em pensamento desta vez.

Ele faz um ruído que tenho quase certeza de que *não* é um gemido de medo. Ao mesmo tempo que digo a mim mesma para me virar e ir embora, levanto a cabeça. Ele está me encarando, os olhos se mexendo tanto quanto a magia permite. Tem calor na profundeza verde, o tipo de calor que significa exatamente o que aconteceu na última vez. Ele não está com medo

de mim. Está excitado.

– Qual é o seu *problema*?

Sem pensar, movo a rede mágica para libertar o rosto dele.

Ele engole em seco.

– Hum. Oi.

– Eu fiz uma pergunta. – Enfio as mãos frustradas na minha cabeleira roxa. – Era para você estar morrendo de medo. Tem um monstro no seu quarto, te paralisando e ameaçando te sufocar. Pessoas normais ficariam apavoradas.

– É, provavelmente. – Ele sorri um pouco, embora tenha ficado tão pálido que as sardas se destacam. – Meu nome é Caleb.

– Gemma. – Percebo o que fiz e balanço a cabeça bruscamente. – Não. Nós não vamos fazer isso… o que quer que seja. Volta pra cama. Eu te assusto numa próxima vez.

Começo a me virar, mas a voz dele me faz parar.

– Provavelmente não.

– Como assim, *provavelmente não*?

Ele ainda está me olhando como se quisesse memorizar cada detalhe, o olhar percorrendo meu corpo, da ponta dos chifres até os cascos bipartidos. É estranho ser encarada de forma tão intensa. Sou um demônio de meia-tigela. Escutei isso a vida toda.

Nós vivemos coletivamente da criação até a idade adulta, e, até onde eu lembro, nunca consegui ser como meus semelhantes. As coisas que vêm com facilidade para eles não parecem naturais para mim; é preciso *esforço*, e, mesmo quando me esforço ao máximo, nunca consigo direito. Se fico calada

e parada, às vezes me toleram, mas é difícil. Assim, deixo os outros demônios incomodados, e eles me evitam. Fingem que não me veem.

Caleb pigarreia.

– Você é, hã, assustadora. Acho. Mas eu sinto medo todos os dias, o dia inteirinho. O mundo está desmoronando, Gemma. E, me perdoe se isso for sinistro, mas você está nua no meu quarto, e na outra noite estava sentada no meu peito *nua*, no meu quarto. Acho que tive uma reação bem normal, até.

Nua… Olho para o meu corpo. Eu entendo o conceito de roupa, da mesma forma que entendo o conceito de ereção. Mas roupas são coisas humanas, algo para proteger o corpo dos elementos, para se esconder da vergonha que a sociedade deles incute em sua cabeça.

– Você acabou de dizer que eu sou assustadora.

– Você… é.

A percepção me atinge como um tapa na cara. É mentira. Ele não tem o menor medo de mim. Está excitado e, pior, está sendo legal em fingir que não estou falhando miseravelmente na minha única função.

– Você não está com medo nenhum.

Agora que estou concentrada, sinto as emoções no peito dele. *Tem* medo ali, mas é fraco e, mais uma vez, cercado de confusão, coisa que *eu não posso comer*.

– Talvez a gente possa tentar de novo – diz ele devagar. Os olhos estão fixados no meu rosto, sem descer abaixo do meu queixo depois daquela primeira olhada bem intensa. – Se você me soltar, eu volto a dormir. Você pode chegar de novo, e eu vou ficar com medo. – Ainda está falando baixinho, como se *ele* não quisesse *me* assustar.

– Eu tenho que ir.

Meu estômago escolhe esse momento para roncar alto em protesto. Eu tinha meio que me acostumado com a fome quando vivia dos restos de Ralph, mas o banquete que Caleb me deu duas noites atrás não me permite suportar esse momento.

Ele dá um solavanco, mas minha magia o segura. Exceto pelo rosto, que estou descobrindo que é incrivelmente expressivo, mesmo que eu não entenda direito o significado de cada micromovimento.

– Espera. Por favor. Está na cara que eu fiz alguma coisa errada, me desculpa. Por favor, não vai embora.

Agora ele está pedindo desculpas. Como se a minha vergonha não tivesse como piorar. Eu me viro e pressiono as mãos no meu rosto quente, odiando o aperto na garganta e no peito. Não sei quantas outras chances eu ainda tenho. É dessa vez que vou desaparecer? Ou vão me dar outro humano para tentar assustar aos trancos e barrancos?

– Gemma.

Ao ouvir meu nome, eu me esforço para inserir aço na minha espinha. Ela parece uma massa mole, mas consigo me virar para ele de novo.

– Fecha os olhos – digo.

Caleb obedece na mesma hora. Ele ainda está naquela posição meio sentada, que não parece nem um pouco confortável, mas está relaxado e apoiado com facilidade na minha magia, então talvez esteja tudo bem. O pouco medo que estava presente desaparece quando ando na direção dele. Ele está *feliz* por eu não ir embora.

A frustração fervilha dentro de mim, ácida e tão intensa que me tira o fôlego.

– Isso não vai dar certo. Eu tinha que estar me alimentando do seu medo.

Eu não pretendia dizer isso. Mas que droga. Estou estragando tudo de uma forma monumental.

– Tudo bem – diz ele com tranquilidade. – Me assusta.

Se fosse fácil assim, eu já teria assustado. Cruzo os braços e olho de cara feia para ele, que está relaxado e confiando em mim quando não deveria.

– Você não tem um fiapo de autopreservação, né? Eu poderia te matar. *Isso* te deixaria com medo.

– Provavelmente. – Ele sorri, com os olhos ainda fechados. – Não custa nada tentar, né?

Ei. Talvez não seja eu a incompetente aqui. Bem, eu *sou* incompetente, não posso fingir o contrário, mas esse homem não tem instinto de sobrevivência nenhum. A irritação cresce e aparece no meio da minha frustração.

– Fica de olhos fechados.

Será que ele gosta desta minha forma? Bom, eu vou dar outra para ele olhar.

Dói alterar o corpo. Não por causa dos ossos e células que mudam, e da magia, mas porque já estou com pouca reserva de energia. Demônios como Ralph conseguem mudar de forma em um estalo, porque estão empanzinados das emoções dos seus humanos. Até os demônios sem uma grande quantidade de humanos conseguem, porque humanos sempre têm emoções de sobra para eles sugarem. Os demônios normais não passam dias evitando seu humano até a fome os obrigar a voltar.

Eu me mexo um pouco para me acostumar com a altura maior e a falta de massa. Não vou alegar originalidade na forma; foi uma cópia descarada. Quando tenho certeza de que não vou cair ao dar o primeiro passo, ando até a cama e subo no colchão, cada vez mais perto de Caleb, até meu nariz estar quase encostado no dele.

Cada vez que meu peso afunda na cama, a respiração dele acelera. Sinto sua expectativa enquanto me acomodo acima dele, tomando o cuidado de não tocar em seu corpo. Não vai haver necessidade de me sentar no peito dele hoje… eu espero. Não sei se consigo fazer isso com essa forma sem o machucar, e, por mais frustrante que essa experiência toda esteja sendo, não é culpa *dele* que as coisas não estejam saindo de acordo com o planejado.

– Caleb – sussurro, com a voz rouca da transição para uma forma que nunca assumi. – Abre os olhos.

Ele abre… e grita.

– Puta merda.

O corpo dele fica todo contraído, os olhos arregalados e em pânico, o medo tão denso no ar que engasgo quando tento engolir. Só o suficiente para aplacar a fome, mas nem perto de me satisfazer. Mal consigo suportar consumir tanto assim.

Saio de cima dele e volto na direção do armário que esconde o portal. Os olhos de Caleb ainda estão se revirando de puro pavor. Eu deveria estar sentindo satisfação por um trabalho bem-feito, mas só sinto vergonha. Ele estava tentando me ajudar e o que ganhou em troca foi medo. O medo dele cobre a parte interna da minha boca, grudento e ácido. Fico com vontade de cuspir, mas não posso desperdiçar esses nutrientes depois de usar tanta magia. Droga.

Assim que passo pelo portal, meu estômago não está mais roncando, mas não sinto prazer pelo que acabou de acontecer. A sensação começa a piorar quando caio de volta no meu reino e quase derrubo Ralph.

Ele me segura pelos ombros.

– Gemma… por que você está usando meu rosto e meu corpo?

Em um instante, estou de volta à minha forma preferida, com pele rosa e tudo. Encolho uns noventa centímetros nesse processo, mas Ralph não me solta.

– Desculpa. – É uma grosseria imensa assumir a forma de outro demônio na íntegra, como acabei de fazer. – Eu entrei em pânico e…

Ralph suspira.

– Se você precisar refinar sua forma, tire um tempo para isso. Um tempo seu. Você pelo menos comeu?

– Comi – sussurro.

É verdade… mesmo que duas mudanças tenham me drenado a ponto de eu quase precisar voltar ao quarto de Caleb. Não posso fazer isso. Não hoje. Não depois de eu ter falhado de forma tão espetacular. *De novo.*

– Bom trabalho. – Ele solta meus ombros e bagunça minha cabeleira. – Eu falei que você era capaz. Se quiser umas dicas sobre mudanças que pode fazer…

– Obrigada, mas não vai ser necessário. – Estou falando tão baixo que as palavras quase não percorrem a distância entre nós. – Desculpa.

– Eu não vou guardar ressentimento desta vez. – Ele está sendo insuportavelmente gentil, mesmo que haja um tom de alerta nas entrelinhas. – Vai dar tudo certo, Gemma. Só continue o que vem fazendo e tenha

confiança em si mesma.

Se ele soubesse…

CAPÍTULO 3

Quero dizer que é a fome que me leva de novo ao portal para o quarto de Caleb. Até é verdade, mas não toda a verdade. É mais culpa e curiosidade.

Eu me sinto mal pelo susto dado nele. Sinto culpa por ter mentido para Ralph. Pior de tudo, não consigo tirar da cabeça a contemplação no semblante de Caleb. Foi a primeira vez na vida que alguém me olhou como se eu não fosse pura vergonha. Claro, eu estraguei o trabalho que me mandaram fazer lá, mas, mesmo assim…

Eu quero ver de novo.

Antes de passar pelo portal, lanço um olhar furtivo ao redor e uso uma magia preciosa para criar um vestidinho sobre o meu corpo. É estranho na pele, mas cobre as partes que Caleb não conseguia parar de olhar na noite anterior. Uma parte perversa de mim quer que ele olhe, quer absorver a sensação de ser *vista*. Não sei por que estou tentando me adequar a um estranho padrão humano. Eu não deveria estar querendo me *adequar* a nada.

Passo pelo portal antes que eu mesma me convença a não ir. A escuridão do quarto me recebe e pressiona minha pele de forma agradável. Caleb está dormindo na posição que começo a perceber que é a costumeira: de costas, com os braços abertos. Tão *confiante*.

Mas tem uma diferença. Debaixo do antebraço dele tem um retângulo de papel branco, se destacando no cinza-escuro do lençol. Estranho. A curiosidade me toma, e percorro o quarto para me inclinar e olhar. É uma carta… para *mim*.

Por alguma peculiaridade da nossa criação, sem dúvida intencional, os demônios são camaleões com línguas. Nós nos adaptamos e entendemos

tudo em segundos. É uma exigência vital para os que interagem ativamente com humanos, mas é útil mesmo para os que são como eu, que não devem ir além de se esgueirar por um canto escuro ou olhar com malícia de uma posição agachada no peito deles.

Passo os olhos pela carta, paro em choque e volto para o começo.

Gemma,

Isso é esquisito, né? Eu ainda não sei se isso tudo é real ou se não sou eu tendo uma reação ruim à minha medicação nova, mas, no caso de você ser mesmo uma… demônia? Espírito? Fada? Algo cujo nome eu não sei?

Eu falei sério ontem à noite… ou naquela outra noite, caso você demore alguns dias pra voltar. Vou deixar a carta aqui… Bom, agora sou eu que estou sendo esquisito. Acho que eu nunca escrevi uma carta na vida. E-mails, um monte, mas uma carta manuscrita? Desculpe, estou divagando. Eu faço isso, e as pessoas ficam incomodadas. Juro que não estou tentando deixar ninguém incomodado. Muito menos você.

Estou morrendo de curiosidade sobre você. Eu sempre acreditei no sobrenatural, mas, conforme fui ficando mais velho, simplesmente supus que continuar acreditando nisso era o meu jeito de lutar contra a monotonia da vida adulta. É bem chato aqui, entre surtos de medo existencial relacionados a… bom, a tudo.

Depois do nosso último encontro, entendi que você vem pra me assustar, mas será que a gente pode conversar um pouco antes de partir pra parte assustadora? A forma monstro-esqueleto foi

apavorante! Parabéns!

Bom, isto está ficando longo e é bem possível que você não tenha a mesma curiosidade em relação a mim que eu tenho em relação a você. Eu entendo se tiver que ser rigorosamente uma relação de trabalho que me dá pesadelos. Sinceramente, seria preferível ao meu sonho recorrente de ser arrastado pela floresta com todo mundo que eu conheço parado e olhando em silêncio… Droga, estou divagando de novo. Desculpa. Isto já está bem longo, então vou encerrar.

Eu adoraria conversar com você, Gemma. Se não for atrapalhar.

Caleb

Li a carta uma terceira vez, simplesmente encantada. Eu gosto do jeito como ele divaga. É um caminho familiar, que percorri inúmeras vezes ao longo da vida. Mais do que isso, tem uma sensação profunda de solidão que me afeta. Eu também sou solitária.

Tento devolver a carta para debaixo do braço dele… mas paro quando o músculo se contrai. Mordo o lábio quando a vergonha esquenta a minha pele.

– Há quanto tempo você está acordado?

– Desde que você saiu do armário. – Ele fala no mesmo tom que eu, tão baixo que é quase silencioso.

Caleb não abre os olhos, e eu aprecio isso. Estou muito tensa, dividida entre fugir e me inclinar mais para perto. Tudo nele tem sido tão inesperado que quase consegue sufocar meu fracasso.

Eu não sei o que fazer. Ah, estou ciente do que eu *deveria* fazer. Mas

quase sinto o gosto da esperança hesitante que surge nele. Esperança não é algo que eu possa comer, mas é inebriante mesmo assim. Ao menos de forma figurativa.

– Eu não deveria conversar – acabo dizendo.

Não é verdade, rigorosamente falando. Fora nos designarem nosso humano inicial e aumentarem esse número conforme vamos ficando mais poderosos, as coisas costumam ser bem soltas desde que todo mundo esteja fazendo seu trabalho. Quem sair muito da linha desaparece, claro, mas, quando você passa para o trabalho solo, se falhar no serviço e morrer de fome, ninguém vai se envolver e te salvar. Demônios são profundamente práticos quando o assunto é fracasso.

– O que você *deve* fazer?

Eu o encaro. As feições dele são muito interessantes para mim. Nariz adunco, lábios com curvas intensas e aquelas *sardas*. São tantas que formam camadas. Estou ciente do que é considerado beleza nos padrões humanos. Isso foi citado no meu treinamento, antes de ficar claro que eu não era adequada para interações cara a cara. Essa beleza muda dependendo da cultura de onde a pessoa vive, mas sem dúvida Caleb deve ser considerado uma lindeza por qualquer padrão. Não consigo parar de olhar para ele.

– Gemma?

Levo um susto. Eu estava tão ocupada olhando que esqueci que ele me fez uma pergunta. Pigarreio.

– Eu já te falei ontem: tenho que te assustar. – Não sei por que eu continuo falando. – Meu povo… consome emoções humanas. Não prejudica vocês porque sempre tem mais de onde ela veio. Nós costumamos orquestrar eventos pra causar um pico de emoções. Isso nos impede de

morrer de fome e, se tivermos oportunidade, aumenta nosso poder.

– Ah. – Ele fica em silêncio por um tempo. Seu coração está disparado, mas não é de medo. Eu não devia estar feliz de não conseguir sentir uma única energia amarga vinda dele. – Então você pode se alimentar de qualquer emoção?

– Não de qualquer uma. Existem diretrizes.

Quando eu era muito jovem e ingênua, fui idiota de perguntar por que demônios não podiam se alimentar de felicidade. O mundo, o nosso e o deles, seria um lugar melhor se nos concentrássemos nisso.

Refletindo agora, foi só a minha juventude que salvou a minha vida. Fui repreendida e passei por uma série de aulas particulares para deixar de ter essa *presença indisciplinada* na sala de aula. Não me ameaçaram abertamente de me fazer desaparecer se eu continuasse a fazer perguntas, mas, mesmo naquela época, eu era inteligente o bastante para entender que precisava calar a boca e ficar de cabeça baixa.

Só que eu sou *péssima* nas duas coisas.

Caleb engole em seco, a garganta subindo e descendo de um jeito encantador.

– A gente pode passar um tempo conversando antes de você… se alimentar?

Eu me sento na beira da cama antes de conseguir pensar no motivo de eu *não dever* chegar mais perto daquele homem.

– Por que você quer fazer isso? Eu apavorei você ontem à noite.

– É verdade. – Ele ri e vira a cabeça na minha direção, mas mantém os olhos fechados. – Eu não estava esperando um monstro esquelético bizarro.

Aquilo foi legal.

Minha pele quente só piora.

– Eu não devia ter feito aquilo. É a forma do meu mentor. Copiar a forma inteira de outro não é… Ah, não é bom.

– Não vou mentir: prefiro a sua forma normal.

Os lábios dele se curvam. Ele está totalmente relaxado, sem sentir um pingo de medo. Isso deveria representar um grande fracasso da minha parte, mas meu peito fica quente de um jeito estranho e desagradável.

– Você é demônia de paralisia do sono há muito tempo?

Eu suspiro.

– Não. Você é minha primeira experiência solo. Eu fiquei em treinamento pelo dobro do tempo dos meus colegas, e a maioria já subiu na hierarquia para pegar mais humanos. A julgar por essa experiência, eu não vou a lugar nenhum. Vou acabar desaparecendo.

Caleb abre os olhos. Não é possível eu ter esquecido o quanto são verdes, mas eles parecem ainda mais verdes agora.

– Como assim *desaparecendo*?

Dou de ombros e luto para manter a tensão longe do corpo, como se isso não fosse uma questão de vida ou morte.

– Os demônios que fracassam demais desaparecem. Ninguém sabe pra onde eles vão, mas nenhum foi visto de novo.

– Bom, então fracassar não é uma opção.

Ele estende a mão com hesitação e segura meu punho. É um toque delicado, que eu poderia quebrar facilmente usando só uma pequena fração da minha força.

Mas não me afasto. Aprecio o calor da mão dele na minha pele.

– É um pensamento gentil, mas eu já fracassei.

Mais de uma vez, embora eu não tenha certeza se os dois encontros com Caleb foram marcados contra mim. Talvez sejam só os fracassos antigos do treinamento que me acompanhem… mas isso também não está certo. Ralph me viu roubando a forma dele. Ele pode gostar de mim a ponto de ter passado tempo a mais cultivando as minhas supostas habilidades, mas isso não quer dizer que ele vai fechar os olhos se eu continuar fazendo besteira.

Ele me aperta mais quando o pânico surge. Mas parece fazer um esforço para afrouxar a mão. Caleb expira devagar e fica visivelmente tenso.

– Pode me assustar agora, se quiser.

Eu suspiro.

– Eu não quero. – É imperdoável admitir isso, ainda mais admitir para *ele*, mas eu já violei tantas regras tácitas, que diferença faz mais uma? Essa pequena sequência de honestidade leva a mais: – Eu não gosto do sabor do medo.

– Você não gosta do meu medo? – Ele parece quase magoado.

– Eu não gosto de *nenhum* medo. É amargo e gruda na garganta.

Confessar isso faz parecer que um peso enorme foi tirado dos meus ombros. Não vai fazer diferença, não com essa sendo a minha última chance de continuar fazendo parte da sociedade dos demônios. Se eu falhar aqui, eu falho em tudo.

Caleb se senta devagar, quase como se tivesse medo de eu me afastar se ele se mover rápido demais. Ele é mais alto do que eu tinha percebido, só alguns centímetros mais baixo do que eu. E tem um cheiro bom, de algo

terroso que não consigo identificar.

– Bom, isso é só um problema que a gente precisa resolver. – Ele está olhando para uma distância mediana, não exatamente me vendo, pois parece concentrar toda a existência dele no problema. – Você é monitorada nas suas… visitas?

– Não. – Eu o observo com atenção. A expressão distraída parece bem familiar. – Mas, se eu começar a passar fome, vai ficar aparente rapidinho.

Um demônio faminto começa literalmente a definhar. É uma coisa horrorosa de se ver e agonizante de sentir. Ou pelo menos parece agonizante.

– Você vai estar segura se não estiver passando fome?

Não sei se é simples assim, mas assinto de qualquer forma.

– Mais ou menos.

– Então a gente só precisa descobrir com qual emoção eu posso te alimentar. – O rosto dele fica vermelho, e a luxúria cresce, forte o suficiente para *me* esquentar, mas ele continua tomando muito cuidado para não me olhar. – Quais são nossas opções?

Eu estou com vergonha, ele está com vergonha, mas a curiosidade supera meu desejo de me jogar embaixo da cama e me esconder por toda a eternidade.

– Você já sabe que a luxúria é uma delas.

Ele limpa a garganta algumas vezes.

– É, mas você não pareceu à vontade com isso, e eu não quero te colocar em uma posição em que você não possa dizer não.

– Você não devia estar preocupado consigo mesmo?

– Gemma. – Ele finalmente me olha. Continua corando de um jeito intenso, mas consegue sustentar meu olhar. – Eu estou totalmente de acordo com te alimentar de luxúria se for o que você quer. Você é linda e interessante, e o único efeito colateral que eu notei foi ficar um pouco cansado no dia seguinte. Se foi porque você se alimentou da minha luxúria ou porque eu fiquei acordado o resto da noite fazendo… – Contrariando a lógica, ele fica mais vermelho. – Bom, por mim tudo bem, se por você também estiver.

Está tudo bem para mim? Não está na descrição do trabalho, mas fica por nossa conta como vamos nos alimentar. Eu teria que mentir para Ralph quando ele falar comigo, mas isso não é novidade. Eu minto para ele desde o momento em que falei que estava pronta para fazer isso sozinha. Não menti *bem*, mas posso melhorar nisso.

Respiro fundo e inalo a crescente luxúria de Caleb. Ele está tomado pela emoção da possibilidade de me ter. É impressionante em vários níveis, e eu vou passar tempo demais obcecada por cada um deles quando estiver em casa e sozinha.

– Tudo bem.

– Tudo bem? Tudo bem. – Ele expira rapidamente e se mexe com inquietação. – Hum, como você quer começar?

Quando em dúvida, faça o que você já conhece.

– Acho que vou começar me sentando no seu peito.

CAPÍTULO 4

– Calma, calma, calma – diz ele.

Fico paralisada no meio do movimento de me inclinar para a frente. Eu devia ter percebido que isso era um erro. Estou violando muitas regras e eu nem *conheço* esse humano, por mais legal e compreensivo que ele pareça.

– Tem razão. Vou embora.

– Gemma, *espera*. – Ele pega meu punho de novo e me segura quase com cuidado. Não como se eu fosse um monstro que ele tem medo que o morda, mas como se eu fosse feita de vidro e ele tenha medo de me estilhaçar. É estranho. Não sei se gosto. – Acredite quando eu digo que gosto muito da ideia de você se sentar no meu peito. – Caleb limpa a garganta. – Mas eu tinha esperança de a gente poder conversar um pouco antes.

– Conversar? – Eu pisco, sem entender. – Mas por que você quer conversar comigo? Está claro que você sente atração por esta forma.

– Eu sinto. Muita. – O olhar dele percorre meu corpo, quase como se ele não pudesse se controlar. – Mas acho que sou meio romântico. Eu gosto de conhecer as pessoas com quem transo. Sem falar que não é todo dia que eu tenho a oportunidade de conversar com uma demônia.

Mordo o lábio. Não tem como eu ter *mais* problemas se conversar com ele.

O portal vai estar lá até o nascer do sol, e ainda faltam horas para isso. Para falar a verdade, também estou curiosa em relação a ele.

– O que você faz quando não está aqui? – Balanço a mão indicando o quarto.

– Eu sou pediatra.

Arregalo os olhos.

– Você trabalha com crianças? O tempo todo? Todos os dias?

Os papéis de criar, educar e curar crianças demônios são muito procurados. Mesmo se eu fosse excelente no meu trabalho e subisse rapidamente de posição e aumentasse de poder, estou a séculos de poder concorrer a uma dessas posições. Nunca vou conseguir chegar a isso. Mas trabalhar o tempo todo com crianças pequenas? Parece coisa de sonho, se alguém tivesse coragem suficiente para se permitir sonhar.

Agora, é a vez dele de ficar confuso.

– Trabalho. – Ele passa a mão pelo cabelo ruivo curto, de repente acanhado. – A maior parte do meu trabalho é verificar a saúde conforme as crianças crescem: dar vacinas, garantir aos pais que eles estão fazendo um bom trabalho e ajudar quando eles encontram situações em que algo mais sério acontece. A última parte é relativamente rara, ainda bem. Eu trabalho com isso há dez anos, e ver as crianças crescerem é muito gratificante.

Dez anos me parecem um piscar de olhos, mas é um período e tanto para humanos. Principalmente porque médicos passam muito tempo estudando. Significa que Caleb é um pouco mais velho do que eu tinha pensado, perto dos 40. Significa que a vida dele já está pela metade. O pensamento me deixa gelada.

Prendo uma mecha de cabelo atrás da orelha e afasto o pensamento. Humanos não vivem tanto quanto demônios. Eu sei disso. *Todo mundo* sabe disso. É só um fato da vida. Não há motivo para isso me deixar incomodada de um jeito tão profundo.

– E você? – Ele se inclina para a frente, os olhos brilhantes cheios de interesse. – Eu sei que isso não está sendo exatamente como você queria,

mas sua vida deve ser bem interessante.

Reviro os olhos antes que possa me policiar.

– Acho que depende do que você considera interessante. É bem chato no ponto onde estou. Eu passo muito tempo sozinha.

Não há motivo para esperar que ele entenda. Está claro que ele não entende.

– Como assim? Você veio aqui poucas vezes. Você deve fazer outras coisas no seu tempo livre.

– Pior que não. – Passo a mão no rosto. Tudo em Caleb parece feito para deixar minhas inadequações evidentes. Mas eu sei a verdade. Não é ele o problema; sou eu. Sempre fui eu. – Eu não me encaixo. Eu me concentro nas coisas erradas e faço perguntas demais, o que costuma ultrapassar limites que eu nem sabia que existiam. – Todos os anos de passos errados me voltam à mente e pressionam minha pele por dentro. – Quando eu era jovem, as minhas excentricidades eram toleradas, mas só pelos adultos e idosos. As crianças e adolescentes de qualquer espécie sempre sabem a verdade. E a verdade é que eu não me encaixo. Nunca me encaixei.

Em vez de se afastar por repulsa, ele emana empatia: suave e doce e nem um pouco comestível.

– As crianças sabem ser cruéis mesmo quando não pretendem.

– Não importa. – Dou de ombros, tentando parecer não me importar, mas meus ombros estão rígidos demais para ser convincente. – Eu tentei me adaptar, mas é muito cansativo arrancar partes de si para as pessoas em volta ficarem mais à vontade.

– É mesmo. – Tem compreensão no tom dele, e mais daquela empatia suave. – Desculpa. Eu deixei a curiosidade falar mais alto em vez de pensar

nos seus sentimentos.

Dou de ombros de novo, mas desta vez o movimento parece um pouco mais sincero.

– Eu gosto da sua curiosidade. O que você quer saber sobre ser demônio?

Disso, pelo menos, eu tenho conhecimento para responder. Não importa se sou uma demônia ruim; eu passei pelo mesmo treinamento que todo mundo. Mais do que isso, precisei passar tempo demais observando colegas, instrutores e Ralph, tentando descobrir como me adaptar para uma forma que eles aprovassem.

A curiosidade de Caleb é uma delícia. E ele é inteligente. Ele faz perguntas sobre como nossa sociedade é organizada, como meus poderes funcionam, que tipos de emoções são comestíveis e até qual é o gosto delas. Ele fica perplexo de saber que somos formados quando bebês em vez de paridos por outros demônios. Quando voltamos à nossa criação, ele chega para trás com uma risada engasgada.

– Eu tenho que dizer que é meio deprimente que a cultura dos demônios seja mais saudável do que qualquer coisa que nós temos como humanos. Nenhuma criança passa fome? Todas são cuidadas? Os idosos também?

Agora é a minha vez de rir.

– Os idosos são os mais poderosos. Claro que eles acabam definhando uma hora, mas, mesmo durante esse período, só um idiota faria algo irritante pra eles. – Eu sorrio. – Mas, sim, nossas crianças são cuidadas. Elas são o nosso futuro.

– Sim, exatamente. – Ele fica ainda mais bonito quando está empolgado com alguma coisa. As mãos e as expressões dele ficam animadas, e o zelo

dele praticamente satura o espaço entre nós. – Eu faço muito trabalho voluntário pra comunidades que não podem pagar por visitas médicas, mas é absurdo terem que pagar alguma coisa pra que as crianças fiquem bem. Nós fazemos abaixo-assinados e reclamamos e nos manifestamos, mas as pessoas que tomam as decisões continuam fazendo a coisa mais cruel possível em todas as situações. – E, de repente, a luz se apaga dele, e os ombros murcham. – Vivemos em uma época terrível.

– Sinto muito.

E sinto mesmo. Conheço a história humana de forma superficial. A educação mais detalhada é dada aos demônios destinados a passarem mais tempo entre os humanos. Um demônio de paralisia do sono não precisa saber muito para gerar medo suficiente para não morrer de fome.

Parece que poucos minutos se passam até Caleb olhar para o relógio e suspirar.

– Estou adorando a conversa, mas você disse que só temos até o nascer do sol, e o prazo está se aproximando. – Ele cora de novo. – Como eu falei, a gente não precisa fazer isso. Antes que você pergunte, eu *quero*, mas não quero que você se sinta pressionada.

Ele percebe o quanto é encantador? Provavelmente não, a julgar pelo seu súbito constrangimento. Reconheço tardiamente que sugerir de me sentar no peito dele deve ter tido conotações que eu não entendo totalmente, então tento um meio-termo.

– E se a gente começar com um beijo?

Ele se anima na mesma hora.

– Um beijo parece ótimo.

Durante a conversa, nós acabamos sentados de pernas cruzadas um de

frente para o outro, mas ele as estica e depois fica de joelhos. Algo estala com o movimento, e ele faz uma careta.

– Um machucado antigo. Não se preocupe.

Eu não quero colocá-lo em uma posição (literalmente, nesse caso) que o machuque. Antes que ele possa dizer qualquer outra coisa, eu o tomo nos braços e meio que nos derrubo na cama. Na mesma hora ele fica tenso, e eu me xingo por ser impulsiva.

– Desculpa. De novo. Eu estava tentando ajudar.

Caleb inspira e expira algumas vezes.

– Gemma, parece que nós estamos destinados a ficar pedindo desculpas um pro outro. Você me surpreendeu. Só isso. – Ele estende as mãos com hesitação e aninha meu rosto. É como quando ele segurou meu punho, mas muito melhor. Meu corpo todo vibra em resposta ao polegar dele passando na minha bochecha direita. Ele faz uma pausa. – Hum, antes de eu te beijar, preciso muito saber quantos anos você tem. Espero que entenda.

Eu entendo. Na mesma hora. Uma risada sem fôlego escapa de mim.

– Eu não sou jovem por nenhuma definição da palavra, nem sua nem minha. Tenho 70 anos, Caleb. Os demônios chegam à maioridade aos 50. Eu juro que sou adulta e que estou consentindo da mesma forma que você. – Eu me inclino para perto do toque dele. – Nunca transei com um humano, mas o sexo como conceito ou ato não é novidade pra mim. Com demônios é só… diferente.

Ele continua acariciando a minha bochecha, e seu desejo cresce em ondas lentas que me deixam tonta.

– Diferente como?

Estou com dificuldade de me concentrar. Ele mal está me tocando, mas o jeito atento como me olha parece um toque adicional.

– Hum, nem sei por onde começar.

– Eu gostaria de entender.

– Bom, pra começar, nós todos conseguimos mudar de forma, embora, obviamente, quanto mais poderoso o demônio, mais fácil seja. E cada um tem sua preferência pessoal, então o ato é único entre os demônios envolvidos. Às vezes é um frenesi louco de mudança de forma e magia. Às vezes, eles nem se tocam de um jeito que você poderia entender. Eu já tive parceiros de todas as preferências. – Ao mesmo tempo que digo para mim mesma para não fazer nada, coloco a mão no peito nu de Caleb. Ele está muito quente, e o coração está batendo em um ritmo frenético, como se estivesse tentando chegar a mim através da caixa torácica. – Os humanos são muito criativos no sexo, principalmente com as várias ferramentas que vocês podem usar para amplificar as coisas, mas vocês continuam restritos ao corpo no momento.

Estou com a mesma forma da primeira noite. Meu corpo agora está bem humanoide, até mesmo nas zonas erógenas, embora eu tenha deixado de lado os detalhes menores dos genitais. Como tenho que gerar medo, não luxúria, não preciso deles na minha vida rotineira.

– Acho que é verdade. – Ele hesita e acaba assentindo, quase para si mesmo. – Uma última pergunta, ao menos por enquanto.

– Pode perguntar o que quiser.

Estou gostando da conversa. Ele parece não se importar quando eu falo meio desajeitada. A gentileza dele é um bálsamo na ferida que eu não tinha percebido que tinha. Não preciso me preocupar de agir de um jeito normal

com ele. Posso só ser… eu mesma.

– Eu não posso, em sã consciência, concordar com nada relacionado a sexo sem falar sobre a possibilidade de gravidez e infecções transmitidas sexualmente. Devo ter preservativos em casa, mas não posso garantir que não estejam vencidos. – Isso gera outro rubor encantador. – Já faz um tempinho desde a minha última parceira.

Dou uma risada de alívio. Isso pelo menos tem resposta fácil.

– Ah, não precisa se preocupar com nada disso. Os demônios e os humanos *podem* procriar entre si, mas o demônio precisa tomar a decisão intencional de formar a anatomia interna que facilite essa possibilidade. E nossa magia nos protege de doenças e infecções, então não passamos nem pegamos.

– Olha, isso torna as coisas incrivelmente simples. – O olhar dele desce até a minha boca e eu passo a língua nos lábios, embora não consiga explicar *por que* estou passando a língua nos lábios. – Eu vou te beijar agora, Gemma.

– Tudo bem – sussurro.

Eu me vejo prendendo o ar quando ele se inclina e encosta os lábios nos meus. Começa tão devagar que eu tenho um instante para me perguntar se ele está mesmo me beijando, mas a pressão aumenta, meus lábios se abrem, e eu sinto o *gosto* dele. É mentolado e está repleto de desejo e algo infinitamente mais complicado. A emoção, ou melhor, as *duas* emoções me invadem pelo nosso contato e descem pela minha garganta com uma força que me faz ofegar.

Caleb recua na mesma hora. Ao longe, estou ciente de que ele vai perguntar se eu estou bem, mas estou ocupada demais indo atrás dele pela

distância finita entre nós para tomar os lábios dele de novo. A combinação de físico e emocional me deixa solta de um jeito que nunca fiquei, e eu quero *mais*. Minha fome some completamente no segundo beijo, o movimento lento da língua dele na minha me preenchendo de maneiras que não consigo quantificar. Caleb me segura pela cintura e me puxa para mais perto. Estou pegando fogo em todos os pontos em que nos tocamos, a mão dele passando pela minha bunda de forma intensa e ávida, a boca descendo pelo meu queixo e deixando um rastro de fogo. E sinto o peso dele quando rolo parcialmente para ficar deitada de costas, puxando-o para cima de mim.

Eu quero *devorá-lo*.

Esse pensamento chega a mim por meio do meu anseio, mas só de leve. É uma coceira que eu não consigo aplacar, um pedaço de fricção em um momento perfeito. Ao mesmo tempo em que o momento ameaça sumir por causa da minha necessidade, eu me obrigo a interromper o beijo.

– Você… – Não consigo recuperar o fôlego. – Caleb, você está bem?

– Estou. – Ele encosta a testa na minha. – Você está?

Não sei. Roço os lábios nos dele e solto um gemido com o novo fluxo de emoções. O desejo está lá, tão forte que me sinto embriagada, mas é a emoção mais suave que esquenta meu peito e me faz passar a perna pela cintura dele para nos deixar mais próximos.

– Eu não quero te machucar.

– Gemma. – Ele aperta minha cintura, depois relaxa a mão. – Eu estou sentindo muitas coisas agora, mas *dor* não é uma delas.

– Ah. Tá. Que bom. – É difícil pensar além da vontade de *mais*. – Você quer parar?

Ele solta uma risada engasgada.

– Não mesmo. E você?

– Não. – Já estou balançando a cabeça, segurando o quadril dele e rebolando o meu para encostar no volume duro que sinto fazendo pressão. – Não para.

CAPÍTULO 5

Pela primeira vez em mais tempo do que eu gosto de pensar, não estou preocupada com meu próximo fracasso inevitável. É muito *bom* encostar meu corpo no de Caleb, sentir as mãos dele descendo pelas minhas costas, percorrendo a curva da minha bunda, acariciando a minha coxa para erguê-la e permitir que ele chegue ainda mais perto.

E, pelos deuses, as *emoções* dele… Elas jorram para dentro de mim numa onda atrás da outra, até eu estar quase explodindo de saciedade. Interrompo o beijo de novo, ofegante.

– Você tem alguma preferência de anatomia? – pergunto.

Ele está respirando com a mesma dificuldade que eu.

– Não. Eu gosto de todos os tipos de pessoas. Use o que te deixar mais confortável.

Eu também não tenho fortes preferências. Poder mudar o corpo conforme a vontade, desde que se esteja com poder suficiente, significa que eu posso experimentar diferentes formas conforme o humor muda. Agora, eu estou à vontade com o meu corpo, como o peso dos seios no meu peito, a maciez entre as minhas coxas. Com as emoções dele ainda crescendo, nem preciso pensar muito para mudar essa maciez para uma vulva, grandes e pequenos lábios, vagina e, claro, um clitóris. As aulas de anatomia humana enfatizavam a importância de utilizar *isso* ao seduzir alguém.

– Vamos tentar essa.

Caleb me beija em resposta. Mais tarde, vou ficar impressionada com a facilidade de fazer essa pequena mudança, com a *rapidez*, mas, no momento, estou ocupada demais rolando-o de costas e me sentando na barriga dele. Ele leva as mãos na mesma hora ao meu cabelo e enfia os dedos para tirá-lo

do meu rosto para continuar me beijando. As emoções dele estão muito claras na minha língua, e saber que ele sente a mesma coisa que eu no momento (desesperado, maravilhado e quase… gentil?) me dá coragem de me sentar.

– Eu gostaria de voltar ao assunto de me sentar no seu peito.

– Com prazer.

Ele já está segurando as minhas coxas e descendo pela cama. Mas ele não para quando estou na altura do peito; continua até eu estar sentada na cara dele. Os olhos dele estão nos meus quando ele dá um beijo arrasador na junção das minhas coxas. É gostoso. Parece que ele realmente se importa, o que não faz o menor sentido, mas sou tomada de prazer e não tenho tempo de considerar as potenciais implicações de atravessar esse limite com o humano que eu deveria estar assustando. Não com Caleb me abrindo com cuidado e enfiando a língua na parte mais central do meu corpo.

– *Ah*…

Sem pensar, enfio as garras no cabelo dele e mexo o quadril na direção da boca dele. É gostoso e ele geme, então eu continuo. Eu rebolo na língua dele enquanto ele se concentra no meu novo clitóris, e nós dois encontramos um ritmo e uma pressão que me dão a sensação de que posso explodir. O desejo dele impulsiona o meu, manhoso e proibido e ainda mais excitante por causa disso.

Eu não violo as regras. Eu fracasso em segui-las, mas esse fracasso sempre me deixou desesperada por saber que nunca vou ser boa o suficiente. Isso é intencional de um jeito que eu nunca considerei tentar antes de conhecê-lo. Vai haver um preço a pagar, mas eu não ligo, porque é tudo bom demais para parar.

– Caleb – digo, gemendo. – Continua. Assim.

Ele aperta as minhas coxas com os dedos enquanto obedece e passa a língua no meu clitóris. Luzes fortes se acendem por trás dos meus olhos, e eu tenho um orgasmo com um grito de pura euforia. Ele faz um som abafado, e percebo que o estava sufocando com a minha boceta, então me sustento rapidamente nos joelhos de novo.

– Desculpa, desculpa. Você está bem? – Minha voz soa errada, rouca, como se eu tivesse corrido uma longa distância.

Em vez de me chamar de monstro, ele vira a cabeça e mordisca a minha coxa.

– Não se atreva a pedir desculpas. – Ele volta a tocar na minha boceta. – Eu ainda não acabei.

Eu também não acabei. Ao mesmo tempo que a sensação do orgasmo vai passando em ondas fracas, fico doida por mais.

– Eu também quero sentir você na boca.

Caleb fica imóvel e fecha os olhos.

– Gemma, eu preciso que você não diga coisas assim enquanto eu sinto você molhada na minha cara. Quero te fazer gozar mais algumas vezes primeiro. Eu não vou durar muito. Porra, eu quase gozei só de sentir o seu gosto. Estou num desespero danado por você.

Olho por cima do ombro para o pau duro pressionando o tecido fino da cueca. A euforia ainda está me deixando corajosa… ou inconsequente.

– Então você pode gozar algumas vezes também. – Antes que ele possa argumentar, eu me levanto e me viro e fico novamente montada no rosto dele, mas agora virada para o corpo dele. É *tão gostoso* me esticar em cima

dele, encostar a pele na dele, sentir o calor dele pulsando embaixo de mim… – Ah, Caleb… – digo com um gemido. – Não sei como eu posso ficar satisfeita com você.

– Então não fica.

Ele me puxa um pouquinho para trás e expira no meu ponto latejante.

Enfio os polegares no elástico da cueca dele, puxo-a para baixo e liberto o membro. Ele é tão lindo ali quanto no resto, um pênis longo e forte, com uma curva maravilhosa. Fecho a mão na base e o inclino para poder botar na boca.

Eu achei que tivesse ficado empanzinada com as emoções de um beijo? É mil vezes mais forte, agora. O desejo dele explode em mim quando ele segura as minhas coxas e me *devora* antes que eu consiga colocar a cabeça redonda na boca. O frenesi dele cresce em uma onda que me leva junto. Não tem técnica aqui. Eu também preciso devorá-lo, colocá-lo bem dentro de mim, proporcionar uma fração do prazer que ele me deu.

De impulso, mudo as garras da minha mão livre para dedos e aninho as bolas. São macias, estranhas e agradáveis, e ele deixa claro que gosta do que estou fazendo, porque o pau de repente fica ainda maior na minha boca. Caleb grita junto da minha carne quente e goza, enche a minha garganta em jorros fortes que me deixam tonta. Parece que eu *o* estou bebendo, inteligente, gentil, cuidadoso e sexy de um jeito que tenho dificuldade de botar em palavras.

Perco as forças em cima dele, embriagada de emoções. Eu não sabia que um demônio *podia* ficar embriagado de emoções, mas a luz fraca no quarto gira de um jeito alegre, e a minha pele está quase estalando com a energia que me preenche agora. Pela primeira vez desde que eu era criança, não

estou com fome. Nem um pouco.

– Gemma. – Caleb estende a mão para mim e nos alinha para eu poder me deitar sobre ele. – Você está bem?

– Está gostoso. – Eu me aconchego no pescoço dele. – E você?

Ele solta uma risada sem fôlego e me abraça com força.

– Está gostoso – ecoa ele. – Muito gostoso. Me dá um tempinho e eu posso te mostrar o quanto.

Isso também está gostoso, mas de um jeito diferente de quando nossas bocas estavam coladas. O desejo dele continua sendo uma corrente elétrica deliciosa, mas uma satisfação suave toma conta de mim. Não é uma emoção que possa me nutrir, mas cria uma sensação adorável, como a de ser enrolada em um cobertor pesado durante o frio.

Os minutos se passam, e o coração dele volta a um ritmo que imagino que seja o normal, ou pelo menos perto disso. Meu corpo vibra, mas é uma sensação distante, que não consegue me afetar enquanto eu flutuo na euforia.

Pelo menos até o pau de Caleb se mexer junto à minha coxa, que está em cima da cintura dele. Dou um sorriso e me mexo um pouco enquanto me esfrego nele de um jeito provocante até ele gemer.

– Gemma, você vai me matar.

– Espero que não. Eu gosto de você.

Ele aperta os braços em volta de mim.

– Eu também gosto de você.

Isso parece perigoso de um jeito bem diferente de beijá-lo. Meu trabalho não é *gostar* dele. Na verdade, isso é um inibidor direto para eu fazer meu

trabalho, ao menos em teoria. É difícil me concentrar agora, com ele tão perto e deliciosamente quente e com as mãos grandes na minha cintura enquanto me puxa para cima dele.

E aí não há mais espaço para preocupação, porque estou movimentando o quadril e ele está entrando em mim. Liso, escorregadio e muito grande. Meus olhos ameaçam se fechar, mas eu os forço a ficarem abertos. Não quero perder um único momento. Ele é tão lindo, e todas as emoções brincam no rosto dele em tempo real enquanto penetra em mim. Mais e mais e mais, florescendo a cada movimento. Não é de admirar que os humanos não notem quando um demônio suga as emoções deles para se alimentar.

Apoio as mãos no peito dele e me movo por cima. Temos um tempo limitado, mas a tentação do frenesi está muito distante. Só há Caleb e eu e esse momento de prazer puro e perfeito.

Ele segura o meu quadril, os dedos afundando no alto da minha bunda, e me guia para um movimento rebolado que faz minha coluna formigar. Solto um gemido.

– Faz isso de novo.

Ele obedece na mesma hora, o rosto uma máscara de concentração agoniada ao mesmo tempo que a luxúria sobe para níveis quase insuportáveis. Eu não sabia que podia ser assim: *nada* disso. O cuidado que ele tem comigo neste momento, a rapidez com que se ajusta ao meu prazer, a angústia perfeita de estar unida a alguém que parece me *ver*.

Imperfeita de todas as formas, mas alguém a ser valorizada, desejada, *gostada*.

Quero que dure para sempre. Quero continuar montada nele por toda a

eternidade e nunca ter que sair deste momento.

– Gemma – diz ele, com a voz rouca. Nem parece que é ele. – Gemma, esfrega seu grelo em mim. Quero sentir você gozar no meu pau. – O tempo todo, ele fica me mexendo naquele ritmo bem específico que o faz tocar no meu ponto G.

Enfio a mão entre as coxas e acaricio meu clitóris com a mesma pressão e movimento que ele usou com a língua antes. Parece impossível que pudesse ficar melhor, mas o estímulo faz meu corpo assumir o comando. Eu me esfrego nele, nos meus dedos, atrás do meu próprio prazer, enquanto ele fala palavrões e aperta os calcanhares no colchão para me penetrar mais fundo.

– Gemma!

O orgasmo dele explode em mim e gera uma nova onda da glória caótica de emoções dele. Não sei dizer se é o físico ou o emocional que me leva ao limite, mas estou gozando. Grito o nome dele enquanto todos os ossos do meu corpo parecem ficar líquidos. Por um instante, entro em pânico de estar mudando de forma sem querer e acabar traumatizando nós dois, mas é só a euforia que me faz desabar no peito dele e lhe dar um beijo profundo.

Caleb me abraça forte junto ao peito.

– Puta merda.

– Isso foi incrível.

Eu beijo o peito dele, o ombro, a mandíbula. Quero ficar assim para sempre. O que aconteceria se nunca saíssemos deste quarto? Nós só conversamos por pouco tempo; ele deve ter muitas histórias para contar, uma vida de experiências para compartilhar. E acho que eu também, ainda que a maioria das minhas tenha sido passada em uma versão de

treinamento ou outra. Eu *aprendi* muito, mesmo sem nunca conseguir fazer uso prático com sucesso.

Caleb fica tenso embaixo de mim, e o medo ocupa o espaço entre nós.

– Gemma?

– O que foi? – Levanto a cabeça, pronta para observar o rosto dele em busca do que eu poderia ter feito para assustá-lo *agora*, mas vejo que ele não está me olhando. Está olhando para o lado… para o armário. Eu me viro e sigo o olhar dele. – O que foi?

– Eu vi dois… – Ele pigarreia. – Dois olhos. Muito grandes. No meu armário.

Ah, não. Saio de cima dele e fico de pé.

– Eu tenho que ir.

– Gemma…

– Isso foi tão bom… – Não consigo me segurar e dou um beijo nele. – Obrigada.

– Gemma, espera. – Ele tenta segurar as minhas mãos. Não consegue. – Quando vou te ver de novo?

O medo é um peso nas minhas entranhas. Ainda não chegou a hora do nascer do sol. Não há motivo para que alguém tenha vindo me procurar, mas está claro que foi isso que aconteceu.

– Não sei.

– Gemma…

– Desculpa.

É tarde demais. Já estou do outro lado do quarto, em frente ao armário. Não consigo me segurar e olho para trás, para memorizar a aparência exata

dele agora, desgrenhado de passar tanto tempo perseguindo o prazer comigo. Pelos deuses, meu coração dói.

– Tchau, Caleb.

CAPÍTULO 6

– O que foi que você fez?

Eu mal passei pelo portal e mãos com garras enormes seguram meus ombros e me jogam na parede. Talvez eu devesse ficar aliviada de reconhecer Ralph, mas a decepção que emana dele em ondas tóxicas destrói todas as chances disso.

– Eu me alimentei. Você devia estar feliz.

As palavras saem baixas. Sei que não é assim que eu *deveria* me alimentar. Há regras e regulamentos para todos os tipos de interação com humanos. Você recebe a instrução de qual é seu trabalho e faz. Não se *desvia*.

Ele se inclina para a frente e inspira fundo. Espirra.

– Ah, Gemma, não. – Ralph olha para o portal que acabou de se fechar. – Nós podemos resolver isso. Você está bem cheia e pode se fechar no seu quarto até esse fedor passar. Ninguém precisa saber. Vamos trocar seu humano por um dos meus pra que isso nunca mais aconteça.

Dar Caleb para Ralph, que usa a mesma forma que o assustou tanto quando eu a usei? Já estou balançando a cabeça.

– É errado assustá-lo. Ele trabalha com crianças, Ralph. Faz o bem no mundo deles. Se ele perder o sono por medo…

– Gemma. – Ralph me sacode. – Você não está falando como uma demônia agora. Você não está com *cheiro* de demônia.

– Eu não sei o que isso quer dizer. – Tiro as mãos dele de cima dos meus ombros. – Eu me alimentei da luxúria dele. Não era medo, mas ainda assim foi uma coisa demoníaca de fazer.

Ele murcha os ombros.

– Mas você não se alimentou *só* da luxúria dele, Gemma. Você se alimentou do carinho, do cuidado.

Isso me surpreende. Eu hesito.

– Isso é impossível.

– Não é, não. – A derrota no tom dele me assusta mais do que qualquer outra coisa que ele tenha feito ou dito até ali. – Troca de humano comigo. Fica na sua. Faz seu trabalho.

Percebo como Ralph está sendo gentil agora. Ele ainda está tentando cuidar de mim, apesar de tudo de errado que fiz. Se eu fosse esperta, aceitaria a oferta dele e… passaria o resto da vida me engasgando com o gosto ácido do medo.

Há paz em finalmente enfrentar a verdade que você passou a vida toda evitando. Paz e luto, que não é pouco. Caleb não é o primeiro que me viu de verdade; eu não teria sido tão isolada se conseguisse me esconder melhor. Mas Caleb me viu e aceitou a verdade em vez de me criticar por ela. Sorrio para Ralph ao mesmo tempo que minhas costelas parecem se partir em mil pedaços.

– Não consigo, Ralph. Mesmo que eu quisesse abrir mão dele, eu odeio assustar pessoas. Odeio mentir. Odeio manipular.

O suspiro dele sacode o peito vazio.

– Eu vou ficar triste de te perder.

Porque eu vou desaparecer. Não consigo deixar de olhar para o espaço vazio onde estava o portal, desejando ter tido um pouco mais de tempo com Caleb. Bem mais tempo, para ser sincera. Eu sei que é ganância, mas queria

conhecê-lo, fazer com que ele se sinta tão visto quanto ele me fez sentir hoje. *Vou sentir saudades.*

– Acaba logo com isso.

Espero que não doa. Eu não gosto muito de dor.

Outro daqueles suspiros profundos, e Ralph segura meu ombro com uma das mãos.

– Por aqui.

Tento ser corajosa quando ele me guia por um corredor em que nunca estive e até um portal que brilha com uma luz prateada estranha. Estou tremendo tanto que meus dentes estão batendo.

– O que é isso?

Ele aperta meu ombro.

– Eu vou sentir a sua falta, Gemma. Fica de queixo erguido. Não vai ser tão ruim. Provavelmente. Adeus.

Ralph me empurra pelo portal.

Eu grito antes de me lembrar que estou tentando ser corajosa e me encolho em posição fetal. A dor vai surgir em seguida, ardente, gelada ou talvez só forte. Só que… não vem. Não acontece nada, eu só caio no chão duro.

– Se você tiver acabado com o drama, nós podemos ir em frente.

Olho por entre as garras para um ser alto que parece humano. Ele é quase da altura de Ralph, com pele azul e cachos dourados curtos, mas, fora isso, sem nenhum outro dos floreios deliciosos que os demônios amam. E o motivo disso é que o ser… não é um demônio?

– O que é isso?

O ser suspira.

– Os demônios nunca explicam as coisas antes de jogarem vocês pelos portais. *Nós* damos uma instrução completa antes de jogar os nossos desajustados. – O movimento da criatura chama a minha atenção para a prancheta em sua mão. – Gemma, não é? – Um olhar para a prancheta. – Você se alimentou de emoções não autorizadas do humano ao qual foi designada.

– Não foi minha intenção.

– Nunca é. Mas não se preocupe, nós vamos chegar nisso. Eu sou Raven, aliás. – Vejo dedos longos balançados na minha direção. – De pé, de pé, temos muita coisa pra fazer e pouco tempo.

Como não pareço estar correndo perigo de morte imediata, eu me levanto devagar e vou atrás dele, seguindo-o por um corredor ladrilhado quase idêntico ao que acabei de sair.

– Que lugar é este?

– Agora você é um anjo – diz Raven de forma enérgica. Seu caminhar é rápido, e estou com dificuldade de acompanhar. – É a mesma dança, mas num ritmo um pouco diferente. Embora sua irmandade original prefira se alimentar de emoções rápidas e preguiçosas, nós, anjos, passamos tempo investindo em humanos e colhendo as recompensas das *verdadeiras* emoções.

Raven parece meio esnobe, mas minha cabeça está girando demais para eu me irritar em nome dos demônios.

– Eu não sabia que anjos se alimentavam de emoções.

– Claro que não. – Raven passa por uma porta. – Seria uma publicidade negativa se as pessoas soubessem que somos funcionalmente iguais aos

demônios. Os superiores preferem que sejamos diferentes. – Raven se vira e passa um olhar crítico por mim. – Os cascos, as garras e os chifres vão ter que sumir, mas o resto da sua forma está ótimo. O número de globos oculares e de membros está certo. – Meu olhar de queixo caído é respondido com uma expressão de desdém. – Os humanos são chatos com essas coisas. Tudo bem se você quiser dar um susto, mas, se a ideia for preservar um relacionamento e garimpar as emoções deles, nós achamos que funciona melhor apresentar uma forma mais familiar, ainda que fantástica.

Mesmo em meu estado de choque, algo fica claro rapidamente.

– Os demônios que são ruins no trabalho desaparecem e vêm parar aqui.

– Ruins no trabalho. – Um ruído de deboche. – Eu sempre me irrito por falarem assim, mas… – Raven balança a mão. – Em essência, é isso. Os demônios se alimentam de certas emoções. Os anjos fazem a mesma coisa com outras. Atravessar essa linha resulta na experiência que você teve. Tenho certeza de que não preciso explicar mais.

Anjos viram demônios. Demônios viram…

– Eu sou um anjo agora?

– Questão de semântica, mas, sim. – Raven tira uma pilha de papéis da prancheta e a coloca nas minhas mãos. – Leva isso até o fim do corredor e fala com quem estiver de serviço agora. Vão te dar um quarto e uma agenda pra retomar as visitas – outro olhar rápido para a prancheta – a um tal de Caleb Sullivan.

Nesse momento, o chão parece sumir.

– Eu vou poder ver o Caleb de novo?

– Você garimpou o carinho e o cuidado dele e se alimentou, não foi? – Raven ergue sobrancelhas douradas. – Essa não é uma conexão a ser

desperdiçada. Se as coisas mudarem, e ele não for mais um bom par pra você, vamos te colocar com outra pessoa. Ao contrário dos demônios, nosso limite é de três humanos. É difícil manter relacionamentos significativos com mais, ao menos para os nossos propósitos. Esses papéis vão explicar tudo que você precisa saber.

– Eu, hã… Obrigada?

– Não me agradeça. Siga em frente. Tem outro chegando daqui a pouco, e eu não posso demorar.

Raven se vira sem dizer mais nada e sai andando.

É assim que começa minha reeducação sobre o que é ser um anjo. Na verdade, não é tão diferente de ser demônio, apesar do desprezo que Raven possa ter pelo mundo em que nasci. A sociedade angelical é organizada de forma quase idêntica. A única diferença é que eles se concentram em relações profundas com os humanos. Acho que agora faz sentido por que os anjos da guarda se concentram em *reconfortar* em vez de proteger de verdade.

Uma semana depois, estou em frente a um portal, torcendo para o meu coração não saltar do peito. Quando atravesso, não é para o quarto de Caleb no meio da noite. É para a cozinha, com o sol do meio-dia brilhando pelas janelas. Ele está sentado a uma mesinha com uma tigela de cereal na frente e larga a colher no instante em que eu apareço.

Eu levanto as mãos.

– Eu sei que estou diferente, de certa forma, mas sou eu.

– Gemma – sussurra ele. Ele se levanta em um instante, contorna a mesa, me puxa e me abraça com força. – Como você não voltou, eu temi pelo pior. Você está bem?

– Hum, estou. – Eu o abraço e inspiro o alívio dele. – Parece que eu sou um anjo, agora.

– *O quê?*

Conto tudo rapidamente. Enquanto falo, ele não para de me tocar e acaba entrelaçando os dedos nos meus quando termino. Eu olho para a escada.

– Mas, tipo, a gente ainda pode transar, se você quiser. Mas não é obrigatório! Só não é proibido nem nada.

Ele está me olhando de um jeito estranho, e desconfio que vou levar um tempo para entender direito o sabor das emoções mais sutis dele. Mordo o lábio para não ficar falando baboseiras. Por fim, Caleb diz:

– Eu estou de folga hoje.

– Ah. Quer que eu vá embora e volte depois?

Ele tinha planos? Parte do meu novo treinamento foi como mudar meu corpo para ficar parecendo *direito* uma humana, para eu poder sair em público (em *público!*) se a situação pedir. Eu só não esperava usar a nova habilidade tão rápido. Ainda não entendi direito os dedos dos pés, e, embora as minhas mãos consigam passar despercebidas a um olhar rápido, é melhor que não olhem por muito tempo. Mesmo assim, eu fiz progresso nessa parte, e isso é mais do que eu posso dizer sobre boa parte do meu treinamento anterior.

– Não. – Ele olha para nossos dedos entrelaçados com a testa franzida e parece se sacudir um pouco. – Eu sei que mudar de forma é um pouco doloroso, mas eu gostaria de sair com você. É Halloween.

– Halloween? – Eu conheço a comemoração, claro. Os demônios amam essa época do ano. Posso não ser mais uma demônia, mas acho que também

dá para curtir, não? Com Caleb? – O que você vai fazer?

– Acabou de estrear um novo filme de terror. Eu ia ver hoje de tarde, depois uma das escolas de ensino fundamental daqui vai fazer uma brincadeira para as crianças. – Ele sorri. – É muito legal ver as fantasias.

– E você quer que *eu* vá com você?

– Quero. – Ele aperta a minha mão. – Se você quiser.

– Claro que quero.

O excesso de emoções que obtive dele da última vez ainda está me sustentando. Não preciso de esforço nenhum para me concentrar em deixar a pele de uma cor pêssego sem graça. Deixo o cabelo roxo, já que muitos humanos usam cabelo colorido. A diferença é que o deles é tingido quimicamente, e o meu é mágico. Duvido que a maioria consiga perceber a diferença.

– Assim?

Caleb pisca algumas vezes.

– Ah. Uau. Isso foi bem rápido e fácil. – Ele sorri de repente. – Estou muito empolgado pra passar mais tempo com você.

Eu não sabia quanta ansiedade eu tinha desenvolvido em relação a falar com ele de novo e as coisas mudarem até ela se dissipar como uma bruma matinal. Eu me vejo sorrindo para ele.

– Também estou muito empolgada pra passar mais tempo com você. E não só pelo sexo, apesar de eu querer muito transar com você de novo, porque aquilo foi fantástico.

Ele ruboriza de um jeito encantador.

– Eu também. Depois do nosso encontro. – Caleb pigarreia. – Ainda

temos duas horinhas até o filme começar. Aonde você quer ir primeiro?

– Pra toda parte!

RUBY DIXON

AMOR E SANGUE NO ESPAÇO



Para Ali, Katee, CLo, Kimberly e JT – estou surtando por estar tão bem-acompanhada. Quero que me imaginem como Charlie Brown no Halloween com o lençol cheio de buracos. Essa sou eu, esquisita e meio bobona, mas feliz de estar com a turma.

NOTA SOBRE CONTEÚDO

Esta história apresenta conteúdo sexual explícito, um pouco de linguagem forte, violência, discussões sobre manipulação genética e, acima de tudo, um personagem que bebe sangue. No espaço.

Recomenda-se prudência ao ler.

COMUNICAÇÃO INTERCEPTADA PARA A ESTAÇÃO LABORATORIAL DOS ESTÁBULOS SUPERIORES

Comunicado do Mestre dos Estábulos de Lorde va'Dor, Primeiro de Seu Nome, para a Estação Laboratorial dos Estábulos Superiores, referente a uma encomenda

Escrevo para obter informações sobre o status do pedido de gladiador geneticamente emendado que foi feito um mês atrás. Favor enviar posicionamento.

Resposta da Estação Laboratorial dos Estábulos Superiores

Saudações, Mestre dos Estábulos!

Seu pedido está aqui. Pedimos perdão pelo atraso, mas o tipo específico de categoria de gladiador que você requisitou saiu com uma deficiência sanguínea e com fotossensibilidade. Estamos fazendo algumas modificações no clone requisitado que vão resolver essa questão. Agradeço sua paciência, e estamos ansiosos para retornar o contato com resultados satisfatórios.

Assinado:

Nasit sa'Wost, Chefe de Genética

Estábulos Superiores: A emenda que cabe na sua renda!

Do Mestre dos Estábulos para sa'Wost

Deficiência sanguínea é inaceitável. Fotossensibilidade também. Ele vai ser um gladiador. Como vai batalhar se não puder estar à luz? Meu senhor pediu cura acelerada na emenda, não que ele fosse mais frágil que os clones habituais. Favor reembolsar

nossos créditos imediatamente.

De sa'Wost para Mestre dos Estábulos

Você tem razão ao dizer que uma deficiência sanguínea é inaceitável! Por sorte, nós trabalhamos nisso e chegamos a uma solução promissora. As últimas modificações genéticas estão sendo concluídas hoje e o espécime será *extremamente* saudável. A capacidade corporal de cura dele ficará dentro do percentil 98, como solicitado, junto com força, velocidade e agilidade. Estamos confiantes no nosso resultado. Espere e verá! Assim que confirmarmos que a emenda está de acordo com os seus parâmetros, o espécime estará disponível para coleta na estação espacial mais próxima.

Estábulos Superiores: A emenda que cabe na sua renda!

Do Mestre dos Estábulos para sa'Wost

Que modificações vocês estão fazendo exatamente?

Do Mestre dos Estábulos para sa'Wost

Nós não aprovamos nenhuma modificação adicional e não pagaremos por isso. Favor comunicar o que planejam fazer com o clone que meu mestre encomendou.

Do Mestre dos Estábulos para sa'Wost

Você recebeu meu último comunicado?

Do Mestre dos Estábulos para sa'Wost

Tem uma semana desde nosso último contato. Favor enviar atualização de status.

CAPÍTULO 1

Dana

A estação está em silêncio. Em geral, fica pulsando com barulhos: o estrondo do maquinário, o chiado dos geradores de atmosfera se esforçando para acompanhar a população, o zumbido de múltiplas vozes ao fundo, o som de botas no chão. Agora, tudo está muito silencioso. Até os controles atmosféricos pararam de fazer barulho, satisfeitos com a temperatura e com o nível de oxigênio da estação espacial.

Levanto a grade de metal e saio do duto de lavanderia onde estava me escondendo. Primeiro, pensei em tirar umas horas para mim. Assim que os alarmes do laboratório soaram para alertar sobre uma fuga, eu disparei pelo corredor, para longe do meu chefe alienígena, e entrei em um dos dutos. Vou para lá às vezes, quando quero ficar um pouco em paz. Como animal de estimação relutante de um alienígena, sou manuseada toda hora, quer eu queira ou não. É bom ter algumas horas só para mim, então eu me acomodei nas pilhas de uniformes e… aparentemente, peguei no sono.

Não sei por quanto tempo me ausentei, mas está tudo silencioso demais.

Será que todo mundo… foi embora de vez?

Não é possível.

Será que estão todos em alguma reunião? Com a ameaça neutralizada e tudo de volta ao normal? Eu moro nesta estação há um ano, como o bichinho infeliz do cientista principal, Nasit sa'Wost, e houve algumas vezes em que os "experimentos" se libertaram do confinamento. Acontece quando se trabalha com coisas vivas. Mas o silêncio é preocupante e está começando a me incomodar.

Só pode ser alguma reunião. Eu não tenho tanta sorte assim.

– Computador – digo –, o que houve hoje? Cadê Nasit sa'Wost?

O computador não me responde. Claro que não. Eu não sou uma pessoa para ele, o que é irritante à beça.

Tudo bem. Tiro um laço idiota da cabeça e outro da cintura e jogo no chão. Logo Nasit vai começar a me procurar, e quero apreciar não ser o bichinho de ninguém por um minuto. Eu me espreguiço, bocejo e passo os dedos no cabelo, feliz por estar livre dos enfeites ridículos que o alienígena botou em mim. Nasit adora me fazer usar um laço espalhafatoso e um vestido mais espalhafatoso ainda. Parece que todo dia é Halloween, sério.

Olho para um lado e para o outro do corredor. Não tem guardas nem cientistas. Tudo está imóvel.

Isso quer dizer que eu tenho mais alguns minutos para mim mesma. Melhor aproveitar a liberdade enquanto não acaba.

Não perco tempo e vou para o refeitório. Se estamos em clima de Halloween, é hora de brincar de gostosuras ou travessuras. Principalmente… gostosuras para mim. Minha boca saliva só de pensar em comer qualquer coisa que não seja uma barrinha de nutrientes dura e sem sabor. Nasit só me dá isso, e mesmo assim fica regulando, porque gosta de bichinhos "magrinhos", e não "fofinhos". Decido que vou comer pelo menos seis tigelas de macarrão antes de eles voltarem.

Mas, quando chego ao refeitório, as portas de correr estão fechadas.

Boto a mão no painel das portas. Nada acontece, então eu encosto de novo. E de novo.

– Anda! Responde!

As portas nem se mexem. Claro que não. Elas só se abrem para as pessoas que moram na nave, e eu sou considerada um bichinho de

estimação. Com um rosnado furioso, bato no painel de novo. Não adianta. Tento acesso com um código de sobreposição, mas a estação ignora as minhas tentativas.

Só travessuras, nada de gostosuras. Bu.

MODO DE EMERGÊNCIA. FALHA DE SEGURANÇA. NECESSÁRIA CONTENÇÃO DE ESPÉCIME.

Argh. Droga de estação. Talvez eu consiga abrir a porta manualmente. Passo pelo menos uns dez minutos tentando enfiar os dedos nas frestas da porta, mas desisto.

– Eu te odeio, Nasit – digo com pesar enquanto apoio a testa no metal frio.

Então, além de ter sido abandonada, não posso nem aproveitar a situação. Bato de leve com a cabeça na porta de novo e me viro para o corredor. Ninguém reparou em mim. Não tem ninguém para me ver tentando invadir a despensa.

Hum. Modo de emergência, mencionou o computador no painel. O modo de emergência muda as funções da nave, mas, sem acesso ao sistema operacional, não tenho como saber exatamente o que isso envolve. Preciso conseguir acesso… ou seja, preciso de um alienígena amistoso para me ajudar.

Como todos me consideram basicamente um cachorrinho que late demais… não vai rolar.

– Computador – digo de novo. – Cadê todo mundo?

Continuo sem resposta da inteligência artificial que controla a nave.

Desisto do refeitório e sigo na ponta dos pés por outro corredor, com os

pés congelando no chão frio (porque Nasit não gosta que os bichinhos usem sapato e porque ele é um babaca). Tem uma janela no fim do corredor com vista para a estação e para o espaço sideral. Eu já apreciei a vista de lá várias vezes, pois dá para ver boa parte da estação, além de uma nebulosa bem bonita ao longe.

A estação espacial tem formato de *H* com duas barras compridas conectadas no meio. Na parte externa de uma dessas barras sempre há uma fileira de quadradinhos que parecem dentes numa mandíbula. Eu perguntei uma vez em língua alienígena hesitante e fui informada que eram cápsulas de evacuação para emergências. Em seguida, Nasit deu um tapinha na minha cabeça e botou outro laço no meu cabelo.

Quando encontro a janela, minha boca fica seca. Todas as cápsulas de evacuação sumiram. Todas menos uma, que parece um grão de milho que restou numa espiga.

Filho da puta.

A estação está em silêncio porque todo mundo foi embora e eu fui deixada para trás. Esfrego os olhos para o caso de estar vendo coisas. Estou sozinha na Estação Laboratorial dos Estábulos Superiores. Talvez eu devesse estar em pânico, mas só sinto uma alegria profunda. Estou livre. Posso pegar a última cápsula e decidir como sair daqui e talvez encontrar o caminho de volta para a Terra…

Um estrondo alto ecoa em algum lugar na estação. No laboratório.

Correção. Não estou sozinha.

FALHA DE SEGURANÇA.
NECESSÁRIA CONTENÇÃO DE ESPÉCIME.

Quem quer que tenha sido o motivo da fuga ainda está aqui comigo.

CAPÍTULO 2

Dana

Outro estrondo vindo do meio do laboratório me deixa tensa. O monstro que eles criaram ainda está na estação… comigo.

Isso não é bom.

Eu já vi algumas das criaturas geradas no laboratório dali. Nasit é mestre no que eles chamam de "emenda". Ele pega perfis genéticos de múltiplas raças alienígenas e cria um clone especialmente elaborado a partir das melhores características de cada uma. Esses clones – emendas – são usados como gladiadores nos esportes bárbaros que aqueles alienígenas mesakkah adoram. Os alienígenas azuis, altos e chifrudos se vestem com túnicas elegantes e andam de nariz erguido quando o assunto são outras raças, além de se orgulharem de ser uma civilização educada, mas amam escravidão e gladiadores.

Alerta de spoiler: o universo todo é cheio de babacas.

Preciso chegar àquela cápsula. Não sei como operá-la, mas o que eles estão evitando ali é algo que também devo evitar. Mas, para chegar à cápsula, do outro lado da estação, vou ter que atravessar a barra do meio do H.

E o laboratório fica no centro.

Penso em voltar para os dutos, mas sei, por experiência, que as partes do sistema de lavanderia grandes o bastante para serem percorridos ficam perto do alojamento da estação e que só tem um duto de lixo hospitalar perto do laboratório.

Vou ter que passar bem no meio da área mais perigosa para chegar à cápsula de fuga.

Argh.

A alternativa é simplesmente… não ir? Eu poderia me esconder nos aposentos de Nasit até os cientistas mesakkah voltarem. Ele vai voltar em algum momento. Vai botar um laço na minha cabeça e dar tapinhas, e eu vou odiar cada momento, mas vou estar a salvo. A salvo, com laços e barras de nutrição e dormindo em uma jaula, e nunca mais vou ver a Terra.

Talvez eles voltem para me salvar antes de eu morrer de fome.

Talvez voltem antes de o monstro perceber que eu estou aqui e me comer.

Talvez.

Ou não.

Meu estômago ronca, e eu vou procurar uma arma.



Não é tão difícil conseguir uma arma em uma estação espacial construída para clonar gladiadores monstruosos. Quando me aproximo da parte central da nave, onde ficam os laboratórios, dou de cara com a área de treinamento. Lá, procuro algo que eu possa usar para me defender. É expectativa demais achar que vou encontrar uma arma de fogo, mas até as armas manuais são enormes. Os humanos são petisquinhos em comparação à refeição completa que é a maioria dos alienígenas. Eu pego uma clava…

… e imediatamente a derrubo.

– Isso deve pesar uns 25 quilos – murmuro. – Deve ter alguma coisa de tamanho mais normal aqui.

Tento uma marreta, uma espada que é maior do que eu e uma coisa que parece uma luva com garras, só que do tamanho de luvas de beisebol. Tem

mais chance de eu me machucar do que qualquer outra coisa. Enquanto pondero como posso me defender, um dos robôs que limpam a nave passa pelo corredor. Vou atrás. Um braço comprido é estendido e começa a limpar o vidro com um rodinho.

Eu pego o rodinho, ignoro os alertas agudos que o robô faz e treino atacar com a minha nova arma. É flexível e longa e lembra um cruzamento de chicote com espada de esgrima. Vai me proteger contra o que estiver por aí na nave?

Não. Mas é melhor do que nada.

Ouço outro estrondo ali perto e o alerta de um sistema ficando offline. Desta vez, os sons são bem mais próximos, e a minha pele fica arrepiada.

Seguindo pelo corredor. Só pode ser.

Com a espada-chicote erguida, avanço na direção do inimigo.

CAPÍTULO 3

Projeto va'DorV8.3

Sangue.

O cheiro desperta meus sentidos. Sinto ali perto, junto com a acidez adstringente do resíduo de limpador que os robôs usam por toda a estação. Revirei o laboratório procurando mais bolsas de sangue estocado, mas todos os compartimentos estão vazios. Já bebi todo o conteúdo em um dia só para me livrar da fome violenta de sangue que estava enevoando meus pensamentos.

Agora acabou, mas toda a minha comida também.

Mas ainda deve haver alguma coisa. Quebro portas de vidro e destruo estruturas de metal só para pegar os frascos e fico aliviado de encontrar uma última bolsa de sangue pela metade, dentro de plástico flexível.

Nem me dou ao trabalho de abrir um buraco. Enfio a coisa toda na boca e mastigo. O sangue frio explode nas minhas presas e me enche de alívio e repulsa ao mesmo tempo. Delicioso, embora tenha um gosto esquisito. Não importa.

O desespero para me alimentar está saciado por enquanto, e a névoa mental foi afastada. Caio no chão de exaustão, com a mão na testa.

Um movimento me deixa de orelhas atentas.

Tem alguma coisa andando por um dos corredores próximos. Os sons que o ser faz são baixos, mas perceptíveis para sentidos tão apurados quanto os meus. Eu me sento e presto atenção nos passos leves que ecoam, vindo na minha direção.

E sinto mais cheiro de sangue, mas desta vez é de uma criatura viva, não

de sangue ensacado estéril.

O cheiro é *delicioso*. Minha boca saliva, apesar de eu ter acabado de me alimentar. Cuspo o saco plástico vazio e me levanto.

A porta se abre, e a luz do corredor entra. Vou automaticamente para o lado para fugir da luz e levanto a mão para proteger os olhos. Tem uma criatura na porta, e eu aperto os olhos de surpresa. Não é nada que eu já tenha visto. É baixa, com cabelo ruivo-alaranjado vibrante que cai em ondas em volta da cabeça sem chifres. A pele é desagradavelmente pálida, como a barriga de um animal. Está usando um vestido amarelo que vai até os joelhos, e as pernas estão expostas.

Tem cheiro feminino. Eu nunca vi uma mulher, mas os implantes de aprendizado inseridos no meu cérebro preenchem as lacunas para mim. Mulher. Adulta. Atraente.

E cheia de sangue fresco.

Ela segura um pedaço de metal fino e flexível no ar como uma arma e olha para a escuridão. Quando acredita que não vai ser atacada, ela se move, chega para o lado e encosta na parede. Tarde demais, percebo que ela está mexendo no interruptor para ativar a luz.

A dor invade meus olhos. Minha pele parece estar pegando fogo, e eu solto um rugido de sofrimento.

– *Apaga a luz!*

– Merda! Desculpa! – grita a mulher, e ela bate rapidamente no painel para apagar a luz.

Ela fala em uma língua estrangeira, mas o tradutor deixa as palavras compreensíveis.

Depois de um instante, ela fala na língua mesakkah do Planeta Natal, embora as palavras sejam hesitantes e menos à vontade.

– Eu não sabia que tinha alguém aqui.

As palavras carregam arrependimento e ajudam a aliviar a minha raiva. Fico agachado no chão e seco os olhos, que lacrimejam.

– Deixa apagado – digo com mau humor. – Faz meus olhos doerem.

Há uma pausa.

– Ah. Tudo bem. Claro. Foi… por isso que te deixaram pra trás?

– Me deixaram?

Eu fico de pé, e minha pele arde nos lugares onde a luz tocou. Tem uma configuração no laboratório para uma luz fraca que não me queima, mas eu não sei qual é, e a desconhecida também não sabe, pelo visto.

– É, acho que todo mundo fugiu daqui pra escapar do monstro. – A voz dela desce para um sussurro, e ela olha pela escuridão com a arma na mão. – Você o viu?

Meus olhos finalmente param de lacrimejar, e eu consigo dar uma boa olhada nela.

– Que monstro? – me pergunto.

– O que fez todo mundo evacuar a estação pra fugir dele. Não me diga que você não sabia. Esta estação está vazia, cara. Me deixaram pra trás porque eu sou um poodle, e acho que te deixaram pra ser comido por causa da alergia à luz. Mas eu tenho uma má notícia. – A voz dela desce para um sussurro dramático: – Se a gente encontrar o monstro, eu vou te fazer tropeçar pra ele te comer primeiro.

Dou uma risada da declaração ousada dela. Um monstro. Eles fugiram

do monstro. Eu achava que os cientistas estavam se reagrupando em uma parte mais segura da estação para decidir como me conter. Eu tinha ficado cansado de ser cutucado e furado e quebrei as amarras quando tentaram fazer em mim mais um dos tratamentos "experimentais" que deixam minhas entranhas queimando e doendo e me fazem sofrer por dias seguidos.

Tentaram me subjugar com varetas de choque e, como eu não voltei para a jaula, aumentaram a corrente elétrica. Mas não deu certo. Eles me encheram de irritação, mas não me controlaram. A cura avançada com a qual tinham me alterado cuidou disso. Tentaram usar gás depois, mas eu consigo prender a respiração por uma hora, graças às modificações deles, então também não funcionou.

Depois disso, eles fugiram, e eu fui procurar sangue para beber. Tinham mencionado algo sobre deficiência de ferro quando falaram de mim aos sussurros, e eu sentia fome toda vez que alguém chegava perto e eu sentia o sangue pulsando sob a pele.

Depois que me abandonaram, eu me servi do estoque de bolsas de sangue do laboratório.

Eles abandonaram completamente a estação? Isso é novidade. Covardia e nada surpreendente, mas novidade.

E também deixaram essa criatura frágil e inteligente para trás.

– Você tem certeza de que eles foram embora? – pergunto.

– Absoluta. Eu não costumo ficar sozinha por tanto tempo. Eu verifiquei as cápsulas de evacuação, e todas sumiram. Nós ficamos com o que está aterrorizando este lugar. Estou surpresa que você não o tenha encontrado ainda.

Dou um passo à frente no escuro, depois outro na direção dela. O sangue pulsa sob a pele dela, e eu sinto o aroma suave. Coloco a mão no painel de luz, e ela logo se move para o lado, a pulsação saltando e o cheiro de sangue ficando mais forte.

Com as garras, arranco o painel da parede para que ela não possa usá-lo.

– Eu tenho uma má notícia – rosno, repetindo as palavras dela.

– Ah, é? – A voz está meio insegura, e ela estremece quando inclina a cabeça para trás como se quisesse me olhar.

Eu chego mais perto, salivando de novo por causa do cheiro delicioso dela.

– Pequenina, *eu* sou o monstro do qual eles fugiram.

CAPÍTULO 4

Dana

Eu me encosto toda na parede.

Ele é… o monstro? É o motivo de todo mundo ter fugido da estação? O pânico cresce no meu peito, e eu controlo o ímpeto de fugir. *Fica calma*, lembro a mim mesma. *Se vocês estão tendo uma conversa normal, ele não é tão monstruoso quanto você pensa. Ele só está dizendo isso pra te apavorar.*

– Você está de onda comigo, né?

– Não entendi.

As palavras dele são calculadas, calmas. Não consigo ver o rosto dele no escuro. Só escuto os movimentos… e sinto o calor que emana do corpo dele. Ele parece estar respirando pesadamente, mas também é alienígena. Como posso saber qual é a intensidade da respiração normal dele? Mas a voz grave controlada é um bom sinal, eu acho.

– O que é "onda"?

– Você está brincando comigo – esclareço, desejando poder acender a luz. Mas ele acabou de arrancar o painel da parede, e isso depõe contra a hipótese de ele estar controlado e tranquilo. Eu estremeço e sinto a pele arrepiada. – Você não é o *verdadeiro* motivo de eles terem ido embora, é?

– Eu escapei – diz o desconhecido com simplicidade. – Os venenos e as varetas de choque não conseguiram me conter. Então eles fugiram pra se salvar, porque eu disse que ia matar todo mundo se os pegasse e ia beber o sangue deles.

Ele fala isso tudo de um jeito muito casual, como se mais de vinte alienígenas altamente armados e um grupo de cientistas abandonassem

naves todos os dias. Olho para cima, porque não consigo vê-lo na escuridão, mas sinto que ele está por perto. Ele é mais alto do que eu, e a proximidade está começando a me deixar nervosa.

– E é por isso que eu estou aqui – continua ele com aquela voz calma demais. – Por que *você* está aqui?

– Porque eu sou um poodle.

– Um pú-dol? – Ele repete a palavra, mas de um jeito estranho. – Eu continuo sem entender.

De repente, me ocorre que ser vista como um poodle vai funcionar a meu favor.

– Eu sou um bichinho de estimação – explico. – Os alienígenas, os caras azuis grandes, me roubaram do meu planeta uns anos atrás. O cara que é meu dono me faz dormir em uma jaula e me trata como se eu não tivesse neurônios.

Ele bufa.

O som da resposta dele parece achar um pouco de graça, então continuo. Eu não estava aprendendo a lidar com aqueles que são maiores e mais fortes do que eu esse tempo todo? Eu aguento mais um. Se ele não estiver do lado deles, está do meu. Se acham que ele é um monstro, ele pode ser o meu monstro.

– Então você é mesmo o malvadão que fez todo mundo sair correndo de medo?

– Malvadão?

Ignoro isso e finjo uma confiança que não sinto. Eu me afasto da parede como se fosse comum eu ficar presa em uma estação espacial abandonada,

no escuro, com um desconhecido.

– Parece que só restamos nós dois aqui. Qual é seu nome?

– Eu não tenho nome. Qual é o seu?

– Dana. Por que você não tem nome?

– Eu tenho número de série. Você tem?

– Eu não sou um clone. – Dou um passo e bato com o dedão em algo de metal. Um ruído ecoa no ambiente, e eu faço uma careta. – Ai.

– Está uma bagunça aqui – diz o clone Capitão Óbvio. – Você não está de sapato.

– Eu não tenho sapato. Poodle, lembra? Fico com meus dedinhos fofinhos no chãozinho frio porque meu dono é um babaquinha e acha bonitinho.

– O quê?

– Deixa pra lá. Eu odeio ser um bichinho e estou falando besteira.

Ele grunhe.

Dou outro passo à frente e sinto uma mão enorme e quente segurar meu braço.

– Não anda. Você vai pisar em vidro.

– Ah.

Fico onde estou, porque isso foi gentileza dele. A pele dele na minha dá uma sensação gostosa, parece uma bolsa quente, e sou lembrada de como sempre sinto frio porque o ar da estação é gelado, apropriado para alienígenas mesakkah, não para humanos. Mas esse cara é quente. Ele fica perto de mim no escuro, e eu desconfio que, se levantar a mão acima da cabeça, vou encontrar o rosto dele.

Estou curiosa para saber como é o rosto dele.

Eu também acho que a mão no meu braço talvez tenha garras, mas estou com medo de olhar. Meu coração está disparado, mas mantenho um sorriso leve no escuro, porque ainda é possível ouvir um sorriso.

– Então você é o projeto em que eles estavam trabalhando? Foi você que fez aquela barulheira toda? Eu ouvi um monte de vidro quebrar.

– Hum. Eu estava tentando pegar os sacos de sangue que eles guardam aqui.

– Pra quê?

– Pra beber.

Isso me faz hesitar. Meus braços ficam arrepiados de novo.

– Você não come barras de nutrientes? Aquelas coisas quadradas sem gosto que são uma merda? Que parece que a gente está mastigando serragem?

Ele não me soltou. A mão sobe pelo meu braço exposto, como se fizesse carinho. Eu deveria estar com mais medo. Ele é o monstro, certo? Mas ele não está sendo monstruoso comigo. Ele só passa a garra pelo meu braço, como se quisesse testar se sou real.

– Não comi isso, não.

Meu estômago ronca, e sou lembrada que todos nos abandonaram e que não tem a menor chance de alguém me alimentar tão cedo.

– Não recomendo. É um horror. Mas, quando a gente está com fome, não tem escolha. Você por acaso tem acesso às partes trancadas da estação?

– Não sei se tenho. Eu não tentei. Só fiquei… aqui. No laboratório.

– No escuro – observo.

– A luz machuca meus olhos e faz minha pele queimar.

Penso nisso. Penso muito nisso. Ele odeia luz. Bebe sangue. Está começando a parecer uma pegadinha. Meu medo some.

– Você… está tentando me dizer que é um vampiro?

Caramba, a energia de Halloween na nave está impecável.

– O que é isso?

– Um monstro que mata gente. Odeia alho, luz do sol e cruzes. Bebe sangue.

– Eu não sei o que são essas duas coisas, e eu nunca fiquei na luz do sol. Sei que as luzes daqui são dolorosas pra mim e que bebo sangue. Eu não matei ninguém… ainda. Mas ataquei alguns cientistas, sim.

Não sei se ele está falando sério ou não.

– Por quê?

– Porque eu estava com fome.

De repente, eu me sinto um coelho tendo uma conversa casual com um lobo.

– E… você está com fome agora?

– Morrendo.

Ah, droga.

O polegar dele sobe pelo meu braço, mas então ele baixa a mão.

– Eu estou mais interessado em conversar com você do que em beber seu sangue, por melhor que seja seu cheiro. Você não fugiu, apesar de estar com medo. Sinto sua pulsação disparada.

– Pra onde eu iria? Sou um bichinho de estimação, lembra? E eu não

estou fugindo porque, se você é inimigo deles, automaticamente passa a ser meu amigo.

– Mesmo eu sendo esse tal monstro do alho?

Apesar da minha inquietação, isso me faz sorrir.

– Vampiro.

– Seja qual for o nome, dá no mesmo. Eu não sou normal. Mudaram alguma coisa dentro de mim. E agora eu estou… com fome.

Bom, somos dois, só que eu quero macarrão e ele quer me beber como se eu fosse uma caixinha de suco que anda e fala.

– E qual é o plano?

– Plano?

– É. Você atacou os cientistas, fez todo mundo ir embora e agora é o rei da estação. Parabéns. Agora, qual é o seu plano?

– Por que você quer saber o que eu vou fazer?

– Porque *eu* tenho um plano e preciso ver se ele se alinha com o seu ou se você vai só me matar.

Ele solta outro daqueles ruídos de quem está achando graça.

– Por que eu te mataria se a nossa conversa está tão interessante? E você parece saber o que eu sou, o que te torna mais inteligente do que os cientistas que foram embora daqui. Eu quero saber mais.

– E você não vai me matar?

– Não.

– Mesmo se o meu cheiro for muito gostoso?

Ele chega mais perto, o hálito quente acobreado dominando a escuridão

ao meu redor.

– Criatura, seu cheiro é incrível, e eu sinto sua pulsação a cada batimento cardíaco, mas ainda não te ataquei, certo?

Isso não deveria fazer o ponto entre as minhas coxas latejar.

– Meu nome não é Criatura. É Dana. E, se nós vamos ser amigos, você precisa de um nome. Eu não vou te chamar de Drácula. Esse é outro vampiro, a propósito.

– Já te falei, eu só tenho um número de identificação. Projeto va'DorV8.3.

Uau, é coisa à beça para falar.

– Quer saber? Drácula é um nome melhor. Ou que tal Vlad? Vlad, o Empalador.

– Vou usar esse. É bem intimidador.

É, eu deveria ter adivinhado que ele escolheria esse.

– Bom, então, se somos amigos, Vlad, posso pedir pra você prometer não me matar? – Como a pausa dele é mais longa do que eu gostaria, faço esta observação: – Uma resposta imediata seria melhor do que uma que te faz pensar. Só estou dizendo.

Ele bufa, achando graça.

– Eu não quero te matar. Você é a primeira pessoa que fala comigo como uma pessoa normal, não como um erro.

Então eu vou falar sem parar o tempo todo, como Sherazade e as mil e uma noites.

– Fico feliz de termos chegado a um acordo. E, falando em acordos… – Aponto para os arredores. – Não enxergo tão bem assim. A gente pode

acender pelo menos uma luz ou você precisa de escuridão total?

– Eu sei que eles usaram algumas luzes que não me fizeram mal, mas as que você usou doeram. – Ele faz uma pausa e bate no meu braço. – Você é a especialista em monstros do alho. Me diz.

– Vampiro – corrijo de novo. – E, até onde eu sei, era só a luz do sol que afetava os vampiros. Luz do sol natural.

– Eu nunca vi o sol. Nunca saí desta estação.

Isso me parece triste.

– Nunca esteve em um planeta? Você ia gostar. O tempo muda todos os dias e tem uma brisa. O ar é fresco e não tem cheiro de meia velha como aqui na estação. E o céu à noite é lindo.

Sou tomada por uma onda de saudade de casa. Não vejo o sol nem sinto uma brisa desde que fui adquirida por Nasit.

– A estação tem cheiro ruim mesmo – admite ele. – Eu achava que era uma coisa que só eu sentia.

Dou uma risadinha.

– Não, eu também sinto. São os recicladores de ar ou algo assim. Sempre tem um cheiro de mofo. E eu quero dar uma olhada em você, Vlad. Quero ver se você tem alguma outra característica típica de vampiro. – *Ver com quem estou lidando. Ver se você tem cara de assassino a sangue-frio. Ver se você está me olhando como se eu fosse humana ou como se eu fosse um hambúrguer.* – Vem.

– Aonde nós vamos?

Se ele se importa de eu estar tomando o controle da situação, não demonstra.

– Pra outra sala que tenha iluminação, porque você destruiu a daqui. Tudo bem, eu não estou te julgando.

– Parece que está.

Mas ele acha graça do meu tom, e eu fico aliviada de ele continuar a agir de forma discreta em relação à situação toda. Ele não está agindo como um monstro maluco sugador de sangue, e isso é um bom sinal.

– Vamos para o corredor – digo, e estendo a mão, porque está escuro demais e eu estou cercada de vidro quebrado e metal retorcido. – Pode me guiar.

– Você é um bichinho mandão – murmura ele.

Só que, em vez de segurar a minha mão e me levar para fora, ele me pega pela cintura e me carrega. Seguro um grito, e meus braços automaticamente envolvem os ombros dele.

Ele não está de camisa. Minhas mãos tocam em pelos densos no seu peito e roçam em músculos duros como pedra e cheios de calor nos braços. Ele tem cheiro de sangue e alguma outra coisa, e eu me pergunto que tipo de alienígena ele é. Os alienígenas mesakkah que controlam a estação são azuis, altos e magros, e acho que eles não têm pelos no peito como ele. A maioria dos clones que Nasit faz são amálgamas de múltiplos tipos de alienígena (ele chama de emendas) misturados em uma espécie de sopa de DNA. Percebo que estou curiosa para ver o quanto esse tal Vlad é humano ou não humano.

Um instante depois, ele me coloca no chão.

– Você está na frente da porta do laboratório. Ela se fechou quando eu arranquei o painel. Você pode ir até o corredor e mudar a configuração das luzes.

Eu estendo a mão, toco no metal frio e concordo quando sinto a divisão

da porta na minha frente. Certo. Eu já estive nesse local.

– Odeio ser a portadora de más notícias, mas eu não consigo abrir essa porta manualmente e não tenho perfil de funcionária pra acessar o sistema.

Vlad bufa.

– Vocês, poodles, têm braços fracotes.

Ele dá um passo à frente, me empurra para o lado (isso é uma cauda?) e abre uma fresta da porta. A luz pinta uma linha no rosto dele e mostra uma pele azul-escura, um nariz forte e um rosto anguloso. Os olhos são vermelhos, deslumbrantes, da cor de sangue. Mas ele volta para as sombras e me priva de ver mais.

Não muito humano, mas também não muito mesakkah. Hum.

– Essa luz te machucou? – pergunto enquanto abro a porta mais um pouco.

Agora que ele conseguiu abrir uma fresta, consigo empurrar as portas o bastante para enfiar o corpo entre elas e passar para o corredor. Eu saio, ajeito o vestido e me viro para a porta do laboratório. Não consigo ver nada lá dentro. Só tem escuridão.

– Foi desconfortável, mas não queimou.

A escuridão se move um pouco, e eu imagino o vampiro alienígena andando do outro lado.

Vou até o painel da porta no meu lado.

– É um bom começo. Vou ver se consigo ajustar as coisas um pouco mais. – Eu tento, mas a mensagem de "sem autorização de funcionário" fica piscando. – Não consigo. O sistema não me reconhece.

– Como a gente faz, então?

– Se você não tiver uma mão cortada por aí, não vai ter como.

Ele faz uma pausa.

– Eu talvez tenha cortado um dedo quando os ataquei. Quer?

Ele está falando sério? Não sei se fico horrorizada ou empolgada.

– O *seu* dedo?

Ele faz um ruído de deboche.

– Como se eu fosse fraco assim. Um dedo deles.

– Passa pra cá.

Cinco minutos depois, estou segurando um dedo azul cortado ensanguentado tentando não morrer de nojo. Encosto a ponta na tela. Um nome e um perfil aparecem, de um dos assistentes de Nasit, e eu começo a trabalhar.

– Você sabe o que está fazendo? – pergunta ele de dentro da outra sala.

– Sei, sim. Apesar do meu status atual de poodle, eu tive uma dona decente antes desse. Ela era uma mesakkah idosa com visão ruim que me fazia mexer em todos os dispositivos dela, além de cuidar de leitura e escrita. Eu sou boa com os equipamentos deles… desde que tenha perfil pra acessar as coisas, claro.

Guardo o dedo com cuidado para o caso de precisar depois e avalio o painel à minha frente. Tem uma mensagem vermelha de erro piscando, e eu a descarto e procuro nas opções de menu o comando de luzes. Encontro os controles ambientais e avalio as opções. Tem uma configuração customizada bem no fim das alternativas de brilho, e eu a seleciono. Na mesma hora, a iluminação do corredor muda e fica de um tom vagamente rosado que não é natural.

Uma mão surge por entre as portas, e ele a flexiona no ar para testar a sensação.

Tento não ficar olhando, porque a mão azul-escura esticada na minha direção é enorme, com três dedos longos e um polegar, cada um com uma garra de aparência sinistra na ponta. Uma veia grossa percorre as costas da mão, e o punho parece forte e brutal, como se ele fosse capaz de quebrar meu pescoço sem muito esforço. Levo a mão ao pescoço e engulo em seco.

Mas as portas se abrem, e Vlad, o Espero que Simpático e Não Empalador, sai de lá, e eu consigo dar uma boa olhada nele.

Ele não apenas sai, mas marcha para fora, como se não aguentasse mais as sombras e exigisse que a luz se curvasse a ele. Ele parecia mais alto do que eu no escuro, então isso não me surpreende, mas fico surpresa com a largura dos ombros. Não me surpreende ele ter conseguido abrir a porta com facilidade. Os bíceps dele são maiores do que as minhas coxas. As coxas dele são maiores do que… bom, são enormes. Ele tem os mesmos pés estranhos com três dedos que os mesakkah e a pele azul-escura, mas não tem chifres. O rosto parece mais anguloso, os olhos um pouco mais afastados, e o vermelho deles é de um carmim intenso e vívido. Estranhamente, ele tem cílios escuros e grossos, sobrancelhas pesadas e um cabelo preto curto que é todo espetado.

Se eu não estivesse familiarizada com alienígenas, diria que a fantasia de Halloween dele está bem autêntica.

Vlad anda na minha direção e, sim, tem uma cauda ali. É fina como a de um leão, com um tufo de pelos na pontinha. Ele está usando algo que parece ser uma tanga puída branca, com o peito todo exposto, cheio de uma camada de pelos escuros que descem até onde deveria haver um umbigo… e

não há. Um dos sensores médicos ainda está preso ao braço dele, com um fio arrebentado pendurado. Ele dá mais dois passos e está ao meu lado, e eu não chego nem ao ombro dele.

Eu queria muito que fosse só uma fantasia.

– Devo lembrar que você prometeu não me comer – digo, disfarçando o nervosismo.

Ele sorri, mostrando dentes brancos e dois incisivos grandes e pontudos que não deixam dúvida sobre a alegação vampiresca.

– Eu disse que não ia comer. Nós somos amigos, lembra?

Amigos, claro. Indico o corredor.

– Eu posso ir até o sistema principal e ajustar a luz pra que não machuque você.

Ele assente, e tenho a impressão de que está esperando alguma coisa.

– O que foi? – pergunto.

– E agora? – pergunta Vlad. – O que se faz quando não se está preso em um tubo nem obrigado a fazer exames médicos de estresse?

Olho para ele.

– Você… não tinha descanso?

Ele dá de ombros.

– Me deixavam sedado até as drogas de sedação não funcionarem mais.

Espera aí. Quer dizer que ele não sabe o que fazer? De verdade?

– Bom, na minha opinião, nós temos algumas alternativas. Como a estação é nossa agora, a gente pode arrumar as coisas…

Vlad faz uma careta.

Dou uma risada, porque eu estava pensando a mesma coisa.

– É, que se dane isso. Que tal a gente procurar nossa cápsula de evacuação e sair de Dodge?

– Se aqui é Dodge, eu concordo.

CAPÍTULO 5

Dana

Nossa sorte acaba quando vamos para a baia onde ficam as cápsulas. A que ficou para trás tem mais de dez luzes de erro piscando no painel. Faço um ruído de consternação quando vejo isso.

– Bom, agora a gente sabe por que essa ficou pra trás.

– Quer dizer que estamos presos aqui? – rosna Vlad, com a voz grave de desgosto. – Estamos presos esperando eles voltarem? *Se* voltarem?

– Ah, eles vão voltar – observo enquanto dou um passo até o painel de diagnóstico. Um erro após o outro passa na tela horizontal, o que me leva a fazer uma careta. – Tem equipamentos caros demais aqui pra este lugar ficar abandonado por muito tempo. Eles só vão esperar até que seja seguro.

– Você quer dizer até eu morrer de fome?

– Ou até encontrarem mercenários e trazerem pra cá. – Dou de ombros e mexo nos menus na tela do computador. Agora que consigo entrar no sistema, consigo fazer alguma coisa em relação àquilo tudo. Aceito todas as mensagens de erro e só resta uma. A imagem me anima. – Na verdade, não é tão ruim quanto parece. O núcleo de potência, que é tipo uma bateria, está zerado. Acho que, se recarregarmos, vamos poder usar o transporte.

– Que bom. Você sabe fazer isso?

Faço que sim e inicio a sequência. Algo na estação estala, e a luz da cápsula pisca. Transferindo energia…

– Está acontecendo agora mesmo – digo para Vlad.

Um novo status aparece na tela, e eu tenho que segurar um grunhido de consternação.

– O quê? O que é? – pergunta Vlad.

A mão grande se fecha no meu braço, o toque surpreendentemente reconfortante.

Acho que não consegui esconder meu desgosto.

– Vai demorar pra carregar. – Faço cálculos rápidos de cabeça e uma careta. – Uma semana, na verdade. Deve ser por isso que ninguém tentou usar essa.

Ele sopra o ar e solta meu braço.

– Vamos esperar, então.

– Vou esvaziar a minha agenda – brinco. Ele não ri comigo, só me olha sem entender. – É uma piada. Bom, como estamos presos aqui por um tempo… quer ir xeretar os quartos das pessoas? A gente pode ver quem tem as melhores roupas e a cama mais confortável e ocupar esse espaço durante a semana.

Um sorriso feroz e lento curva sua boca, e eu me vejo sorrindo para ele.

CAPÍTULO 6

Vlad

– Eu não entendo por que a gente pularia na cama deles – observo quando entramos no quarto de alguém e Dana na mesma hora sobe na cama e começa a pular.

– Porque estamos fazendo bagunça – diz ela, e o tempo todo a túnica curta balança enquanto as pernas expostas sobem e descem, oferecendo vislumbres de coxas brancas e curvas. – E porque, quando eles voltarem, eles vão odiar que a gente tenha feito isso. – Ela se vira e chuta o ar, deixando uma sola de pé muito suja à mostra. – Vou deixar pegadas em tudo. Todos os mesakkah têm pânico de germes, então eles vão ficar putos, pode acreditar.

– Parece infantilidade – observo.

– Claro que é – diz ela, e pula de novo. – Eu mencionei que meu mestre me faz dormir em uma jaula aos pés dele? E que coloca laços na minha cabeça como se eu fosse uma criancinha, e não uma mulher de 30 anos? E me faz passar fome? Ele tem sorte de eu não deixar outro tipo de presente na cama dele.

Olho para ela, reparando que talvez esteja mais magra do que deveria. Os braços são finos e daquela cor pálida horrenda de barriga de animal, mas eu gosto das conversas com ela. E do cheiro. Gosto que ela tenta ser destemida perto de mim, mesmo eu sentindo o gosto do nervosismo dela no ar. Ela se recusa a ceder.

Dana é teimosa. Gosto muito disso.

Ela cai deitada e se senta na beirada da cama, sem fôlego.

– Você não tem cama, né? Eles te deixavam no laboratório, não era?

Eu faço que sim e a observo.

– Então você devia dormir onde quiser. É só escolher a cama que você quer, e prometo não botar meus pés sujos nela. – Dana inclina a cabeça para mim e me observa. – A menos que você tenha outros planos.

– Outros… planos… pra uma cama?

Por que isso me intriga?

– Aquela cápsula que restou – diz ela, corando. O cheiro dela aumenta com o rubor. – Eu sabia que estava lá. Pensei em fugir, mas os humanos são capturados e escravizados nesta parte do universo, e eu viro um alvo fácil se tentar pousar em algum lugar. Mas, como somos amigos… – Ela balança o pé e me olha. – Bom, como somos amigos, eu acho que a gente pode ir pra algum lugar juntos. Começar do zero, essas coisas.

Cruzo os braços e avalio as palavras dela. Não é uma má ideia, mas há defeitos nesse plano.

– Pra onde nós iríamos?

– Foi esse o motivo de eu andar pela nave e te achar em vez de ir pra cápsula. – Dana morde o lábio e dá de ombros. – Eu sei que eles vão voltar pra te buscar em breve, mas espero que a gente consiga carregar a cápsula antes. Nós podemos sumir sem deixar rastro antes que percebam o que aconteceu.

– Nós.

Interessante ela ter decidido que devemos agir juntos no longo prazo em vez de cada um seguir seu caminho. Não que eu me importe. Gosto da ideia de ficar ao lado dela. Ela tem razão quando diz que é frágil e precisa de alguém que cuide dela. Não me importo de fazer esse trabalho, mas vou ter

um problema em breve.

Porque o cheiro dela só vai melhorando, e eu só vou ficando com mais fome.

Como se pudesse ouvir meus pensamentos, o estômago de Dana ronca. Ela coloca a mão na barriga e faz uma careta.

Minhas presas pulsam, reagindo à fome dela, e minha boca saliva. A necessidade de me alimentar está ficando mais difícil de ignorar.

– Desculpa – diz ela. – Estou morrendo de fome. A porta do refeitório está fechada, e eu não consegui entrar. Eu estava com medo de morrer de fome antes dos cientistas voltarem, mas você abriu a porta daquele laboratório como se não fosse nada. Você seria um cavalheiro e abriria outra porta pra mim?

– Posso abrir – digo lentamente. – Mas você falou de comida, e eu tenho que ser sincero com você. O sangue do laboratório acabou, e talvez não seja seguro você ficar perto de mim por muito tempo. Preciso me alimentar logo.

Vejo a situação ficar clara para ela. Eu preciso de sangue, senão a minha fome só vai piorar.

No momento, o único sangue na estação fora o meu é o dela…

– Você pode comer comida normal? – pergunta Dana. – Já tentou? Talvez você não seja tão vampiresco quanto a gente achou. Você me parece bem normal. Fora os dentes e, bom, a cauda e os músculos grandões.

O olhar dela desce pelo meu peito, e um cheiro novo surge no ar junto do aroma de sangue dela.

É almiscarado e faz meu pau endurecer, e de repente estou cheio de desejo por mais do que sangue. Eu me ajeito e torço para que ela não note o

volume na tanga.

– Não tentei. Os cientistas me davam líquido nutricional pelas veias.

Dana se anima, o rosto pálido estranho se franzindo com um sorriso rosa feliz. Ela se aproxima de mim e segura a minha mão.

– Então vem. Você vai experimentar macarrão. Os alienígenas *amam* macarrão.



Meu corpo *não* ama macarrão.

Vamos para a parte da nave que tem o refeitório e, quando eu abro a porta para Dana, ela bate palmas de alegria. Eu só entro quando ela ajusta a luz. Nós nos voltamos para as máquinas geradoras de alimentos, e Dana fica em êxtase enquanto enche tigelas de várias comidas, a maioria com o macarrão que ela mencionou.

Os cheiros embrulham meu estômago. Tento comer só para o caso de o meu nariz estar me traindo, mas o gosto é sem graça, a textura é pior e tudo volta imediatamente depois que eu engulo.

Dana me oferece um copo de água quando vomito na lata de lixo mais próxima.

– Ok, você deve ser mesmo vampiro. Macarrão não rolou. Vou procurar carne crua. Será que ajuda?

Dou de ombros, embora a ideia de botar carne morta na boca pareça tão repugnante quanto o macarrão.

Ela mexe nos menus nas máquinas e exclama de frustração, pois todos são "vegetarianos". Sem carne. Ela acaba se virando para mim, com os lábios repuxados e a expressão pensativa.

– Quanto de sangue?

– O quê?

– De quanto sangue você precisa? Pra ficar satisfeito.

Dou de ombros.

– Não sei. Me alimentar sozinho é novidade pra mim.

– Mas você tomou todas as bolsas de sangue do laboratório, né?

Tomei. Porque estava morrendo de fome. Estava tão enlouquecido de fome que não consegui pensar direito. Antes, eu existia em uma névoa frenética em que só conseguia pensar na pulsação quente da garganta de cada cientista que chegava perto de mim. Eu estava enlouquecido de necessidade de sangue, e conto isso para ela.

– Não sinto o mesmo desespero agora. Talvez, se mantiver a fome afastada, eu não precise de muita quantidade. Só uma bolsa. Talvez menos.

Dana morde um pedaço de macarrão seco e me observa.

– Bom, se doer, nós não vamos fazer isso de novo.

Os pensamentos dela estão caóticos e erráticos, e eu não estou acompanhando o que ela está sugerindo.

– Fazer *o que* de novo?

– Te alimentar, claro. – Ela bota um braço na frente do rosto e muda o tom de voz. – Querrrrr sugarrrr meu sangue?

Um grunhido irregular escapa de mim, e meu pau salta sob a tanga. Ela me deixaria beber o sangue dela?

– *Quero*.

CAPÍTULO 7

Dana

Eu não sou totalmente idiota de me oferecer para um vampiro. Sei que estou brincando com fogo. É só que… Vlad parece legal, ainda que sem noção, para um monstro. Se unirmos forças, podemos fugir da estação e encontrar um lugar mais hospitaleiro para nós dois.

Mas primeiro temos que resolver o problema da fome dele.

Se não conseguirmos dar um jeito de botar sangue nele, não vai adiantar de nada sermos amigos. Ele vai me comer. Eu vi os destroços do laboratório e posso imaginar os buracos que aquelas presas enormes vão fazer no meu pescoço.

Então, talvez, se eu oferecer uns goles de cada vez, nós possamos resolver a situação. Trabalhar juntos. Uma mão lava a outra.

Afinal, ele abriu a porta para eu pegar comida. Acho que eu posso ser a comida *dele*.

Vlad está me olhando com um misto de ceticismo claro e fome enquanto eu me levanto e me sento em uma bancada. Nós ficamos da mesma altura, e eu me sinto um pouco mais no controle da situação.

– Tem certeza?

Claro que não, eu não tenho nenhuma certeza. Mas é melhor ser amiga dele do que inimiga. Ele precisa que eu fique viva, e eu preciso da força dele. Ele poderia me matar e tomar todo o meu sangue mesmo se eu protestasse, mas, se estivermos trabalhando juntos, eu tenho algo que se parece com o domínio da situação.

– Desde que você consiga controlar o quanto tira, por mim tudo bem.

Mas eu não quero acabar vazia igual às bolsas de sangue.

– Eu vou tirar só um pouco e aí vou avaliar a minha fome.

– Como está a sua fome agora?

Ele lambe as presas, as pupilas escuras. O olhar de Vlad pousa no meu pescoço.

– Implacável.

Minha pele fica toda arrepiada ao entender.

– Não sei se você sabe, mas os vampiros tradicionalmente mordem as pessoas no pescoço. Tem uma veia grande aqui.

Falo as palavras e morro de vergonha logo em seguida. Meu Deus, por que eu sou assim? Ele poderia facilmente ter bebido pelo meu punho. Só que… eu não quero que ele beba do meu punho. Por algum motivo, preciso que ele beba do meu pescoço. A ideia da boca dele no meu pescoço está ecoando por todas as minhas fantasias sexuais.

Vlad só assente.

– Sua pulsação é tão forte aí que eu praticamente sinto o cheiro.

Ele consegue sentir o cheiro do meu sangue. Eu deveria estar em pânico, mas, junto dessa inquietação, tem um tremor de calor. Mordidas de vampiro são agradáveis para as vítimas, né?

– Vamos tentar, então? Não faz sentido esperar até você passar fome e perder o controle.

Ele assente de novo, com a expressão tensa. Ele estende os braços para mim, enlaça minha cintura e, no momento seguinte, me puxa para o colo. Solto um gritinho de surpresa e balanço os membros quando ele me vira nos braços.

– Fica parada – rosna ele.

– O que você está fazendo?

Por que eu estou ficando excitada por ele me segurar assim? Ou é só expectativa pela mordida?

– Eu nunca mordi uma pessoa. Estou tentando entender a melhor forma de fazer isso. – Ele me ajusta, e eu paro de tentar me soltar. Fico quietinha enquanto ele me inclina para um lado, com as minhas costas apoiadas no corpo dele, e vira meu pescoço para expô-lo. – Não se mexa quando eu te morder. Eu não quero te machucar.

Essa não é a coisa mais tranquilizadora de se dizer. Abro a boca para falar isso quando os lábios dele tocam na minha pele. No momento seguinte, presas gêmeas furam meu pescoço, e parece que uma adaga quente está me perfurando.

Ou, pelo menos, é o que eu sinto por um instante.

No seguinte, não tem nada além de uma euforia total e absoluta.

Faço um som engasgado, e ele levanta a mão e aninha meu queixo. A língua passa pelo meu pescoço e ele para e fala.

– Shhh. Só mais um pouco. Para de se mexer.

Eu estou me mexendo? É difícil saber, porque tem um orgasmo intenso percorrendo meu corpo. Eu ofego, chocada com o desejo feroz que me inunda só por causa da mordida dele. Os dentes afundam de novo, com um som molhado e estranhamente sensual, e eu solto um gemido. Desta vez, meu quadril se ergue, como se eu pudesse me esfregar no ar e ter um orgasmo.

Ele grunhe, o som bruto e irregular, os dentes ainda cravados em mim.

Vlad coloca a mão na minha barriga e eu a seguro, desesperada para chegar ao clímax, e o puxo para mais baixo, para baixo do vestido e entre as coxas. O barulho que ele faz revela que ele está gostando tanto quanto eu, e eu guio aquela mão até a minha calcinha minúscula e a puxo para o lado para ele poder me tocar.

Os dedos percorrem a pele da minha boceta, me explorando, os dentes saem da minha garganta e ele começa a lamber o ponto quente e latejante no meu pescoço, e eu queria que ele estivesse lambendo o ponto quente e latejante entre as minhas coxas.

– Seu gosto é tão bom, Dana – diz ele, com um sussurro reverente. – O sangue é muito mais gostoso vindo de você.

Solto um gemido, junto dois dedos dele e os guio até meu clitóris.

– Cuidado com as garras.

Segurando a mão dele, eu mostro como me tocar lá, como fazer círculos delicados no pontinho certo até eu estar me contorcendo. Ele toma outro gole do meu pescoço enquanto me toca, e a combinação da mordida e dos dedos me leva a um orgasmo tão intenso que eu vejo estrelas.

Levo um instante para me recuperar. Mais do que isso, na verdade. Acho que fico sentada no colo dele, ofegante e abalada, por uns bons dez ou vinte minutos. O tempo todo, ele lambe a ferida que fez no meu pescoço e murmura que meu gosto é delicioso e o quanto gostou de beber de mim. Ele tomou cuidado comigo o tempo todo, e não tem um único arranhão das garras mortais. O nariz passa pela minha pele, e eu solto um suspiro de felicidade.

Fazia muito tempo que eu não gozava. Tempo demais. Eu não sabia o quanto precisava disso. Mas agora estou me sentindo bem. Relaxada e cheia

de fantasias e, estranhamente, me sinto protegida. Como se Vlad fosse cuidar de mim e me defender.

– Bom… isso foi… ufa. Você… você bebeu o suficiente?

Os lábios dele roçam a lateral do meu pescoço de novo, como se ele não conseguisse se segurar.

– Bebi. É tão potente vindo direto de você… Não precisei beber muito.

Quero me espreguiçar. Não, na verdade eu quero me gabar de estar me sentindo tão bem.

– Que bom, porque eu tenho a sensação de que nós dois vamos querer fazer isso outras vezes.

Vlad ri, o som enferrujado, como se ele nunca tivesse tido motivo para rir.

– Quer dizer que você gostou do meu toque?

Ele enfia a mão entre as minhas coxas e me acaricia e aninha minha boceta casualmente, como quem diz que pertence a ele.

– Eu não odiei – digo, estremecendo.

– Eu também não odiei.

CAPÍTULO 8

Vlad

Uma semana depois

Dana está sentada no meu colo, os dedos voando pelo console do computador enquanto procura informações.

– Nós temos sorte de você saber o que está fazendo – digo enquanto passo o nariz pelo seu pescoço com cheiro doce. – Se dependesse de mim, estaríamos perdidos.

A pulsação dela dispara com a minha carícia, e ela se remexe nos meus braços, rindo.

– Você está fazendo cócegas. E eu já falei, levei anos pra aprender a linguagem escrita do Planeta Natal. Minha ex-dona tinha problemas de visão e me fazia usar todos os dispositivos dela. *Ela* achava que eu tinha um cérebro. Um dos poucos alienígenas decentes que conheci… excluindo minha atual companhia, claro.

– Hummm. – Eu não penso em mim mesmo como alienígena. Não sou um dos mesakkah nem das outras raças das quais ela me mostrou foto. Sou uma emenda, uma criatura geneticamente modificada que é um pouco de várias coisas que ninguém deseja – Você esquece que eu sou vampiro.

– Ah, eu não esqueci. – Ela inclina a cabeça, o cabelo escorregando para o lado e expondo o pescoço. Marcas rosadas maculam a pele onde eu mordi e geram uma onda de prazer possessivo em mim. – O fato de você ser vampiro significa que nossos critérios de esconderijo seguro são meio diferentes se fosse só eu.

É mesmo? Faço uma pausa no carinho nas costas dela. Adoro tocar nela, sou obcecado por isso. Saber como o gosto dela é bom e que eu a faço gozar

toda vez que tomo um gole me deixou totalmente possessivo em relação a ela.

– Quais são os critérios exatamente?

Dana se encosta e relaxa nos meus braços, e o cheiro quente dela se espalha em mim. A pele encosta na minha, as coxas e os braços expostos macios e maleáveis nos meus músculos duros.

– Bom… Eu sei que não podemos ficar escolhendo demais, considerando que você é um bebê de proveta, mas eu pensei em começar com o básico.

– O básico – repito. – Qual é esse básico?

Ela aponta para o teto dos aposentos do capitão, onde estamos ficando. Tem a melhor cama, e Dana insistiu que ficássemos ali por causa disso.

– Primeiro, precisamos de um lugar em que o governo seja corrupto ou inexistente, porque vamos ter que subornar alguém pra entrar.

Esperta. Ela anda circulando pela nave, vasculhando aposentos particulares e procurando créditos e objetos de valor guardados em compartimentos escondidos. Eu achava que talvez ela só gostasse da ideia de roubar das pessoas que a mantinham prisioneira. Agora eu sei a verdade, e estou irritado de ela estar fazendo todo o planejamento e eu, bem… eu andar distraído com o toque e o gosto dela. Com o cheiro dela. O jeito como ela goza quando eu acaricio entre as coxas dela. Pelo menos um de nós é prático. Fico satisfeito em seguir o que ela mandar.

– Boa ideia. O que mais?

– Ciclos diurnos curtos – diz Dana, se virando para me olhar por cima do ombro. – Mais precisamente, planetas que tenham comunidades onde as noites são mais longas do que os dias.

– Não estações espaciais?

– Não. Eu odeio ar reciclado. Quando você respirar o ar de verdade, não vai querer voltar. Pode acreditar em mim. – Ela franze o narizinho humano com a ideia.

– Nós estamos sendo seletivos demais? – observo.

– Não – diz Dana, firme. Ela se vira para o monitor, e os dedos dançam sobre as telas. – Tem mil sistemas solares só nesta galáxia. Tem 41 aqui perto que são ocupados e, entre os que são próximos o suficiente para se chegar com uma cápsula, tem 170 planetas viáveis. Dentre esses, tenho certeza que vamos encontrar um lugar pra nos perder. E eu acho que encontrei o lugar perfeito.

– Ah, é?

– É. – Ela me olha com uma expressão arrogante e joga o cabelo. – Tem um planeta rural a três sistemas daqui. O sistema Cassa, o segundo planeta do sol. Tem rotação lenta e um continente próximo do polo, o que significa que os invernos são longos e as noites duram vinte horas das 29 horas do dia. Só tem um governo local no assentamento mais ao norte, e eu apostaria alguns créditos que eles podem ser subornados.

Estou impressionado. Ela pensou em tudo. Passo os braços em volta do seu corpo magro e a puxo para perto.

– E como a gente chega lá, e quando?

Os olhos dela se iluminam.

– Quando a cápsula estiver totalmente carregada e operacional, nós podemos controlá-la. A estação aqui ainda está em modo de emergência. – Ela gira um dedo e indica nossos arredores. – Então, quando a nave base está em modo de emergência, as cápsulas podem ser redirecionadas

manualmente para um planeta viável sem muito problema. A teoria é que qualquer fuga é melhor do que nenhuma fuga. Antigamente, os moradores do Planeta Natal conectavam uma nave à marca biológica do capitão, mas, se o capitão perecesse, a nave toda ia junto. Fascinante, né?

– Aham. E quando nós vamos pra esse mundo Cassa? Amanhã?

– Se a cápsula estiver carregada, sim. Eu já estou baixando os mapas até o sistema Cassa. Também estou baixando os de 320 outros sistemas, pra podermos estar fora do radar quando descobrirem pra onde nós fomos. A cápsula vai levar quatro meses pra chegar lá, mas nós podemos entrar em estase durante esse tempo e acordar no ar fresco. – A expressão no rosto dela é de euforia, como se ela já estivesse respirando a brisa fresca.

Meu coração despenca. Tem uma falha enorme nesse plano.

– Eu não posso entrar em estase, Dana. Um corpo em estase é alimentado por nutrientes, e isso não funciona pra mim. Eu preciso de sangue, e regularmente.

– Ah.

– Você pode me deixar aqui.

Falo essas palavras com relutância, mas estou sendo sincero. Se um de nós pode escapar, que seja ela. Quando descobrirem a verdade sobre o meu sangue, vão me vender para alguma escola de gladiadores. Mas Dana está infeliz como um bichinho sem cuidados que passa fome. Ela merece liberdade, e eu quero que ela a tenha. Está óbvio que, embora a estação não seja boa para humanos, não é *mesmo* feita para vampiros.

– Besteira. Eu não vou te deixar. Se não pudermos dormir, vamos ficar acordados. Você se alimenta de mim, e eu como lanchinhos até o sistema Cassa.

Fico surpreso com a proposta.

– A cápsula é muito pequena.

– Então eu espero que você não se importe de eu ficar grudada em você – provoca ela. – Além do mais, a gente já se agarra mesmo sempre que pode.

– Você realmente faria isso por mim?

Dana se encosta em mim e passa o braço no meu pescoço. Ela me abraça como se fosse a minha dona… e eu adoro.

– Você acha que eu te deixaria passar fome? Ou ficar pra trás, pra poderem fazer mais experiências com você?

– Não. – Minha voz sai rouca, minhas presas se prolongando até a língua em reação às minhas emoções. – Eu só não quero você presa…

– Eu também não quero você preso. Estamos nisso juntos. O inimigo do meu inimigo é meu melhor amigo. – Ela recua nos meus braços até estar me olhando. – Meu amante, na verdade.

– Gostei disso.

Aninho sua mandíbula frágil e a acaricio com o polegar.

– Então, temos uma pequena mudança de planos. – As mãos dela se movem no ar enquanto ela fala, a mente já trabalhando no problema novo. Não consigo entender como o dono dela não via toda essa inteligência. Fico impressionado com a astúcia dela. – Eu tenho dinheiro e algumas roupas preparadas pra viagem. Vamos pegar suprimentos e enfiar o máximo que der na cápsula. Vou fazer uma lista de racionamento pra eu não ficar sem nada, e vamos colocar macarrão na cápsula com a gente. Por sorte, o suficiente só pra uma pessoa, né?

Faço que sim com a cabeça. Se ela estiver lá, eu não preciso de comida,

só dela. Eu nem preciso de água. Dana é tudo de que preciso.



No fim do dia, ajudei Dana a embalar e reembalar os suprimentos que vamos enfiar na cápsula de emergência. A comida está selada a vácuo em bolsinhas que se expandem quando umedecidas, mas cada uma ainda ocupa espaço, e o local é muito limitado. Para piorar as coisas, ela só vai comer uma vez por dia.

– Vai ser igual a quando Nasit me alimenta – brinca ela.

Eu não acho graça. Não gosto de pensar que ela vai passar fome só porque eu não posso entrar em estase.

– A gente pode levar mais.

– Acho que não dá – observa Dana enquanto enfileira os sacos de suprimentos no corredor em frente à cápsula, que ainda está sendo carregada. – Vamos precisar de espaço pra nos movimentarmos.

– Como você falou, a gente pode ficar um em cima do outro, como a gente está agora. – Chego mais perto e passo os braços em volta do corpo dela, porque não consigo parar de tocar nela. De puxar seu corpinho para junto do meu e sentir o calor dela, a maciez, o cheiro doce. – Nós temos uma estação inteira aqui, e mesmo assim acabamos dividindo a cadeira e a cama.

– Verdade, mas…

– Não tem "mas" – digo. – Você merece comer tanto quanto eu.

– Hum. – Ela parece querer argumentar, mas os dedos acariciam meu braço de leve. Meu pau (e as minhas presas) reagem, ambos crescendo. – Bom, podemos botar as coisas na cápsula e ver o que mais podemos enfiar lá.

– Vamos lá, então.

Porque eu vou dar um jeito de botar mais suprimentos na cápsula. Ela não vai sofrer. Não enquanto eu estiver cuidando dela.

CAPÍTULO 9

Dana

– Bom. Isso é tudo que cabe – anuncio, apertando a pilha de sacos espremidos no canto da cápsula de emergência.

Passamos as últimas horas brincando de Tetris com os suprimentos, tentando enfiar o máximo possível lá dentro. A parte interna da cápsula é cilíndrica e feita para até quatro ocupantes em um ambiente bem apertado. Somos só dois, o que é um bônus… mas enfiamos um monte de comida e algumas roupas lá dentro. Os alimentos estão empilhados em cada canto, e mal tem espaço para ficar em pé. Tem armas também e todas as coisas de valor que tirei dos quartos da estação. Tem um vaso cristalino que eu sei que é caro, porque vi o dono limpando regularmente e rosnando quando alguém tentava tocar nele. Isso vai conosco, com certeza.

Um dos sacos escorrega, e eu o coloco no topo da pilha de novo e me viro para olhar para Vlad. Ele está com a testa franzida de desgosto, os braços cruzados sobre o peito amplo enquanto observa a pilha dos nossos pertences.

– Isso é tudo que a gente consegue botar aqui?

Faço que sim com a cabeça e dou um tapinha no saco de cima.

– O suprimento de comida tem que ficar aqui, porque a gente não vai conseguir pegar se botar embaixo. Nós teríamos que tirar tudo da cápsula pra pegar. Então, as coisas que estão perto do chão são as que nós não vamos precisar imediatamente. Roupas extras e itens de valor.

– E sobra só… esse espaço aqui?

Ele estende a mão e encosta nos dois lados do interior da cápsula.

– É.

Retiramos duas das câmaras de estase para aumentar um pouco o espaço, mas, com os suprimentos lá dentro, ainda está mais apertado do que um elevador pequeno ou uma cabine telefônica antiga. Não tem cama, só as câmaras de estase para nos deitarmos. Se tirarmos as tampas, acho que não é de todo ruim. Mas vamos ficar coladinhos durante quase quatro meses.

– Espero que você não seja claustrofóbico.

Ele pensa nisso por um instante e balança a cabeça.

– Eu entro e saio de tubos desde que acordei. Aqui tem mais espaço do que o habitual. – Ele bate na parede oposta e me olha. – É você que vai enfrentar dificuldades. O que está achando disso tudo?

– Eu acho que é uma fuga e é só isso que me interessa.

Eu poderia reclamar do espaço apertado ou acabar entrando em pânico pela ideia de percorrer o espaço num ambiente que parece uma cabine telefônica, mas a alternativa é passar o resto da vida ali como um poodle, e isso não vai rolar. E não tem só eu. Mais do que tudo, Vlad precisa escapar. Ele me contou sobre os experimentos que fizeram nele para tentar "consertar" o vampirismo, e eu tenho medo do que vai acontecer quando perceberem que não dá para consertar. Clones não são pessoas de verdade para aqueles alienígenas, assim como eu também não sou. Eles simplesmente vão destruí-lo.

Sendo assim, nós temos que ir embora, e esse método funciona melhor que qualquer outro.

Levanto os braços sobre a cabeça de um jeito dramático e me encosto na pilha de suprimentos, como uma heroína consternada.

– Vai ser divertido. Vamos fingir que nós dois caímos juntos em um

poço.

– Por que nós dois cairíamos juntos em um poço? – Ele arqueia a sobrancelha grossa, e o ceticismo o faz parecer deliciosamente sombrio.

– Talvez a gente não tenha caído juntos. Talvez eu seja uma mulher doce e indefesa e você seja o monstro do poço procurando um lanchinho. – Eu pisco de um jeito brincalhão. – Ó, desgraça! Que infortúnio!

Vlad bota as mãos dos dois lados da minha cabeça e para na minha frente.

– Você *é* bem gostosa.

– Eu gosto de pensar que sou – sussurro, o calor se espalhando pelo meu corpo. Arqueio as costas e empino os seios na direção dele. – Por acaso você não está com fome agora?

– Sempre – concorda ele, com o olhar quente grudado no meu rosto. – Você quer ser tocada, não quer?

Sufoco o ruído de carência que sobe pela minha garganta quando o olhar dele me percorre.

– Olha… a gente pode praticar outras coisas na cápsula, já que já estamos aqui.

– Como o quê?

Ele se inclina na direção do meu pescoço, e o nariz roça de leve na minha pele.

– Tipo sexo.

Vlad grunhe, e a boca se move pelo meu pescoço para beijar meu queixo e depois minha boca.

– Você me quer?

Meu Deus, como eu quero. Nós flertamos com isso durante uma semana. Ele me tocou e bebeu de mim, e nós nos beijamos e nos aconchegamos. Ficamos deitados juntinhos na cama todas as noites. Até tomamos banho juntos. Estamos inseparáveis desde a primeira vez que ele bebeu de mim… mas ele nunca me pediu sexo. Estou cansada de esperar. Quero ser tocada. Quero ser preenchida.

Meu Deus, como eu quero ser preenchida.

– Quero – respondo. – A gente podia ver o que dá pra fazer nesse espaço apertado, porque algo me diz que não vamos conseguir aguentar quatro meses sem fazer amor pelo menos uma vez.

– Você só quer fazer uma vez? – Ele sorri enquanto mordisca meu lábio inferior com aquelas presas grandes dele. – Isso não é a sua cara.

– Você me faz parecer voraz.

– Eu gosto de você voraz. – Ele me beija uma vez, duas. – Gosto de você toda, mas principalmente de você voraz e exigente.

– Que bom, porque eu planejo ser voraz e exigente com você. – Levanto a perna e passo pelo quadril dele para puxá-lo para mais perto. O quadril dele encosta no meu e se mexe, e eu solto um gemido quando ele encosta o pau no meu ponto mais sensível. – Eu acho que você devia me beijar.

Ele solta um grunhido grave no fundo da garganta, um som primitivo e delicioso.

– Eu planejo fazer exatamente isso.

Antes que eu possa fazer outro comentário ousado, Vlad cola a boca na minha. Solto um gemido nos lábios dele e me afogo na sensação da boca conquistadora. A língua dele passa na minha, e eu perco todos os pensamentos coerentes. A única coisa que existe no meu mundo é a boca

faminta de Vlad. Para um homem que foi criado em um laboratório médico pouco tempo atrás, ele sabe beijar uma garota muito bem. Tem alguma coisa no jeito como ele me beija que me deixa louca. Não é que ele queira me devorar. É que ele quer me *saborear*. Cada beijo é atencioso, intenso, porém atencioso. E parece que eu sou a sobremesa favorita dele, que ele come aos pouquinhos porque quer prolongar o deleite.

Eu me afasto um pouco para recuperar o fôlego, ofegante, e aperto os dedos na pele dele.

– Eu quero que você faça amor comigo.

Ele continua a mordiscar meus lábios como se o fascinassem. São beijinhos com mordidinhas sem parar.

– Aqui? Nesta cápsula apertada?

– Aqui. Agora. Eu te quero. Eu também vou te querer na viagem. Então a gente precisa fazer uns testes, porque, se a gente não conseguir transar aqui dentro, eu vou tirar outro saco de macarrão.

A expressão que ele faz é muito marota.

– Ah, eu tenho certeza que consigo fazer tudo caber.

Ele sabe que tipo de piada está fazendo? Porque eu vi o pacote dele em olhadas rápidas aqui e ali e, embora eu ache que cabe, também sei que vamos precisar de muita lubrificação. Para nossa sorte, eu nunca estive tão molhada na vida.

– Vem cá, pra eu poder tocar em você.

– Nós estamos nos tocando – diz ele, mas ignora minhas tentativas de puxá-lo.

Ele beija meu pescoço e brinca com a gola alta do meu vestido. Eu

acaricio os ombros dele, observando com fascinação enquanto ele desce pela frente do meu corpo. Ele beija a ponta de cada seio e me olha para ver a minha reação. Quando mordo o lábio, ele passa mais tempo mordiscando meus mamilos por cima do tecido, até eu estar gemendo e me remexendo junto a ele.

Ele desce mais. E mais. Vai beijando meu corpo. As mãos passam pela cintura, e ele empurra a barra curta do vestido até minha boceta ser revelada para o olhar dele. Ele a toca com frequência quando se alimenta e sabe o que me dá prazer, mas mesmo assim eu prendo a respiração quando ele coloca as mãos em volta com reverência, os dedos leves ao roçarem nas minhas coxas.

– Essa talvez seja a minha coisa favorita do universo.

– Eu achava que era sangue.

– Eu também achava. – Ele sorri e expõe as presas, se inclina e dá um beijo nos meus pelos pubianos. – Mas, não, seu gosto é bom em todas as partes. Não tem nada em você que eu não gostaria de ficar lambendo durante horas.

Sinto um tremor no corpo e passo os dedos em uma das orelhas dele. É pontuda, como a de um elfo, mas faz com que ele pareça mais perigoso do que delicado. Quero tocar nele todo também, mas não há espaço. Mesmo agora, a cauda dele está batendo no painel de controle, e, se eu me mexer para o lado, corro o risco de cair da cápsula. Mas não planejo me mexer. Quero que ele faça o que quiser comigo. Nada nesse mundo conseguiria me tirar das mãos dele.

Ele segura meu quadril e enfia a cara na minha pele. Eu inspiro fundo, chocada com a sensação da língua dele passando na minha boceta. Solto um

gemido quando ele me cobre de atenção, fazendo carinhos na região com uma lambida caprichada atrás da outra. Quero mais do que isso, claro. Quero que ele se banqueteie no meu clitóris, por isso me esfrego na cara dele, erguendo o quadril cada vez que ele me saboreia.

– Mais.

Ele sorri e me olha enquanto passa a língua no meu clitóris.

– Mais – exijo, sabendo que estou brincando com fogo. Levanto os braços e me agarro às bolsas pesadas de suprimentos atrás de mim para me apoiar. – Me dá tudo que você tem.

– Tudo…?

Vlad provoca meu clitóris com a língua e desenha círculos na minha pele. É como ele faz com a ponta dos dedos, mas agora é com a língua quente e úmida, e a sensação é incrível. Eu me perco na boca dele e me esfrego naquela língua ávida e faminta.

O prazer aumenta, e eu solto outro som desesperado, a pressão deliciosa aumentando nos meus membros, fundo na minha barriga, em toda parte.

– Mais? – pergunta ele, levantando a cabeça. As presas estão brilhando, muito perto da minha pele.

– Mais – sussurro, sabendo o que estou aceitando.

Ele perfura a minha pele e me lança no clímax mais intenso de todos. Eu gozo com um grito alto, chocada com a pontada de dor e prazer intensos que acompanha as presas. Elas estão enterradas na pele rosada sensível em volta do meu clitóris, e ele toma um gole cuidadoso de mim antes de passar a língua no local para fechar as feridinhas. Ele lambe a minha boceta sem parar enquanto eu estremeço com as ondas de choque do orgasmo. Quando meus músculos relaxam, estou ofegante, como se tivesse corrido uma

maratona, e eu nunca me senti melhor. Estou levemente ciente da minha perna passada no pescoço dele, das mãos dele segurando meu quadril. Ele dá outro beijo na minha boceta, e seus olhos estão vermelhos de desejo.

– Isso foi… – Eu paro de falar, pois como posso descrever sem usar palavras como "arrebatador" e "como se anjos tivessem caído do céu" e outras coisas bregas assim?

– Não foi suficiente? Que mulher voraz. – Ele passa o nariz na parte interna da minha coxa de novo e bota a minha perna no chão. Parece gelatina. – Está bem.

Ele leva a mão até meu queixo e inclina meu rosto para cima. Vlad me beija com carinho, e sinto meu gosto nele. Eu me sinto relaxada e incrível, mas, quando passo a mão na nuca dele e o puxo para perto, sinto a tensão vibrando por ele. Só um de nós gozou. Eu o quero dentro de mim. Quero compartilhar isso com ele.

Passo a mão por um braço duro, musculoso.

– Você sabe fazer a próxima parte?

Ele arqueia uma sobrancelha para mim enquanto puxa meu quadril. Com um movimento simples, ele solta a tanga, e o tecido cai aos nossos pés. O pau dele é grande, como eu esperava, com uma superfície fascinante, cheia de veias. Seguro um gemido quando ele passa minha perna em volta do quadril dele e encosta minha boceta latejante no membro.

Ele está pegando fogo e, quando se inclina na minha direção, me olha com malícia.

– Aposto que eu consigo descobrir como funciona. Eu coloco a parte de mim que dói na parte de você que dói.

– Isso… É isso, sim.

Solto um gemido quando ele pega uma das mãos e passa pela minha umidade e não sei se ele está lubrificando o pau ou só entendendo como as coisas funcionam. Enfio a mão entre nós para ajudar, e ele arremete em mim com um movimento intenso e prazeroso. Eu esperava isso, claro, mas não esperava que fosse tão bom que meu cérebro parece que vai derreter e escorrer pelas orelhas.

Murmuro palavras ofegantes de encorajamento, agarrada nele enquanto ele mete mais fundo em mim. A tensão no corpo grande está praticamente vibrando por toda a cápsula. Os tendões do pescoço dele saltam, e a boca forma uma linha apertada.

– Você está bem? – pergunto, levando a mão à bochecha dele para acariciá-lo.

Ele arqueia o quadril e me penetra mais fundo. O movimento é tão pequeno que quase parece involuntário.

– Isso é… incrível. Dana, você é tão gostosa…

– Eu quero que você se sinta bem. Quero que perca o controle, Vlad. Que pegue tudo que precisar.

Eu ofego quando ele entra fundo e empurra minhas costas nos suprimentos. Inclino o quadril de leve, ajustando nossos corpos, e começamos a nos mover juntos em um ritmo frenético. Ele sabe instintivamente como fazer, apesar de ser a primeira vez dele, e estar com ele parece tão certo, tão perfeito como se estivéssemos destinados a ficar juntos assim. É brega, talvez, mas é exatamente o que eu sinto.

O prazer se intensifica a cada movimento do pau, como se algo bem dentro de mim estivesse sendo trazido para a frente. Outro orgasmo, desconfio, esse mais profundo e ameaçando ser bem mais poderoso. Solto

um gemido, vou atrás da sensação e me movo contra ele com mais força, mais avidez, mais tudo.

Vlad fecha os olhos, as presas à mostra enquanto ele mete, e de repente eu sei do que ele precisa.

– Me morde – digo, ofegante. – Me morde quando estiver bem fundo em mim.

Ele não precisa que eu insista. Ele me puxa mais para cima, até conseguir encostar os dentes no alto do meu pescoço. O pau nem está dentro de mim direito nessa hora, mas nenhum de nós se importa. Há uma sensação muito doce de perfuração e uma euforia quente quando o orgasmo percorre meu corpo com toda a sutileza de uma supernova. Eu me contraio em volta dele, gritando e o agarrando desesperadamente enquanto gozo. Percebo de leve que ele está rosnando enquanto me come, e percebo que ele também está gozando.

– Isso – sussurro, e parece que somos um só nesse momento.

Ficamos abraçados, estremecendo depois do clímax compartilhado. Estou vagamente ciente das minhas costas ainda apoiadas na parede de sacolas da cápsula, e, em algum momento, minhas duas pernas envolveram o quadril de Vlad. Ele me mantém no lugar, e parece que estamos nos tocando em toda parte. Eu me sinto quente, segura e muito bem.

E feliz. Pela primeira vez em muito, muito tempo, estou feliz.

Toco no rosto dele e acaricio sua bochecha. Ele ergue olhos pesados para mim, e o vermelho do olhar está misturado com preto, as pupilas enormes. Eu o acaricio com o polegar, sentindo necessidade de dizer alguma coisa neste momento. Sobre todas as sensações da semana passada que estão borbulhando dentro de mim. Quero que ele saiba como ele me faz me sentir.

Que, quando estou com ele, eu não tenho mais medo do universo. Eu não sinto mais medo do futuro e do que ele pode guardar. Que nós nos entendemos melhor do que outras pessoas poderiam entender. Que nós combinamos.

– Vlad…

– Oi.

O olhar dele se desloca pelo meu rosto.

Sua boca firme está suja de sangue, um sinal das presas aparecendo entre os lábios. Estranhamente, isso o deixa ainda mais bonito aos meus olhos. Quero beijar aquele sangue só para ele beber da minha boca de novo. Quero beijá-lo de novo.

Vou querer beijá-lo pelos próximos cinquenta, cem anos.

– Eu preciso te dizer…

Um estalo metálico soa no comunicador da nave.

– Nave se aproximando – diz o computador da estação com uma voz tranquila e firme. – Chegada estimada: uma hora.

Eu arregalo os olhos. Sinto um frio no corpo.

– Eles voltaram. Temos que ir.

Na mesma hora, Vlad chega para trás, coloca as minhas pernas no chão com delicadeza, e a umidade quente do gozo dele escorre pelas minhas coxas. Ele pega a tanga no chão, o ouvido alerta ao sistema de som da nave quando a voz emite outro aviso. Vlad está tenso agora, como se sentisse o tempo se esvair.

– Se nós corrermos, podemos botar mais comida na cápsula…

– O quê? Não! Só vamos! – Pego o braço dele antes que ele pense em sair

para pegar mais suprimentos. – O único jeito de eu conseguir controlar essa cápsula é se a nave ainda estiver em modo de emergência. Assim que eles atracarem e desligarem os alertas, nós não vamos a lugar nenhum.

Ele hesita. Olha para a porta da cápsula.

– Confia em mim – digo, enfiando as unhas no braço dele. – Se não formos agora, não vamos ter outra chance. Nós ainda temos tempo de sair daqui.

Vlad me olha e avalia meu rosto. Eu sei o que ele está pensando. Se eu estiver errada em relação a isso tudo, a conseguir controlar a cápsula, a ter comida suficiente para mim (e, portanto, para nós dois), se eu não conseguir traçar um caminho até esse sistema Cassa, nós dois estamos mortos. É um pedido grande para se fazer a alguém que acabou de ter seu primeiro gosto de liberdade, e estou plenamente ciente disso.

Nós nos encaramos em silêncio.

Depois de mais um instante, ele assente.

– Vamos, então. Me mostra como soltar a cápsula.



Horas depois, estou sentada no colo de Vlad, olhando as telas para ter certeza de que não tem ninguém nos seguindo. Eu não relaxei desde que partimos, imaginando que vou ver uma nave no horizonte nos perseguindo. Mas, até agora, nada.

Tudo está indo bem. Tem uma pequena parte de mim que acha que está fácil demais, mas eu conheço a arrogância daqueles cientistas. Eles nunca vão imaginar que estamos traçando uma rota para fugir deles de vez. Vão supor que escapamos, claro, mas também vão pensar que a cápsula vai vagar no espaço até ser capturada e eles poderem recuperar a carga. Eles só vão

perceber que traçamos uma rota até um destino diferente do automático… quando for tarde demais.

Esse é o objetivo, pelo menos. Se eles tivessem a menor desconfiança de que eu tenho cérebro e sei ler, estaríamos ferrados. Eles viriam atrás de nós.

Mas… as telas estão vazias. Quando faço buscas por naves na área, não há nada. E eu penso em todas as vezes que meu dono, Nasit, me fez bater palmas como um macaquinho para eu poder ganhar um petisco e começo a me perguntar se estamos em segurança, afinal.

Nossa cápsula voa para longe, se aprofundando no espaço sideral pelo caminho que tracei na direção do sistema Cassa e seu segundo planeta. Estamos com 91 por cento de energia, mas deve ser suficiente para nos levar aonde queremos ir, já que tiramos as câmaras de estase, que consomem energia e costumam ocupar a cápsula.

Vlad não disse nada esse tempo todo. Ele está calado, me deixando trabalhar sem interrupção, oferecendo um pouco de apoio quando necessário e fazendo carinho nas minhas costas como se quisesse me garantir em silêncio que vou conseguir. Eu queria que ele dissesse alguma coisa, qualquer coisa, para deixar claro que não está arrependido da escolha de ir comigo. A cápsula é apertada, e nós dividimos um assento perto do sistema de controle. Se eu estender a mão, consigo tocar nos suprimentos. Se estender a outra, vou conseguir colocá-la na outra cadeira que se desdobra e vira uma cama.

Este será nosso lar pelos próximos quatro meses, e vai ser muito, muito incômodo se ele estiver com raiva de mim.

Eu finalmente me afasto do painel de controle e fico de pé, fingindo me alongar.

– Acho que agora estamos bem. Vou ficar olhando se estamos sendo seguidos só por garantia, claro.

Vlad se vira na cadeira, e seu olhar me acompanha.

– E?

– E o quê? – Faço um sinal desajeitado de positivo e tento decifrar o que ele está perguntando. – Bom trabalho pra mim?

Ele amarra a cara e se levanta. Fica bem mais alto do que eu na cápsula apertada, mas não toca em mim. Está tão perto que eu sinto o calor corporal dele, mas consegue ficar longe.

– E… o que você quer me dizer?

Ele está com a mandíbula contraída e parece mal-humorado. Irritado, de alguma forma. Comigo? Confessar amor parece meio idiotice no momento, então sorrio e brinco.

– Não importa agora…

– Diz logo – rosna Vlad, com os dentes afiados. – Você odiou, né? Odiou o meu toque? Era isso que você ia dizer?

Meu queixo cai.

– O quê? Não!

– Fala a verdade. Eu causo nojo em você. Isso causa nojo em você. – Ele aponta para as presas.

– Vlad…

Ele balança a cabeça e levanta a mão.

– Deixa. Eu não quero ouvir, no fim das contas.

– … você é um idiota – concluo.

Isso chama a atenção dele. Vlad pisca para mim em surpresa.

– Eu ia te dizer que eu te amo e que eu sei que só se passou uma semana, mas que estou feliz com você. Obcecada por você. E estou feliz de estarmos juntos. E parece impróprio, mas era isso. – Faço um gesto fraco para ele. – Você pode me dizer que eu sou louca por estar apaixonada depois de uma semana, e eu entendo. Isso não é normal, né?

Ele só me olha, piscando, com aqueles cílios compridos emoldurando os belos olhos vermelhos.

– Anda. Diz que eu sou anormal. Eu sei. Está tudo bem.

Um leve sorriso curva sua boca.

– Achei que você fosse dizer que não queria que eu tocasse de novo em você.

– Na verdade, eu estou obcecada por você me tocar. Todos os dias, eu fico morrendo de ansiedade e torcendo pra você tocar em mim.

– O sentimento é mútuo.

– Ah, que ótimo. Achei que eu era a esquisita.

– De repente, você está obcecada por "esquisito" e "normal". Dana, qual é a parte normal disso tudo? – Ele aninha meu queixo e faz carinho no meu lábio inferior. – Eu acho que a gente devia abrir mão do normal. Na verdade, a essa altura, devemos escrever as nossas próprias regras.

– Quer saber? Essa me parece uma excelente ideia. – Passo as mãos na cintura dele. – Regra número um: Nós nos beijamos. Muito.

– Concordo. – Vlad se inclina e roça os lábios nos meus, a carícia doce e suave. Tem um leve toque de presa no meu lábio inferior, mas a sensação me enche de expectativa concentrada e ávida. – Eu também sei qual é a regra

número dois.

– Ah, é? – Eu levanto o rosto, torcendo para ele me beijar de novo.

– Eu digo que também te amo. Todas as vezes que nos beijamos.

Gostei.

EPÍLOGO

Vlad

Quatro meses depois

É estranho sair da cápsula apertada que é nosso lar há meses para as docas abertas de Cassa II. Está escuro agora, o céu cheio de estrelas e de nebulosas. Tem um anel em volta da lua que pode ser visto dali com clareza, e o luar é tão forte que Dana deve conseguir enxergar mesmo com os olhos humanos fracos. Uma brisa fria balança meu cabelo agora comprido, e eu puxo o capuz para o rosto, chocado com o cheiro no ar da noite. O cheiro é de… água. Água gelada.

E tudo é muito *aberto*.

Olho para Dana e me movo instintivamente para perto da minha companheira para protegê-la. Toda essa amplidão me deixa inquieto.

– Você está bem?

Ela só inclina a cabeça para trás e respira fundo, a ponta do nariz rosada de frio. O vaso caro está nos braços dela, enrolado em um cobertor.

– Nunca estive melhor. Você está bem?

Faço que sim com a cabeça.

– Que bom, então me acompanha.

Dana pega a minha mão e, com os dedos gelados entrelaçados, seguimos na direção de um homem grande que se aproxima segurando um datapad. Ele está de uniforme e tem uma lâmpada presa no capacete. Não é de nenhuma raça alienígena que eu já tenha visto, mas a expressão no rosto dele não é de antipatia. É com ele que estamos falando há uma semana, combinando os subornos para conseguirmos um lugar ali em Cassa II. Dana

cuidou de tudo de longe, e a expressão dela é de confiança quando se aproxima dele. Estou com a bolsa de créditos e itens de valor pendurada no ombro; caso as coisas deem errado, eles vão ter que lutar comigo para pegá-los.

– Dana e Vlad? – pergunta o homem.

– Somos nós – responde Dana. – Você é Vargis?

Ele assente, olha em volta e nos oferece um par de chips eletrônicos do tamanho das sardas de Dana.

– Estes são seus implantes. Eles vão ter suas identidades e seu pedido de terreno ao norte daqui, como combinamos. – O homem faz uma pausa. – É frio aqui, e ao norte fica bem mais escuro do que ensolarado.

– Nós gostamos do escuro – diz Dana com firmeza.

– Que bom – diz Vargis. – Insiram esses chips nas pontas dos indicadores e vamos fazer o check-in de vocês. Trouxeram os fundos?

Eu indico a bolsa no meu ombro. Dana ergue o vaso e deixa o cobertor se abrir.

Os olhos do homem cintilam de ganância, e algo me diz que não somos os primeiros nem seremos os últimos a fazer o mesmo tipo de acordo.

– Então vamos acomodar vocês.

Dana simplesmente me observa com olhos brilhantes.

– Bem-vindo ao lar, Vlad.

Lar. Penso por um instante, me inclino e passo meu nariz no nariz frio da minha companheira.

– Eu encontrei meu lar desde que encontrei você.

Ela murmura *Eu te amo*, e eu a beijo porque a regra é essa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço muito a Maria Gomez, por me incluir neste projeto e não fechar a cara quando falei em escrever sobre um vampiro espacial. Agradeço muito também a Lindsey Faber, pelas anotações fantásticas, e ao resto da equipe da Amazon Publishing. Isso tudo é muito empolgante.

Agradeço também a Holly Root, que é incrível e direta ao mesmo tempo, e à minha equipe diária de escrita (Lea, Ella e Kati), que nunca me diz que as minhas ideias são esquisitas (mesmo quando são sobre vampiros espaciais).

Um último agradecimento vai para as leitoras que continuam a devorar minhas historinhas estranhas e alegres. Eu amo vocês, e vocês fazem sonhos se tornarem realidade. Vocês não estão vendo, mas estou fazendo um coraçãozinho com as mãos.

KIMBERLY LEMMING

SÓ NAMORO MONSTROS



CAPÍTULO 1

Aquele que espera

Os moradores da região sabem que não devem ir tão longe nas montanhas; já os turistas não sabem. Fico feliz por isso, obviamente. Se o mundo ficasse sem tolos e aventureiros e sem aventureiros que são tolos, o breve intervalo entre décadas de fome se prolongaria por toda a eternidade.

Eu os observei pelos olhos de um corvo. Três homens e quatro mulheres. Eles pisaram no musgo frágil perto da saliência onde os cervos mais gostam de pastar. Uma das mulheres ficou atrás do resto do grupo, e, quando o pé dela escorregou no musgo revirado pelos amigos, o peso da mochila pesada quase a fez cair da saliência em direção às pedras implacáveis lá embaixo.

A mulher gritou e balançou os braços. Eu salivei, já imaginando o tutano suculento nos ossos dela. Com uma queda alta daquelas, a morte seria rápida, e eu poderia sugar o sangue do crânio quebrado como se fosse o vinho mais refinado. Mas, antes de rolar lá para baixo, ela jogou o peso na direção contrária e caiu para a frente em vez de para trás. Roubou de mim a iguaria que era o corpo dela.

Que pena.

O invasor mais alto, de casaco azul, revirou os olhos como se compartilhasse da minha consternação.

– Você está bem, Lucy?

– ÓTIMA! – gritou ela do chão.

Uma mulher pálida com o cabelo cor de trigo deu risadinhas e colocou a mão no ombro dele.

– Mark, acho que a sua namorada não nasceu pra esse tipo de trilha. –

Ela falou palavras que pareceram um sussurro, mas, pelo jeito como a mulher no chão cerrou os punhos, percebi que foi alto o bastante para todos ouvirem. – Que tal na próxima vez deixar ela em casa? Não tem nenhuma regra que nos obrigue a trazer os companheiros pra acampar nessas viagens.

– Fala mais alto, Stephanie. Talvez não tenham te ouvido lá na cidade – disse uma mulher de roupa camuflada rosa.

Do que ela estava tentando se camuflar era um mistério que ia muito além da minha compreensão. Mas eu nunca tinha saído da floresta. Quem sabe se o lugar de onde ela vem não é cheio de tons de peônias cor-de-rosa?

Stephanie lançou um olhar para ela, e as duas mulheres discutiram em sussurros que não me interessavam. O importante era que Lucy foi gentil o bastante para deixar algumas gotas de sangue na vegetação que roçou na sua coxa. Uma gota deslizou pelo caule da planta até cair no solo, onde finalmente pude sentir o gosto.

Complexo e encorpado. Pontadas agudas de ciúme combinadas com insegurança. Havia um doce tom de humilhação que cortava o paladar, resultado do constrangimento pela queda. Depois veio o amargo sabor da inveja. Foi sutil no início, quase beliscando a língua enquanto ela tentava negá-lo.

Minha benfeitora observava, do chão, Stephanie e seu suposto companheiro. Nenhum dos dois se deu ao trabalho de olhar na direção dela, e o resto do grupo estava absorto demais na discussão. Lucy fechou as mãos no musgo solto, e o gosto do sangue que escorria do corte na coxa se intensificou com a frustração, transformando-se em uma dor pulsante e latejante, inconfundivelmente brutal.

O gosto ficou inebriante, e eu quase me expus a açoitar a pele dela com

vinhas espinhosas para encher meu copo metafórico. Por baixo de tudo isso, havia um gosto de saudade leve e persistente, suave e constante. Era a coisa mais delicada e preciosa, algo que surgia apenas em momentos fugazes, para ser apreciada lentamente antes que se esvaísse.

– Aja – sussurrei com calma.

Se Lucy cedesse à sua natureza primitiva e atacasse a mulher que abraçava seu companheiro, ambos cairiam nas rochas lá embaixo, e eu poderia me banquetear com os depósitos de gordura das duas por dias. O ódio ardia nos olhos de Lucy, pretos como carvão, e por um instante pensei que ela pudesse me ouvir. Em vez disso, ela fechou os olhos com tanta força que lágrimas brotaram nos cantos.

– Vão se ferrar, os dois – praguejou ela.

Mark correu até Lucy. Ela abriu um sorrisinho e estendeu a mão. Em vez de segurá-la, ele sugeriu:

– Por que você não descansa aqui e nos encontra no topo quando estiver pronta?

– O quê? – disse Lucy.

Não pude evitar ecoar o sentimento dela. Deixar a pobre criatura suculenta sozinha no *meu* bosque? Ele estava praticamente suplicando para que eu a devorasse.

Mark coçou a nuca.

– Olha, falta só mais uma caminhada de meia hora até o topo, e nós queremos montar as barracas antes que escureça. É só seguir o caminho lá pra cima.

Lucy fez que não.

– Você vai me deixar aqui? E se aparecer, sei lá, um maldito puma? Você sabe que eu não estou acostumada com essas coisas de natureza.

Ele expirou com frustração.

– Não coloca a culpa em mim. Eu falei que a trilha era difícil e mesmo assim você quis vir.

Os lábios dele se curvaram para baixo.

– Não, eu queria que você não fosse acampar com a mulher que está nitidamente querendo dar pra você!

– Fala baixo. Eu já te falei que não tem nada a ver. Steph e eu somos só amigos de infância. Se você não sabe lidar com isso, vai ter que aprender a controlar seu ciúme.

Ela engoliu em seco, ergueu o queixo e o encarou com ousadia.

– Tudo bem. Vai. Eu vou descer sozinha. Está na cara que vocês nunca me quiseram aqui mesmo.

– Amor, eu não vou ter essa discussão de novo. Descansa e nos encontra lá em cima quando estiver mais calma. – Ele se virou e saiu andando. – E aproveita pra deixar essa grosseria aqui embaixo.

Lucy jogou uma pedrinha nas costas dele. Acertou a nádega esquerda. Ele olhou para trás com raiva e disparou:

– Quanta maturidade.

A pedra não o acertou de um jeito que me desse uma provinha, mas não lamentei a perda. A probabilidade de o sabor daquele homem ser tão potente quanto o da mulher que ele dispensou era pequena.

Quando os passos do companheiro dela sumiram ao longe, Lucy deixou a máscara cair e chorou copiosamente. Também senti esse gosto, mas não

entendi a amargura. A raiva dela era mais doce; o anseio era melhor.

Como trazer isso de volta?, me perguntei.

Depois de se levantar com dificuldade, ela saiu andando em direção ao poço onde meu corpo dormia, para descansar. O poço era quase tão antigo quanto as pedras em ruínas ao redor. Havia trepadeiras fechando a entrada, mas o musgo que cobria a tampa ofereceu um descanso macio para a mão quando ela se apoiou para verificar o corte na coxa.

Uma música soou no bolso dela. Lucy pegou o telefone e se encostou na minha casa com um suspiro murcho.

– Jess, você tinha razão. Eu não devia ter vindo.

– O que aquele babaca fez? – disse a voz feminina do outro lado.

– Ele me largou no meio da subida como se eu fosse descartável e foi montar as barracas com a Stephanie.

– Espera aí, como assim te largou? Amiga, onde você está?

Lucy grunhiu e encostou a cabeça no poço.

– Eu estou bem. Só descansando perto da trilha. Estou meio tentada a descer tudo de volta e nunca mais falar com ele. Ele não merece nem uma mensagem de término.

Houve um tilintar de pratos do outro lado do telefone.

– Porra, até que enfim! Sim, você tem meu apoio total. Leva essa bunda gostosa embora dessa montanha e esquece esse otário. Se for seguro, claro. Quer que eu ligue pra algum guarda? Tem isso por aí?

– Não tenho a menor ideia. Ai, meu Deus, estou me sentindo tão burra!

– Você não é burra. Só se envolveu com o homem errado. Acontece.

– Parece que acontece mais comigo do que com os outros. É tão difícil

assim encontrar o que você e o Jazz têm?

– Só tenta… Ei! *¡Te voy a dar pao-pao!* – O som de crianças brigando chegou até ela. – Olha, desculpa, mas posso te ligar daqui a pouco? As crianças pegaram o giz.

– Claro, vai cuidar das suas coisas. Eu te ligo quando estiver lá embaixo.

– Liga mesmo!

Clique.

Lucy se levantou e olhou para dentro do poço. Pegou uma moeda no bolso e a segurou na ponta do polegar.

– Estou cansada de namorar otários.

Lágrimas surgiram nos seus olhos e ela soltou o ar, trêmula, antes de continuar:

– Eu quero ser amada incondicionalmente. O tipo de amor brega e feliz que a gente vê nos filmes, em que todo mundo tem a obrigação contratual de ter uma confeitaria ou um golden retriever. E os homens nunca têm uma melhor amiga que quer dar pra eles de forma tão óbvia!

Os ombros dela tremeram.

– Eu não quero mais ficar sozinha.

Com um movimento do polegar, a moeda caiu no meu poço.

Eu a vi cair, e uma onda de algo há muito esquecido percorreu minha floresta, sacudindo a poeira de séculos. A oferenda dela, por mais que parecesse pequena e despretensiosa, foi como um primeiro sopro de ar depois de um sono longo e sem sonhos. Voltaram lembranças de uma época em que eu fazia mais do que me banquetear dessas criaturas que não se curvavam mais.

Eu já tinha sido adorado.

Eu já havia tido um nome.

Qual era?

Lucy se virou para ir embora. Se eu tivesse boca, teria suplicado para ela não ir. Uma vontade antiga e possessiva sacudiu as folhas aos pés dela, e eu me perguntei o que poderia fazer para trazê-la de volta para mim; me contar seus desejos de novo e me dizer o nome que eu já tinha esquecido.

Ela queria ser amada. Eu podia fazer isso. Podia conceder o desejo dela em troca da doce oferenda do sangue e da moeda. Tudo pela minha mais nova acólita.

Não.

Tudo pela minha Sacerdotisa.

CAPÍTULO 2

Lucy

– De onde veio tanta neblina?

Eu mal conseguia enxergar à frente. A natureza estava conspirando contra mim. Assim que me recompus da crise de choro e decidi descer a montanha, a neblina tomou conta de tudo como se alguém tivesse ligado uma máquina de fumaça.

– Será que eu devia engolir o choro e ir até o topo, onde está todo mundo?

O orgulho e os instintos de sobrevivência lutavam para ver qual me dominaria. Eu já tinha feito meu discurso de mulher orgulhosa e independente, e a ideia de voltar atrás agora que havia um pouco de neblina não me parecia certa. Nem a ideia de estar sozinha em uma floresta sinistra, mas era isso que acontecia quando se baixava o sarrafo na hora de escolher um homem. Lá estava eu, sozinha na encosta de uma montanha por causa de uma idiotice.

Levamos cerca de três horas para subir até ali, mas a maior parte da culpa foi minha, por precisar de tantas pausas. Minha bunda balançava demais para aquela inclinação toda. A descida provavelmente não demoraria tanto. De qualquer forma, o sol logo ia se pôr, e eu precisava tomar uma decisão. Por mais que odiasse a ideia de voltar para Mark com o rabo entre as pernas, ainda devia ser a opção mais segura. Decidida, segui pela trilha.

Um corvo passou voando perto da minha cabeça e pousou no caminho à minha frente. A criatura se virou para me encarar de forma ameaçadora.

Eu não era muito supersticiosa, mas um corvo parado no meio da trilha

me encarando não parecia o *melhor* presságio.

– Posso te ajudar?

Cá.

– Eu não… Eu não sei o que fazer com essa informação.

Algo rosnou na trilha atrás do pássaro.

– Quer saber? Pra baixo também é bom. Valeu pela dica, passarinho. – Dei meia-volta e corri na direção oposta. – Pra baixo é ótimo, na verdade. Sinceramente, é minha primeira escolha.

Desci correndo pela trilha, me afastando do pássaro assustador, sem me dar ao trabalho de olhar para trás até chegar ao final estreito da trilha, que exigia que você se encostasse na parede da montanha. Estalei a língua, tendo esquecido como essa parte tinha me deixado assustada na subida. Ajeitei a mochila mais para cima, apertei as alças e deslizei os pés pela trilha.

– Não podiam ter colocado uma estrada de verdade ou algo assim aqui? Eles conseguem construir um túnel pra uma rodovia atravessando a montanha, mas não conseguem fazer uma trilha que não me obrigue a dar passos laterais como um siri pra atravessar um maldito…

Meu pé escorregou, e eu gritei e tentei abraçar a parede.

– Ah, porra, não. Eu vou voltar.

Mudei de direção e comecei a dar passos laterais para a direita. Uma pedrinha caiu na minha cabeça.

Olhei para cima e vi mais pedras rolando direto na minha direção. Uma pedra grande caiu perto do meu pé e levou um pedaço da trilha junto.

– Ah, merda!

Dei um salto para a esquerda e me esgueirei como se a minha vida

dependesse daquilo. Pedrinhas se transformaram em rochas num instante. Quando a trilha se alargou o suficiente, eu corri, tentando escapar. O chão tremeu como um terremoto enquanto a poeira levantava ao meu redor. Algo atingiu a parte de trás da minha perna, e eu caí com força. Gritei, cobri a cabeça com a mochila e me encolhi o máximo que pude junto da montanha para me proteger.

Depois de alguns minutos, a poeira baixou, e percebi, com certa surpresa, que ainda estava viva. Meu tornozelo doía pra caramba.

– É isso que eu ganho por achar que toda essa minha beleza negra podia acampar na natureza. Esse ar fresco é um ataque. Eu podia estar em casa com uma margarita, vendo *Casamento às cegas*. Chega. Eu juro nunca mais me envolver com homens. Namorar é o mal do mundo, e vou encontrar um convento e virar freira.

– Tudo bem por aí, irmã?

Uma voz deu uma risadinha. De repente, em meio à neblina, surgiu um dos homens mais lindos que eu já tinha visto na vida. O cabelo louro era comprido e ondulado, como aquele modelo Fabio Lanzoni, com olhos mais azuis que o céu e ombros largos o suficiente para acomodar uma terceira coisa que eu estava tão boquiaberta que não consegui entender. Com a camisa de flanela vermelha desabotoada, eu tinha uma visão completa do abdômen esculpido por baixo. Se o desconhecido não parecesse ter pouco mais de 30 anos, eu quase pensaria que *era* o Fabio.

O Fabio de camisa de flanela se ajoelhou ao meu lado e examinou meu tornozelo.

– Parece uma torção feia, moça. Você se machucou em outra parte do corpo?

– Eu… – Devo ter batido a cabeça, porque as palavras sumiram. – Eu…

O homem franziu a testa enquanto me examinava.

– Hum, não estou vendo nenhum outro ferimento, mas você pode estar em choque. Você devia ir à clínica pra ser examinada. Não é muito longe daqui. Eu posso te levar. – Ele fez menção de me pegar no colo.

Coloquei a mão no peito dele.

– Ah, não, eu sou pesada e tenho certeza de que consigo andar sozinha.

Tentei me levantar, mas uma dor aguda percorreu meu tornozelo, me fazendo estremecer.

– Bom, é agora que eu preciso insistir. – Esse foi o único aviso que recebi antes de ser erguida por braços fortes. Ele me acomodou junto ao peito e disse: – Viu? Uma coisinha delicada como você não dá trabalho. Meu nome é Noah. Qual é o seu?

Eu era muitas coisas, mas delicada não era uma delas. Mesmo assim, Noah, o Fabio de camisa de flanela, nem grunhiu ao me levantar. Porra. SUSPIROS. Eu disse que tinha jurado nunca mais me envolver com homens? Eu estava falando de aplicativos de namoro. É, isso mesmo.

– Meu nome é Lucy.

– Prazer em te conhecer, Lucy. Você já andou de cavalo?

– De… cavalo? – perguntei.

Noah deu uma risadinha.

– Vou considerar isso como um não. Não se preocupe, Clide é um cavalheiro.

Um cavalo branco surgiu em meio à neblina e trotou até nós.

Hesitante, deixei Noah me ajudar a montar no animal e relaxei na sela.

Noah pegou as rédeas e guiou o cavalo para uma trilha menor na floresta.

– Então… você e esse cavalo de aparência principesca ficam patrulhando a encosta da montanha em busca de donzelas em perigo ou eu sou a primeira sortuda?

– Olha, todos os dias nós saímos com essa esperança, mas sempre voltamos de mãos vazias. Eu estava começando a achar que donzelas bonitas eram um mito. Acontece que eu devia ter ficado patrulhando deslizamentos de pedra. Mas, falando sério, você tem sorte de eu ter te encontrado. Meu rebanho está pastando do outro lado da cidade nas últimas semanas. Se não fosse hora de movê-los, nem sei quanto tempo você teria ficado aqui sozinha.

– Seu rebanho? – perguntei. Ele acenou com a cabeça para o que pareciam nuvens se movendo na neblina. Noah assobiou, e um grupo de alpacas se aproximou para receber um carinho na cabeça. – Não há muito pasto nessas montanhas, então preciso manter o rebanho em movimento.

Conversamos trivialidades até chegarmos a uma adorável cidadezinha chamada Duskpetal. Havia fachadas de tijolos vermelhos ao longo da rua principal, com placas pintadas à mão e floreiras enfeitando cada vitrine. Abóboras esculpidas adornavam cada peitoril de janela, enquanto espantalhos com chapéus de bruxa as protegiam de quaisquer pássaros que passassem dispostos a dar uma bicada. Aromas deliciosos de canela e noz-moscada emanavam da pequena padaria na esquina, e fiz uma anotação mental para dar uma passada na cafeteria ao lado, que anunciava o famoso latte de abóbora com especiarias do Ansel.

Outro homem absurdamente atraente de camisa de flanela saiu da livraria do outro lado da rua; ele deu um tapinha amigável na cabeça do

cachorro da loja antes de se aproximar de Noah e de mim. Era alto, magro e sem barba, com um rosto incrivelmente atraente.

– Noah, seu safado. Como você encontrou uma garota tão bonita assim nas montanhas?

E ele tinha bom gosto. Duskpetal estava começando a parecer o meu tipo de cidade.

Noah abriu um sorriso e colocou a mão no meu joelho num gesto possessivo.

– Ansel, essa é Lucy; Lucy, Ansel é o melhor confeiteiro de Duskpetal.

– Não deixe Beau ouvir você dizer isso. – Ansel riu baixinho. Depois, levou a mão à boca e sussurrou para mim, em tom conspiratório: – Mas é verdade. Eu sou mesmo.

Inclinei a cabeça com bom humor.

– Prazer em conhecê-lo.

Noah apertou meu joelho de leve e disse:

– Ela estava no meio do deslizamento de pedras na Trilha do Ninho da Águia. Clide e eu vamos levá-la até a clínica pra ver o que aconteceu com o tornozelo dela.

Ansel ergueu as sobrancelhas para ele.

– É mesmo? Olha só, Lucy, não deixe ele te fazer sentir culpa e acabar indo ao Festival da Colheita com ele só porque ele te ajudou. Você é nova na cidade, o que praticamente te torna uma celebridade. Uma mulher do seu nível devia chegar acompanhada de alguém mais do seu nível.

– Tipo o melhor confeiteiro da cidade? – perguntei com ironia.

Ele colocou a mão no peito, como se estivesse em choque.

– Nossa, isso foi tão aleatório! Mas, se você insiste…

– Tudo bem, tudo bem. Se manda. – Noah segurou o homem pela gola da camisa e o tirou da frente do cavalo. – Ela tem coisas mais importantes na cabeça do que sair com você por pena.

Ansel só revirou os olhos e acenou para nós enquanto o cavalo retomava o passo.

– Me avisa se mudar de ideia. Ou se um dia decidir começar a aprender confeitaria. Eu sempre preciso de gente pra trabalhar na loja.

Noah coçou a nuca, nervoso.

– Desculpa por ele. Achei que eu pelo menos ia conseguir te levar até a clínica antes que os solteiros da cidade percebessem o cheiro de sangue na água.

– Tudo bem, eu não me importo.

Dei uma risada. O eufemismo do ano. Depois do dia que eu tive, se um monte de homens bonitos quisesse me bajular, eu topava.

Meu celular vibrou, e eu o peguei. Vi uma notificação do grupo que eu tinha com as minhas amigas.

> **SCARLETT:** Jess disse que aquele pateta te deixou na encosta de uma montanha. Você está bem? E o mais importante: estamos livres dele?
>
> **KIRA:** POR FAVOR, me diz que finalmente podemos falar mal dele.

Abafei o riso e respondi:

> **LUCY:** Sim, estamos livres. Sim, podem falar mal dele, vai me fazer me sentir melhor.

SCARLETT: CHEGOU A MINHA HORA! Nossa, por onde começar? Aquela testa de meio metro? A obsessão por trap? As possibilidades são infinitas.

KIRA: Não rouba a minha cena! Me dá um minutinho, porque eu preparei uns slides pra isso.

LUCY: Teve um deslizamento de pedras e eu estava no meio, mas está tudo bem. Só torci o tornozelo. Um dos moradores da região apareceu como um príncipe encantado, com direito a cavalo branco e tudo.

KIRA: Eita. Amiga, onde você está?

LUCY: Numa cidadezinha chamada Duskpetal. Estou aqui há cinco minutos e já fui salva por um sujeito que mais parece um herói de romance, fui convidada pra um encontro e acho que me ofereceram um emprego numa confeitaria. Ou eu me deparei com uma cidade de conto de fadas ou estou prestes a ser sequestrada por uma seita. Vou esperar até experimentar a confeitaria pra descobrir se faz diferença.

KIRA: O líder da seita é bonito?

Antes que eu pudesse responder, o cavalo parou em frente ao nosso destino, e Noah estendeu a mão. Eu a peguei e ajeitei a perna boa para me sentar de lado e deslizar para o chão, mas Noah me pegou no colo outra vez e me carregou para a clínica.

Lá dentro havia mais daquele charme clássico de cidade pequena. Vasos de plantas decoravam o parapeito da janela, enquanto algumas abóboras pintadas ocupavam a mesa da enfermeira. O cheiro de antisséptico se

misturava com o leve aroma de torta de maçã. Um golden retriever estava deitado no tapete ao lado da recepção. A enfermeira ergueu as sobrancelhas daquele jeito que os idosos fazem quando descobrem uma fofoca boa antes do resto do clube de bingo. Mal tentando esconder o sorriso irônico, ela acenou com a cabeça em direção à sala dos fundos.

– O Dr. Crane está lá dentro – disse ela, num tom quase de advertência.

Noah fez careta e acenou em agradecimento. Em vez de me colocar no chão para que eu pudesse assinar o livro de registro, ele entrou na sala dos fundos e me colocou delicadamente em uma maca, então se afastando.

– Preciso voltar para os meus animais antes que eles destruam as abóboras de Halloween – murmurou ele, com um sorriso que pedia desculpas. – Quando você terminar aqui, Evangeline pode reservar um quarto pra você descansar na pousada. Vou levar algo pra você comer assim que terminar meu trabalho.

– Ah, não precisa fazer isso.

– Eu sei. – Ele colocou um travesseiro debaixo da minha panturrilha para elevar o tornozelo. – Agora faz o que o médico mandar e me deixa cuidar de você.

Eu só conseguia olhar, sem palavras, quando ele saiu.

– O que nós somos?

Então o Dr. Crane entrou. Ele parecia tão acessível quanto uma parede de tijolos, mas duas vezes mais robusto e estranhamente… familiar. Seus olhos escuros encontraram os meus por uma fração de segundo antes de ele lançar um olhar para o meu tornozelo. Ele arregaçou as mangas com uma irritação eficiente.

– Você teve um encontro desagradável com o deslizamento de pedras,

né? – murmurou ele.

Mãos quentes e calejadas deslizaram pelo meu tornozelo com uma delicadeza surpreendente. Com o corpo tão perto do meu, o perfume masculino causou estragos no meu coração. Não era de admirar que o cenário de encontros andasse tão péssimo. Todos os homens bonitos estavam se escondendo nas montanhas.

Desviei o olhar e pigarreei.

– Como sabe que foi o deslizamento?

A constatação me fez parar, e lancei um olhar desconfiado para o médico.

A mandíbula de Crane se contraiu um pouco, mas ele descartou minhas suspeitas com um aceno de cabeça e respondeu:

– Não há segredos nesta cidade. Não ajuda o fato de Noah ter te encontrado primeiro. A única coisa que aquele homem ama mais do que o cavalo é ser o primeiro a espalhar notícias. A Sra. Evangeline, lá da frente, já deve ter contado pra metade da população sobre uma jovem que chegou aqui carregada pelo nosso fofoqueiro residente.

Ele pegou uma atadura elástica em uma gaveta e começou a enfaixar meu tornozelo.

– Então há alguma verdade naquele ditado sobre a falta de privacidade em cidades pequenas? Eu sempre achei que fosse exagero.

– É tão real quanto um deslizamento, moça – disse ele.

Eu não conseguia parar de observar o rosto dele; havia algo muito familiar ali. Sim, ele era bonito, mas era mais do que isso. Uma barba bem aparada emoldurava os lábios, e os cílios longos projetavam sombras sobre

um olhar ardente. Levantei a mão para não ver o topo da cabeça dele. Se eu o imaginasse com um chapéu de caubói preto…

O Dr. Crane encarou meu olhar fixo com as sobrancelhas arqueadas.

– Se você está tentando bagunçar meu cabelo, infelizmente não sobrou muito – disse ele, se referindo ao corte curto e impecável.

– Alguém já disse que você se parece com o modelo da capa de *Night Hawk*, de Beverly Jenkins?

Ele piscou uma vez, depois duas, como se estivesse processando minhas palavras, e soltou uma risadinha forçada.

– Vou considerar isso um elogio – disse ele, e terminou rapidamente de fazer o curativo. – Deixa enfaixado pra não ficar mancando. Quando chegar ao local onde vai passar a noite, coloque gelo por uns vinte minutos. Vai ajudar com o inchaço. Você pode ficar aqui e colocar gelo se quiser, mas, sendo egoísta, não quero metade da cidade rondando minha sala de espera pra tentar obter informações sobre a recém-chegada. É melhor você ir.

– Ah, eu não vou ficar. Vou chamar um Uber pra me levar de volta pra cidade. Não que a sua não seja adorável, mas acho que já chega de natureza por agora.

– Você não pode! – bradou ele. O Dr. Crane pareceu mais surpreso do que eu com o próprio acesso de raiva. Ele parou na porta e massageou a nuca antes de voltar a olhar para mim. – Você acha que aquela trilha em que estava foi a única coisa afetada pelo deslizamento? A estrada principal está coberta de entulho. Vai levar pelo menos alguns dias pra ser liberada. Há uma pousada a um quarteirão daqui. Fale com a Sra. Evangeline na recepção; ela vai te dar uma cadeira de rodas ou um par de muletas. Você escolhe.

Com isso, ele saiu e fechou a porta.

– Bom, acho que ele não gosta de elogios.

Juntei minhas coisas e coloquei a mochila pesada no ombro, evitando cuidadosamente colocar muito peso no tornozelo machucado. Quando voltei à recepção, a Sra. Evangeline não estava. Chamei por ela e esperei alguns minutos, mas ela não voltou.

– Será que é o intervalo dela?

Peguei um cartão no balcão e anotei minhas informações para que ela pudesse entrar em contato comigo e enviar a conta depois. Infelizmente para mim, não havia cadeira de rodas nem muletas na sala de espera, e eu não ia procurar no consultório por conta própria, o que significava que eu teria que me virar e mancar até a pousada.

Com a mochila nas costas e o tornozelo latejando, saí da clínica; uma sineta tocou baixinho quando a porta se fechou. Saí para a rua principal da cidade e fui recebida… por nada. Calçadas vazias se estendiam em ambas as direções. O charme e a agitação que estavam ali quando cheguei tinham desaparecido por completo.

Parei e me encostei no batente da porta da clínica enquanto arrepios percorriam minha pele. Talvez fosse mais uma peculiaridade típica de cidade pequena, ou talvez eu só estivesse paranoica demais. Mesmo assim, era estranho. Na cidade grande, nunca vemos as ruas tão desertas. Peguei o celular e mandei uma atualização rápida para o grupo.

LUCY: Todo mundo sumiu. Será que cidades pequenas fazem pausas conjuntas para um chá ou algo assim?

JESS: Você disse que o nome da cidade é Duskpetal, certo? Não consigo encontrar on-line.

LUCY: Acho que era. Pra falar a verdade, eu não estava prestando atenção em nada além do cabelo do Noah soprado pelo vento.

KIRA: Como é a decoração? Alguma efígie de corujas gigantes ou homens com chapéus exageradamente elaborados?

Olhei em volta à procura de enfeites de jardim questionáveis ou poncheiras com conteúdo suspeito.

LUCY: Não vi nada, mas talvez tenham proibido decorações que não tenham nada a ver com abóboras ou espantalhos.

JESS: Meu Deus. É MESMO uma seita!

Um arrepio percorreu minha espinha, e olhei em volta, quase esperando que um cara de túnica aparecesse do nada.

SCARLETT: Não assusta ela! Mas, Lucy, querida, você vai ficar bem. Você não consegue uma carona de volta pra civilização?

Lancei um olhar por cima do ombro para a janela da clínica, torcendo para que talvez a Sra. Evangeline ou o Dr. Crane tivessem reaparecido, só para me assegurar de que ainda existiam outras pessoas neste mundo. Mas a clínica continuava vazia. Respirando fundo, passei a informação sobre o deslizamento no chat e segui pela rua, tentando não pensar no som dos meus passos ecoando no silêncio.

O aroma de biscoitos recém-assados pairava no ar, e percebi mais uma confeitaria na esquina. Incrível pensar que aquela cidade consumia doces suficientes para sustentar duas confeitarias. Ao lado, uma placa da Pousada

Honeybee balançava suavemente na brisa. Respirei aliviada por finalmente ter um abrigo onde pudesse me refugiar. Assim que entrasse, eu poderia me acomodar em um quarto e me esconder até o amanhecer. Apesar de as ruas estarem completamente vazias, eu não conseguia me livrar da sensação de que algo me observava.

CAPÍTULO 3

Aquele que espera

As mulheres modernas eram muito mais difíceis de seduzir.

Nos fragmentos de eras que compunham minhas memórias, eu me lembrava de homens presenteando as amadas com pequenos objetos para usar ou derrotando uma criatura terrível da floresta. Eu nem teria chance de presentear minha Sacerdotisa com uma fera ou uma bugiganga se ela não conseguisse manter a mente curiosa sob controle.

Joguei o exemplar de *Night Hawk* de volta no poço e folheei os vários livros que tinha colecionado ao longo dos anos, vindos das refeições passadas. A maioria era composta por revistas de caça, cheias de armas que roubavam a emoção de uma verdadeira caçada e homens segurando animais e peixes mortos. Nenhum deles parecia ser o tipo de amante que minha Sacerdotisa desejaria. O que restava era a pequena coleção de romances deixada por uma entusiasta ocasional de caminhadas ou por uma esposa relutantemente complacente.

Ela havia gostado da imagem do homem de cabelo comprido e peito largo que eu tinha usado para ir falar com ela. O rosto aparecia em muitos dos romances da minha coleção, então devia ser um rosto bonito, pelo menos. Originalmente, eu planejava mudar a cor do cabelo dele para reutilizá-lo em outros moradores da cidade, mas agora sei que ela seria esperta demais para não notar.

A inesperada agradabilidade do toque dela também seria um problema. Eu tinha usado meu avatar apenas para tocar nela, mas o calor dos vivos era escaldante para alguém que esteve sozinho por tanto tempo. Eu precisaria ter cuidado para não me aproximar dela como eu mesmo. Embora eu

pudesse assumir a forma de um homem tão bem quanto de qualquer outra criatura da minha floresta, era mais difícil esconder o que eu era de perto. Até mesmo os humanos reconheciam um eterno quando olhava nos olhos deles. As raízes das cicutas podiam ser torcidas em novas faces com apenas uma palavra, mas, esgotado pela força necessária para formar a cidade, eu estava com dificuldade para obter o foco necessário para manter a aparência de mais de algumas dezenas de moradores por vez.

Eu mal tinha percebido o calor dela quando a carreguei para a cidade. Estava preocupado em organizar tudo. Mas ela me surpreendeu com suas perguntas.

Olhei fixamente para o livro nas minhas mãos. O pirata musculoso na capa continuava a contemplar o pôr do sol. Arranquei a capa, joguei o livro no poço e peguei uma revista. Esta oferecia uma variedade maior de veículos do que os vários peixeiros das revistas de caça. Homens pequenos e bem-vestidos, usando calças jeans apertadas demais para permitir a circulação sanguínea adequada, se abraçavam, enquanto uma mulher sussurrava algo sobre uma fragrância no ouvido deles.

– Ela não conseguiria reconhecer esses homens, certo?

– O que é isso? – Ouvi uma risadinha zombeteira. – A raiz esquecida apodreceu tanto que ignora intrusos em sua montanha em favor de uma coluna de fofocas?

– Vai embora – falei, atacando na direção da voz dele com um cipó retorcido.

Shriek desviou rapidamente do golpe, as garras afiadas do gambá encontrando apoio em um galho que pairava sobre meu poço.

– Criatura sensível – resmungou ele. – Eu percorro vales e rios sinuosos

pra visitar meu amigo e é essa a gratidão que recebo?

– Visitar – zombei.

O domínio de Shriek eram os vales enevoados a leste. Rara era a alma que se aventurava até lá. Eu tinha cometido o erro de deixá-lo entrar no meu território para se alimentar uma vez, quando havia uma abundância de campistas, e o maldito nunca mais parou de me importunar, pedindo migalhas desde então. É nisso que dá ser gentil.

– Não há restos pra você aqui. Vai pra casa.

– Estou vendo que os ventos de inverno trouxeram mentiras. Seis humanos acampam no seu cume neste exato momento. Outro ainda vagueia por um vilarejo vazio que não estava lá da última vez que eu vim aqui.

Minhas mãos pararam de mexer na revista. Shriek devia ter passado pela cidade e avistado minha Sacerdotisa. A raiva escureceu o solo sob meus pés. Eu não queria aquele idiota risonho perto dela.

– Pegue um do cume. Tem um homem de azul que seria ótimo pra você.

O gambá inclinou a cabeça para o lado.

– Nossa. Você cedeu a esse pedido tão… *rápido*.

– Se isso significar que me vou me livrar de você… Some daqui – falei, balançando a mão para ele.

– Poderia significar. – Ele ponderou, batendo a ponta do rabo no galho. – Mas a curiosidade é uma fome única, e você não me ofereceu nada que a sacie.

– Será que os séculos me reduziram a seu bobo da corte? Some daqui.

Ele girou a cabeça para trás, na direção da cidade, e depois voltou para mim.

– A donzela da cidade de Duskpetal é sua? Aqueles campistas te concederam um sacrifício depois de todo esse tempo?

O orgulho engordou as bolotas do carvalho ali perto. Apesar de ser tão velho quanto eu, Shriek nunca ostentara o título de deus. Até mesmo os humanos de antigamente só o viam como um trapaceiro malévolo. Esse era um fato que eu sabia que o consumia por dentro. Por mais enfraquecido que eu estivesse, meus seguidores remanescentes ainda me concediam mais poder do que ele poderia sonhar. Retirei a oferenda de Lucy do pingente no meu pescoço e mostrei para Shriek.

– Sim, ela é minha.

Shriek cravou as garras na pedra do poço. Os olhos pequenos se arregalaram incrivelmente quando ele contemplou meu objeto.

– O que é *isso*?

Abri um sorrisinho, os músculos do meu rosto doendo pelo pouco uso.

– O quê? Você passou tanto tempo me pedindo migalhas que nem lembra mais como é uma oferenda?

A indignação fez com que a pelagem do gambá caísse até que ele não passasse de um esqueleto. Com um estalar de dentes, Shriek recuperou a compostura e retomou a forma de um roedor de pelagem brilhante.

– Seu arrogante. O que você prometeu a ela? Um verme decadente como você não tem mais poder do que eu. Me fala o que ela quer e eu mostrarei a ela que a oferenda foi mal direcionada.

Folheei as páginas da revista, escolhendo uma variedade de rostos para confundir e encantar minha Lucy.

– Primeiro você implora por sobras e agora exige roubar minha

Sacerdotisa. Você me conhece, meu velho amigo. Até minha generosidade tem limites.

A raiva assolou o corpinho do gambá até eu achar que ele fosse definhar de novo. Mas uma calma se apoderou de suas feições, seguida por um sorriso presunçoso que me fez hesitar.

– Você ainda não realizou o desejo dela. É por isso que a alma dela ainda não está presa à montanha.

– Eu vou realizar.

Shriek enrolou a cauda no galho e deslizou para ficar de cabeça para baixo.

– É mesmo? Você só tem três dias para realizar um desejo.

– E você acha que eu não sei? Volte para os seus vales. Não tem comida nenhuma pra você aqui.

– Ah, não sei. Parece que você está colhendo uma bela safra de outono. Seria uma pena terrível se alguém colhesse os frutos antes que você pudesse enfiar os dentes nele. – Shriek saiu do poço e recuou para os arbustos. Antes de saltar para longe, lançou um último olhar em direção à minha cidade e sorriu. – Cuidado, Esquecido. Parece que sua Sacerdotisa tem pés errantes.

Esperei que o roedor desaparecesse entre as árvores para enviar um corvo à procura da minha Lucy. Ela foi encontrada perto da estalagem onde a deixei, vagando sem rumo para longe da cidade.

– Olá? – chamou ela, mancando pelas ruas vazias, usando um longo pedaço de pau como bengala.

Na minha empolgação, eu não tinha considerado a facilidade com que ela ainda conseguia caminhar com apenas um tornozelo torcido. Um deus

mais inteligente teria quebrado as pernas dela. Se Shriek conseguisse guiá-la para o território dele, seria quase impossível recuperá-la. E isso se ele não decidisse comê-la imediatamente. Uma acólita era uma dádiva para qualquer deus e uma ameaça direta aos concorrentes ao redor. Eu não duvidava que o ingrato invejoso a matasse só para me negar o que é meu. Enquanto Lucy estivesse na minha montanha, Shriek não poderia tocar nela, a menos que ela ou eu o convidássemos para fazer isso. Mas, se ele a atraísse para longe…

Bati com as mãos na terra e usei a rede de raízes para fazer os moradores da cidade voltarem a seus lugares. Não havia tempo a perder. O primeiro dia estava quase no fim, e eu tinha uma Sacerdotisa para seduzir.

CAPÍTULO 4

Lucy

– Olá? – chamei.

Não houve resposta. Eu tinha procurado em todo o térreo da pousada e até na padaria ao lado e, depois, na loja de antiguidades. Parei para apoiar a bolsa no chão da pousada e fui mancando até a esquina para olhar a loja do outro lado.

O sino da porta tocou quando entrei.

– Uma loja de doces?

Uma olhada rápida provou que estava tão vazia quanto as outras. Fileiras de lindos doces de chocolate estavam expostos em mais daquele encanto impossivelmente seguro de cidade pequena. Eu nunca tinha sentido tanta vontade de furtar alguma coisa, mas resisti e fechei a porta ao sair.

– Como essa cidade-fantasma tem gente suficiente pra bancar duas confeitarias e uma loja de doces? Eu andei por toda a cidade e não vi um único mercado. Onde essas pessoas compram comida? E onde fica o dentista? Ele deve estar ficando rico.

Fui mancando pela rua, encostei a bengala no peito, levei as mãos à boca e gritei:

– OLÁ!

Nenhuma resposta.

Lindas flores brancas cresciam ao longo da parede da loja de doces e, sem nada melhor para fazer, caminhei até lá para observá-las mais de perto. A abelhinha mais gordinha do mundo estava tentando trabalhar em flores pequenas demais para pousar com conforto. A situação fofa me fez rir, e

tirei uma foto com o celular. A abelha terminou o trabalho e voou para longe. Estendi a mão para colher a flor como lembrança.

– Eu não faria isso! – gritou uma voz masculina.

Virei-me para ver a origem da voz, mas só descobri que vinha da mata.

– Tem alguém aí? – perguntei.

– Aqui! – gritou a voz. Um homem alto e pálido vestido com roupa de pescador saiu de trás das árvores e acenou para mim. – Então você é o motivo do despertar de velhas discórdias?

– Eu sou o quê? Olha, eu estava fazendo uma trilha, mas fiquei presa em um deslizamento de pedras. Estava procurando um lugar para ficar na pousada, mas não encontrei uma alma viva lá.

O homem riu, o cabelo castanho desgrenhado caindo sobre os olhos.

– Então sugiro que você agradeça à sorte e fuja daqui. Aquele desgraçado não vai demorar.

– Hã? Como assim?

Ele balançou a cabeça.

– Estas montanhas são o lar de mais do que veados. Ninguém nunca te disse pra ter cuidado com o que deseja? Uma criatura ingênua como você com certeza vai ser devorada em pouco tempo.

– Tem canibais por aqui?

Ele se aproximou, mas pareceu tropeçar pouco antes de chegar à calçada. Ele se endireitou, deu uma risadinha e me chamou para perto.

– Não se preocupe, você vai ficar bem. Ainda tem luz do dia suficiente pra você sair daqui antes do anoitecer. Pegue minha mão, eu te guio.

Uma inquietação se instalou no ar ao meu redor. Levei a mão ao peito,

sem saber se deveria pegar a dele.

– Olha, acho que vou esperar na estalagem pra ir embora sozinha amanhã de manhã.

A alegria sumiu das feições dele, e os olhos, antes joviais e amigáveis, se tornaram secos e odiosos.

– Não seja burra. O que quer que você tenha desejado, aquela coisa podre não vai conceder sem cobrar um preço. A menos que você esteja morrendo de vontade de saber a profundidade do corte dos espinhos dele. – Ele ofereceu a mão mais uma vez.

– Desejado? Eu não sei do que você está…

– LUCY – gritou o Dr. Crane.

Virei-me bruscamente, quase tendo um ataque de susto. O doutor caminhou na minha direção a passos largos e poderosos. Ele me pegou pelo braço e me puxou para perto.

– O que está fazendo andando por aí desse jeito? Você devia estar descansando esse tornozelo. Eu disse pra você ir descansar na pousada.

Irritada com a forma como ele tocou em mim, empurrei-o para longe.

– Não tem ninguém na maldita pousada! Esse esquisito é a primeira pessoa que eu vejo em… – Virei-me para o pescador, mas não havia ninguém lá. Olhei para as árvores, mas não havia sinal dele. – Mas como…

O Dr. Crane soltou um suspiro exasperado. Ele me pegou no colo e me aconchegou no peito.

– OPA! QUE PORRA É ESSA?

Será que todos os homens daquela cidade tinham como missão secreta me conquistar?

Ele fez uma careta por causa da minha explosão, mas só me ajeitou para mais perto e começou a voltar para a pousada. Ele empurrou a porta com o pé, se virou de lado para que eu não batesse a cabeça e entramos.

– Passei aqui só pra deixar as muletas. Caroline deve estar tirando um cochilo lá atrás. A mulher é mais velha do que o mundo. Era de se esperar.

Como se tivesse sido invocada, uma senhora idosa e frágil entrou arrastando os pés na sala, seguida de perto pelo golden retriever com a aparência mais geriátrica que eu já tinha visto.

– Quem você está chamando de mais velha do que o mundo? – Ela se sentou atrás do balcão e lançou um olhar fulminante para o médico, depois soltou um suspiro e disse: – Ah, quem eu quero enganar? Sou eu. Eu estou velha, minhas costas doem e eu devia estar bebendo uísque no bar com a Evangeline, mas aqui estou eu! – Ela abriu os braços e bateu no balcão com o punho. – Ainda administro a mesma pousada, ainda que adorável, desde que tinha a sua idade, e sabe por quê?

As sobrancelhas dele se franziram em uma expressão de agonia.

– Caroline, por favor…

– Porque todos vocês, jovens, querem se mudar pra cidade grande! Não conseguem ganhar o suficiente pra comprar nem um buraco de um cômodo infestado de ratos e o ar é mais poluído que o Cadillac de um fumante inveterado, mas, ei, pelo menos vocês têm entrega de pizza!

– Carol, eu tenho pacientes…

– E eu tenho hipertensão! E a única coisa que pode curar esta velha é um copo de uísque com Evangeline – resmungou ela.

– Isso é… – O Dr. Crane suspirou. – Isso não vai ajudar.

– Bom, mal não faria – retrucou Caroline, colocando as mãos ossudas na cintura.

A voz dele estava rouca de ansiedade.

– Faria, sim.

– Posso ser colocada no chão agora? – perguntei.

– O quê? Ah, é mesmo. – Em vez de me soltar, ele foi em direção à escada. – Em qual quarto você quer que ela fique? – perguntou ele à dona da pousada.

– Isso não é me colocar no chão – interrompi.

O Dr. Crane moveu a mão para segurar melhor a minha coxa. As veias dos antebraços saltaram enquanto dedos ásperos apertavam a minha pele.

Por que estou reclamando? *Cala a boca, Lucy.*

Caroline passou a mão no queixo.

– Hum, depende. Ela consegue viver sem entrega de pizza?

– Ela vai ficar bem – respondeu ele.

– Alguém está me ouvindo? – Eu sou minha pior inimiga.

Um som de alívio escapou dos lábios de Caroline.

– Perfeito, ela pode ficar com todos!

Com uma velocidade desproporcional à idade, Caroline tirou um molho de chaves da gaveta da escrivaninha e o jogou no meu peito. Em seguida, bateu um papel no balcão, pegou uma caneta e assinou seu nome ao lado de um X na parte inferior.

– Aqui está a escritura. Assine aqui e entregue pra Jasmine no banco amanhã.

Fiquei boquiaberta quando ela enrolou o papel e o guardou no bolso lateral da minha mochila, que ainda estava perto da porta. Caroline tirou o casaco do cabide e o vestiu. Virou-se para o cachorro e disse:

– Spatula, leve a bolsa da moça para o quarto dela e me encontre no bar. – Com um sorriso radiante, ela me desejou boa sorte e praticamente saiu voando pela porta.

Piscando incrédula, perguntei:

– Que… que porra é essa?

Abanando o rabo, o cachorro velho pegou minha mochila e saiu trotando com ela.

O Dr. Crane me carregou escada acima, onde o cachorro nos guiou até uma suíte grande. Spatula colocou minha bolsa ao lado da cama e latiu uma vez, como quem diz "Missão cumprida", e saiu trotando pela porta.

– Eu sou dona de uma pousada? – perguntei.

Crane me colocou delicadamente na cama e pôs o chaveiro na mesinha de cabeceira junto com a minha mochila. Sentou-se à minha frente e desamarrou os cadarços das minhas botas antes de tirá-las com cuidado.

– Conhecendo a Carol, provavelmente. Você quer uma?

– Eu… Olha, não sei. Não acordei hoje de manhã pensando que ia ganhar um imóvel de presente.

– Todos nós devíamos ter essa sorte. – Ele sorriu. Crane apoiou minha perna no colo e passou os dedos da lateral da minha panturrilha até o tornozelo. – Sente alguma dor?

– Não.

Mas eu estava com um formigamento no estômago. Uma sensação que

crescia à medida que o bom doutor explorava. O toque das mãos dele na pele sensível da minha panturrilha era quase insuportável de tão delicado. Quando a ponta dos dedos deslizou até o calcanhar, não consegui conter a respiração trêmula. Ele confundiu a reação com dor e afastou o toque; o frio repentino que senti com essa ausência, ausência *dele*, me deixou atordoada.

– Peço desculpas. Parece que você está com mais dor do que eu pensava. Espere aqui que eu vou pegar uma compressa de gelo.

O Dr. Crane tirou minha perna do colo e se levantou.

– Não! – Estendi a mão e segurei o punho dele. – Estou bem, de verdade. Não precisa se incomodar mais. Você já me ajudou bastante.

Seu tom não aceitava discussão.

– Se você estivesse me incomodando, eu não teria oferecido. Você é minha paciente. Ouça seu médico e espere aqui.

– Eu… Está bem.

Ele abriu um sorriso que acelerou meu coração.

– Boa garota.

Seu olhar desceu para os meus lábios, e algo intenso brilhou em seus olhos. O calor daquele olhar inundou minha pele como a luz do sol depois de um longo, *longo* inverno. Percebi, com um pouco de vergonha, que não me lembrava da última vez que um homem tinha me olhado daquela forma. Um pensamento triste, considerando que eu tinha chegado àquela montanha tendo o que eu pensava ser um relacionamento sério.

Nos olhos de Crane não havia jogos nem dúvidas, apenas puro desejo. Ele se inclinou para mais perto; a expectativa de um beijo pairava entre nós como o fruto do primeiro pecado do mundo. Impossível resistir.

Minhas mãos encontraram a frente do jaleco, e eu me inclinei para ele enquanto virava o rosto para o dele querendo ter o primeiro gosto daqueles lábios.

Batidas fortes nos separaram abruptamente. Nenhum de nós teve tempo de responder antes que a voz estrondosa de Noah fosse ouvida na entrada.

– Lucy, você ainda está aqui? Eu trouxe comida!

Meu estômago roncou porque era um invejoso e não queria que eu beijasse o médico gato.

Crane apoiou a cabeça no meu ombro e soltou uma risadinha.

– Quer que eu te carregue lá pra baixo?

– Não, só me dá um minuto pra trocar de roupa e eu te encontro no saguão.

Ouvi a voz de Noah no corredor.

– Antes que eu me esqueça, encontrei Caroline a caminho do bar, e sei que ela te ofereceu a pousada, mas se atendimento ao cliente não for o seu forte, tem uma fazendinha antiga que não está sendo usada perto da minha propriedade. – Ele parou na porta quando notou o Dr. Crane. Noah fez uma careta antes de cruzar os braços. – Esse cara está te incomodando?

O Dr. Crane revirou os olhos, se levantou, foi até a porta, colocou a mão no rosto de Noah e o empurrou para o corredor. O homem maior caiu com uma gargalhada. Antes de fechar a porta, Crane me lançou um olhar e disse:

– Não demore muito.

Quando ele saiu, tirei a roupa suada, pulei no chuveiro para um banho rápido e peguei na mochila uma camiseta simples limpa e uma calça jeans e me vesti. Meu telefone vibrou, e vi uma mensagem de Jess pedindo notícias.

JESS: Relatório. O líder da seita te sacrificou?

Depois de vestir a calça jeans, enviei uma resposta rápida.

LUCY: Ainda viva. Todo mundo é muito legal, exceto um pescador esquisito que surgiu da floresta. O fazendeiro gato me trouxe comida, eu e o médico gato quase nos beijamos, e talvez eu tenha ganhado uma pousada e/ou uma fazenda pra administrar como hobby. Sei lá. O pessoal de cidade pequena é estranho. E tarado, aparentemente.

KIRA: O que está acontecendo?

JESS: Espera aí, podemos voltar a falar do pescador esquisito que surgiu da floresta?

KIRA: É a Lucy, a vida a leva por caminhos tortuosos. Vamos nos concentrar no que é importante. Conta sobre o quase beijo.

SCARLETT: Concordo, a gente está aqui pra momentos quentes com o médico. Diz que vai mergulhar de cabeça.

LUCY: Eu quero, mas acho que devo ligar pro Mark primeiro e terminar oficialmente, né? Não parece certo apenas mandar uma mensagem.

JESS: …

SCARLETT: Jess, dá um sacode nela. DÁ UM SACODE NELA.

O telefone tocou e eu atendi.

A voz de Jess soou tão alta do outro lado da linha que tive que afastar o celular do ouvido:

– ELE TE DEIXOU NA ENCOSTA DA MONTANHA!

– Então é pra pular a formalidade e só mandar uma mensagem? Não é deselegante? Talvez eu esteja apressando as coisas, e ele e a fulana sejam só amigos. Ele pode merecer outra chance se for esse o caso.

– *Ese pinche cabrón te dejó perdida y ¿para qué? ¿Para qué todavía quieras quedarte con él? No mames, con tus pendejadas.*

– Sinto no coração que houve um insulto pra mim em algum lugar aí.

– Ótimo! – gritou ela. – Olha, que isso reforce esse sentimento. *¡Niños, canten!*

Ouvi os filhos dela cantando o refrão de "You Oughta Know", da Alanis Morissette, em todos os tons, menos no certo.

– Esse homem pelo menos perguntou como você estava desde que te deixou sozinha pra montar as barracas com aquela *amiga*? – perguntou Jess por cima da cantoria. – Você está nessa cidade há horas!

– Eu…

– Claro que não – retrucou ela. – *¡Niños, canten más fuerte!*

As crianças cantaram mais alto.

– Tá bom, droga, já entendi. Não mete a Alanis nisso.

– Eu vou meter a Alanis nisso! – disse ela. – A Alanis sabia como agir num maldito término de relacionamento. Se existe um momento pra chutar o balde e tomar decisões questionáveis sobre o término, é agora. Lucy, como sua amiga e como mãe de dois filhos que vive indiretamente através de você, nós precisamos disso. Dá pro médico e manda uma mensagem pro idiota

dizendo que acabou. Agora.

– Sim, senhora. – Coloquei o telefone no viva-voz e abri o número de Mark. Meu polegar pairou sobre o botão "Ligar". Afastei a insegurança dos pensamentos, digitei rapidamente um "Acabou" e apertei "Enviar" antes que pudesse hesitar mais. – Missão cumprida.

– Você é uma honra pra família.

– Que dramático – resmunguei. Risadas me atraíram até a janela. Grupos de moradores perambulavam pelas ruas. – Que estranho.

– O que foi? – perguntou Jess.

As ruas estavam vazias antes de eu entrar no chuveiro. Agora, a loja de doces do outro lado da rua tem uma fila enorme na porta. Todo mundo lá fora é um homem alto e incrivelmente bonito com um cabelo maravilhoso, uma senhora idosa com um xale tricotado à mão ou um golden retriever.

– Isso aí é algum tipo de comunidade pra senhoras idosas aposentadas deliciosamente ricas e seus sugar babies?

O aviso do pescador ecoou nos meus ouvidos.

– Espero mesmo que seja isso, Jess. Em prol da minha sanidade, vou aceitar essa resposta.

– O que mais poderia ser?

– A manifestação de um desejo que fiz num poço.

– Um poço que você encontrou no meio do mato?

– Era um poço no meio do mato, sim.

Ela fez uma longa pausa para respirar fundo.

– Eu podia te dar um tapa.

– Que cruel.

– E você ignorou todos os avisos dos ancestrais e simplesmente jogou uma moeda num poço? – Não era uma pergunta.

– Merda. Eu devia ter ido embora com o pescador esquisito.

– Que tal pararmos de seguir estranhos pra lugares desconhecidos? Será que podemos tentar isso?

Apertei meu seio em busca de conforto.

– Estou presa em algum tipo de ilusão, prestes a ser devorada por canibais, ou já estou morta e aqui é o purgatório. Eu não quero estar morta.

– Espera, por que canibais? O que o pescador te disse?

– Um monte de baboseiras vagas e enigmáticas sobre desejos, ser devorada e não tocar nas flores.

– Que flores?

Enviei a foto que tirei para ela.

– Lucy… isso é cicuta.

– Ah, a cicuta é assim?

Todos na cidade pararam para me olhar. Meu corpo congelou. Senti o telefone escorregar dos dedos quando Jess me chamou. Caiu no tapete com um baque surdo que mais pareceu um trovão no silêncio. E todos disseram ao mesmo tempo:

– Pode repetir?

Os moradores se aproximaram lentamente da minha janela, como se estivessem em transe.

Gritei e me encolhi ao lado da cama. Passos pesados subiram as escadas,

mas eu estava ocupada demais surtando para fazer alguma coisa. Escondi o rosto nos joelhos e me balancei para a frente e para trás.

Noah e o Dr. Crane invadiram o quarto e correram em minha direção. Recuei ainda mais contra a parede e gritei:

– Fiquem longe!

Os dois caíram de joelhos no chão. Com os olhos suplicantes, perguntaram em uníssono:

– Pode repetir?

– Repetir o quê?

CAPÍTULO 5

Cicuta

Tentei demonstrar minha adoração remodelando os corpos de seus veículos favoritos para que ficassem ainda mais grandiosos do que antes. Safiras foram absorvidas das minas profundas e trituradas em um molde fino para substituir os olhos daquele a quem ela chamava de Noah. Os ramos que compunham as maçãs do rosto do médico subiram para combinar com a aparência dos homens de roupas justas naquelas revistas de venda de bugigangas. Almofadas se materializaram debaixo de onde ela estava sentada, elevando-a do chão duro.

Era uma abordagem mais direta, mas eu tinha estragado a chance de um flerte mais lento assim que ela disse meu nome. Ela não reagiu bem. Em vez de relaxar no local mais macio, ela gritou, saiu dali e recuou para o canto do quarto antes que os joelhos cedessem. Ela se encolheu junto à parede. Apontando um dedo trêmulo para Noah e Crane, ela perguntou:

– O que vocês são? O que querem?

Ao meu lado, ouvi a voz frenética da amiga dela pelo telefone. Estendi a mão e encerrei a chamada, silenciando os gritos frenéticos. Quando Noah tentou chegar um pouco mais perto, ela pegou um abajur na mesa de cabeceira e o atacou.

Eu a dominei com facilidade e joguei o abajur para trás, fazendo-o se estilhaçar em uma pilha de folhas na parede. Lucy observou tudo acontecer com olhos enlouquecidos. As mãos tentavam agarrar a parede atrás dela, como se quisessem rasgá-la e escapar.

– Quero que você diga esse nome de novo.

– Não! – gritou ela, com os punhos cerrados junto às orelhas enquanto

balançava a cabeça de maneira violenta. – Ah, não façam isso. Não falem todos ao mesmo tempo como se fosse normal! – Lucy fez um gesto para que Noah se afastasse ainda mais. – Livre-se do Fabio de camisa de flanela e dos moradores assustadores que ficam murmurando lá fora. – Ela apontou para Crane. – Fale você.

– Me dê um momento.

Concentrar tudo o que sou em um só ser é difícil, mas sacrifícios precisam ser feitos em um relacionamento amoroso. Com grande esforço, libertei tudo, exceto o corpo que ela escolheu, e comprimi minha consciência em Crane. A pele quase se rasgou quando a última parte de mim coube lá dentro. Para compensar o espaço apertado, acrescentei um belo par de asas de águia às costas dele.

– Está melhor assim?

Ela olhou para a novidade com cautela.

– É isso que você é? Algum tipo de anjo?

– Se esta forma for agradável, é isso que serei.

– Isso não é resposta, Crane ou Cicuta ou seja lá quem você for – retrucou ela.

Eu ri sem fôlego. Mesmo dito com o desprezo de uma maldição, ouvir meu nome nos lábios dela era como mel fresco escorrendo pela língua.

– Já fui chamado de inúmeras coisas ao longo do tempo. E já ouvi esse nome louvado em hinos e sussurrado em poções maldosas. Mas ouvi-lo nos lábios da minha Sacerdotisa pela primeira vez em milênios é a forma mais pura e imaculada de satisfação.

– Sacerdotisa?

Tirei a moeda dela do bolso.

– Sua oferenda. Você desejou não ficar mais sozinha. Ter um amor no estilo dos filmes da Hallmark que você vê. Posso fazer isso por você. E farei. Diga meu nome novamente, e concederei qualquer desejo seu.

– Então… só pra ficar claro, você não vai me comer? – As palavras saíram apressadas, como se ela fosse tropeçar nelas se não saíssem rápido o suficiente.

Aquela poça fétida de carniça! Eu devia ter matado Shriek assim que ele pôs os olhos na minha Sacerdotisa.

– Não, eu não vou te comer.

Ela gesticulou com o dedo ao nosso redor.

– E isso aqui não é o purgatório? Eu não estou morta?

– Você ficou conversando com as suas amigas esse tempo todo. Por que você teria sinal de celular no além?

– Não banque o espertinho comigo! Por que um monstro de poço dos desejos está tentando me seduzir com doces e um abdômen sarado?

A raiva repentina deu mais cor ao rosto dela, até atingir o tom de terra encharcada pela chuva. Foi tão hipnotizante que eu queria rastejar até ela para sentir seu gosto.

– Desculpe – falei.

– Isso ainda não é resposta.

Imaginei que não fosse. Governar uma população como um deus e se banquetear com viajantes tolos não te preparava para acalmar adequadamente uma parceira em potencial. Por que namorar era tão difícil?

– Eu queria realizar o seu desejo.

Lucy apertou os lábios. Fechou as mãos na camiseta, torcendo o tecido em uma bola de nervosismo, e estremeceu.

– Pra quê?

– Até o próximo. E o seguinte, e mais alguns. Fique aqui comigo, e eu vou te mimar tanto que você nunca mais vai querer ir embora.

– Por quê?

– É preciso ter motivo pra te querer?

Ela não respondeu. Ou ela não sabia ou era uma daquelas coisas que os humanos simplesmente sabem sem muita dificuldade. Como se para destacar a diferença entre nossas espécies, minha essência pulsou contra a carne do meu receptáculo com tanta força que a pele se rasgou sob minhas asas. Usei a abertura para encaixar outro par de asas menores sob o primeiro. Desdobrei as quatro para melhor acomodar meu ser enquanto tentava encontrar uma resposta adequada para minha Sacerdotisa.

– Seu sangue é doce.

O suspiro engasgado que escapou do corpo dela revelou que essa não era uma resposta adequada.

– Quer dizer… eu gosto quando você diz meu nome. Você me lembrou quem eu era depois de tantos anos sozinho. Quando jogou uma moeda no meu poço, você não desejou poder, riqueza ou a morte de um velho inimigo, como muitos fizeram. Eu estou acostumado com esses desejos. No auge do meu poder, eu podia realizá-los com um estalar de dedos. Mas você não. Você desejou ser amada. Não estar mais sozinha.

Lentamente, me posicionei na frente dela e peguei seus punhos cerrados. Seu calor era como fogo na minha pele congelada. A sensação era tão intensa que era quase escaldante, mas, a menos que ela rejeitasse, eu não os

soltaria por nada.

– Eu também quero o que você deseja – continuei. – Mas, acima de tudo, não quero te deixar ir embora. Quero te tocar, te provar e saborear tudo que você é até que meu nome saia dos seus lábios como uma prece. Conte-me seus desejos, e eu criarei uma vida tão bela que você acordará todas as manhãs com um sorriso no rosto.

– Mas eu ainda não sei o que você é. Essa é mesmo a sua forma real?

– Eu não tenho forma física. É como perguntar ao vento pra que lado ele sopra naturalmente.

Ela inclinou a cabeça de lado, e o medo sumiu de seus olhos castanhos, dando lugar a uma curiosidade espantada. Sua expressão despertou sentimentos tão intensos que minha essência voltou a se inflamar. Pelo menos três das minhas costelas estalaram na tentativa de contê-la.

– Se bem que, pra ser sincero, essa forma é pequena demais pra conter tudo que eu sou. Você se oporia a ver uma criatura maior? Ou eu poderia trazer Noah de volta, se você quiser.

Uma risadinha nervosa escapou de seus lábios. Um sorriso largo se abriu em seu rosto e uma gargalhada estrondosa soou.

– Você não se importa com a forma que assume, contanto que seja grande o suficiente pra caber você?

Assenti.

Lucy enxugou as lágrimas dos olhos com a manga.

– Isso significa que você poderia se transformar em algo maluco como um Kraken, se eu pedisse?

Soltei a mão dela, recuei e me libertei da forma do Dr. Crane. Lucy

observava, fascinada, enquanto meus cipós tomavam uma nova forma. Oito tentáculos sinuosos se estenderam pela sala enquanto eu moldava o tronco e o rosto para que ainda apresentassem as feições robustas e simétricas que ela parecia apreciar. Com tantos apêndices extras, essa forma atendia perfeitamente às minhas necessidades. Assim que terminei, me apresentei a ela.

– Ainda está do seu agrado?

Ela abriu a boca em choque. Então desviou o olhar e levou a mão aos lábios. Olhou para trás, pigarreou e perguntou:

– Digamos que eu aceitasse isso. Eu vou ficar presa nesta montanha pra sempre ou vou poder sair e voltar?

A lembrança do ex-companheiro dela descansando no topo da minha montanha me veio à mente, e um ciúme doentio exigia que eu guiasse lobos até o acampamento dele. Contive minha raiva e respondi com sinceridade:

– Eu não quero que você vá embora. Mas não vou te obrigar a ficar.

Lucy recuperou o fôlego, se levantou e estendeu a mão para mim.

O convite para um toque consensual me fez correr para ela antes que eu pudesse me controlar. Meus braços deslizaram pelas costas dela enquanto todos os oito tentáculos se enrolavam avidamente em qualquer parte de seu corpo perfeito que pudessem alcançar. Ela se contraiu a princípio, antes de retribuir o gesto ao encostar em seu corpo o máximo de mim que conseguisse.

– Esse corpo é grande o suficiente para você? – perguntou ela.

– Ainda está um pouco apertado. Mas é administrável. A menos que você tenha outro desejo do qual eu possa assumir a forma.

Ela riu junto ao meu peito, e o gosto era melhor do que qualquer sangue jamais poderia ser.

– Quero pegar o Kindle na minha bolsa. Tenho certeza de que posso escolher mais algumas.

CAPÍTULO 6

Lucy

Que fique registrado que, quando Lucy Sawyer recebeu um presente de um deus literal, eu não o desperdicei.

Cicuta manteve meus punhos presos acima da cabeça com um tentáculo enquanto outros dois se enrolavam em meus tornozelos, me mantendo de pernas abertas. Houve o farfalhar das folhas e o cheiro de chuva antes que mais dois homens aparecessem: um vampiro com olhos vermelhos brilhantes e cabelo comprido preto e um demônio com cabeça de caveira que fazia parte dos desejos mais secretos que uma mulher não revela.

O demônio não perdeu tempo e se ajoelhou na beira da cama. Gemendo, ele encostou o rosto na minha boceta e respirou fundo. Mãos com garras percorreram meu corpo; os olhos do demônio encontraram os meus e observaram com satisfação quando meu olhar se arregalou ao ver sua língua. Era mais comprida que meu antebraço, com uma fileira de piercings prateados.

– Ah…

– Ah, sim – concordou ele, e afundou a língua comprida em mim.

Tentáculos acariciaram suavemente a pele macia dos meus seios antes de se fixarem nos meus mamilos rígidos e beliscá-los. Uma espiral grossa se moveu entre as minhas coxas, e eu arqueei o quadril quando a ponta roçou no meu cu. O Kraken atrás de mim murmurou em aprovação.

O cabelo preto comprido fez cócegas no meu peito enquanto o vampiro dava beijos ao longo da minha clavícula.

– Que pescoço delicado. – Ele deixou os dentes roçarem na veia lateral. – Sabe, estou um pouco surpreso que você tenha escolhido um vampiro

depois de saber que eu já apreciei o sabor do seu sangue. A maioria dos humanos teria saído correndo e gritando depois disso.

– A maioria dos humanos não tem imaginação.

Tentei dizer as palavras com confiança, mas, com um demônio entre as minhas coxas me lambendo como um profissional, pareceu mais um gemido desesperado.

Cicuta sorriu. A unha do seu polegar cutucou minha veia enquanto ele inclinava minha cabeça mais para trás, para ter melhor acesso. O sangue sob a pele ferveu em expectativa.

– Vou te morder aqui, Coisinha Doce. Vou cravar minhas presas bem fundo e saborear seu desejo enquanto você se desfaz sob mim.

O demônio com cabeça de caveira gemeu profundamente na minha boceta. A língua cheia de piercings girou em torno da joia sensível do meu clitóris até minhas pernas tremerem. Um tentáculo deslizou pelo anel muscular apertado para enfiar a ponta no meu cu.

– Cacete!

A respiração fria do vampiro acariciou minha pele quando ele riu.

– Se você conseguir aguentar até lá. – Dedos provocantes deslizaram pela minha nuca até que ele agarrou um punhado das minhas tranças e inclinou minha cabeça para trás, pressionando seus lábios nos meus em um beijo dominador. – Aguenta firme pra mim – sussurrou ele.

Eu estremeci, tentando conter a crescente excitação. O demônio entre as minhas pernas empurrou minhas coxas para o meu peito e enfiou a língua tão fundo que eu não consegui evitar me contorcer sob o toque dele.

– Fica parada.

As palavras do demônio saíram em um rosnado gutural, mas a maneira como as mãos acariciavam suavemente minhas coxas enquanto as prendiam junto ao meu peito era nada menos que o toque de um amante. Ele enrolou a língua comprida de modo que o piercing redondo na base roçou no meu clitóris enquanto ele me adorava ainda mais.

Cicuta mordiscou meu pescoço.

– Quero meu pau dentro de você enquanto eu saboreio seu sangue. Decida por mim, Lucy.

Os dedos do kraken apertaram meu quadril enquanto ele empurrava o tentáculo mais fundo no meu cu. Ondas de prazer quase me levaram ao clímax quando o demônio pressionou a língua ainda mais fundo para encontrá-lo.

– Ah, meu Deus – gemi, tentando desesperadamente me mover junto.

– Uma garota religiosa – elogiaram eles ao mesmo tempo.

O vampiro que deslizava o polegar no meu lábio inchado continuou:

– Gosto disso, embora não seja o que eu pedi. Me diz, querida Sacerdotisa, onde você mais precisa do seu deus, enterrado até o talo no seu cu ou bem fundo nessa boceta molhada?

O demônio retirou a língua e se levantou. Em uma reviravolta maravilhosa, as contas de prata que adornavam sua língua também decoravam o pênis enorme. Ele passou a haste dura na minha boceta e a umedeceu com os meus fluidos.

– Decida – disse ele simplesmente.

Eu sempre pensei que, se um dia tivesse uma chance como aquela, me recusaria a encarar os pênis enormes pelos quais os romances com monstros

são conhecidos. Mas *dizem* que a ganância é um poço sem fundo. Eu podia muito bem ver se eu também era.

Minhas costas se arquearam, pressionando ainda mais meus seios fartos nos tentáculos que me provocavam.

– Vocês são três, não são? Por que escolher?

– Vou tentar ser delicado.

– Ninguém te mandou fazer isso.

Uma risada torturada ecoou por ele.

– Sacerdotisa, onde é que você estava?

As presas afundaram no meu pescoço. A dor foi aguda como gelo. Sussurros de elogios me acalmaram enquanto o tentáculo que me perfurava penetrava mais fundo, me preenchendo, se expandindo até eu quase explodir. Espirais grossas e aveludadas envolveram minha cintura; o demônio agarrou as espirais como uma rédea enquanto me penetrava com força.

– Porra, Cicuta! – gritei, e o prazer dentro de mim aumentava a cada segundo.

– Que apertadinha – gemeu o demônio.

Outro tentáculo sugou meu clitóris, esfregando o botão sensível até que pulsasse e doesse de prazer.

– Isso, isso – ofeguei, movendo o quadril para acompanhar o ritmo enquanto eles me penetravam cada vez mais forte até que meus olhos estivessem cheios de lágrimas não derramadas.

Cicuta prendeu os dedos na minha boca, mantendo-a aberta enquanto um tentáculo penetrava. A invasão me levou ao ápice, os lábios da boceta

inchados, o clitóris pulsando impiedosamente, até que me desfiz em milhões de pedaços.

O vampiro me embalou nos braços, bebendo mais fundo até eu ouvir meu coração vibrar nos ouvidos. As presas saíram do meu pescoço, e a língua acariciou a marca que tinha deixado. Quase gritei com a perda da mordida, mas o tentáculo penetrando minha garganta não deixava espaço para gritos. O demônio puxou as rédeas, erguendo meu quadril ainda mais, e penetrou em mim com uma intensidade pulsante que fazia a cama ranger a cada estocada.

Cicuta lambeu uma gota de sangue que escorreu até minha clavícula e soltou uma risada impiedosa.

– Coisinha gananciosa. Minha pequena Sacerdotisa está sendo fodida de todas as maneiras possíveis e ainda quer mais?

Sem me deixar responder, o tentáculo no meu cu se expandiu ainda mais, e outro se insinuou junto com o pênis do demônio, grudou na parede frontal da minha boceta e começou a ondular e sugar.

– Vou pintar essa buceta com meu sêmen – sussurrou Cicuta no meu ouvido. – Que todos os mitos e monstros destas montanhas saibam que, de hoje até o fim dos tempos, você é minha.

Trepar com três bestas míticas em uma cidade imaginária foi um começo e tanto para um relacionamento. Mas era tudo ou nada, eu achava.

Gemendo, o demônio cravou as garras no meu quadril e se contorceu até o mundo ao meu redor se tornar uma confusão vertiginosa. O calor acumulado na parte inferior do meu corpo ameaçava me consumir cada vez mais até eu explodir em um mar de chamas saciadas.

O tentáculo se retirou da minha boca, e um grito rasgou minha garganta

quando cheguei ao clímax com força.

– Essa é a minha garota – elogiou Cicuta. O vampiro beijou meus lábios inchados antes de inclinar minha cabeça para baixo e me forçar a olhar para o demônio destruindo minha boceta. – Me olha, Sacerdotisa.

Com um gemido atormentado, o demônio gozou dentro de mim. Aquele maldito tentáculo vibrou com mais força até que jatos de sêmen jorraram do meu orifício, me levando ao clímax pela última vez. Atrás de mim, o kraken gritou e pintou minha bunda com seu sêmen.

Cicuta passava o pênis demoníaco devagar para dentro e para fora da minha vagina, observando mais sêmen escorrer. Ele sorriu com satisfação, claramente fascinado com a sujeira que tinha feito em mim.

Apoiei a cabeça no ombro do kraken.

– Se você espera outra rodada, vou precisar de um minuto. Ou de um dia. E um banho.

Rindo baixinho, o demônio finalmente tirou o pênis de dentro de mim e me acomodou no meio da cama, onde nós quatro nos aconchegamos juntos. O vampiro passou dedos suaves no meu ombro.

– Confie em mim, Sacerdotisa, teremos muito tempo pra isso depois. Por enquanto, quero te abraçar. Ainda não estou pronto pra te soltar.

– Não precisa me dizer duas vezes – falei, e me aconcheguei junto a eles.

Quando o êxtase do meu orgasmo começou a passar, finalmente notei a vibração frenética do meu celular.

– Acho que é melhor eu atender.

– Acho que deve – concordou Cicuta. Ele pegou meu celular do chão com um tentáculo e me entregou.

Peguei-o com hesitação.

– Este não é um dos tentáculos que estava dentro de mim, é?

– Não – disse ele, rindo. – Que nojo.

– Só pra ter certeza.

Meu celular já tinha seis chamadas perdidas e uma enxurrada de mensagens. Eu me preparei, segurei o celular um pouco longe da orelha e atendi.

– SUA PIRANHA, VOCÊ MORREU? – gritou Kira.

Depois de convencer minhas amigas de que eu estava viva e bem, finalmente joguei o celular na mesa de cabeceira e me aconcheguei de volta nos braços de Cicuta.

Ele beijou meu ombro e me acomodou entre o vampiro e o demônio. Braços me envolveram pela cintura, me puxando para mais perto. A respiração quente roçava meu pescoço em um ritmo tão suave que quase me fez adormecer.

– Devo esperar um exército invadindo minha cidade ao amanhecer, quando suas amigas vierem te resgatar, ou tenho mais tempo pra te apreciar antes que os preparativos pro cerco precisem ser feitos?

– Descanse por enquanto. Mas não vai demorar muito pra elas aparecerem pra uma visita assim que eu enviar as fotos. Você criou um lugarzinho adorável aqui.

– Então você vai ficar? Posso deixar esta cidade como você quiser. Construir casas mais grandiosas do que você jamais viu e venerar seu corpo todas as noites. – Ele segurou meu rosto e o cobriu com beijos suaves. – Tudo que peço em troca é que fique. Me salve da solidão de eras e divida seu

calor comigo.

Meu peito ardeu com as palavras dele. Apesar de ser uma romântica incurável, eu nunca fui o tipo de mulher pela qual os homens se apaixonam perdidamente. Cada relacionamento que tive só reforçou a crença de que o tipo de amor que se vê naqueles filmes românticos de conto de fadas era só um conto de fadas mesmo. Com Mark, eu até tentei me interessar pelos hobbies dele e fui mais tolerante do que qualquer parceiro romântico deveria precisar ser, e ainda assim eu sempre era tratada como algo secundário em sua vida. No entanto, aquele demônio, deus ou o que quer que Cicuta fosse, estava pronto para me dar o mundo em troca de nada além da minha companhia.

É preciso ter motivo pra te querer?

A pergunta me deixara atordoada. Uma pequena parte insegura de mim queria dizer que sim. Eu precisava de algum tipo de prova de que essa devoção repentina e comovente era um prêmio que eu tinha que *conquistar* para que não pudesse ser tirado de mim.

Mas, quando olhei em seus olhos, só vi sinceridade. Isso fez com que um novo pensamento superasse a desconfiança. Talvez, só talvez, alguns desejos realmente se realizassem.

Acariciei o rosto dele e o beijei.

– Sinceramente, você me conquistou com a ideia de imóveis de graça.

Cicuta soltou uma gargalhada, e talvez tenha sido a emoção mais pura que eu já tinha visto. Quando se dissipou, meu peito se apertou com a perda, e fiz um voto ali mesmo de fazer o que fosse preciso para trazê-la de volta. Qualquer coisa para mantê-lo feliz e sorridente.

Afinal, eu era a Sacerdotisa dele.

SOBRE AS AUTORAS

Ali Hazelwood é autora de vários livros de sucesso, como *A hipótese do amor*. Quando não está no trabalho, pode ser encontrada correndo, fazendo crochê, comendo doces ou assistindo a filmes de ficção científica com seus dois soberanos felinos (e o marido um pouco menos felino).

J.T. Geissinger é autora best-seller do *The New York Times* e do *USA Today*. Publicou mais de 30 romances, entre eles *Pen Pal* e *Blackthorn*, já tendo vendido mais de 20 milhões de exemplares. Foi três vezes finalista do Prêmio RITA e recebeu os prêmios Prism e Golden Quill.

Christina Lauren é o pseudônimo das parceiras de escrita e melhores amigas Christina Hobbs e Lauren Billings. Elas são autoras da série Cretino Irresistível e dos livros *Imperfeitos* e *Minha versão de você*, entre muitos outros.

Katee Robert é autora da série Dark Olympus e de outras fantasias com romances picantes. Ela mora no Noroeste Pacífico com o marido, os filhos, um gato que pensa que é cachorro e dois dogues alemães que acham que são cães de colo.

Ruby Dixon é autora de diversas séries de fantasia e adora escrever romances divertidos. No momento, está obcecada por heróis monstruosos. Ela precisa de café para funcionar e adora mostrar fotos de seus gatos.

Kimberly Lemming é uma autora best-seller do *USA Today* que vive renegando sua vocação para protagonista. Quando não está fugindo do seu destino, escreve romances de fantasia de todo tipo ou se empanturra de chocolate até desmaiar no sofá.

CONHEÇA OUTROS LIVROS DE ALI HAZELWOOD

A hipótese do amor

A razão do amor

Odeio te amar

Amor, teoricamente

Xeque-mate

Noiva

Não é amor

No fundo é amor

Um amor problemático de verão

Parceira

Uma noite de inverno com você (e-book)

Jogo de amor para dois

CONHEÇA OUTROS LIVROS DE J.T. GEISSINGER

Pen Pal

Blackthorn

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

Este e outros títulos do nosso catálogo estão disponíveis em audiolivro.